

A Baronesa

NICA ROTHSCHILD

OUVIU UMA MÚSICA EM NOVA IORQUE.

POR ELA, ABANDONOU O MARIDO,

OS CINCO FILHOS E A FORTUNA DA FAMÍLIA.

NUNCA MAIS OLHOU PARA TRÁS.

ESTA É A SUA EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA.

UMA HISTÓRIA REAL

HANNAH ROTHSCHILD

Autora de *A Improbabilidade do Amor*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica


Título original: THE BARONESS
Título: A BARONESA
Autor: Hannah Rothschild
Traduzido do Inglês por Simão Sampaio
Fotografia da autora: Nell Brookfield
Árvore genealógica: John Gilkes
ISBN: 9789892334998

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

©2012, Hannah Rothschild
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Para o Jacob e a Serena

 Unlocked%202_Page_002_Image_0001.tiff

© Rothschild Archive

Nica no México, em 1947.

 A_Baronesa_miolo%2011.jpg

A OUTRA

O meu avô Victor foi a primeira pessoa a mencioná-la; estava a tentar ensinar-me um simples acorde de *blues* de 12 compassos, mas as minhas mãos de criança de 11 anos eram pesadas e demasiado pequenas.

– És igual à minha irmã – disse. – Adoras *jazz*, mas não te queres esforçar por aprender a tocar.

– Que irmã? A Miriam ou a Liberty? – perguntei, tentando ignorar a alfinetada.

– Não, a outra.

Qual outra?

Mais tarde, naquele mesmo dia, encontrei-a na árvore genealógica dos Rothschild: Pannonica.

– Quem é a Pannonica? – perguntei ao meu pai, Jacob, sobrinho dela.

– Toda a gente lhe chama Nica, mas não sei mais do que isso – respondeu, referindo-se à tia. – Nunca ninguém fala dela.

A nossa família é tão vasta e dispersa, que ele não pareceu surpreendido por desconhecer um parente próximo.

Não desanimei. Importunei outra tia-avó, a irmã de Nica, Miriam, cientista de renome, que me revelou: «ela mora em Nova Iorque», sem dar mais informações. Outro parente disse-me: «É uma grande patrona do *jazz*, a Peggy Guggenheim ou uma Médici do *jazz*.»

E ouvi uns sussurros:

É conhecida como a «Baronesa do Jazz». Mora com um negro, um pianista. Pilotou bombardeiros Lancaster durante a guerra. O Charlie Parker, aquele saxofonista viciado em drogas, morreu no apartamento dela. Teve cinco filhos e morava com 306 gatos. A família deserdou-a

(*não deserdou, não, refutou alguém*). *Escreveram 20 músicas para ela (não, foram 24). Fazia corridas com o Miles Davis na Quinta Avenida. Sabes das drogas? Ela foi para a cadeia para que ele não tivesse de ir. Ele quem? O Thelonious Monk. Foi uma verdadeira história de amor, uma das maiores de sempre.*

– E como é a Nica? – perguntei novamente a Miriam.

– Vulgar. É vulgar – respondeu ela, irritada.

– Como assim? – insisti.

Miriam não entrou em pormenores, mas deu-me o telefone da irmã. Quando fui a Nova Iorque pela primeira vez, em 1984, liguei para a Nica poucas horas depois de chegar.

– Gostaria de se encontrar comigo? – perguntei, nervosa.

– Altamente – respondeu ela, de uma maneira que pouco condizia com uma tia-avó de 71 anos. – Aparece no clube, na Baixa, depois de meia-noite.

Aquela zona da cidade ainda não tinha sido urbanizada e era famosa pelos seus antros de *crack* e pelos assaltos.

– E como é que encontro o clube? – perguntei.

Nica riu-se.

– Procura o carro. – E desligou.

Era impossível não dar com o carro. O enorme *Bentley* azul-claro estava mal estacionado, e, dentro dele, dois bêbados oscilavam nos bancos de couro.

«É bom que fiquem lá dentro. Assim, ninguém rouba o carro», explicou-me ela mais tarde.

Afastada da rua, havia uma pequena porta que levava a uma cave. Bati com força. Minutos depois, abriu-se uma portinhola na parte de cima e surgiu um rosto negro atrás da grade.

– Que foi? – perguntou.

– Vim ter com a Pannonica – respondi.

– Quem?

– Pannonica! – repeti, num sotaque inglês levemente desesperado. – As pessoas chamam-lhe Nica.

– Ah, a Baronesa! Porque é que não disseste logo?

A porta abriu-se, revelando um pequeno salão numa cave decadente, exígua e cheia de fumo, onde várias pessoas estavam sentadas a ouvir um

pianista.

– Está na mesa *dela*.

Foi fácil avistar Nica, a única pessoa branca e a mais próxima do palco.

Mal lembrava a mulher que eu havia observado detalhadamente nos álbuns de fotografia da família. Essa Nica era uma debutante encantadora, com cabelos negros domados e penteados, sobancelhas feitas em arco, seguindo a moda, boca pintada para formar um perfeito biquinho de lábios grossos. Noutro retrato, era uma Nica menos elegante, com cabelos soltos e sem maquiagem, mais parecida com a versão de Hollywood de uma agente dupla da Segunda Guerra Mundial. A Nica que estava diante de mim não se parecia nada com a versão mais jovem: a sua incrível beleza havia-se esvaído e, agora, os traços outrora delicados eram quase masculinos. Nunca me esquecerei da voz dela, como as pedras de uma praia, desgastadas por ondas de uísque, cigarros e noitadas, metade ronco, metade rosnado, frequentemente pontuada por gargalhadas repentinas e sibilantes.

Fumando um cigarro numa boquilha preta e comprida, com o casaco de pele pendurado no encosto de uma cadeira alta e esguia, Nica indicou-me com um gesto que me sentasse numa cadeira vazia e, pegando num bule de chá da mesa, serviu algo em duas chávenas de porcelana lascadas. Brindámos em silêncio. Eu achei que era chá, mas foi uísque que me ardeu na garganta; engasguei-me e fiquei com os olhos cheios de água. Nica lançou a cabeça para trás e riu-se.

– Obrigada – respondi com voz rouca.

Ela pôs o dedo nos lábios e, sinalizando com a cabeça para o palco, disse: – Chiuuu. Ouve a música, Hannah. Ouve simplesmente a música.

 Unlocked%202_Page_014_Image_0001.tiff

© Victor Rothschild

Nica em 1942.

Na altura, eu tinha 22 anos e não conseguia corresponder às expectativas, reais ou imaginárias, da minha distinta família. Sentia-me inapta, incapaz de me desenvencilhar sozinha, e, ao mesmo tempo, sem conseguir aproveitar ao máximo os privilégios e oportunidades à minha

disposição. Tal como a Nica, eu não podia trabalhar no banco da família; o fundador, NM Rothschild, havia decretado que as mulheres da família Rothschild só poderiam trabalhar como guarda-livros ou arquivistas. Em suspenso entre a universidade e o emprego, queria trabalhar na BBC, mas só conseguia colecionar cartas de rejeição. Embora o meu pai, que seguira a tradição bancária da família, me tivesse arranjado trabalho por intermédio de diversos contactos, não tive êxito nem na administração de uma livraria, nem numa construtora civil, nem a catalogar obras de arte. Andava deprimida e desanimada. Não procurava um modelo a seguir, mas opções. No cerne dessa busca havia uma dúvida. Seria possível fugir ao meu passado? Ou será que ficamos eternamente presos às várias camadas de comportamentos herdados dos nossos pais e às velhas expectativas?

Olhei para aquela tia-avó recém-descoberta, do outro lado da mesa, e senti uma onda de esperança repentina e inexplicável. Um desconhecido que entrasse no clube veria simplesmente uma velha a fumar um cigarro e a ouvir um pianista. Talvez se perguntasse o que fazia ali aquela senhora com pérolas e um casaco de pele, a balançar ao ritmo da música, meneando a cabeça com uma expressão de prazer ao ouvir um determinado solo. Eu via uma mulher que parecia estar em paz, que sabia onde era o seu lugar. Deu-me um único conselho: «Lembra-te de que só se vive uma vez.»

Logo após o nosso primeiro encontro, voltei para Inglaterra, onde finalmente consegui um emprego na BBC e comecei a fazer documentários. Pensava incessantemente na Nica. Naquela altura, antes da Internet e das passagens aéreas transatlânticas baratas, era difícil viajar para os Estados Unidos e manter amizades noutra continente. Encontrámo-nos na casa da Miriam, irmã dela, em Ashton Wold, em Inglaterra, e outra vez na minha viagem seguinte a Nova Iorque. Mandei postais à Nica; ela enviou-me discos, inclusive um chamado *Thelonica*, um álbum de Tommy Flanagan que é um tributo musical à amizade dela com o pianista de jazz Thelonious Monk. Uma das faixas chamava-se «Pannonica Monk». Na parte de trás, ela escrevera: «Para a querida Hannah, com muito amor, Pannonica.» Fiquei a pensar no Thelonious e na Pannonica; como é que duas pessoas com nomes tão estranhos e passados tão díspares se conheceram? O que teriam em comum?

Ela pediu-me para tocar o disco para o meu avô Victor, que disse apenas que gostou muito. «Ele também não entendia o Monk», disse a Nica. Gostei do meu papel de mensageira musical entre irmão e irmã. Outra vez, ela pediu-me para dar ao meu pai um dos discos de Barry Harris. Novamente, a reação foi insípida. Na vez seguinte em que a encontrei, contei-lhe tudo isso. «Desisto», disse a Nica, com desdém. «Ele só gosta de *jazz* tradicional.» E desatou à gargalhada.

A Nica era divertida. Vivia para o momento, não era introspetiva nem didática, e não tentava soterrar as pessoas com o seu conhecimento e experiência. Era um alívio, quando comparado a estar na presença do seu irmão Victor ou da sua irmã Miriam, com os quais um encontro era um concurso intelectual, um decatlo mental em que tínhamos de mostrar o que sabíamos e as nossas capacidades lógicas e de raciocínio, conhecimentos e brilhantismo. Quando entrei na Universidade de Oxford, o meu avô ligou-me para perguntar: «Que bolsa de estudos é que ganhaste para entrar?» Admiti que tive a sorte de conseguir entrar sem bolsa. Ele desligou, dececionado. Aos 94 anos, Miriam perguntou-me quantos livros é que eu estava a escrever. Nenhum ainda, respondi, mas disse que já estava a fazer outro filme. «Já fiz tantos filmes que perdi a conta», disse ela. «Estou a escrever dez livros, incluindo um sobre *haiku* japonês.» E desligou.

Eu não percebia muito de *jazz*, mas a Nica nunca fez com que eu sentisse que não era *cool* ou que não estava na moda, nem ligava se eu não fazia a menor ideia do que significavam certas gírias do *jazz*. Mas de uma coisa ela tinha certeza absoluta: Thelonious Monk era um génio, no mesmo patamar de Beethoven. Chamava-lhe «o Einstein da música». Se havia sete maravilhas no mundo, dizia ela, ele era a oitava.

Quando planeei uma viagem a Nova Iorque, em dezembro de 1988, para filmar um documentário sobre o mundo da arte, reservei três noites para ficar com a Nica, e também escrevi umas perguntas para lhe fazer. Contudo, no dia 30 de novembro de 1988, ela faleceu de repente, depois de um *bypass* cardíaco. Perdi a oportunidade. Perdi a minha tia-avó.

Aquelas perguntas por fazer continuaram a pairar-me na mente. Surgiam-me lembranças repentinas e inesperadas: o vislumbre do horizonte de Nova Iorque numa longa-metragem; um refrão de uma música de Monk; ver a Kari, filha dela; o cheiro de uísque. Enquanto, na minha vida profissional, eu fazia retratos cinematográficos de outras

pessoas, vivas e mortas, outro plano fermentava. Fazia filmes sobre colecionadores, artistas e *outsiders*: pessoas e temas que eram relevantes para Nica e a sua história. Talvez a morte prematura dela não significasse o fim da nossa relação; talvez aquelas perguntas pudessem ser feitas, de maneira póstuma, aos amigos e parentes dela ainda vivos.

Lentamente, comecei a montar um esboço da vida dela. Nasceu em 1913, antes da Primeira Guerra Mundial, numa época em que a nossa família estava no auge do seu poder. Teve uma infância mimada e cheia de regalias e morou em mansões cheias de obras de arte. Casou-se com um belo barão, com quem teve cinco filhos; foi proprietária de um magnífico castelo em França, usava vestidos e joias de estilistas, pilotava aviões, conduzia carros desportivos e andava a cavalo. Fazia parte de uma alta sociedade glamorosa, vivia num mundo cosmopolita povoado por magnatas, reis e rainhas, intelectuais, políticos e *playboys*. Podia conhecer quem quisesse e ir aonde quisesse, e, frequentemente, fazia-o. Para quem pouco ou nada tem, tal existência deve parecer o paraíso. Mas um dia, em 1951, sem aviso, ela abriu mão de tudo e foi morar para Nova Iorque, trocando os amigos de classe alta por um grupo de brilhantes músicos negros itinerantes.

Nica desapareceu literalmente da vida inglesa, mantendo contacto apenas com os filhos e os membros mais próximos da família. O vislumbre seguinte que a maioria das pessoas teve de Nica foi quando as excentricidades dela apareceram nos jornais. «Rei do *Bop* Morre no Quarto de Baronesa», anunciaram os cabeçalhos nos dois lados do Atlântico. Também saíram notícias de que ela ia ser presa por posse de drogas. Nica ressurgiu interpretada por uma atriz na biografia *Bird – Fim do Sonho*, de Clint Eastwood, e, depois, como ela mesma no documentário *Straight, No Chaser*. As filmagens originais foram feitas em 1968 por dois irmãos, Christian e Michael Blackwood, que, com uma câmara portátil, seguiram Monk desde o momento em que se levantava da cama até à sala de espetáculos, passando por aeroportos e ruelas, capturando em filme todos os resquícios e pormenores da sua vida diária. As filmagens incluíam cenas com a sua amiga baronesa Nica de Koenigswarter, cujo apelido de solteira era Rothschild.

Nessas filmagens, tive o primeiro vislumbre de Thelonious Monk. Pairando ao fundo, estava a minha tia-avó.

«Sabe quem ela é?», pergunta o sumo sacerdote do *jazz* para a câmara enquanto dança numa pequena cave. Pesando mais de cem quilos e com mais de um metro e noventa de altura, o pianista parece ao mesmo tempo gracioso e desproporcionado enquanto rodopia, num fato elegante, com gotas de suor brilhando-lhe na pele escura. Monk cantarola enquanto se desloca do lava-louça até à mesa e os seus pesados anéis de ouro tilintam contra o copo de uísque. De repente, resoluto, vira-se para a câmara.

«Perguntei se sabem quem ela é!», vocifera para a equipa de filmagem.

Ninguém responde, pelo que Monk aponta para o outro lado da divisão. A câmara segue-lhe o olhar e fixa-se numa mulher branca, Nica, rodeada por quatro negros naquela cozinha-camarote, a zona de espera entre a rua e os espetáculos. A câmara captura a cena: não há um pingão de *glamour* naquele sítio, com a sua lâmpada nua e uma pilha de pratos sujos. A mulher também não parece a típica *groupie* ou fã de *rock*: já passou dos 40 há anos, o cabelo escorre-lhe até aos ombros e veste uma *t-shirt* listrada e um casaco que não lhe valorizam a atraente silhueta. O certo é que não parece nem uma grande herdeira nem uma *femme fatale*.

– Sabiam que ela é da família Rothschild? – insiste Monk. – Foi a família dela que deu dinheiro ao rei para ele derrotar o Napoleão. – E então, voltando-se para Nica, diz: – Digo a toda a gente quem tu és, tenho orgulho em ti.

– Não te esqueças de que eles também pagaram o Canal do Suez, para compor o ramalhete – responde ela, claramente embriagada. Nica olha para Monk com uma mistura de ternura e admiração antes de se concentrar na tarefa de levar um cigarro à boca.

– Mas isso foi há um ano ou mais – interrompe um músico mais jovem.

– Toma lá o Canal do Suez – diz Nica, prendendo o cigarro entre os dentes da frente e segurando um canal imaginário na mão.

– Que maluquice – comenta o tipo mais jovem.

– Eu digo a toda a gente quem tu és – diz Monk. Para um homem cuja primeira língua se presume ser o silêncio, ele é bastante loquaz. – Sabem quem ela é? – pergunta Monk novamente, aproximando-se da câmara para o caso de alguém não estar a prestar atenção. – É bilionária, da família Rothschild.

Vi esta cena diversas vezes, em busca de pistas sobre a Nica, tentando imaginar a reação dos seus antigos amigos e da família alargada. Perguntei

ao meu pai, Jacob, o que todos achavam daquilo. «Não falávamos muito sobre ela», respondeu.

Mas e quando souberam que ela foi parar à prisão ou quando o famoso saxofonista foi encontrado morto no apartamento dela?, insisti.

O meu pai hesitou. «Acho que ficámos confusos, um pouco chocados.»

Tornei-me um detetive amador. O que havia feito Nica trocar os salões sumptuosos pela mais pobre das caves? A partida dela teve consequências reais. O divórcio, naquela altura, era caminho certo para o ostracismo social e raramente a custódia dos filhos era dada às mulheres que saíam de casa. Sem formação nem carreira, Nica dependia da família para sobreviver. Será que havia algum segredo terrível, algum motivo obscuro que explicasse porque é que de repente ela saiu a correr do país para ir para aquele ambiente estrangeiro?

Talvez estivesse louca. Fizera algumas declarações públicas um tanto excêntricas. Quando um jornalista lhe perguntou porque é que o seu casamento terminara, Nica respondeu: «O meu marido gostava de música de percussão.» Disse ao cineasta Bruce Ricker que o catalisador da sua mudança para Nova Iorque foi ter ouvido um disco. «Devo ter posto o disco a tocar umas vinte vezes, umas atrás das outras, e depois mais algumas. Perdi o voo e nunca mais voltei para casa.»

«Ela comprou um *Cadillac* para oferecer ao Art Blakey, e sabes o que isso significa», disse-me alguém.

Como assim?

«Bom, ninguém oferece um carro, do nada, a outra pessoa, certo?», foi a resposta, em tom de malícia.

Havia outros boatos, sobre outros homens. E se eu descobrisse que a minha tia não tinha sido senão uma diletante, uma mulher liberal, atraída por determinado estilo de vida? E se não houvesse nada de mais na história da vida dela? O que faria eu com essas informações?

Mas a Nica que conheci, a pessoa que parecia centrada, determinada, não era uma harpia maluca. Perdeu a custódia dos filhos mais novos mas nunca os abandonou: na verdade, a Janka, a sua filha mais velha, veio morar para Nova Iorque com ela, quando tinha 16 anos. A Nica nunca quis abandonar as pessoas que amava; só quis fugir de uma vida que descrevia como «uma gaiola incrustada de joias».

«Tens noção do que estás a fazer? Muita gente não vai gostar disso», advertiu-me o trombonista Curtis Fuller, velho amigo da Nica, quando soube que eu andava a investigar a vida dela. «Vais levar pedradas de todos os lados.»

Ingenuamente, eu não me havia dado conta de que muitas pessoas, principalmente na família, queriam que a Nica continuasse a ser uma mera nota de rodapé nas histórias de outras pessoas.

Não devia ter ficado surpreendida: a obsessão com a discrição é uma marca da família, e esse secretismo foi-nos benéfico em diversas ocasiões. Foi a discrição que nos manteve vivos no gueto de Frankfurt no século XIX, durante vários *pogroms* e, com poucas exceções, durante o Holocausto. A discrição foi a nossa sorte nos campos de batalha de Wellington, nos poços de petróleo de Baku e, recentemente, foi o que nos fez sobreviver ao lamaçal dos voláteis mercados financeiros.

Muitas das mulheres da família, inclusive as que eu conhecia bem, esquivavam-se às minhas perguntas ou recusavam atender os meus telefonemas. Recebi duas cartas desagradáveis, cheias de ameaças. Já antes acontecera o mesmo a Miriam, irmã da Nica, quando escreveu uma biografia sobre o tio, *Dear Lord Rothschild*. O livro continha histórias sobre suicídios na família. Embora um já tivesse sido noticiado pela imprensa nacional, o «crime» de Miriam foi discordar da família e falar publicamente sobre o assunto. Foi repreendida por uma parente: «Apesar de achares necessário atrair a atenção do público desta maneira obscena, jamais imaginei que sujasses a imagem da família e a transformasses numa manchete.»

No início, os filhos da Nica ficaram animados com a minha pesquisa, mas depressa mudaram de ideias, argumentando que a mãe teria odiado qualquer forma de biografia. A opinião deles era importante para mim e, por consideração para com os sentimentos deles, deixei o projeto de lado durante uns anos. Mais tarde, eles publicaram um ensaio biográfico com uma coleção de fotografias e entrevistas privadas da Nica, intitulado *Three Wishes: An Intimate Look at Jazz Greats* [Três Desejos: Uma Visão Íntima dos Grandes do Jazz], que oferecia uma perspetiva única da vida dela. Pediu-se a todos os músicos que Nica conheceu que lhe dissessem três coisas que realmente quisessem. As respostas foram curtas, mas revelaram muita coisa. Monk diz: «Ter uma amiga maravilhosa como tu.» Miles

Davis: «Ser branco.» Louis Armstrong: «Viver cem anos.» Nica tentara publicar o livro em vida, como uma homenagem aos amigos, mas todas as editoras que ela abordou o recusaram. Depois de os filhos acrescentarem as fotografias da mãe aos manuscritos, as imagens deram vida ao texto. Poucas fotos são compostas, a luz é inconstante e a qualidade é variável, mas nada disso importa: juntas, evocam de maneira extraordinária um mundo perdido.

Por acaso, conheci o grande saxofonista Sonny Rollins, amigo de Nica, e contei-lhe sobre o meu projeto abandonado. «Tem de continuar», insistiu ele. «A história dela é a nossa história. Tem de ser contada.» Comecei a trabalhar novamente no projeto e continuei a pesquisa. Aonde quer que o meu emprego ou as férias me levassem, ia armada com uma máquina fotográfica e um caderno, para o caso de alguém se lembrar de alguma coisa. Conduzi inúmeras entrevistas, colecionei pilhas de recortes de jornais, capas de discos, documentários, fotografias, cartas, *e-mails*, fitas e memórias variadas. Foi uma aventura que começou numa das casas dos Rothschild em Ashton Wold, Peterborough, com Miriam, irmã da Nica, e cruzou o mundo inteiro, do Harlem à Holanda, do México a Manhattan, de Espanha a São Francisco.

Fiz um programa de rádio e depois um documentário sobre ela, ambos chamados *The Jazz Baroness* [A Baronesa do Jazz]. Este último foi transmitido pela BBC e pela HBO, e ainda participa em festivais pelo mundo todo. Contar uma história em filme é uma forma de biografia; o retrato escrito oferece outras possibilidades. Queria explorar todas elas, analisar cada pormenor. Porquê? Basicamente, porque a história dela é extraordinária, uma odisseia musical que percorre tanto um século como o mundo inteiro, com todos os ingredientes de um melodrama: a herdeira e o artista sofredor; a borboleta e o *blues*; amor, loucura, guerra e morte.

Mas há outras razões pessoais. Embora tenhamos nascido com meio século de diferença, em circunstâncias diversas, com características distintas, investigar a vida da Nica ajudou-me a compreender a minha. Ela ensinou-me a procurar as semelhanças em vez das diferenças, a valorizar as escolhas em detrimento das convenções e, acima de tudo, a ter mais coragem. Porque é que levei quase 25 anos para completar este projeto? Há uma parte de mim que não para de pensar que seria possível fazê-lo

durar mais. Diversas vezes me perguntei: quem és, Nica? Heroína ou boémia? Guerreira da liberdade ou diletante? Rebelde ou vítima?

RAINHA DAS PULGAS

— **P**orque é que estás a fazer isto, Hannah? É só para te promoveres? —
exigiu saber a Miriam, irmã de Nica.

— Há diversas maneiras mais fáceis de me promover — respondi, na defensiva.

— Não consegues pensar noutra coisa para fazer? Porque é que tem de ser sobre a família?

— A senhora escreveu uma biografia inteira sobre o seu tio Walter — rebati.

— Mas foi diferente.

— Porquê?

— Porque tinha a ver com ciência. A ciência tem importância.

— A música tem importância para muita gente.

Mas Miriam não queria saber de nada disso.

— Quer que deixe de lhe fazer visitas? — perguntei.

— Oh, não, é melhor não — respondeu ela.

Invariavelmente, se eu passasse algum tempo sem a visitar, o meu telefone tocava. «Quando vens? Não tarda muito, morro.» E depois Miriam desligava.

*

Para o mundo exterior, a minha tia-avó Miriam, irmã de Nica, era uma entomologista de renome, mas para a família ela era uma matriarca formidável, exigente e muito inspiradora, uma mulher que estendia sempre a mão benevolente, se não caprichosa, a quem precisasse. Até ao funeral dela, em 2005, passou a maior parte dos seus 96 anos na casa dos

Rothschild em Ashton Wold. O lugar sempre foi um porto seguro para a família e os amigos, incluindo, às vezes, Nica, os seus filhos e eu. Miriam era especialista na história da família, uma fonte inesgotável de informações e análise sobre os nossos antepassados. Era a quintessência da sua geração e completamente indispensável ao meu projeto. E ela sabia isso.

Nos anos seguintes, visitei Miriam diversas vezes, subindo a autoestrada A1, atravessando o Norte de Londres e desembocando no coração da parte central de Inglaterra. É uma bela zona do país, para quem aprecia paisagens planas e vastos campos de agricultura. Para mim, era um alívio sair da estrada movimentada, deixar para trás o brilho alaranjado da pequena cidade de Oundle e entrar no país das maravilhas naturais que era a casa de Miriam.

O pai de Nica e de Miriam, Charles, era um entomologista amador que se apaixonou pela propriedade quando percebeu que seria um lugar ideal para conservar borboletas e libélulas. Quando tentou comprar as terras, o agente imobiliário da propriedade disse que os donos jamais concordariam em vender – mas eles nem precisaram de o fazer. Por coincidência, o dono era o pai de Charles, Nathan Rothschild. Em 1900, começaram as obras para construir uma grande casa de três andares e as fundações de jardins formais, estufas, lagos e um parque.

Embora Victor, irmão de Nica, na qualidade de filho e herdeiro, tivesse ficado com grande parte dos bens e terrenos da família, em 1937 deu Ashton à irmã Miriam. Numa tentativa de economizar dinheiro com o aquecimento, Miriam eliminou todo o andar de cima, deixando mais baixa a fachada de três andares, antes tão imponente. Depois, recusando-se a podar qualquer planta, deixou a natureza seguir o seu curso. As paredes e as várias janelas não tardaram a ficar cobertas de trepadeiras, enquanto uma confusão de ervas daninhas, rosas, madressilvas, glicínias e outras espécies cresciam à vontade. No auge do verão, Ashton Wold parecia mais um monte verde de folhas restolhantes e insetos zumbidores do que uma casa. Cercado por um parque com 76 hectares repletos de veados que Miriam se recusava terminantemente a caçar, o terreno é circundado por prados com as flores selvagens pelas quais Miriam se tornou famosa.

Sentia-me revigorada e animada quando chegava de carro à povoação de Miriam, com o seu *pub*, de nome Chequered Skipper [Saltadora

Quadriculada], batizado, é claro, com o nome de uma espécie de borboleta. Havia uma guarita no início da comprida e dilapidada estradinha que serpenteava pelos campos e prados. Ao fim de cerca de um quilómetro e meio, passava-se pelo comprido jardim da cozinha, alto e murado, outrora com diversos hectares de canteiros e estufas que, na década de 1920, conseguiam produzir flores o ano inteiro para a casa, além de legumes para toda a propriedade. Na época de Miriam, as estruturas desabaram, deixando apenas fundações e vidros partidos. Algumas foram conservadas para abrigar uma coruja de estimação, para fazer um borboletário e criar algumas plantas exóticas.

No jardim, ainda se viam vestígios, embora muito ténues, de lagos formais, sebes aparadas, pavilhões de verão e canteiros. Quarenta anos de jardinagem ao estilo *laissez-faire* tinham permitido que as ervas daninhas sufocassem os riachos, que os caminhos se fechassem e as árvores tivessem de lutar por espaço. A natureza prosperara nestas condições. No começo do verão, as cobras-de-água proliferavam nos lagos. As budleias selvagens e os prados cheios de flores incentivavam a existência de uma enorme variedade de insetos e borboletas.

«Bem-vindos a Liberty Hall!», gritava Miriam aos convidados. «Aqui, podem fazer o que quiserem.»

A qualquer hora era possível sentarmo-nos na companhia de professores universitários, parentes, uma ou outra duquesa, o filósofo Isaiah Berlin, o académico John Sparrow e ainda uma variedade de gente (a maioria homens) que Miriam conhecia nas suas diversas viagens. Havia sempre lanche disposto numa mesa comprida na sala de estar, para que todos, incluindo a gigantesca população de ratos da casa, se servissem à vontade. Certa vez, chamei a atenção para o facto de haver dois «visitantes» de quatro patas a correr perto do pão de ló. «Bom, dá graças por serem ratos, pois isso significa que não há ratazanas por aqui. Os ratos e as ratazanas não coexistem, sabias?», perguntou-me Miriam, em tom prosaico.

O almoço era sempre servido com um vinho Rothschild de baixa qualidade e a mesa era posta para pelo menos dez pessoas, não fossem aparecer visitas inesperadas. Tal como a irmã Nica, Miriam adorava a companhia dos animais. Nica amava gatos, enquanto Miriam preferia cães, e, durante algum tempo, até teve uma raposa de estimação. Tanto Miriam quanto Victor tiveram corujas. Quando a de Miriam morreu, foi

empalhada e colocada na prateleira onde gostava de se empoleirar. O comprido corredor de entrada de Ashton Wold era ladeado de arquivos contendo as experiências científicas de Miriam, e as paredes da casa de banho do andar de baixo estavam cobertas pelas condecorações das suas vacas campeãs. O quarto onde eu dormia fora de tal modo invadido por ratos, que o chão estava muitas vezes coberto pelos seus excrementos. Não adiantava reclamar, já que Miriam nunca entenderia o estardalhaço.

Mais para o fim da vida, Miriam transferiu o quarto dela para um grande aposento no piso térreo, ocupado por uma bancada, microscópios, documentos e fotografias da família. «Guardo lá as pulgas, em sacos de plástico, perto da cama», gostava ela de dizer. «Foi um hábito que começou quando as crianças eram pequenas, para que não importunassem os insetos.»

Miriam era louca por insetos; descobri que a irmã mais nova, Nica, na verdade fora batizada em homenagem a um inseto. Certo dia, um amigo norte-americano mandou-me uma gravação ao vivo da música «Pannonica», que Monk escrevera para Nica. Foi feita no Five Spot Café e ouvem-se atrás as conversas da plateia e o tilintar de copos. Nica estava a assistir, portanto foi ela que fez a gravação, como aliás costumava acontecer. Monk, que raramente falava, pigarreou para chamar a atenção. «Boa noite, senhoras e senhores», diz ele, no seu jeito suave. «Aqui vai uma musiquinha que compus para esta lindíssima senhora. Parece que o pai dela lhe deu aquele nome em homenagem a uma borboleta que tentou apanhar. Acho que ele não a apanhou.»

Perguntei a Miriam sobre a borboleta que inspirou o nome de Nica.

«Borboleta!», rugiu Miriam, com desdém, e saiu rapidamente da sala na sua cadeira de rodas elétrica. Fiquei desolada. O que é que eu tinha feito para a deixar tão chateada?

Mas a dedicatória de Monk parecia dar diversas pistas quanto a Nica e à sua própria mitologia. Ela apresentava-se como uma criatura exótica, evasiva. Era uma analogia intrigante: tentar capturar Nica não era muito diferente de ver de relance uma borboleta que voa depressa, dança, oscila e alça voo sobre um jardim, impulsionada por brisas incertas, atraída por aromas delicados, enquanto o sol incide, momentaneamente, sobre as suas cores luminescentes. De repente, a borboleta desaparece na reentrância de

uma planta ou fecha as asas e, assim camuflada, torna-se uma folha ou uma pétala.

Decidi descobrir se era possível encontrar a borboleta *pannonica* nas coleções entomológicas tanto do pai, Charles, quanto do tio, Walter, de Nica. Ambos reuniram coleções enormes e, depois de morrerem, a maior parte foi doada ao Estado: mais de seis milhões de borboletas foram deixadas ao Museu de História Natural de Londres, formando a maioria da sua coleção de insetos e borboletas. Não acalentei muitas esperanças: era sem dúvida pequena a probabilidade de encontrar uma borboleta específica entre tantas outras. Escrevi o pedido, sem muitas expectativas, e fiquei surpreendida por receber um convite para visitar as câmaras do museu e ver a espécie *pannonica*. Os nossos antepassados eram não só grandes colecionadores mas também documentaristas obsessivos; foi tudo tão cuidadosamente catalogado e com tantas referências cruzadas, que pouco se perdeu.

Numa sombria manhã de novembro, em 2001, fui ao Museu de História Natural, para me encontrar com o entomologista Gaden Robinson. Encontrámo-nos debaixo do enorme esqueleto de dinossauro na ala central e descemos por escadas ladrilhadas, passando por criaturas estranhas e maravilhosas rumo às salas dos arquivos. Gaden Robinson conduziu-me entre as enormes estantes de metal. Vi a (agora empalhada) tartaruga gigante que Charles e as filhas costumavam cavalgar no grande parque em Tring. O pobre animal morrerá de desejo sexual não correspondido (não por Nica nem por ela, asseverou-me Miriam). As salas dos arquivos são enormes: fileiras compridas de armários cheios de gavetas bonitas de mogno para guardar espécimes.

– Estamos mais ou menos na área certa – disse-me Robinson, andando no meio do corredor com passos firmes. Como é que ele sabia o que devia procurar? – Borboletas à direita, traças à esquerda. Aqui está o subgénero, *Eublemma*.

Para minha surpresa, ele virou à esquerda, não à direita, e continuou a andar a passos largos pelo corredor.

- Mas esta é a secção das traças – disse eu.
- A *pannonica* é uma traça.
- Uma traça? Tem a certeza?

– Absoluta. Chegámos. – E começou a abrir as gavetas com tampo de vidro.

– Mas ela dizia a toda a gente que era uma borboleta – disse- -lhe eu. – Até há uma música escrita para ela chamada «My Little Butterfly» e inúmeras referências à razão do seu nome.

Robinson virou-se para mim e exclamou, um tanto irritado: – As borboletas são só traças mais decoradas. As pessoas acham que elas são muito, muito diferentes, mas as borboletas são só três das muitas dezenas de famílias de traças que adotaram um estilo de vida de voo alto; como voam de dia, tendem a exibir cores mais bonitas do que as traças. Com todo o respeito pelas pessoas que acham as borboletas lindas de morrer, elas são só mariposas bem-vestidas.

– E porque é que as borboletas são menos interessantes? – perguntei.

– Não digo que sejam menos interessantes, só estou a pô-las no devido lugar. As pessoas tendem a considerar as borboletas bonitas, mas veem as traças como feias, o que é só uma questão de perceção. É errado; as borboletas são só traças com melhores relações-públicas.

Devidamente localizada, a *pannonica* revelou-se um insetinho humilde, do tamanho de uma unha, de beleza muito modesta. Levámos a bandeja com as traças para o escritório de Robinson. Cada espécime tinha sido cuidadosamente montado num alfinete e catalogado individualmente, numa bonita caligrafia vitoriana. Usando uma lupa, era possível ler as palavras. Primeiro vinha «NC Rothschild» (Charles, o pai de Nica), depois a data, agosto de 1913, e finalmente o local onde foi encontrada: Nagyvárad, Bihor, local em que a mãe de Nica nasceu. Foi lá que Charles conheceu Rozsika, e era para lá que, até começar a guerra, a família regressava todos os verões, para visitar a família.

Havia cerca de dez pequenas *pannonicae*, capturadas entre 1910 e 1914. Olhei para a última, ciente da relevância da data: foi a última vez que Charles saiu para caçar traças, já que nessa altura a saúde dele começara a deteriorar-se. Segurando este último espécime contra a luz, vi que, longe de ser uma tracinha desmazelada, era bem bonita, com asas amarelo-limão e pontas da cor de um belo vinho *Château Lafite*. Ri-me, quando me dei conta de que fora totalmente apropriado que Nica recebesse o nome de uma criatura notívaga: Nica parecia ganhar vida depois do anoitecer.

– A Nica sabia que, na verdade, fora batizada com o nome de uma traça? – perguntei a Miriam.

– Claro – respondeu-me, como se eu fosse completamente ingénuo. – *Pannonica* significa «da Hungria» e também é o nome de um molusco e de uma ervilhaca. Se te tivesses dado ao trabalho de procurar nos catálogos das *Lepidoptera*, terias visto: *Eublemma pannonica*. Foi identificada pela primeira vez por Freyer, em 1840.

– Porque é que a Nica dizia que tinha o nome de uma borboleta?

Miriam revirou os olhos, fez um som exasperado e saiu da sala. Eu devia ter corrido atrás dela para perguntar o que aquele som significava, mas na verdade não precisei de o fazer – Miriam, a irmã mais velha, a que continuou na Europa, que cuidava dos negócios, que levou adiante a obra do pai, que cuidava da família alargada, ficava claramente exasperada com certos aspetos do comportamento da sua irmã mais nova.

Enquanto filha e irmã de entomologistas, não há dúvida de que Nica sabia exatamente que tipo de criatura lhe inspirara o nome. Tentei imaginar porque é que ela preferia a mitologia à verdade. Será que era melhor para ela ficar nas sombras, não contar toda a história, não dar o panorama completo? Embora orgulhosa do seu legado e dependente da sua herança, permaneceu distante, preferiu viver noutra continente, buscou interesses diferentes e decidiu prescindir do nome de solteira mesmo depois do divórcio. O que é que, perguntei-me, tinha feito Nica ser tão diferente de Miriam e Victor, ambos os quais permaneceram imersos no estilo de vida Rothschild? À medida que a minha investigação progrediu, percebi que Nica se sentia ambivalente tanto quanto ao seu nome como quanto à sua família de origem. Ela sabia que, para os Rothschild, o seu nascimento fora uma decepção. Eles queriam um menino.

A ROSA DA HUNGRIA

Em 1913, ano de nascimento de Nica, os Rothschild enfrentavam duas crises. Uma era inteiramente da sua responsabilidade; a outra estava fora do seu controle. Haviam, no século anterior, construído um gigantesco império global, mas o mundo no qual ele operava estava a ruir. O inexorável declínio do Império Austro-Húngaro, em paralelo com as políticas expansionistas das vizinhas Alemanha, França e Grã-Bretanha, significava que a balança de poder na Europa estava em mudança.

Na guerra e na paz, os Rothschild foram banqueiros de governos e monarcas, financiando os sonhos e medos das nações europeias. Como financiadores de exércitos e indústrias, dizia-se que ninguém começava uma guerra ou aventava a paz sem antes consultar os Rothschild. Durante a crise franco-polaca de 1836, uma matriarca Rothschild alegou: «Não vai haver guerra porque os meus filhos não vão financiá-la.» Não era um falso alarde: os filhos dela detinham e controlavam uma organização bancária multinacional que exercia um poder sem igual sobre os mercados internacionais. O império estendia-se dos campos de petróleo de Bauk à rede de caminhos de ferro que ia de França à Bélgica e de Espanha a Itália, passando pela Áustria. De mercadorias a arbitragem, de minas ao comércio, o alcance dos Rothschild ia da África do Sul à Birmânia, de Montana ao Cáucaso e mais além.

A prosperidade dos impérios financeiros depende da estabilidade política. Embora a família pudesse influenciar os líderes dos países e as suas políticas, nem os Rothschild tinham o poder de manter um continente estável; a família observou, horrorizada, a Europa rumar à guerra.

Internamente, enfrentava um problema ainda maior: a falta de herdeiros do sexo masculino. O negócio da família foi fundado e administrado segundo o princípio de que só os homens poderiam herdar e gerir o negócio. Foi um princípio consagrado pelo pai fundador, Mayer Amschel, em 1812, e vigora ainda hoje.

As minhas filhas e os meus genros e seus herdeiros não têm ações da empresa criada sob a firma Mayer Amschel Rothschild e filhos [...] e [esta] pertence exclusivamente aos meus filhos. Nenhuma das minhas filhas, dos meus genros e seus herdeiros tem, portanto, direito a gerir transações comerciais. Jamais poderia perdoar qualquer um dos meus filhos se contrariassem estes meus desejos de pai e permitissem que os meus filhos varões fossem prejudicados na posse e prossecução pacíficas dos seus interesses comerciais.

Além disso, se um dos sócios morresse, a viúva e as filhas não tinham automaticamente direito à herança; a posse das ações revertia para os pais, irmãos e filhos sobreviventes. Esperava-se que as filhas se casassem com alguém da fé judaica, e talvez até com alguém da família. Numa carta ao irmão datada de 1824, James fala sobre Betty, a sua nova mulher, que também era sua sobrinha: «A mulher de um homem [...] é parte essencial da mobília.»

Originalmente, havia cinco filhos aptos a gerir as cinco filiais europeias, mas, nas últimas décadas do século XIX, a sorte e o destino falhara-lhes; esta escassez de homens foi causa direta do fecho da filial de Frankfurt, em 1901. Os dois herdeiros, Mayer Carl e Wilhelm Carl, tinham dez filhas no total, mas nenhum filho. A filial de Nápoles fechou em 1863, já que Adolph Rothschild também não conseguiu ter um filho para a assumir. Na viragem do século, a filial inglesa operava com quantidades mínimas de cromossomas X. Embora poucos Rothschild admitissem, a total dependência de filhos do sexo masculino era tão prejudicial aos negócios quanto as vicissitudes da guerra e os caprichos dos impostos.

Portanto, não surpreende que, em dezembro de 1913, os membros da família esperassem ansiosamente o nascimento do filho do primo Charles e da sua mulher Rozsika. Seria o quarto. O casal já havia produzido um

herdeiro, Victor, em 1910, mas precisava de um sobressalente. Até então, só tinham conseguido meninas: Miriam em 1908 e Liberty em 1909.

Os homens geriam o banco; as mulheres ficavam na família e administravam as casas. À espera do bebé em Tring Park, no Hertfordshire (como se chamava na altura), estavam os avós, Nathan (Natty) e Emma. Ambos nasceram Rothschild, casaram-se com Rothschild e produziram Rothschild. Natty Rothschild foi o primeiro não-cristão a assumir um lugar na Câmara dos Lordes e o primeiro a ser convidado a ficar no Castelo de Windsor com a rainha Victoria (que instruiu os cozinheiros a servir uma torta especial sem presunto). Natty tornou-se diretor da filial britânica do Banco Rothschild em 1879. Investidor internacional, Natty fazia empréstimos para os governos dos Estados Unidos, da Áustria e da Rússia; patrocinou Cecil Rhodes na África do Sul e o conglomerado de diamantes De Beers; além disso, organizou o patrocínio do Canal de Suez. Natty serviu como assessor do governo durante vários mandatos consecutivos: Disraeli foi o seu aliado mais próximo; Randolph Churchill e Balfour confiavam nos seus conselhos. Com a deflagração dos conflitos em 1914, Lloyd George convocou uma reunião com os principais banqueiros, executivos e economistas para discutir o financiamento da guerra: embora o primeiro-ministro trabalhista e o seu colega judeu tivessem tido várias discordâncias no passado, Lloyd George afirmou, mais tarde, que «só o velho judeu dizia coisas com sentido». A perspicácia de Natty para os negócios era igualada pelo seu zelo filantrópico. Chocado com os *pogroms* na Rússia, Natty recusou-se a fechar um lucrativo negócio com o governo russo, por princípios. Doou grandes quantias de dinheiro e fez campanhas pela sensibilização da população contra a perseguição de judeus na Roménia, em Marrocos, na Rússia e noutros países. No seu país, reconstruiu todas as habitações sociais em Tring, o que deu origem a 400 casas novas e modernas, e criou a Four Per Cent Industrial Dwellings Company, uma combinação de empresa e filantropia, para criar 6500 novos lares. O problema, para os filhos de Natty, era que este era tão capaz, tão exigente e tão crítico que seriam necessários muitos filhos extraordinários para corresponder aos severos padrões que ele impunha. Em vez disso, Natty teve três filhos, e os dois rapazes não pareciam ter muito futuro. Assim, já com 73 anos e uma saúde frágil,

Natty, tal como o resto da família, depositou esperanças na geração seguinte.

Emma, mulher de Natty, nasceu em 1844 e viveu até aos 91 anos. Quando veio de Frankfurt em 1867 para se casar com o primo, Emma foi informada de que já havia sido escolhida uma casa para morarem, Tring Park, situada no coração das terras dos Rothschild, no vale de Aylesbury. Para tornar a vida mais fácil, a família expandiu a via-férrea até à porta de casa. Emma viu a casa pela primeira vez no dia seguinte ao casamento. Foi um presente generoso, como era costume, embora um tanto exagerado.

Como muitas outras Rothschild, Emma era pertinaz e direta. Não achava nada de mais convidar o primeiro-ministro Benjamin Disraeli para criticar os romances dele e lhe dizer que, embora fossem muito bem-escritos, ele não entendia as mulheres. Emma falava três línguas, todas com um leve sotaque alemão, e ria-se de maneira diferente em cada uma. Talvez a sua longevidade se devesse aos vigorosos exercícios diários ou ao hábito de tomar um banho frio todas as manhãs.

Walter, Lord Rothschild – o filho mais velho e herdeiro aparente –, irmão de Charles, também aguardava o nascimento. Com saúde delicada, Walter estudou em casa. Cresceu e tornou-se um homem enorme como um urso, gago, com mais de 120 quilos e, segundo as sobrinhas, os seus roncões não deixavam ninguém dormir na casa. Nunca se casou, mas teve duas amantes; uma deu-lhe uma filha ilegítima, e a outra chantageou-o quase a vida inteira, ameaçando revelar a relação dos dois à mãe dele. Os dois grandes amores de Walter eram a mãe, Emma, e os bichos, mortos ou vivos. O título de Lord Rothschild tornava-o beneficiário da famosa Declaração de Balfour, a carta escrita em 1917 pelo governo britânico reconhecendo que via com boas graças o estabelecimento de um lar para os judeus na Palestina. Esta carta abriu caminho à criação do Estado de Israel. Mas, por mais que Walter tivesse interesse no judaísmo e na Palestina, nada ocupava o lugar da sua primeira paixão: o estudo de animais e insetos.

Walter não herdou a aptidão da família para ganhar dinheiro. Ocupou um cargo no banco durante anos, mas, enquanto fingia trabalhar em assuntos financeiros, na verdade usava a fortuna que havia herdado para montar a maior coleção de animais já criada por um homem. Esta incluía

mais de dois milhões de espécimes de borboletas e traças, 144 tartarugas gigantes, 200 mil ovos de pássaros, 300 mil peles de pássaros e outros espécimes raros e incríveis, de estrelas-do-mar a girafas, que agora fazem parte das coleções dos museus de história natural em Londres e nos Estados Unidos. O que tornava a sua coleção tão extraordinária era não só o tamanho e a abrangência, mas também o modo como tudo era meticulosamente catalogado. Cada criatura estava etiquetada, registada e apresentada com referências cruzadas.

Walter empregou agentes no mundo inteiro para procurar e colher espécimes. Meek procurava pássaros no arquipélago Louisiada e em Queensland; o capitão Gifford, na Costa do Ouro; Dr. Doherty, nas ilhas Sula; um Sr. Everett, em Timor; dois japoneses, em Guam; e um Sr. Waterstrade, em Lirung. E estes são apenas alguns dos que investigavam aves. O que não conseguia capturar, Walter comprava. Era um gastador compulsivo e passava a pente fino leilões e vendas privadas, em busca de tesouros que aumentassem a sua coleção. Entre os animais que foram batizados em sua honra estão uma girafa, um elefante, um porco-espinho, um *wallaby* das rochas, uma lebre, um peixe, um lagarto, um casuar, uma ema, uma ave-do-paraíso, um tentilhão de Galápagos e uma mosca absurda cuja fêmea tem olhos na extremidade de compridas hastes. Walter, por sua vez, batizava algumas das suas descobertas em homenagem às pessoas que admirava, como a rainha Victoria e a princesa Alexandra, que ia visitar ao Palácio de Buckingham na sua carruagem puxada por zebras.



© Alamy/Fotobanco

*Walter Rothschild conduz as suas zebras.
O pónei, o quarto animal, meio escondido de vista,
era essencial para manter as indomáveis zebras no bom caminho.*

Walter construiu um museu privado em Tring Park para alojar a sua coleção. Quando chovia, as sobrinhas e o sobrinho brincavam às escondidas entre as fileiras de criaturas empalhadas. Também lá fui quando era criança e levei as minhas filhas, para admirarem tudo aquilo. Em ocasiões especiais, vamos aos bastidores, às câmaras que abrigam

ovos e até peles de aves, inclusive as que Darwin encontrou na sua viagem no *Beagle*. Numa vitrine, há um esqueleto do extinto dodô e, noutra, um par de pulgas, em traje completo, que faziam espetáculos num circo mexicano.

Observando a enorme coleção acumulada por Walter no seu museu e por outros parentes nas suas casas, tentei imaginar de onde vem este impulso e porque é que tantos membros da minha família o compartilham. É, em parte, uma espécie de mania de acumulação, demonstração de superioridade e exibição extravagante. Mas aliado a essa ostentação está o desejo do colecionador de criar um mundo perfeito e ordenado sobre o qual exerce algum tipo de controlo, uma sensação de poder e segurança; talvez no âmago do ato de colecionar esteja a simples necessidade de criar uma ordem externa a partir do caos interno.

Walter, como todos os outros, queria muito que o irmão e a cunhada tivessem outro filho. Ele sabia que não havia correspondido às expectativas da família e que a sua incompetência para as finanças havia destruído muitos sonhos.

Charles – o futuro pai – era um homem belíssimo, com uma constituição mental delicada. Era, desde tenra idade, suscetível a variações de humor. Charles também amava os animais, mas teve a má sorte de alcançar um sucesso mediano nos assuntos do banco. Se Charles, como Walter, tivesse tido permissão para se entregar apenas à paixão maníaca pelo naturalismo, a sua vida talvez tivesse sido diferente. Mas, em vez disso, todas as expectativas do seu pai e da família lhe caíram sobre os ombros, um fardo intolerável para qualquer pessoa.

Enviado para a escola preparatória com oito anos, Charles escreveu uma carta patética à mãe, dizendo que amava a sua casa «10 000 000 000 000 vezes mais do que tudo». Ninguém prestou atenção às saudades que ele sentia de casa e, aos 13, Charles saiu da escola preparatória e foi enviado para Harrow, onde teve como colegas futuros duques, generais, bispos e políticos, como Winston Churchill. A família presumiu que a apresentação de Charles, logo desde cedo, aos homens mais influentes de Inglaterra melhoraria a vida profissional dele. Mais tarde, Charles escreveu: «Se eu tiver um filho, ele terá aulas de boxe e *jiu-jitsu* antes de ir para a escola, já que as ‘caçadas aos judeus’, como as que experimentei, só são divertidas para um dos lados e há falta de compaixão dos caçadores para com a

presa.» Em Harrow, soltavam Charles como se ele fosse uma raposa e diziam-lhe para correr o máximo que pudesse, enquanto os colegas, ladrando como cães de caça, o tentavam apanhar. Quando o alcançavam, Charles era espancado até sangrar. Os professores fingiam não saber. Os caçadores não registaram as suas memórias, mas um colega, o historiador George Trevelyan, confirmou a grande infelicidade do amigo e escreveu que a memória mais duradoura que tinha dele era Charles a montar molduras com peles de pequenos animais ou a espetar borboletas.

Imagino o pobre Charles debruçado sobre a sua coleção de borboletas-cauda-de-andorinha, perfurando-as com um alfinete, passando formaldeído naqueles corpos delicados e depois a escrever cuidadosamente, com a sua caligrafia precisa, os pormenores delas num pequeno cartão. Charles deixou essas borboletas à escola, na esperança de que outros jovens encontrassem consolo ao estudá-las. As caçadas aos judeus explicam, em parte, porque é que Charles se recusou mandar as filhas para a escola, mas não explica porque é que decidiu enviar o filho, o meu avô Victor, para Harrow, a odiada escola onde estudara. Talvez achasse que as borboletas o protegeriam.

Recentemente, Harrow decidiu leiloar este legado e, pouco antes de se ouvir o último martelo, fui ver a coleção de Charles. Numa cave húmida sob o laboratório de ciências, atrás de uma pilha de computadores velhos, candeeiros partidos e outros bricabraques educacionais, encontrei as borboletas de Charles, o sonho de qualquer lepidopterista: a mais completa coleção de caudas-de-andorinha em mãos privadas, superada apenas por três grandes museus. Há mais de 3500 espécimes, com 300 subespécies, guardados em gavetas de vidro dentro de belos mostruários de mogno.

As caudas-de-andorinha são os Golias do mundo das borboletas. A asa-de-pássaro, da Papuásia Nova Guiné, é a maior borboleta conhecida, e foi capturada ou literalmente desfeita nas florestas por colecionadores que usaram espingardas. Mas o grande trunfo da cauda-de-andorinha não é o tamanho, e sim a aparência. Nada feito pelo homem, nenhuma pintura de Ingres ou Velázquez, nenhuma das joias de Catarina, *a Grande*, ou a intrincada arte mogol consegue aproximar-se da absurda beleza destas criaturas. Cada espécie de cauda-de-andorinha é muito diferente da outra, o que é perceptível pelos seus formatos e matizes. A asa de uma borboleta é

composta de milhares de escamas diminutas, facilmente destacáveis, que capturam individualmente a luz e criam coletivamente uma profundidade de cor e iridescência sem igual na natureza¹. Um aluno contemporâneo disse-me que se sentia «arrasado» por a coleção estar de saída, mas admitiu que era um dos poucos ali que a apreciavam.

Quando me vinha embora da escola, vi centenas de rapazes, todos vestidos como Charles se vestiria, com jaquetas azuis e chapéus achatados de palha, correndo pelos caminhos rumo à aula seguinte. Uma lufada repentina levou-lhes os chapéus das cabeças. Fiquei ali, a observar os chapéus a flutuar e revirar até caírem no chão como uma multidão de borboletas pálidas, e lembrei-me do meu gentil bisavô e do consolo que ele encontrava na natureza.

Os momentos mais felizes de Charles eram quando auxiliava o irmão Walter ou quando conduzia as suas próprias pesquisas de campo. Aos 19 anos, em 1896, autorizaram-no a fazer o que quisesse durante duas breves semanas e ele escolheu embarcar numa expedição de colecionador pelo rio Nilo. As cartas que enviou para casa comentam as estranhas e maravilhosas paisagens que via. «O gado em Shendi é formado por animais muito interessantes.» Ou: «Ando a tentar apanhar uma tartaruga para o Walter.»

Quando regressou a Inglaterra, Charles voltou diligentemente ao trabalho, mas as suas ideias de investimento foram refutadas de modo polido mas enfático. Ninguém achava que houvesse futuro no cobre a ponto de justificar a construção de uma fábrica de fundição; poucos concordavam que abrir uma filial no Japão fosse um bom investimento; e, na opinião dos seus colegas banqueiros, o gramofone, uma invenção recente na qual Charles queria investir, seria um fracasso.

Sob a rédea curta da mãe em casa e a sombra dos antepassados no trabalho, Charles apostou na independência casando-se com uma bela judia húngara que conheceu enquanto caçava borboletas e pulgas raras nos Cárpatos. Numa carta a um amigo que também sofria de oscilações de humor, Charles comentou: «Estou muito contente por te sentires melhor e por a tua tristeza estar a diminuir. Faz como eu, casa-te e nunca mais ficarás triste.» Rozsika von Wertheimstein foi a única mulher que ele amou.

*

Rozsika von Wertheimstein veio de uma família importante, mas pobre. Era conhecida como *Rosa da Hungria*, devido à sua beleza; as íris dos seus olhos, castanho-escuras mas com bordas arroxeadas, capturavam a luz como asas de borboletas. Nica confessou que toda a gente «morria de medo» de Rozsika. Mesmo assim, quando lhe perguntaram o que mais desejava ter no mundo, qualquer sonho impossível, a sua irmã Miriam respondeu: «Gostava de passar só mais uma hora com a minha mãe.»

Nascida em 1870 em Nagyvárád, na Hungria (atualmente a cidade romena de Oradea), Rozsika era filha de um oficial do exército aposentado. Quando conheceu Charles, em 1907, já tinha 34 anos e muitos supunham que o seu provável destino seria tornar-se chefe dos correios da aldeia. De acordo com Miriam, Rozsika «foi criada num país onde o antissemitismo existia totalmente às claras. Só uma pequena percentagem de judeus tinha permissão para ir à universidade. Na Hungria, ser judeu era um estilo de vida. Ficava-se totalmente à parte». Sem acesso a uma educação formal, Rozsika foi autodidata; sabia ler húngaro, alemão, francês e inglês.

Rozsika era considerada bastante «avançada». Passava os dias a patinar no gelo, no inverno, e em festas de partidas de ténis, no verão. Fumava abertamente e gostava de desafiar os rapazes a saltar sobre barris no gelo. Foi a primeira mulher na Europa a servir uma bola de ténis com o braço levantado, um movimento bastante ousado, já que expunha o formato do seio. Rozsika foi chamada a Viena para demonstrar o movimento à arquiduquesa quando esta soube da façanha.

Casar-se com um Rothschild era considerado não só um grande golpe de sorte mas também um grande feito pessoal, como ganhar uma grande corrida de cavalos, e o noivado foi noticiado em toda a Europa. Os votos de casamento foram «solenizados» em Viena numa cerimónia simples, na qual o templo foi decorado de branco e verde claro, enquanto a noiva usava cetim cor de marfim. Quando regressou a Inglaterra da lua de mel em Veneza, Rozsika viu a sua nova casa pela primeira vez e foi informada de que passaria a vida de casada ali, criando os filhos com a sogra, Emma, e o irmão do marido, Walter. O nome dela aparece como convidada de diversos bailes de Estado no Palácio de Buckingham e na corte, mas o

nome Von Wertheimstein havia desaparecido: agora, Roszika era a Sra. Charles Rothschild.

 Unlocked%202_Page_043_Image_0001.tiff

*Roszika Edle von Wertheimstein, mãe de Nica,
era lindíssima e por isso mesmo
conhecida por Rosa da Hungria.*

Talvez a tensão de engravidar quatro vezes em cinco anos tenha domado Roszika, ou talvez a sua nova vida a tenha deixado submissa, porque não há relatos de que tivesse saltado por cima de barris enquanto patinava no gelo em Inglaterra. Ficava constantemente surpreendida com a formalidade do seu novo lar: apesar de ela e Emma morarem sob o mesmo teto durante 25 anos, nunca se beijaram nem se abraçaram. Roszika sabia o que esperavam dela.

*

Assim, o nascimento de Kathleen Annie Pannonica, a 10 de dezembro de 1913, no lar da família Rothschild em Londres foi um terrível golpe do destino. A menina, em cueiros apertados, foi imediatamente despachada para os cuidados de duas amas. No dia seguinte, a bebé, ainda sob a guarda das amas, foi transportada num comboio privado e levada para morar com as irmãs na casa de Tring, que pertencia à sua avó Emma.

Durante os 17 anos seguintes, Nica, como era conhecida, viveria nas várias casas dos Rothschild, brincando com outras crianças Rothschild e caçando com os cães dos Rothschild. Os primos eram, de longe, os convidados mais frequentes nas casas da família. Mesmo hoje em dia, embora essas casas já não existam, a proximidade continua. Todas as famílias têm brigas e desentendimentos, mas nós ainda nos encontramos nos aniversários, comemorações de datas importantes e celebrações. Como disse Nica, usando uma gíria em iídiche para se referir à família: «Talvez eu venha de uma *mishpacha* estranha, mas, acredite-se ou não, somos uma família unida.»

 Unlocked%202_Page_044_Image_0001.tiff

Nica, as irmãs e respectivas amas no Queen Alexandra Rose Day.

1 Miriam, filha de Charles e minha tia-avó, costumava mandar a toda a gente um postal de Natal com uma imagem de cores misturadas e tinha grande prazer em corrigir os que a supunham ser uma obra menos conhecida de algum impressionista famoso. «O que aqui vê é o órgão reprodutivo de uma borboleta, ampliado inúmeras vezes», dizia ela a príncipes e chefes de Estado, toda satisfeita.

LUTAR, FUGIR OU FICAR

Nica descrevia a sua infância como uma fase cansativa: «Eu saía de uma casa de campo enorme e era enviada para outra, viajava nos imaculados vagões *Pullman*, e era vigiada dia e noite por um batalhão de amas, governantas, tutores, lacaios, valetes, motoristas e criados.» As vidas das crianças eram organizadas de modo a adequar-se ao horário das outras pessoas. Não se olhava a despesas, mas também nenhuma das crianças ganhava uma mesada para necessidades individuais ou idiossincrasias.

A rotina pré-guerra era sempre a mesma. As crianças dormiam num quarto com a ama, que as acordava às sete, todas as manhãs. Depois do banho, as meninas eram enfiadas num apertado espartilho, após o que vestiam um saiote imaculadamente passado e, finalmente, um vestido branco engomado. Cada menina tinha uma fita de cor diferente amarrada à cintura. A de Miriam era sempre azul, a de Liberty, rosa, e a de Nica era vermelha. Os cabelos eram escovados cem vezes e atados com presilhas de tartaruga. Victor, o herdeiro, estava sempre longe de casa, no internato, e só via as irmãs nas férias. O contacto com os pais era limitado, mas, quando Rozsika estava em casa, as raparigas eram levadas para o quarto da mãe, onde se ajoelhavam no chão, uniam as mãos e rezavam: «que Deus faça de mim uma boa menina, amém». A mãe não observava os costumes judaicos. Onde quer que dormissem, as raparigas tentavam ficar o máximo de tempo acordadas para ouvir o pai regressar aos fins de semana, aguardando o revelador som dos cascos dos cavalos sobre o cascalho e o constante avanço da carruagem iluminada por lamparinas no caminho de acesso à casa.

As crianças almoçavam na ala reservada para elas e só podiam fazer as refeições principais com os pais quando completassem 16 anos. A comida era da melhor qualidade, preparada por um famoso cozinheiro francês que gastava cinco mil libras por ano só com peixe. O cardápio nunca variava. Às segundas, o pequeno-almoço consistia de peixe cozido; às terças, ovos cozidos; às quartas, ovos cozidos; às quintas, peixe cozido, e assim por diante. A comida e a rotina diária em Tring eram, de acordo com Miriam, «imaculadas, constantes e extremamente monótonas».

A rotina era tão repetitiva quanto os cardápios. Todas as manhãs, exatamente à mesma hora, as crianças eram levadas para passear no parque. Era proibido correr ou esconder-se, para que as raparigas não sujasse os vestidos brancos nem se perdessem. Ao contrário das crianças, os animais tinham total liberdade para correr pelo parque, e a área onde ficavam, atrás de uma vedação alta, era um paraíso artificial. Havia antílopes, cangurus, tartarugas gigantes, emus, emas e casuares, tudo da coleção do tio Walter. As crianças ficavam apavoradas com os emus; estes faziam um curioso som repetitivo com as patas e seguiam os carrinhos de bebé, esperando receber comida. Miriam recorda-se das aves gigantes inclinando a cabeça para dentro do seu carrinho com «olhos penetrantes e terríveis e bicos compridos».

As crianças passavam os meses de inverno em Tring, no Hertfordshire, mas durante o verão eram realojadas – juntamente com os criados e os animais – noutra residência, Ashton Wold, a cerca de cem quilómetros dali. Nessa casa, pela qual se espalhava naftalina durante o inverno, as capas contra o pó eram então retiradas, os estábulos preparados e o caminho de acesso à entrada aplanado para receber Charles e a família. Embora informal se comparada a Tring, Ashton tinha 20 criados permanentes, e esse número aumentava para acomodar visitantes se preciso fosse.

Quando Charles estava em casa, as crianças ajudavam-no a apanhar e emoldurar borboletas e outros insetos. A rotina e as convenções ficavam temporariamente de lado. Para os filhos, que o adoravam, Charles era «simplesmente o pai perfeito». Victor, Miriam e Nica disseram-me que ele adorava contar piadas. «O meu pai era um homem muito bem-humorado, adorava piadas e trocadilhos. E toda a gente desatava à gargalhada», disse Miriam. Nica, Miriam e Victor contaram-me versões diferentes desta

história. «Às vezes, ele ia aos aposentos das crianças, onde contava piadas que eu não entendia, mas que deixavam as amas mortas de riso», contou Nica. Charles tinha uma barra de ouro no escritório e dizia que a criança que conseguisse levantá-la com uma mão podia ficar com ela. Nica e os irmãos tentavam até perder o fôlego, mas nunca conseguiram. Quando eu era criança, o meu avô Victor repetia a brincadeira quando íamos visitá-lo ao banco.

A música ficou intrinsecamente ligada às memórias felizes que Nica tinha do pai. Quando regressava do trabalho, Charles deixava que os filhos usassem o fonógrafo no volume máximo e ajudava-os a escolher um disco. O gosto musical dele ia desde os mestres da música clássica até inovadores contemporâneos como Stravinsky e Debussy, mas Charles também se encantava com os novos sons que vinham da América e gostava de ouvir um jovem músico de *ragtime* chamado Scott Joplin. Depois da Grande Guerra, começaram a produzir-se mais discos e Charles levou para casa Bix Beiderbecke, as primeiras peças de Louis Armstrong com a banda de Fletcher Henderson e a *Rhapsody in Blue* de George Gershwin, e todos estes ecoavam pela casa.

Embora Victor tivesse sido enviado para estudar em Harrow, os pais de Nica não concordavam com a educação formal das mulheres e, por princípio, detestavam professores. «Eles achavam que era como no *David Copperfield*», disse Nica; que a escola acabava com a individualidade da criança.

 A_Baronesa_miolo-8.jpg

© Rothschild Archive

Victor, Miriam, Liberty e Nica Rothschild.

As governantas das raparigas eram conduzidas até à casa numa charrete puxada a póneis todos os dias, mas ensinavam pouco mais do que bordados e piano. As três filhas não foram sequer preparadas para a menstruação e não faziam a menor ideia de que existia uma coisa chamada pénis. Ocasionalmente, os primos Rothschild hospedavam-se lá, mas as outras crianças geralmente só eram avistadas de passagem, da janela de um carro ou de uma carruagem. «Havia famílias aristocratas ali perto, mas elas não convidavam crianças judias para brincar e, quando convidavam, era só para os grandes eventos», disse Miriam. Nica e as irmãs estavam confinadas à classe conhecida como *yids*, ou «gente diferente de nós».

 Unlocked%202_Page_051_Image_0001.tiff

© Rothschild Archive

*Tring Park, no Hertforshire. Casa de infância de Nica
(e de alguns outros ocupantes).*

Victor deixou registos das suas conquistas escolares, mas foi impossível achar qualquer registo dos boletins de Nica, e muito menos composições ou os livros que leu. Miriam disse-me: «As lições aconteciam de dia, com muitos intervalos para jogos e brincadeiras. E depois, às cinco da tarde, a carruagem dos póneis aparecia e levava as governantas para suas casas, que ficavam do lado de fora da nossa casa. Quando, tinha eu 16 ou 17 anos, me perguntaram o que aprendi de História, respondi: ‘Bom, nunca passámos dos romanos.’»

Quando visitei o arquivo da família em Londres, ainda no banco em St. Swithin’s Lane, vasculhei os registos à procura de menções à Nica. A busca foi ainda mais difícil devido à mania da família de destruir todos os registos pessoais. Só os documentos mais públicos eram guardados, e neles raramente havia referências às crianças. Ainda me lembro da emoção de ver o raro nome de Nica num dos livros de visitas da família: em 1928, espremida entre as irmãs, um duque, um ministro e um príncipe

estrangeiro, estava a sua assinatura, «Pannonica Rothschild», em letra grande e rebuscada.

A descoberta do álbum de fotografias dela em Ashton foi outra emoção. As prateleiras de Miriam estavam repletas de livros e objetos. Havia fotografias de parentes e dignitários misturadas com as obras que ela própria escrevera e livros escritos por amigos. No fundo da prateleira inferior, encontrei, por acaso, um álbum de fotografias com capa de couro azul-escuro, com *Pannonica* gravado em dourado na frente. Intocado há anos, cheirava a mofo e abandono. Havia cocó de rato espalhado perto dele, como *confetti*, mas felizmente o livro não cativou os roedores. Ali, dentro daquelas páginas pesadas, manchadas pelo tempo, vi fotos de uma Nica menina e bonita, que a cada página se transformava numa bela adolescente. Eram fotografias formais e as roupas nunca mudavam, exceto no tamanho: Nica trajava sempre um vestido branco de renda, com os cabelos presos para trás com um laço e meias do mesmo comprimento. Contudo, apesar da formalidade da pose, o rosto dela vibrava, muito intensamente, como se enfrentasse a lente da câmara, desafiando o fotógrafo a capturar de facto a essência da sua personalidade, tornando o cenário e os pormenores de época supérfluos.

Pouco a pouco, fui criando um retrato de como Nica cresceu. Além de ter poucos amigos, as crianças Rothschild não tinham privacidade. Mais de 30 pessoas trabalhavam na casa e pelo menos outras 60 estavam empregadas na quinta, nos estábulos e nos jardins. As crianças dormiam com as amas, comiam orientadas por criados que esperavam atrás das cadeiras delas, cavalgavam na companhia dos cavaleiros, tomavam banho supervisionadas por criadas e passeavam com as governantas. Além do habitual séquito de mordomo, governanta-chefe, cozinheiros, lacaios, criados da copa, amas, cavaleiros, jardineiros e motoristas, havia membros da criadagem com títulos de que nunca ouvi falar e jamais imaginei que existissem. Havia um rapaz cuja função era passar cartolas a ferro, e o «criado das câmaras», que cuidava das obras de arte. O «sobressalente» verificava se os baldes estavam cheios de areia para combater algum incêndio, e havia funcionários só para dar corda a relógios, cuidar dos despertadores, exterminar insetos e polir as grelhas das lareiras.

«Eu não conhecia mais nada; achava que o mundo era assim. Supunha que seria sempre assim, já que havia um verdadeiro sentido de finalidade, como o Sol nascer e se pôr», disse-me Miriam, ao relembrar a infância. «Era de facto uma prisão; a liberdade não existia. O problema estava aí: tudo era perfeito mas, no que tocava às crianças, também chato e repetitivo.»

A vida dos membros adultos da família Rothschild era, como a de tantos outros da alta sociedade, bem documentada na *Court Circular* do *Times*, uma espécie de revista de celebridades da época. Publicavam-se informações tão anódinas quanto «Lady Rothschild saiu de Londres para ir para Tring Park» ou «Sra. Rothschild toma chá com a princesa Alexandra», e nas festas da alta sociedade cada convidado era solenemente listado. Quando Emma era mais jovem, e antes de Charles se tornar mais isolado, havia festas enormes em Tring, almoços e jantares à mesa para centenas de pessoas, com bandas, festas e apresentações. Nica recordava-se de Albert Einstein aparecer numa festa e fazer truques de magia para as crianças, sendo um deles tirar a camisa sem despir a jaqueta.

 Unlocked%202_Page_053_Image_0001.tiff

*Nica, Miriam e Liberty
com a mãe, Rozsika.*

 Unlocked%202_Page_053_Image_0002.tiff

© Rothschild Archive

Nica, com sete anos.

Depois de 1916, os nomes de Charles Rothschild e da mulher nunca são citados nos eventos sociais, já que Charles percebeu que casar-se com Rozsika só interrompera temporariamente a sua depressão. Logo depois do nascimento de Nica, em 1913, Charles ficou mais introspetivo, às vezes sem falar durante dias a fio. No começo, a família lidava com isso fingindo que nada se passava. Charles ainda comparecia às refeições, mas ficava sentado em silêncio absoluto e depois voltava para os seus

aposentos, onde ficava a olhar desconsolado pela janela ou a fazer observações ao microscópio.

À medida que a Grande Guerra avançava, a apatia de Charles aumentou até que, finalmente, a família deixou de poder ignorar o comportamento dele. Em 1916, Charles foi enviado para um sanatório na Suíça em busca de ajuda. Embora aquele devesse ser um período de convalescença, Charles foi bombardeado por tarefas do banco: havia problemas de pensões para os funcionários a resolver, mudanças na manufatura das barras de ouro, o pagamento dos impostos sucessórios pela morte do primo Alfred e a venda das ações da Rio Tinto, para só mencionar algumas. Ao mesmo tempo, Charles deu início ao seu sonho de fundar uma reserva natural: a sua correspondência privada revela que tentou comprar terras em Essex para começar um parque dedicado à fauna selvagem.

Charles permaneceu dois anos na Suíça, mas, apesar de o seu regresso ser visto com imensa esperança e otimismo, ficou patente que a «cura» não funcionara. Foi uma decepção enorme para a família. Para Nica, viver naquela atmosfera, com o fantasma constante da instabilidade mental, tornou-se algo normal.

Solitária e isolada, era deixada cada vez mais sozinha, enquanto os pais passavam a maior parte do tempo em Londres. As duas irmãs mais velhas, que eram grandes amigas, não faziam questão de ter a pequena Nica a atrapalhar-lhes as brincadeiras. Victor estava no internato; o tio Walter vivia no universo paralelo do seu museu particular. A avó Emma, cada vez mais idosa, não tinha paciência para crianças. Mais tarde, quando afirmou que os seus «únicos amigos eram os cavalos», Nica foi sincera. A sua infância foi um misto de luxos físicos e abandono pessoal. Uma prima Rothschild que conheceu Nica na infância disse que ela se foi tornando cada vez mais indomável. Se havia uma árvore a ser escalada, ela subia-a; se havia uma cerca mais alta a ser transposta, Nica conduzia o cavalo para ela.

Era essa vida hermética, um tanto rarefeita, que se esperava que Nica, Miriam e Liberty habitassem até à vida adulta. Muitas das primas de Nica nunca saíram das casas dos Rothschild, escolhendo permanecer solteiras ou casar-se com parentes. O resultado era que, apesar das espantosas vantagens materiais e da educação cosmopolita, o seu horizonte era tão

limitado quanto o de mulheres menos afortunadas. Viviam confinadas tanto pelas expectativas quanto pelas oportunidades; aparadas as suas asas adultas, ficavam presas como muitos dos espécimes da coleção de Walter. Sem meios independentes de sobreviver, mas com uma reserva de dinheiro generosa, viviam num estado de dependência permanente, embora confortável, dos pais e dos irmãos, mas sem acesso ao capital. Nos registos da família, só as filhas dos primeiros filhos estão registadas; os maridos e filhos delas não eram reconhecidos.

Os homens da família Rothschild também viviam presos: cresciam sabendo que não tinham escolha senão entrar para o ofício da família. O peso das expectativas era ou extremo ou muito leve, para ambos os sexos. Miriam, Liberty e Nica não eram do tipo submisso nem tinham vocação para a vida doméstica. Protegidas pelo luxo e pelos privilégios, mas sem uma válvula de escape para a criatividade e nenhum veículo para os seus talentos, as perspetivas das três irmãs pareciam insuportavelmente limitadas. Tinham três escolhas: lutar, fugir ou ficar. Cada uma das irmãs escolheria uma destas opções.

UMA LONGA E ESCURA PRISÃO

— **S**abes alguma coisa sobre seja o que seja?
Miriam ficou furiosa quando descobriu que eu pouco sabia sobre os nossos antepassados Rothschild. Estávamos a almoçar sozinhas em Ashton Wold. O meu erro foi tentar fingir que sabia a história da família. Tentar enganar Miriam foi uma péssima ideia.

— Nunca me interessou muito — confessei, antes de acrescentar, pateticamente: — Até agora.

— Não te interessou! Até agora! Sabias que a vida de uma pessoa é moldada bem antes de ela nascer? Não surgimos do nada. Percebes alguma coisa de genética ou de cromossomas? Até a Bíblia nos ensina que os pecados dos pais recaem sobre os filhos até pelo menos quatro gerações — disse ela, fitando-me com raiva.

Senti-me tola, na defensiva. A história da família, pensava eu, era algo a explorar na velhice, como Deus e a jardinagem. Ademais, Nica era uma personalidade do século xx. Sem mais desculpas para mergulhar no passado, reservei uma passagem para Frankfurt, onde a história dos Rothschild começou.

*

Cheguei à Alemanha numa chuvosa manhã de inverno, armada de um endereço e uma máquina fotográfica. Tinha ido em busca do local de nascimento da família Rothschild, mas encontrei apenas um monte de cimento e asfalto. A única coisa que os Aliados não destruíram naquele local durante os ataques de 1944 foi um pedaço pequeno de uma parede. A *autobahn* cobre a maior parte da pequena rua onde Mayer Amschel, pai

fundador da dinastia dos Rothschild, nasceu em 1744. Comecei a montar a nossa história a partir do museu e dos arquivos dos Rothschild.

Em 1458, o imperador Frederico III proclamou que os judeus só poderiam permanecer em Frankfurt se pagassem para viver naquela ruela fechada e apertada, na extremidade nordeste da cidade. A Viela dos Judeus, uma via estreita com apenas algumas centenas de metros de comprimento, devia, originalmente, ter sido o lar de mais ou menos cem pessoas. No século XV, moravam lá mais de 500 famílias. No século XVIII, o impressionante número de três mil pessoas conseguia, de alguma maneira, espremer-se na chamada Judengasse. Houve tentativas de restringir a população, como não permitir mais de 12 casamentos por ano, e só se a noiva e o noivo tivessem mais de 25 anos. Já que era proibido aos judeus possuir e cultivar terras, entrar em parques públicos, pousadas ou cafés, ou aproximarem-se a menos de 30 metros da catedral da cidade, as opções de qualquer judeu que quisesse uma profissão além da usura e de determinadas formas de comércio eram mínimas.

Como as leis do país não lhes ofereciam ou não queriam oferecer proteção, as comunidades de judeus criaram os seus sistemas de justiça, saúde, oração, educação e costumes. Na verdade, os judeus criaram nações dentro de outras nações, o que os deixava ainda mais afastados da comunidade de gentios, sempre desconfiados e incapazes de os compreender. O empréstimo de dinheiro era uma das poucas profissões que os judeus tinham permissão para exercer. Não há nada nas escrituras judaicas que condene lidar com dinheiro ou até ganhar dinheiro; na verdade, cabe aos judeus tentar melhorar de vida, para o bem da comunidade, e espera-se que cada judeu destine pelo menos dez por cento do seu rendimento anual à caridade.

Até ao século XVIII, os judeus só podiam sair da Judengasse se usassem roupas com dois anéis amarelos estampados nos casacos, e as mulheres tinham de usar véu. Se um gentio passasse, o judeu tinha de lhe tirar o chapéu, esquivar o olhar e encostar-se à parede mais próxima. Perto da entrada da casa dos Rothschild, havia um mural chamado «A Porca dos Judeus», que mostrava dois rabinos a sugar as tetas e o ânus de uma porca enquanto o terceiro copulava com a besta. Em cima, havia uma representação de um menino coberto de facadas, supostamente Simeão que, aos dois anos, foi «morto pelos judeus», uma referência à crença

popular de que os judeus precisam do sangue de crianças gentias inocentes para fazer o seu pão sem fermento.

Quanto mais eu lia, mais vergonha sentia. A raiva de Miriam tinha fundamento: eu ignorara a história da minha família, sem nunca me preocupar em investigar o seu difícil começo. O que tornava as conquistas da família ainda mais impressionantes era ler sobre a rua de onde vieram os Rothschild – um lugar de miséria tão indescritível que os europeus, inclusive George Eliot, a consideravam uma atração «imperdível» quando visitavam a cidade. Goethe escreveu: «A ausência de espaço, a imundície, a multidão de pessoas, o sotaque estranho das vozes, tudo isso dá uma impressão muito desagradável, mesmo a quem só esteja a passar por ali e espreite pelo portão.» Ao que parece, quando finalmente teve coragem de entrar na Judengasse, Goethe ficou surpreso por descobrir que os habitantes «eram, no fim das contas, seres humanos, trabalhadores e obedientes, e era impossível não admirar a obstinação com que mantinham as suas tradições». Outro viajante que testemunhou aquela verdadeira espelunca não foi tão elogioso: «Até os que estão na flor da idade parecem mortos-vivos. A sua aparência mortalmente pálida destaca-os dos outros habitantes de maneira deprimente.» Não é exatamente surpreendente que a esperança de vida de um judeu no gueto fosse 58 por cento mais baixa do que a de um gentio que morasse a apenas uma rua dali.

O patriarca original, Mayer Amschel, ficou órfão em 1756, aos 12 anos, quando uma epidemia varreu a Judengasse. Casou-se bem, com Gutle Schnapper, filha de um agente da corte que servia o príncipe de Saxe-Meiningen, e usou o dote da esposa para fundar uma pequena casa de moedas. Perto dos 45 anos, Mayer Amschel já era o décimo primeiro homem mais rico da Judengasse, e pôde comprar uma casa relativamente bonita, com pouco mais de quatro metros de largura, mas com seis andares. O casal teve 19 filhos, dez dos quais sobreviveram à infância. O nome Rothschild, ou «*zum Rotten schild*» – «no Escudo Vermelho» –, derivou do nome da casa de um antepassado do século XVI.

Quando Gutle e Mayer Amschel ainda viviam na Judengasse e lá criavam a família, o poeta alemão Ludwig Börne fez a seguinte descrição do lugar:

Uma longa e escura prisão, na qual a tão celebrada luz do século XVIII ainda não conseguiu penetrar [...]. Estendia-se à nossa frente uma rua muito comprida, mas larga o suficiente para que pudéssemos ter a certeza de que poderíamos dar meia-volta assim que a vontade surgisse. Acima de nós, já não havia o céu de que o sol necessita para se expandir; não é possível ver o céu, só a luz do Sol. Há um cheiro terrível por toda a parte, e o lenço que nos deve proteger das infeções serve também para enxugar as lágrimas de compaixão ou esconder o sorriso malicioso do olhar dos judeus que observam.

Fiquei a pensar se Gutle e Mayer Amschel não terão observado Börne enquanto ele passeava por ali. Será que se perguntariam se havia alguma saída, se os filhos teriam alguma hipótese de viver fora daquela estreita prisão? Talvez isso parecesse um sonho impossível, tendo em conta a vida das gerações anteriores, a vida de que outros judeus desesperados e talentosos tentaram em vão escapar. Talvez seja um dos filhos dos Rothschild que o poeta descreve em seguida, talvez o próprio Nathan Mayer, que fundou a filial de Londres do banco dos Rothschild:

A dificuldade de escolher o caminho por entre a imundície faz com que andemos mais devagar e permite que observemos mais. Pousamos os pés com cuidado para não pisar nenhuma criança. Elas estão mergulhadas nas sarjetas, rastejam na porcaria, incontáveis como vermes que brotam do estrume ao calor do Sol. Quem não atenderia aos pequenos desejos destes meninos? Se consideramos as brincadeiras de infância modelo da realidade da vida, então a existência destas crianças deve ser o túmulo de todo o incentivo, de toda a animação, de toda a amizade e de todas as alegrias da vida. Tens medo de que essas casas altas caiam sobre nós? Ah, não temas! São muito firmes, essas gaiolas de pássaros com asas cortadas, e descansam sobre o pilar da hostilidade.

«Se tivesses nascido lá, quererias escapar», comentou Miriam, impassível.

Peguei na nossa árvore genealógica e estendi-a no chão. Nove gerações separam o pai fundador do membro da família mais jovem de hoje. Estou a sete gerações de distância da vida na Judengasse e Nica, a apenas cinco. Ela nasceu um século depois de Mayer Amschel, mas teve uma ligação direta com aquela época através da avó Emma, que nasceu em Frankfurt, em 1844, e visitava com frequência a bisavó, Gutle, que morou na Judengasse até à morte, em 1849. Consigo imaginar a jovem Nica sentada aos pés de Emma, ouvindo as histórias dela, e Emma, por sua vez, a ouvir as de Gutle. Memórias transmitidas de geração em geração, uma garantia de que ninguém se esquecesse.

Gutle Rothschild, forte e orgulhosa, recusou-se a sair daquele gueto apertado mesmo depois de o marido, os filhos e os netos ganharem fortuna. Outro primo, Ferdinand, escreveu sobre as visitas à velha senhora, que os recebia numa «casa pequena e lúgubre», onde descansava «num sofá, na sua pequena e escura sala de estar, envolta num xaile branco e grosso, o rosto de vincos profundos e emoldurado por uma touca branca cheia de laços». Gutle viveu mais 37 anos do que o marido, mas, apesar da longevidade e da independência, como muitas mulheres Rothschild depois dela, a sua vida foi governada pelos termos do testamento do marido.

Gutle era uma mulher extremamente supersticiosa e acreditava que, se saísse da Judengasse, a memória das origens da família se perderia. Para ela, o medo de regressar à Judengasse era o melhor incentivo para que os filhos fossem bem-sucedidos, e era esse medo que estava por trás das ambições da família. Só o dinheiro e o poder os protegeriam do antissemitismo e do retorno a uma vida de miséria. Os séculos de perseguições deixaram os Rothschild discretos e introvertidos; não conseguiam confiar em desconhecidos e não esperavam que os outros entendessem o que haviam sofrido. O talento para ganhar dinheiro, combinado com a mania do secretismo, fazia deles banqueiros perfeitos. Ofereciam aos clientes um serviço único: enorme perspicácia financeira e discrição total.

Só na década de 1790 – quando os franceses atacaram Frankfurt e a Judengasse foi destruída, o que deixou duas mil pessoas sem teto – é que os Rothschild puderam finalmente deixar os confins daquela viela estreita

e misturar-se com quem vivia fora dela. Por essa altura, os negócios da família haviam-se expandido de moedas para algodão e cereais. Com o início da Revolução Industrial, e os progressos tanto nas viagens quanto na tecnologia, os Rothschild começaram a importar algodão melhor e mais barato dos moinhos do Norte de Inglaterra. Mayer Amschel percebia que o bem mais valioso de qualquer negócio era uma rede de empregados qualificados, bem-informados e em quem se pudesse confiar. Não precisou de os tentar encontrar; ele mesmo os gerou. Dos seus dez filhos sobreviventes, cinco foram rapazes. Amschel, Nathan Mayer, Karl, Salomon e James dividiam um quarto na modesta casa da família e continuaram unidos pelo resto da vida.

A saída da Judengasse e o seu modesto sucesso deram a Mayer Amschel a coragem necessária para dar o passo seguinte. Mandou os cinco filhos para as cinco maiores capitais da Europa, para nelas fundarem a primeira parceria internacional existente até então. Entre as décadas de 1820 e 1860, estabeleceram-se na Europa. Em Frankfurt, o negócio foi administrado, depois da morte de Mayer Amschel, pelo seu filho mais velho, Amschel; o escritório de Paris foi fundado pelo mais novo, James; Carl assumiu Nápoles, Salomon conduzia os negócios em Viena; e Nathan Mayer (conhecido posteriormente como NM) fundou a filial de Londres.

«O que eles fizeram», explicou-me Miriam, «foi fundar o primeiro tipo de União Europeia. Embora houvesse desentendimentos, como existem em qualquer família, [os irmãos] espalharam-se e trabalharam juntos em prol de um propósito comum.» O historiador Niall Ferguson, na sua biografia definitiva dos Rothschild, atesta que «entre 1815 e 1914, aquele banco era, facilmente, o maior banco do mundo. Não houve equivalente no século xx; nem as empresas bancárias internacionais dos dias de hoje desfrutam da supremacia dos Rothschild no auge da sua carreira». A maior parte da sua colossal fortuna, explica Ferguson, vinha de empréstimos e especulações de títulos do governo.

A primeira grande vitória da família foi um contrato para financiar o exército de Wellington em 1814. Por via de uma arriscada combinação de negócios de transações de taxa de câmbio, especulações de títulos e comissões, a família teve um lucro imenso. Os registos mostram que, em 1818, controlavam um capital de 500 mil libras; em 1828, o valor havia subido para 4 330 333 libras, cerca de 14 vezes mais do que o seu

concorrente mais próximo, os Baring Brothers. Ao contrário de muitos dos seus colegas banqueiros, os Rothschild reinvestiam os lucros nos seus próprios negócios. Para os regimes que queriam financiamento estável e empréstimos seguros, os Rothschild eram a única resposta. Deixando o antissemitismo à porta, reis e governantes faziam visitas convenientes ao banco localizado na St. Swithin's Lane.

Os Rothschild inventaram uma rede de créditos e débitos que libertou tanto indivíduos quanto Estados das formas tradicionais de rendimento. Antes, todas as transações se baseavam na posse – de bens, terras, metais, casas e assim por diante –, mas um título não precisa de estar preso a uma posse física; pode estar ligado a uma mera promessa de liquidação. «Os Rothschild não só substituíam a velha aristocracia, mas também representavam uma nova religião materialista», escreve Ferguson.

Assim, cinco jovens judeus, que durante a maior parte da vida foram tratados como párias, puderam estabelecer-se em países estrangeiros, sem contactos e sem saber os idiomas, e ganhar a confiança dos líderes mundiais. O meu avô Victor acreditava que isso se devia ao carácter e à determinação e que todos, em particular Nathan Mayer Rothschild, possuíam esses atributos cruciais.

A presença de NM avulta sobre a história dos Rothschild ingleses até hoje. O retrato dele está nas nossas paredes e o nome dele ainda é invocado com assombro e reverência. Foi o quarto filho de Gutle e Mayer Amschel a nascer na Judengasse. Quando em 1799, aos 22 anos, chegou a Manchester, NM não tinha educação formal e não falava inglês. No entanto, tinha um plano. Percebendo que nenhum dos mercadores de tecidos conversavam entre si, persuadiu-os a unirem-se para negociar preços melhores. Os irmãos replicaram o modelo de negócios dele pela Europa fora.

Tal como a restante família, NM tinha o talento de ser discreto. Quando um jornalista lhe perguntou «Como é que alcançou tanto sucesso?», NM respondeu, ríspido: «Não me metendo na vida dos outros.» Em certa ocasião, esqueceu-se de objetos pessoais numa diligência de Manchester e queria muito que fossem devolvidos, mas a única descrição que se dispôs a dar para identificar os bens foi «chapéu e casaco de cor escura».

No dia 22 de outubro de 1806, casou-se com Hannah Barent Cohen, filha mais velha de Levi Barent Cohen, importante investidor de Londres,

e NM ficou imediatamente ligado pelo casamento às famílias judaicas mais preeminentes do mundo: Montefiore, Salomon e Goldschmidt. Não foi desse seu distinto antepassado que Nica herdou o amor pela música; quando lhe perguntaram se apreciava essa forma de arte, NM pôs a mão no bolso, tilintou as moedas e respondeu: «Esta é a única música de que gosto.»

A ascensão meteórica da família alimentou especulações. De onde vieram estas pessoas? Qual era o segredo? Que artimanhas e ardis utilizavam? Parecia inexplicável que, numa só geração, uma família que veio do nada passasse a aconselhar e financiar governos. Os membros da família até escreviam uns aos outros numa língua indecifrável, o *Judendeutsch*, um híbrido idiossincrático de hebraico e alemão.

Embora tivessem conquistado a liberdade, os Rothschild continuaram a enfrentar animosidade. Em 1891, o panfletário Max Bauer escreveu: «A casa de Rothschild é uma coisa disforme, parasita, que prolifera pela Terra, de Frankfurt a Paris e a Londres, como um fio de telefone retorcido.» *La France juive*, um inflamado discurso antissemita de Édouard Drumont, publicado em 1886, fez tanto sucesso que foi reimpresso mais de 200 vezes. «Os Rothschild, apesar dos seus biliões, têm ar de vendedores de roupas usadas», escreveu. E acrescentou: «O Deus Rothschild não apresenta nenhuma das responsabilidades que advêm de um cargo de poder, mas usufrui de todas as vantagens; dispõe sobre todo o governo e todos os recursos da França em função dos seus próprios interesses.» William Makepeace Thackeray, que já tinha sido convidado nas residências de Tring e Waddesdon, disse que «NM Rothschild brinca com reis novos como as meninas brincam com bonecas».

Os relatos retrospectivos sobre a conduta de NM após a vitória britânica em Waterloo, em 1815, ilustram de maneira perfeita os boatos insanos e as teorias da conspiração a respeito do *modus operandi* da família. Algumas pessoas diziam que o banqueiro saía para o campo de batalha com um par de pombos mensageiros, que libertou quando o resultado da batalha estava garantido. Os pássaros teriam voado diretamente para os seus agentes na bolsa de valores, levando consigo a mensagem «Comprem ações britânicas, vendam tudo que for francês».

George Mathieu-Dairnvaell, jornalista francês, relatou que NM estava em Londres quando os pombos chegaram. Quando chegou ao salão da

bolsa de valores de Londres, fingiu estar arruinado e alardeou o seu estado falido e desesperado. Ver o outrora onnipotente rei dos judeus prostrar-se causou tamanha crise de confiança, que todos quantos o viram venderam as suas ações; enquanto isso, o ardiloso NM comprava-as por um valor ridiculamente baixo. Outros acusaram-no de subornar generais e causar grande especulação em prol do seu banco.

A verdadeira história de NM em Waterloo foi pesquisada e publicada por Victor, que provou que NM estava em Londres nessa altura e que recebeu a notícia da vitória britânica pelos funcionários do irmão. Assim que informou o primeiro-ministro, Lord Liverpool, NM foi à bolsa de valores e comprou as ações em baixa. Teve um lucro de um milhão de libras – o equivalente, nos dias de hoje, a mais de duzentos milhões de libras.

O governo britânico não tardou a depender do crédito da família. Quando quis financiar a construção do Canal do Suez, o primeiro-ministro Benjamin Disraeli abordou o amigo Nathan Rothschild, filho de NM e recém-agraciado com um título nobiliário.

- Quanto? – perguntou Lord Rothschild.
- Quatro milhões de libras – respondeu Disraeli.
- Quando?
- Amanhã.
- E qual é a garantia?
- O governo britânico.
- Conta com o dinheiro.

*

Algumas famílias judaicas mudaram de religião para evitar o racismo. Os Rothschild continuaram judeus e tinham orgulho e respeito pela sua religião, embora poucos Rothschild britânicos fossem de facto praticantes. Nica nunca aprendeu as leis do judaísmo. Pergunto-me se ela não achava confuso ter o nome Rothschild, encontrar pessoas que a consideravam judia, suportar todo o antissemitismo, sem de facto conhecer os costumes e a cultura. Os quatro filhos de Charles e Rozsika viviam à deriva entre dois mundos, sem entender nem a fé cristã nem a judaica. Estavam presos numa terra de ninguém, entre não-judeus que supunham que Nica era uma

coisa e judeus que depressa percebiam que os filhos dos Rothschild não eram como eles.

As gerações anteriores dos Rothschild criaram mundos perfeitamente autossuficientes para os filhos, com base nos princípios da religião e também na importância da família e da ambição. À medida que tais imperativos foram desaparecendo, houve cada vez menos ligações entre os diversos ramos e, na geração de Nica, a família começou a dispersar-se.

Na geração dos avós de Nica, 14 de um total de 19 casamentos dos Rothschild foram entre primos. Lionel, bisavô de Nica, casou-se com Charlotte, sua prima em primeiro grau, enquanto Natty, avô de Nica, se casou com outra parente, a já citada Emma. Houve outras uniões entre tios e sobrinhas. Alguns analistas supõem que esses casamentos consanguíneos serviam para manter a fortuna dos Rothschild intacta; outros, que era difícil encontrar judeus adequados. Também é provável que nenhum dos homens, de tanto trabalhar, tivesse interesse ou tempo de apresentar as filhas a pretendentes fora da família. Trabalhavam juntos e viviam juntos. Como podiam conhecer outras pessoas?

Além disso, que pessoa fora da família poderia ser de confiança, quem poderia entender a vergonha do passado recente? As mulheres Rothschild compartilhavam esse passado e também a determinação dos maridos de criar uma vida melhor para os filhos, uma vida livre de perseguição e miséria. Como um bando de cervos em fuga de predadores, eles sabiam que ficar juntos, em rebanho, era a melhor defesa; quem se separava ficava vulnerável. A criação dessas comunidades unidas e incestuosas foi parte essencial da receita do sucesso, mas essas uniões familiares também significaram uma bomba-relógio genética.

Na fé cristã, o casamento entre primos próximos fora banido logo no século VI, e por um bom motivo. Os estudos confirmam que a reprodução cruzada aumenta as hipóteses de determinados tipos de doença mental. Miriam chamava-lhe a «melancolia» da família; outros diziam, sem meias palavras, que era esquizofrenia. Os registos médicos das gerações anteriores foram destruídos; os atuais são privados, pelo que é impossível obter um diagnóstico mais informado. Sabe-se que há uma predisposição biológica a perturbações de humor e há quem julgue que isso seja

hereditário. No caso da esquizofrenia, por exemplo, uma em cada cem pessoas tem hipótese de desenvolver a doença, mas a probabilidade diminui para uma em dez, caso um parente próximo padeça dela. Ao contrário da crença popular, a esquizofrenia não significa uma personalidade dividida. Os sintomas incluem pensamentos desordenados e irrealis, às vezes acompanhados de alucinações. A esquizofrenia pode ser desencadeada por um acontecimento, por *stress* ou drogas. Cada caso é diferente e não há uma panaceia universal. Foi uma enfermidade que assombrou a vida de Nica de maneiras inesperadas.

ROTHSCHILDIANA

Decidi que era tempo de prestar uma homenagem a NM e pus-me à procura do lugar onde ele estava sepultado. Sabia, por mo ter ensinado o meu pai, que todos os anos os descendentes devem colocar uma pedra sobre o túmulo de um antepassado, como gesto de respeito e lembrança. Contudo, obter acesso ao cemitério onde NM está enterrado é um processo difícil, devido ao medo de ressurgimento do antissemitismo e à recente profanação de alguns túmulos judeus na Europa. Numa manhã fria de fevereiro de 2008, bem cedo, um representante do Departamento Mortuário da United Synagogue abriu-me os portões de ferro de um muro alto de tijolos, numa estradinha lateral que sai da Whitechapel High Street e, num gesto de gentileza, esperou-me enquanto se protegia do vento num prédio de apartamentos adjacente. Não fossem um ou outro jacinto-uva ou os ciclames, ou as vozes elevadas das crianças muçulmanas numa escola ali perto, aquele seria um lugar onde o tempo havia parado.

Grande parte das lápides, a maioria de 1761 a 1858, havia caído no abandono; musgo e líquen obscureciam as inscrições em hebraico e algumas raposas começaram a habitar um sarcófago em ruínas. As inscrições nas lápides são como uma chave para a história da sociedade e as aspirações dos colonos judeus da época. Algumas têm endereço, mas só quando o lugar fica longe de Whitechapel, provando assim que o imigrante havia galgado os degraus deste mundo mortal da miséria até os subúrbios. Os ofícios também estão marcados nas lápides: um peixe indica que o defunto era peixeiro; os carpinteiros são indicados por um homem a cortar uma árvore. No topo da hierarquia, estão as famílias rabínicas, ou

Kohanim, com duas mãos talhadas no topo da lápide para abençoar as pessoas, ao contrário dos levitas, cujo emblema é um cântaro de água para lavar as mãos dos seus superiores. Os túmulos de NM e da sua mulher Hannah são grandes, brancos e simples, com nada gravado exceto os nomes e as datas, mas no de Hannah Rothschild está a inscrição: «Estou aqui. Deus seja louvado.»

Gentilmente, depositei uma pedra em cada túmulo.

Whitechapel, no coração do East End em Londres, recebe desde há séculos vagas de imigrantes: primeiro, os huguenotes, depois os judeus, seguidos pelos irlandeses e, mais recentemente, pela próspera comunidade de bangladechianos, que encontrou refúgio nas suas ruas estreitas. Depois de mudar o negócio de Manchester para Londres, NM comprou, em 1809, um imóvel perto de St. Swithin's Lane, onde ainda hoje fica o banco, e frequentava a sinagoga de Bevis Marks, a pouca distância dali. A zona, hoje conhecida como «Banglatown», foi o seu verdadeiro, embora adotado, lar, e o local de nascimento das operações britânicas do banco. Embora tenha morrido de repente na Alemanha, em 1836, com apenas 58 anos, NM expressara o desejo de que o seu corpo fosse devolvido a Inglaterra e enterrado na comunidade que havia aprendido a amar, perto das muitas obras de caridade que fundara, no coração do centro financeiro onde tinha deixado a sua enorme marca.

Durante a maior parte da vida, NM Rothschild viveu modestamente numa pequena casa no subúrbio e continuou envolvido nos pormenores das transações financeiras do banco até à morte. Como muitos membros da família, antes e depois, insistiu que os seus documentos pessoais fossem queimados, mas nos registos fiscais do Arquivo Rothschild estão as suas últimas instruções: vender notas promissórias do governo, despachar 100 mil libras em ouro para Paris, comprar 200 ações do Danúbio, enviar cem garrafas de água de lavanda e um baú de boas laranjas, e não deixar que o jardineiro faça o que bem entender no jardim.

Mayer Amschel, pai fundador da dinastia Rothschild, era contra o consumo extravagante, dizendo que a ostentação encorajava a inveja. Quando ganhou um pouco de dinheiro, comprou um jardim, acreditando que assim a terra poderia ser desfrutada de modo seguro, sem atrair

atenção indesejada. A geração seguinte não fazia a menor intenção de manter tamanha discricção: tinham ganhado dinheiro, pelo que iam mesmo gastá-lo e desfrutar dele. Também perceberam que os negócios não estavam confinados às salas de reuniões; o verdadeiro poder e a política eram exercidos em salas de estar e em campos de caça. Em Inglaterra, havia uma ligação estável entre o Parlamento e as festas de campo. Para avançar e continuar no topo, os Rothschild precisavam de ser capazes de entreter os grandes e os bons, e agora tinham as condições financeiras para o fazer em escala extremamente opulenta.

Determinados a continuar unidos, os membros da família construíram casas perto uns dos outros. Em Londres, compraram mansões em Piccadilly, e no campo estabeleceram-se nas terras do Vale de Aylesbury, a uma pequena viagem de comboio da capital. Foi lá que construíram as grandes mansões do Buckinghamshire: Mentmore, Halton, Aston Clinton, Hulcott e Bierton. Em 1883, NM alugou o imóvel em Tring; o seu filho Lionel comprou-o, mais tarde, para o filho e a nora, Natty e Emma. Os primos gostavam de dizer que, se subissem ao telhado das suas mansões num dia claro de inverno, conseguiam acenar uns para os outros através do vale. As casas eram afirmações gloriosamente vulgares de importância: cartões de visita imensos e tridimensionais que anunciavam a chegada da família.

Assim como muitos novos-ricos, os Rothschild tinham mais dinheiro do que bom gosto; queriam os ornamentos da riqueza e queriam-nos para ontem. Uma história, talvez apócrifa mas boa de mais para omitir, conta que James, o primo francês de Nica, queria tanto impressionar o rei de França que organizou uma caça ao faisão com papagaios treinados para voar entre as aves ao mesmo tempo que gritavam «*Vive le roi, vive le roi!*».

É claro que os Rothschild eram apenas os últimos numa longa linhagem de «aspirantes» que erigiam monumentos ao próprio sucesso. Os fabulosos palácios de Blenheim, Houghton, Castle Howard e Wentworth Woodhouse foram todos monumentos à vitória militar, brilhantismo mercantil ou astúcia política, e à época da sua criação geraram choque e consternação. As gerações subsequentes cobriram as reluzentes superfícies do dinheiro novo com a pátina do tempo e da reputação.

Em 1874, o barão Ferdinand de Rothschild contratou o arquiteto francês Destailleur para criar uma versão oitocentista de um *château* setecentista em cima de um grande colina em Waddesdon. Cavalos da raça *Percheron* foram importados de França para ajudar a transportar uma enorme quantidade de material de construção pela íngreme encosta, incluindo 11 quilómetros de tubos de cobre, várias árvores já crescidas, centenas de toneladas de tijolos e chumbo, e milhares de metros de balaustradas, todas estampadas com a inconfundível insígnia de cinco setas, o brasão da família, simbolizando os cinco irmãos enviados como flechas para as capitais da Europa. Os interiores revestidos de madeira e a mobília francesa foram adquiridos a hotéis particulares franceses como o Richelieu e o Beaumarchais, depois de Haussmann ter renovado Paris.

Ao adquirir os bens de famílias majestosas e bem-estabelecidas, os Rothschild estavam, na verdade, a ligar a sua história e a sua procedência a um passado mais ilustre. Os primos elevaram os preços no mercado de arte a alturas estratosféricas, adquirindo centenas de pinturas, incluindo obras de Greuze, Romney, Reynolds, Gainsborough e Cuyp para as suas paredes. Os aposentos eram decorados com tapetes e móveis de valor inestimável. Mesmo que só pudessem traçar as suas origens até cem anos antes, à Judengasse, ao menos podiam formar laços fortes, através das suas posses, com as mais importantes famílias reais e aristocráticas da Europa. Pela compra de revestimentos dos reis Bourbon, de mobília de Luís XV e de pinturas de Catarina, *a Grande*, além de tapeçarias *Gobelin*, porcelana de Sèvres e ovos *Fabergé*, os Rothschild ligavam-se a dinastias de prestígio. As suas mesas de apoio estavam cheias de fotografias autografadas por reis e os retratos que a família encomendava mostravam os seus membros em indumentária cerimonial. O escritor francês Édouard Drumont descreveu uma casa dos Rothschild como um lugar «sem passado», cheio das mais magníficas joias da cultura francesa, apinhadas num palácio gigante como se fossem bugigangas.



© Robert Stainforth/Alamy/Fotobanco

Residência de Mentmore Towers, final do século XIX, desenhada por Joseph Paxton para o barão Mayer Amschel de Rothschild. Hannah, filha deste, viveu nela, com Lord Rosebery, seu marido e primeiro-ministro britânico. Atualmente desabitada.

A família queria mostrar que já não era apátrida, que já não estava proibida de possuir terras ou imóveis, nem tinha de viver sob as regras dos outros. Quando construía aquelas enormes casas e criavam coleções imensas, adquiriam cavalos e cães de caça, bancos e títulos, os Rothschild não estavam só a esbanjar riqueza; estavam a estabelecer raízes e a anunciar que tinham direito de pertencer ao mundo, de ser parte de algo. Ter bens importantes fazia-os sentir que tinham importância.

A hospitalidade da família era insuperável. NM e os filhos eram atarracados: os seus antepassados tinham crescido sem nunca ter comida suficiente e os efeitos da má nutrição prejudicaram as gerações imediatamente subsequentes. Os Rothschild decidiram que os seus filhos, convidados e dependentes jamais passariam fome, razão pela qual as mesas dos Rothschild gemiam sob o peso da comida. Os convidados podiam escolher entre chá de Ceilão, Souchong ou Assam pela manhã na cama, com um acompanhamento de leite de vacas *longhorn*, *shorthorn* ou

leiteiras. Havia mais de 50 estufas que garantiam um fornecimento de frutas, legumes e flores o ano todo (o *parterre* estava sempre florido). «Em algumas casas dos Rothschild», contou-me Nica, «ninguém se dava ao trabalho de colher as cerejas. Achavam que era muito mais elegante que os jardineiros carregassem as cerejeiras ao redor da mesa.»

O livro de visitas de Tring Park mostra que, todos os dias durante os meses de verão entre 1890 e 1932, houve festas de almoço para até cem bem-vestidos convidados. Os nomes e endereços de cada visita eram escritos em registos com capa de couro, numa caligrafia imaculada. No livro do *chef*, as refeições eram anotadas ao pormenor, para evitar a catástrofe social de um convidado ter de consumir o mesmo prato duas vezes. As mulheres da família organizavam essas festas até ao mais ínfimo pormenor. Não entravam nas salas de reuniões dos bancos, mas sabiam exatamente quem seria útil convidar para expandir os interesses comerciais dos maridos. As ligações internacionais da família significavam que a lista de convidados nunca tinha limites. Os Rothschild entendiam a importância de selecionar as visitas para criar uma embriagante mistura de ricos e pessoas excêntricas, artistas e realeza, beleza e inteligência. Marajás indianos, o xá da Pérsia, Cecil Rhodes (que Natty financiou na África do Sul) conviviam com Jorge V, Eduardo VII, a rainha Vitória (que insistia em almoçar à parte, noutra sala) e um pequeno número de parentes, incluindo uma certa Pannonica Rothschild.

A família empregava *chefs* famosos de todo o mundo, servia o melhor vinho, organizava festas, concertos e danças. Quando Alfred Rothschild, primo de Nica, construiu uma casa em Halton, incluiu nela um circo privado, uma pista de *bowling*, um ringue de patinagem no gelo, uma piscina interior e um pavilhão indiano, para que os visitantes pudessem deliciar-se com todos os prazeres possíveis. Alfred, um dos poucos Rothschild a demonstrarem interesse por música, escreveu seis peças para piano chamadas *Boutons des roses*, e tinha a sua própria orquestra, que conduzia trajando cartola, fraque azul e uma batuta de buxo cravejado de diamantes. Os convidados nem sempre apreciavam. «Que exibicionismo! A sensação de nos estarem constantemente a esfregar uma riqueza extrema na cara», escreveu o secretário de Gladstone, Edward Hamilton, acrescentando que «as decorações são infelizmente exageradas e os olhos anseiam por descansar em algo que não seja de ouro ou dourado.» Outro

convidado de Alfred, o romancista David Lindsay, observou que «o número de judeus neste palácio é inimaginável. Estudei a questão antissemita com certa atenção, sempre esperando derivar algum movimento ignóbil [mas] sinto certa simpatia por [outros que dizem] que o judeu é a sanguessuga da civilização».

Em França, James de Rothschild foi humilhado publicamente por Émile Zola numa descrição pouco disfarçada que este fez do seu anfitrião: «Por toda parte, a missão de conquista feroz [é] deitar-se à espera da presa, sugar o sangue de toda a gente e engordar à custa das vidas alheias.» Outro convidado habitual era Anthony Trollope, que retribuiu a hospitalidade da família em 1875 publicando uma sátira social claramente inspirada nos Rothschild. Poucos dos que leram *The Way We Live Now* duvidavam de que a personagem Melmotte não fosse baseada em Lionel, bisavô de Nica, esse «horível e rico patife [...] um rufião vil da cidade» vindo do estrangeiro para acabar com toda a gente no mercado de valores. Nem todos eram tão críticos. Benjamin Disraeli, judeu de nascimento, escreveu: «Sempre fui da opinião de que nunca há demasiados Rothschild no mundo.»

A família imiscuiu-se gradualmente na vida britânica. Alfred tornou-se o primeiro diretor judeu do Banco de Inglaterra, em 1869, aos 26 anos, cargo que ocupou durante 20 anos, até 1889. Ele próprio nunca alcançou a tão desejada aceitação da sociedade, mas Almina, sua filha ilegítima, veio a casar-se com o conde de Carnarvon; foi a herança dela que financiou a exploração britânica do Egito e a descoberta do túmulo de Tutankahmon. Lionel, bisavô de Nica, Jimmy, primo dela, e o avô Natty chegaram a deputados. Emma, avó de Nica, tornou-se grande amiga de Disraeli; Herbert Asquith era convidado constante em Waddesdon. Winston Churchill ficou hospedado com a família muitas vezes e compareceu ao baile que apresentou Nica à sociedade. Outra Hannah Rothschild casou-se com Lord Rosebery, membro importante do Partido Conservador e futuro primeiro-ministro. Nenhum Rothschild do sexo masculino compareceu ao casamento, já que Hannah se casou fora da religião.

Mesmo assim, a rainha Vitória recusou as recomendações de que Lionel, bisavô de Nica, recebesse um cargo nobiliárquico. «Nobilizar um judeu é um passo ao qual *ela* não poderia aquiescer», escreveu a rainha, embora Lionel tivesse financiado habitações em áreas pobres, emprestado

dinheiro ao governo, subscrito a emissão de notas promissórias norte-americanas e estabelecido fundos de auxílio durante a época de fome na Irlanda. Lionel também garantia frequentemente os gastos do governo de Sua Majestade. A família teve de esperar mais uma geração para que Natty, filho de Lionel e avô de Nica, se tornasse o primeiro judeu a entrar na Câmara dos Lordes.

*

A Nica que conheci nos Estados Unidos havia escolhido um tipo de vida totalmente diferente. Adorava música ao vivo, uma forma de arte que se evapora assim que é criada. Tinha milhares de discos e centenas de horas de gravações piratas, mas era bastante claro que o que lhe interessava era a atuação; acima de tudo, tratava-se de estar presente, não de possuir a música numa gravação.

A casa de Nica era modesta e não tinha coisas de grande valor. Em vez de obras de Rubens, Reynolds, Van Dyck, Guardi e Boucher nas paredes, Nica tinha colado capas de discos aleatoriamente no reboco e, em vez de escadas dos fundos para que os criados circulassem sem serem vistos, havia portinholas e passadiços para os gatos. As cortinas eram puídas e a mobília, com exceção do grande piano *Steinway*, era meramente funcional. As únicas verdadeiras pistas do passado europeu de Nica – a enorme fortuna da família e o modo de vida totalmente diferente – eram o título dela, o papel de carta com monogramas, o *Bentley*, o casaco de pele e os colares de pérolas perfeitas.

Nica não tinha por costume oferecer comida aos convidados, mas as bebidas eram servidas copiosamente. Quando, certa vez, o documentarista Bruce Ricker lhe perguntou se a família lhe enviava caixas com vinhos dos Rothschild, Nica bufou, irritada, e disse «Pode acreditar que não mandam» e logo a seguir: «Tente conseguir um tostão deles a ver se consegue.» Para qualquer observador, Nica parecia ter rompido completamente com o passado.

Embora não adquirisse objetos, Nica mantinha uma tradição. A sua família, principalmente as mulheres, era bastante diligente quando se tratava de ajudar os menos favorecidos e praticar boas ações a favor da comunidade local. Por exemplo, em Whitechapel, em Londres, os

Rothschild financiaram sinagogas, escolas e habitações modernas. Quando perceberam a importância de ter um bom par de sapatos numa entrevista de emprego, passaram a dar anualmente a todos os alunos e finalistas das escolas da família um par de botas novas. Esses atos de caridade não eram gestos de munificência altiva: Emma e as netas envolviam-se pessoalmente em vários casos.

Os empregados de Tring foram os primeiros do país a receber cuidados de saúde gratuitos. Muito antes de os grandes estabelecimentos terem os confortos modernos, todas as casas erguidas nas propriedades dos Rothschild tinham esgotos e saneamento básico. Emma, avó de Nica, fez listas com cerca de 400 causas que patrocinava, desde reparações em edifícios ao pagamento da passagem para o Canadá do carneirinho de estimação de uma família pobre de emigrantes judeus. As causas filantrópicas locais incluíam associações de bordados, grupos corais, casas de convalescença, sociedades de auxílio a grávidas e a Tring Band of United Hope. A sua nora Rozsika e as netas tinham a obrigação informal de participar. Nos feriados reais públicos, as crianças de Tring recebiam uma caneca comemorativa cheia de doces e um xelim novinho em folha. As famílias dessas crianças podiam solicitar a ajuda do clube de carvão de Emma no inverno ou um subsídio de desemprego. Pagando uma pequena taxa, todos os habitantes locais tinham acesso a cuidados médicos e enfermeiras. Todas as famílias tinham direito a um terreno. Nas palavras de um funcionário, «trabalhar em Tring Park era como ter um seguro desde o berço até ao túmulo».

Nica levou essa tradição para Nova Iorque; se visse uma pessoa ou um animal a passar necessidade, tentava ajudar. Enquanto a avó Emma era sistemática nos seus atos de caridade, Nica era em grande parte impulsiva. Toot, filho de Thelonious Monk que na infância passou muito tempo com Nica, ficava maravilhado com a generosidade dela. «Nem sei dizer quantas ações de caridade ela praticou para salvar a vida dos músicos de todas as maneiras possíveis», disse-me ele. «Fosse ir a uma loja de penhores para reaver o instrumento de um tipo, ou fazer compras porque alguém não tinha comida, ou ir a uma imobiliária pagar uma renda por a pessoa estar prestes a ser posta na rua, ou visitar alguém no hospital porque a pessoa não tinha ninguém para a ir ver. Ou ajudar alguém com comida porque a namorada acabara de ter um bebé. Em todos os aspetos

da vida humana, eu via que os músicos contavam com a Nica e ela os ajudava: ela era o Pai Natal e a Madre Teresa numa pessoa só.»

Nica não considerava o seu comportamento como heroico nem como parte da tradição da família. Disse-me: «Eu só via muita gente a precisar de ajuda.» As suas tentativas de ajudar às vezes saíam pela culatra. «Até me tornei agente», contou ela a Max Gordon, dono do clube Village Vanguard. «Acredites ou não, assumi o cargo de agente de uma banda de jazz: Art Blakey and the Jazz Messengers. Imagina! Achei que isso talvez ajudasse o Art e os músicos a arranjar emprego. Eu! Agente de uma banda! Foi um desastre.» Talvez lembrando a regra da avó de comprar sapatos novos para as crianças ou dar a um homem à procura de emprego uma roupa decente para usar em entrevistas, Nica comprou seis *smokings* azuis iguais para os Messengers. «Achei que isso os ajudaria a arranjar emprego. Estava doida.»

Quando Nica nasceu, já surgiam fendas na fachada da dinastia Rothschild e a tensão entre os primos aumentava. A ambição predominante de ganhar dinheiro havia arrefecido. Em vez disso, a família queria ter experiências mais amplas, fundir-se com a sociedade britânica e desfrutar dos espólios do sucesso. O papel das mulheres Rothschild ficou menos definido; nos séculos XVIII e XIX, elas eram submissas, parceiras indispensáveis, mas, no início do século XX, tiveram tanto êxito na integração dos pais e dos filhos na estrutura da sociedade britânica, que a sua importância diminuiu subtilmente. A geração mais jovem de homens, como Walter e o seu irmão Charles, não tinha exatamente vocação para a vida de banqueiro. Durante várias gerações, não houve um Rothschild britânico com tino significativo para os negócios. O imperativo de ter sucesso no mundo dos negócios hibernou durante várias décadas.

Menos de um ano depois do nascimento de Nica, foi declarada a Primeira Guerra Mundial. Muitos dos criados e funcionários das residências foram chamados ao exército e acabaram por morrer em terras estrangeiras. Os homens da família, levados pelo ânimo patriota, alistaram-se. Os primos de Nica uniram-se à Infantaria Ligeira do Buckinghamshire. Evelyn morreu em fevereiro de 1917, durante uma carga da cavalaria contra os turcos. O seu irmão Anthony lutou em

Galípoli, mas sobreviveu. Felizmente, os primos britânicos não precisaram de lutar contra os seus parentes franceses ou austríacos. Charles foi recusado para o serviço militar: tinha a aptidão física necessária, mas havia dúvidas quanto à sua saúde mental.

A morte de Natty, avô de Nica, a 31 de março de 1915, marcou o fim de uma era. Centenas de pessoas acompanharam o cortejo do seu funeral de Hyde Park a Willesden, com uma carruagem negra puxada por quatro cavalos emplumados. Em Tring Park, a sua viúva Emma tentou manter os padrões anteriores da vida dos netos: num isolamento cheio de esplendor, Nica e os irmãos passaram em grande parte incólumes pelos tumultuosos acontecimentos que se desenrolavam para lá da ala das crianças. Todavia, o seu mundo ruiria daí a poucos anos com a morte repentina e inexplicável do seu querido pai, Charles.

A BORBOLETA E O BLUES

Certa tarde, no começo da primavera de 1998, em Ashton, Miriam, irmã de Nica, conversou comigo sobre a depressão do pai. Foi categórica quanto à causa. Dizia ter provas científicas de que fora a tradição de procriação consanguínea da família a causa da debilitação da saúde mental dele. Era uma doença degenerativa, explicou-me Miriam, e, à medida que Charles foi envelhecendo, os intervalos entre as recorrentes crises de depressão diminuíram.

Havia períodos em que o pai desaparecia durante meses para um sanatório na Suíça. Quando a guerra terminou, uma epidemia de gripe espanhola conduziu à morte mais 50 milhões de pessoas. Charles foi infetado, mas conseguiu vencer o vírus; mesmo assim, a doença deixou-o fisicamente debilitado e ainda menos capaz de enfrentar a vida.

A família não poupou esforços na busca desesperada de um meio de ajudar Charles. Apesar da sua incrível influência e astúcia, todos se sentiam perdidos. Os Rothschild ocupavam finalmente uma posição de riqueza e poder, mas não sabiam o que fazer naquela batalha contra um inimigo sem rosto. Quando receberam a notícia da «cura pela fala», promovida por um homem chamado Freud, em Viena, os primos austríacos foram enviados ao psiquiatra para pedir orientação. Outros parentes e conselheiros sugeriram diferentes drogas e sanatórios. Não era incomum procurar-se ajuda na Suíça: T. S. Eliot e Max Linder também lá foram em busca de alívio da sua depressão e crises nervosas. Nos arquivos da família, encontrei uma carta escrita por Jordan, acompanhante de Charles, enviada de Fusio a 25 de julho de 1917; portanto, é provável que Charles, tal como o escritor alemão Hermann Hesse, tenha sido tratado

pelo Dr. Joseph Lang, protegido de Carl Jung. Quis muito saber porque é que escolheram os métodos místicos de Jung e não os do seu rival, Sigmund Freud. Miriam disse-me que, por altura da morte, a sua avó Emma andava a ler as obras completas de Freud.

A doença de Charles coincidiu com os falecimentos sequenciais dos Rothschild mais velhos. Entre 1905 e 1917, a geração que havia dominado as finanças dos Rothschild desde 1875 faleceu, por doenças e debilidades. Esperava-se que Charles administrasse a filial britânica, modernizasse as práticas do banco e liderasse os judeus na Grã-Bretanha. Mas tudo o que ele queria era estudar História Natural e passar tempo com a família.

Em dezembro de 1919, Rozsika, mãe de Nica, acordou os filhos cedo para lhes dar a melhor notícia do mundo, um presente antecipado de Natal: o pai estava a voltar para casa. A alegria na ala das crianças era palpável. Embora a propriedade estivesse coberta por uma grossa camada de neve, Charles ajudá-los-ia sem dúvida a caçar borboletas e a tocar música. Voltariam as piadas e as brincadeiras. Voltaria a ficar tudo bem, como antes da guerra, antes de o pai ter de ir embora. As crianças organizaram uma exposição de todos os insetos que capturaram durante o verão. Uma onda de calor extremo em setembro deixou as sebes e o jardim a zunir de tantos insetos.

Na manhã do regresso do pai, as crianças vestiram as melhores roupas e ficaram à espera na entrada. Com apenas seis anos, Nica estava animadíssima; mal conhecia o pai e queria mostrar-lhe todas as coisas que aprendera na sua ausência. Charles chegou de carro, do qual desceu com ajuda de Rozsika e de uma enfermeira. Caminhava lentamente e mancava. Souberam mais tarde que uma enfermeira tinha, por acidente, derramado água a ferver sobre o pé dele. As crianças não se importaram e correram para o abraçar. Rozsika ergueu a mão, pedindo que ficassem longe. As crianças pararam, mas mal conseguiam conter o entusiasmo. Miriam, a líder, gritou: «Olá, pai!» Mas Charles nem olhou para elas. Era como se fossem invisíveis. Passou pelas crianças, cambaleante, depois pela árvore de Natal e entrou no seu escritório.

«E, no que me toca, esse foi o fim da história, porque daí em diante o meu pai enlouqueceu», disse-me Miriam, as memórias ainda frescas quase 80 anos depois. «Coitada da minha mãe. Ela adorava o meu pai. O homem

com quem se tinha casado desapareceu e ela ficou com um louco em casa.»

Embora a doença de Charles não seguisse nenhum padrão, os sintomas lembram um tipo de esquizofrenia, com altos e baixos repentinos, da calma à mania. Às vezes, Charles mostrava-se doce e gentil, mas, momentos depois, ficava distante e irascível. Tinha acessos de ostentação extrema e generosidade compulsiva em que tentava dar todas as suas posses à primeira pessoa que visse. Passava vários dias sem dormir, a andar pela casa, fitando o vazio. Depois, desabava e adormecia durante o almoço. Ficava obcecado por algum assunto e, com ele na cabeça, falava insistentemente com quem quer que se dispusesse a ouvir. Tanto as crianças quanto os criados morriam de medo de serem envolvidos na sua mania.

Walter, irmão de Charles, e Emma, sua mãe, tentaram fingir que nada se passava; Walter mergulhou nas suas pesquisas e Emma na administração das residências. Era uma situação quase intolerável para Rozsika, que não tinha muitos amigos nem um papel definido em Tring, e não fazia a menor ideia de como a vida britânica funcionava. Os pais dela morreram durante a Primeira Guerra Mundial e os irmãos estavam presos do outro lado da Europa. Num raro momento de terna lucidez, Charles escreveu à mulher: «Queria que tu e eu não tivéssemos passado por isto; lamento muito que tenhamos vivido para ver isto acontecer.» Não estava claro se falava da doença ou da guerra.

Em 1923, Rozsika decidiu levar a família para Ashton Wold, na esperança de que o início da primavera despertasse a natureza e melhorasse o humor do marido. Charles adorava a abundância de insetos e as borboletas raras do jardim. Nos dias bons, ficava a ver os filhos brincar e, durante um breve período, o seu ânimo melhorava. De repente a casa ficava cheia de otimismo, mas o momento passava depressa. Naquele ano, à medida que o verão foi cedendo espaço ao outono, o humor de Charles piorou.

Setenta e cinco anos depois, Miriam e eu estávamos sentadas perto da lareira, na sala de estar dela, em Ashton Wold. Eu tinha posto a câmara de filmar de frente para a cadeira de rodas dela e sentei-me ao lado do aparelho. O que ouvi depois foi tão chocante e inesperado, que fiquei petrificada, incapaz de me mover, na hora seguinte.

– Certa tarde, o meu pai foi à casa de banho e trancou a porta. Depois, pegou numa faca e cortou a garganta – disse-me Miriam.

Embora soubesse do suicídio de Charles, não sabia de nenhum pormenor. A fria descrição dos factos feita pela minha tia-avó foi mais comovente do que se ela tivesse chorado ou mostrado um laivo de autocomiseração.

Ficámos alguns minutos sentadas em silêncio enquanto eu pensava em qualquer coisa para dizer, ou se devia sequer dizer alguma coisa. Finalmente, perguntei:

– Alguma vez conversaram sobre o assunto depois, em família?

– Não, nunca.

Miriam falou durante tanto tempo, que a luz do dia desaparecera e o lume já se apagara. Mudei a cassete da máquina de filmar. Miriam esticou a mão para pegar na caneca de chá, que entretanto devia estar bem frio. Perguntei-lhe se queria mais. Numa mesa de apoio, uma velinha ainda tremelicava sob o bule de prata do chá. Fiz menção de me levantar e ir buscar chá mais quente. Miriam fez um gesto para que eu me voltasse a sentar. Não queria ser interrompida.

– Nunca me vou esquecer do encontro entre a minha mãe e minha avó depois do que aconteceu – continuou. – Entrámos no vestíbulo de Tring e a minha avó apareceu no topo da escadaria e limitou-se a olhar para nós. A minha mãe não aguentou e fugiu.

As crianças não foram informadas da causa da morte do pai. Os criados foram proibidos de discutir o assunto e todos os jornais enviados para a casa eram retidos. Recentemente, encontrei a seguinte notícia no *Times* de 16 de outubro de 1923: «O presumível herdeiro do atual Lord Rothschild foi encontrado morto na sua residência de Ashton Wold na sexta-feira. No sábado, um inquérito declarou que fora encontrado com a garganta cortada na casa de banho. ‘As informações são de que estava mal de saúde e sofria de depressão, mas, ao que sabemos, não tinha motivos para desesperar’.» Li a última frase diversas vezes: «Não tinha motivos para desesperar.» Percebi que Charles também sofrera a pressão da culpa; afinal, não fora capaz de sentir alegria com a vida perfeita que tinha.

Para os Rothschild, a morte dele foi uma catástrofe inimaginável. Tiveram de enfrentar a perda de um filho, primo, irmão e pai amado, mas

também o terror de ter perdido o líder da linhagem britânica da família. A morte de Charles deixou um vazio e um terrível sentimento de vergonha.

Em 1923, o suicídio era ilegal, uma afronta à lei, à sociedade e à monarquia. Miriam, Nica, Victor e Liberty tiveram de suportar o silêncio quase universal por uns anos, sem saber da natureza da doença do pai, seguido da dificuldade, anos depois, de descobrir as circunstâncias da morte dele.

O suicídio deixa atrás de si um turbilhão de confusão, raiva, culpa, tristeza e sentimento de perda. O suicida escapa, mas os que continuam vivos são lançados numa escuridão perpétua, com perguntas sem resposta, medos sem solução. Paira sempre o pensamento fortuito de que o suicídio não teria acontecido se algo tivesse sido feito de modo diferente. Os sobreviventes lutam contra o desejo completamente inútil de tentar voltar ao passado, agarrar a pessoa, abraçá-la e convencê-la a não se matar. As crianças sentem tudo isto sem ter os conhecimentos e a experiência necessários para as orientar. Não é difícil imaginar o impacto devastador que isso tem sobre uma criança, principalmente quando não há ninguém que confirme, negue ou a ajude a interpretar os medos. Nica e os irmãos não só não tinham essa pessoa como também viviam com o medo constante de que a mesma coisa pudesse acontecer à mãe ou a outras pessoas que amavam. E havia outro medo constante: será que nos pode acontecer a nós? Será que a mente pode dar um pequeno passo e cair no abismo, um passo que podemos dar a qualquer momento?

Em que se transforma essa criança na vida adulta? Será que apresentam distúrbios de ansiedade ou características de comportamento comuns? Os relatórios médicos e psiquiátricos sobre o assunto são inconclusivos e, ao mesmo tempo, abarcam tudo: os filhos de um suicida apresentam uma série de sintomas, desde medo de intimidade a tendências suicidas, passando pela propensão ao vício. Todas as crianças sofrem algum tipo de trauma em alguma fase, mas, como diz Alice Miller de modo tão sucinto, «não é o trauma que sofremos na infância que nos deixa emocionalmente doentes, mas sim a incapacidade de expressar esse trauma». Como Nica e as irmãs não tinham ninguém com quem partilhar a sua infelicidade, foi-

lhes difícil passarem, sozinhas e em silêncio, pelo processo de intensa tristeza provocada pela perda do pai.

Nica percebeu desde tenra idade que uma pessoa reprimir as próprias necessidades e a sua vitalidade natural leva a formas terríveis de autodestruição. Esse foi um dos motivos por que, mais tarde, se recusou a ficar presa a uma vida infeliz. E ajuda a explicar porque é que, muitos anos depois, arriscou a própria felicidade para que Monk não fosse para a cadeia e lutou o máximo que pôde para que ele vivesse os últimos anos longe das exigências da vida pública.

Seguindo a religião judaica, Charles foi enterrado em 24 horas. Só membros da família e pessoas próximas que fossem do sexo masculino tiveram permissão para comparecer ao funeral. As mulheres e as crianças ficaram em casa.

Dois anos depois do suicídio de Charles, Victor, com 15 anos, ligou para Miriam da Harrow School, pedindo-lhe que o fosse visitar com urgência. Ela pegou no carro e foi imediatamente. «O Victor estava extremamente infeliz e disse-me que alguns miúdos troçavam dele, dizendo que o pai se tinha matado e que só loucos ou presidiários faziam isso.» Miriam, que tinha 17 anos, já havia adotado o papel de protetora da família. Acalmou o irmão, dizendo que tudo aquilo era mentira, prometendo resolver a confusão e, ao mesmo tempo, confirmando a Victor que o pai não fora nem louco, nem criminoso. Voltou a correr para Tring Park e confrontou a mãe, querendo saber a verdade. Rozsika, disse-me Miriam, «não levantou os olhos da mesa». Sem pestanejar, disse à filha: «Era algo que suspeitávamos há algum tempo que fosse acontecer.» Depois disso, o assunto morreu. A mãe nunca mais quis falar dele.

De acordo com a tradição da família, Charles deixou todos os bens (avaliados em 2 250 000 libras) ao único filho, Victor. Deixou a cada filha cinco mil libras – 0,2 por cento da herança do irmão. Apesar de não ter educação formal em finanças, Rozsika assumiu a gerência das propriedades que pertenciam ao marido e ao cunhado Walter, assim como a herança dos filhos. O jeito dela para os negócios era tanto que, no fim da vida, já tinha duplicado os bens do filho. No entanto, nesse processo, a mulher que foi uma alegre e bonita patinadora que saltava sobre barris tornou-se uma senhora feudal arredia e impiedosa; afinal, era necessário. Emma, sogra de Rozsika, antes extremamente ativa, ficou arrasada com a

perda do marido e depois do amado filho. Walter, desolado, foi-se tornando mais excêntrico e escondendo-se cada vez mais no seu museu.

As cartas para os amigos mostram que Rozsika tinha outro grande problema, a saúde da sua segunda filha e irmã de Nica, Liberty. Desde cedo que Liberty era fisicamente sensível e parecia contrair qualquer doença. Era tão sensível, emocionalmente, que, ao menor problema, mergulhava num profundo desespero. Um pássaro com a asa partida, um cavalo manco ou uma mudança na rotina afetavam-na profundamente. Num grupo de cartas endereçadas a um amigo da família, as preocupações de Rozsika com a frágil filha pairam em cada página. «Ela parece tão frágil. Ando sempre preocupada com ela, sempre.» Nos breves períodos em que estava saudável, Liberty dava grandes esperanças quanto ao seu futuro. As pinturas dela ganharam a medalha de ouro numa exposição de verão da Academia Real e, aos 12 anos, recebeu a proposta de dar concertos de piano, a solo, em Londres. Tentando manter Liberty equilibrada, Rozsika dividia o tempo entre os cuidados com a segunda filha e as finanças dos filhos. Com Victor em Harrow e Miriam em Londres, Nica ficava frequentemente sozinha.

Como era a mais nova, Nica, até aos 16 anos, comia muitas vezes sozinha na ala reservada às crianças, enquanto a ama e a governanta desciam para o festivo e barulhento salão dos criados. Quando finalmente teve autorização para se juntar à mãe e aos irmãos na sala de jantar, Nica teve de se habituar a outras regras. Um lacaios de uniforme, com luvas brancas imaculadas, ficava atrás da sua cadeira. O prato dourado, estampado com a insígnia da família, era ladeado por várias facas, garfos e colheres para cada parte da refeição. Durante a interminável refeição, esperava-se que ficasse sentada com as costas eretas, olhando para a frente, com as mãos no colo, e limpasse a boca com batidinhas do guardanapo pesado e monogramado de linho branco.

O exemplo mais perfeito desse tipo de vida pode ser visto atualmente em Waddesdon Manor, agora propriedade do National Trust e aberta ao público. A casa foi perfeitamente preservada para capturar a atmosfera da infância de Nica. Hoje em dia, há cordas vermelhas para evitar que os visitantes pisem os tapetes caríssimos ou toquem nalguma porcelana. Todavia, mesmo durante a infância de Nica, as cortinas ficavam fechadas para proteger da luz as obras de arte, e era proibido correr por entre as

porcelanas de Sèvres, os ovos *Fabergé* delicadamente preservados e os objetos do século XVIII folheados a ouro. A luz do dia era bloqueada por camadas de seda e damasco bordado. Os pesados painéis franceses e espécimes perfeitos e raros de tapetes *Savonnerie* amorteciam o som ambiente.

Tring, assim como Waddesdon, era bonita, mas completamente sufocante, o que talvez explique porque é que mais tarde Nica demonstrou tão pouco interesse por posses ou formalidades. Nos armários da cozinha dela, não havia muito mais do que comida para gato e um ou outro biscoito. Não havia serviços de jantar nem de prata, nenhuma tentativa de aprender a cozinhar. Tring Park, e mesmo Ashton Wold, apesar de toda a beleza e conforto, representavam mais lugares dos quais ela sentia que precisava de fugir do que um lar.

 Unlocked%202_Page_091_Image_0001.tiff

© Rothschild Archive

Vestíbulo de Tring.

A MAIS PURA PERFEIÇÃO PRÉ-GUERRA

Embora Nica fosse da primeira geração de inglesas emancipadas, ainda se esperava que as jovens de boa estirpe se comportassem como o sexo mais frágil e submisso. A submissão, a modéstia e a humildade eram os atributos femininos exigidos. A alta sociedade inglesa era tão pequena e introspetiva que toda a gente sabia o que toda a gente fazia. Se os acontecimentos não estivessem listados no *Times* ou fossem transmitidos pela rede de criados, os mexericos corriam pelos campos de caça e salas de estar. Nica já tinha reputação de miúda endiabrada antes mesmo de entrar num salão de dança. Barbara, mãe do meu pai, que costumava ficar em Tring Park, escrevia diários. Em 1929, escreveu: «Casa vermelha incrível com amplas janelas de vidro. No interior, mobília amarela nos quartos, laços azuis na minha cama e muito poucas casas de banho. A maravilhosa Lady Rothschild com a sua querida cara de bruxa e o tio Wally com esparguete na barba e o seu ar de cão da casa. A irmã Nica, gordinha e animada.»

Em 1929, aos 16 anos, Nica saiu a correr da ala das crianças. Finalmente autorizada a ficar acordada depois das nove da noite, decidiu que dormir era perda de tempo e mudou o seu horário do dia para a noite. O livro de visitas de Tring Park mostra que a casa andava cheia de gente quase todos os fins de semana. Entre as duas e as cinco da manhã, depois de os adultos mais chatos irem para a cama e antes de os criados acordarem, os jovens Rothschild entretinham os amigos com garrafas do vinho da família e discos de *jazz*. «A gente chamava-lhe ‘escapulirmo-nos

pelos corredores'», explicou-me a minha avó, com uma gargalhada travessa.

Rozsika não fazia a menor ideia de como controlar a sua excêntrica filha. Distante da sua Hungria natal e das suas tradições, mal podia contar com a orientação da sogra já idosa, ou com o excêntrico Walter. Perdida num mar de regras arcanas e bastante incompreensíveis, Rozsika pediu conselhos às damas da sociedade. O primeiro conselho dado e aceite foi mandar Nica para uma escola de etiqueta em Paris. Embora parecesse um estabelecimento de respeito, na realidade a escola era «comandada por irmãs lésbicas que usavam perucas», confidenciou Nica ao crítico e escritor Nat Hentoff, num perfil para a revista *Esquire*, em 1960. Aquelas mulheres terríveis, disse Nica, «namoriscavam com as miúdas. Ensinavam-nos a usar batom e mostravam-nos alguma literatura e filosofia e, se não fôssemos das favoritas, azar. Costumavam cobrar uma fortuna para corromper aquelas meninas todas. Foi bastante revelador.»

Depois de se formar do seminário lésbico, no verão de 1930, Nica juntou-se à irmã Liberty numa grande viagem pela Europa. As jovens foram acompanhadas por uma governanta, um motorista e uma criada. A rede de primos por parte do pai e da mãe significava que a presença das irmãs era sempre requisitada. Em França, ficaram no magnífico Château Ferrière. Na Áustria, Nica dançou valsa nos bailes e cavalgou magníficos cavalos *Lipizzaner* na Escola de Equitação Espanhola. Em Viena, envolveu-se no seu primeiro escândalo internacional, embora a culpa não fosse, pelo menos dessa vez, sua. Na esperança de recuperar a fortuna da família, uma condessa oportunista que caíra na miséria anunciou que o filho e Pannonica Rothschild estavam noivos. Não havia grande base para esse romance, exceto o amor pela equitação. A má sorte da condessa foi que Rozsika, que lia todos os jornais estrangeiros, viu o anúncio e publicou imediatamente um retumbante desmentido.

Em Munique, as duas irmãs tiraram um curso de pintura. «Foi durante a ascensão de Hitler, mas não tínhamos noção do que se passava até finalmente percebermos que as pessoas que eram rudes connosco eram as mesmas que sabiam que éramos judias», confidenciou Nica à revista *Esquire*. Foi um raro momento de consciência política; as irmãs eram estranhamente alheias aos acontecimentos internacionais. Outro grande incidente que, aparentemente, passou despercebido foi a queda da bolsa de

Wall Street em 1929, embora o colapso do mercado de valores e a depressão que se seguiram tivessem prejudicado profundamente a fortuna da família.

Com um rendimento imenso à sua disposição, pelo qual não precisavam de trabalhar, mas sem um homem da família que servisse de modelo, Nica e as irmãs estabeleceram as próprias regras. Os quatro filhos de Charles e Rozsika guiavam-se mais pelo sentido de direito do que pelo do dever. Miriam, Victor e Nica ocultavam a sua insegurança sob um ar de arrogância. Nenhum deles era popular ou sequer querido.

Apesar dos seus esforços, das escolas de etiqueta e dos circuitos pelas festas de Londres, Rozsika não teve sucesso na tentativa de casar as filhas. Embora muitíssimo admirada pelo seu primo Alain Rothschild, Liberty era nervosa de mais para lidar com os assuntos do coração. Miriam interessava-se mais por observar coisas através de um microscópio do que por observar rapazes. Em 1926, aos 18 anos, Miriam decidiu que não ia desperdiçar mais noites a dançar e a namoriscar e matriculou-se em segredo nas aulas noturnas da Chelsea Polytechnic. Depois de conseguir as qualificações mais básicas, arranjou um emprego pago a estudar biologia marinha em Nápoles. A família ficou perplexa e a alta sociedade da década de 1920, em choque. Porque é que alguém na posição dela escolheria um emprego em detrimento de uma vida confortável? Dominada pela determinação de completar a pesquisa iniciada pelo pai, Charles, Miriam tornou-se uma das principais naturalistas da Grã-Bretanha e especialista internacional em pulgas, borboletas e comunicações químicas. Sem as credenciais adequadas para garantir um lugar na universidade, acabou por receber oito doutoramentos honorários, da Universidade de Oxford em 1968 à de Cambridge em 1999, bem como o cargo de *fellow* da Royal Society em 1985; mais tarde, foi condecorada Dama do Império Britânico.

Assim, Miriam mostrou a uma geração de mulheres jovens, inclusive Nica, que havia alternativas na vida, que as suas paixões podiam transformar-se numa carreira. Quando Nica saiu da ala das crianças, Miriam já estava adiantada nos estudos. Depois do seu estágio em Nápoles, passou os anos entre as guerras a desenvolver um alimento para galinhas feito de algas em vez de grãos. No entanto, a inspiração do seu trabalho continuou a ser a pesquisa inacabada do pai com borboletas e

pulgas. Miriam tornou-se a dedicada filha mais velha que permanece em casa, trabalha diligentemente e mantém acesa a chama da memória dos pais.

Sem o envolvimento, o incentivo e as memórias de Miriam, este livro não teria sido escrito, mas as conquistas da vida dela e a sua personalidade contundente também ameaçaram sabotar o projeto. Miriam era tão forte, as suas lembranças tão vívidas, que a voz dela às vezes parecia sobrepor-se à de Nica. Ocasionalmente, quando eu lhe fazia perguntas sobre Nica, Miriam falava de si mesma, ou sobre a outra irmã, Liberty. Eu questionava outras pessoas sobre Nica e elas só queriam falar de Miriam. Porque é que não escreve sobre ela?, diziam-me. Ela é que foi a mais célebre, a que mais coisas conquistou.

Não sei se Nica se ressentia do facto de viver à sombra de uma irmã e de um irmão tão bem-sucedidos. Será que a decisão posterior de morar no estrangeiro foi uma tentativa de se estabelecer noutra lugar, longe da fama de ambos? Sei que uma das consequências de nascer numa família de grande sucesso é ser tratada como filha, irmã, prima, sobrinha ou mãe de alguém, em vez de uma pessoa com méritos próprios. Defendi Nica e este projeto. Talvez Nica tenha realizado algo que não se pode medir em diplomas honorários e documentos comprovativos de qualificações, algo menos público, mas ainda assim válido. As personagens secundárias, pensei, também são importantes.

 Unlocked%202_Page_096_Image_0001.tiff

© Private collection

Victor e a sua primeira mulher, Barbara (apelido de solteira: Hutchinson).

Como filha mais nova, Nica nunca sentiu a obrigação de continuar nenhuma tradição, pelo que fazia o que queira, quando bem entendia. Liberty, no entanto, nunca aproveitou o seu enorme potencial, permanecendo incapacitada pela fragilidade psicológica pelo resto da vida.

Victor não fazia a menor intenção de deixar que a carreira no banco atrapalhasse as suas verdadeiras paixões. Desde cedo que, no papel de

filho e herdeiro tão desejado, foi mimado e criado para acreditar que a sua vontade era onnipotente. Quando, ainda muito pequeno, achou que o fogo era divertido, a mãe instruiu um criado a andar para lá e para cá, à frente do carrinho de Victor, a acender fósforos. Na escola, quando ficava entediado com as lições, Victor tinha permissão para se baldar e se concentrar no críquete. Acabou por participar nos campeonatos regionais de críquete, pelo Northamptonshire. Miriam tornou-se sua agente e, na ausência de um pai e de uma mãe interessada, era ela quem comparecia a todos os jogos.

Em Cambridge, Victor estudou Ciências Naturais, o que estava longe de ser uma escolha surpreendente para um menino cuja primeira memória era o pai a pedir-lhe que caçasse uma *Anthocharis cardamine*. Em Cambridge, abriu-se-lhe um novo mundo: Victor percebeu o seu potencial intelectual e fundou um grupo de estudos. Embora fosse conhecido na universidade como o *playboy* que andava de *Bugatti* descapotável e colecionava primeiras edições raras, Victor toda a vida deu mais valor à competência académica do que às posses. As pessoas que realmente admirava eram cientistas, professores universitários, pensadores e intelectuais. Os seus antepassados tinham contado com os bens e a riqueza para criar um sentido de identidade; Victor, ao contrário deles, contou com a inteligência e o estar rodeado de pessoas inteligentes. A sua outra grande paixão era o *jazz*, e ele até pensou tornar-se músico profissional. Quando soube que o grande pianista de *jazz* Teddy Wilson estava a dar aulas em Londres, Victor inscreveu-se e levou a irmã Nica para observar. Anos depois, Teddy Wilson seria o bilhete de entrada de Nica na cena dos clubes noturnos de Nova Iorque.

No primeiro grupo de amigos universitários de Victor estavam dois jovens, Guy Burgess e Anthony Blunt, que o persuadiram a juntar-se a um grupo de discussão chamado os Apóstolos. Victor via-os como aliados que partilhavam o seu amor pela literatura e pela aprendizagem e o seu ódio ao fascismo. No período entre 1927 e 1937, 20 dos 26 novos membros do grupo eram socialistas de esquerda, marxistas, simpatizantes marxistas ou comunistas. Não constituía surpresa que um jovem judeu que assistia à ascensão do nazismo na Alemanha se tornasse simpatizante da esquerda.

Quando se formou em Cambridge, Victor recebeu uma menção honrosa tripla e foi eleito *fellow* do Trinity College. Durante a guerra, trabalhou no

MI6 e ganhou a Medalha George por desarmamento de bombas, dizendo que os anos que passou a copiar os acordes de Teddy Wilson e Art Tatum foram a preparação ideal para uma tarefa tão complicada.

Apesar dos seus leais serviços ao governo, quando se soube, depois da guerra, que os seus dois grandes amigos Guy Burgess e Anthony Blunt eram espiões soviéticos, e que outros dois membros dos Apóstolos também eram agentes secretos, o dedo acusatório passou a pairar sobre Victor. A suspeita durou quase toda a sua vida. Um livro dizia que ele era o «Quinto Homem». Embora se tenha vindo a saber que, na verdade, o Quinto Homem era John Cairncross, as suspeitas continuaram a assombrar Victor. A 3 de dezembro de 1986, Victor tomou a decisão incomum de publicar uma carta nos jornais britânicos dizendo: «Não sou, nem nunca fui, um agente soviético.» Mesmo quando Thatcher desmentiu as suspeitas, a maledicência continuou. Mais tarde, Victor contou ao seu biógrafo Kenneth Rose que descobrir que Blunt era agente secreto foi «devastador, um choque inacreditável».

Victor continuou a trabalhar no campo da ciência, estudando especialmente o sistema reprodutor dos ouriços-do-mar. Mais tarde, ele e Miriam tornaram-se o único par de irmãos nomeados como *fellows* da Royal Society. Miriam comentou: «claro que o meu irmão entrou na Royal Society muito antes de mim. Acredito que isso se deveu basicamente ao preconceito contra as mulheres. Eu não tinha frequentado a escola como o meu irmão – fui educada, ou deseducada, em casa. Mas acho que sempre fui uma zoóloga melhor do que ele».

Apesar das aparentes diferenças entre eles, Victor sempre cuidou da sua irmã Nica, e os dois partilhavam do amor pela música e por socializar. Nica era muito bonita, nem um pouco séria como as duas irmãs, e Victor gostava de a exhibir aos outros. Foi Victor quem a apresentou aos movimentos mais recentes do *jazz* moderno e a encorajou a aprender a pilotar aviões. Grande admirador de carros velozes, Victor ensinou Nica a conduzir e comprou-lhe um potente carro desportivo quando ela fez 18 anos. Mesmo exasperado com o estilo de vida que ela escolhera, Victor continuou a tomar conta dela e a ter para com ela gestos ocasionais de bondade, embora o meu pai, Jacob, me diga que Victor tinha dificuldade em demonstrar o mesmo tipo de afeto ou generosidade por qualquer um dos seus seis filhos.

Esperava-se que Nica se casasse com um judeu, mas faltavam pretendentes de qualidade. Depois de a enviar para a escola de etiqueta e na pomposa viagem pela Europa, Rozsika decidiu apresentar a filha à sociedade em 1932.

Esta tradição britânica anual, conhecida por «temporada», estava aberta a raparigas e rapazes de boa estirpe. Seguindo o costume que prevaleceu até 1958, Nica trajou de branco e fez uma vénia a um enorme bolo branco no baile da rainha Charlotte. Nos três meses seguintes, participou da alegre corrida conhecida como o «mercado dos casamentos». Já que só uns poucos judeus compareciam, era improvável que Nica conseguisse encontrar o seu príncipe encantado entre as centenas de jovens debutantes que eram apresentados ao rei e à rainha.

Em junho daquele ano, Nica foi formalmente apresentada ao rei Jorge V e à rainha Maria e lançada numa espiral de bailes de debutantes e festas de apresentação à sociedade. «Entrei naquele mundo e surpreendi-o com a minha presença, mas fiz as minhas vénias sem cair», contou ela a Nat Hentoff. Como já havia supervisionado as duas filhas mais velhas na temporada, Rozsika não tinha vontade de acompanhar Nica numa terceira. A tarefa de levar a jovem Rothschild a casa depois das festas coube ao azarado motorista da sua avó Emma. A prima Rosemary recorda que Nica raramente voltava para casa no horário estipulado.

A família morava na Kensington Palace Gardens, uma estrada fechada. Embora fosse fácil despistar o motorista, era bem mais difícil escalar as grades altas no escuro com um vestido de baile que ia até ao chão. Havia aproximadamente quatro bailes por semana no período em que o Parlamento estava em sessão, entre novembro e maio. Desejosa de saber mais sobre essa época, entrevistei uma contemporânea próxima de Nica, Debo, a duquesa herdeira de Devonshire (que, quando solteira, tinha o sobrenome Mitford). Assim como os Rothschild, as meninas da família

Mitford eram bastante excêntricas. Unity gostava de levar uma ratazana de estimação para as danças e Diana expunha as suas radicais opiniões políticas aos seus parceiros durante o *foxtrot*. Debo explicou que as raparigas toleravam tudo aquilo. «Era como sair para ir trabalhar», disse-me ela. «Para nós, era uma obrigação, mas era muito divertido.»

É fácil traçar o progresso de Nica pela temporada de Londres. Cada dança era mencionada no *Times*, muitas vezes acompanhada de uma descrição detalhada do que a debutante trajara e que estilista fizera o vestido. Era imprescindível usar roupas em estilo mais descontraído; havia muitos estilistas, mas poucas variações. No ano em que Nica debutou, era *de rigueur* usar punhos curtos de pele que podiam ser retirados e transformados em aquecedores de mãos. Os vestidos costumavam ser florais, adornados com pormenores em seda. As saias iam até ao joelho e eram feitas de *tweed* macio sobre crepe de seda, às vezes adornado com cintos de veludo de duas cores, retorcidos e atados com nós firmes. As roupas de Nica eram feitas em Paris por estilistas importantes, como Worth, Chanel e Dior. As joias das Rothschild, que incluíam esmeraldas do tamanho de ovos de pombos e gargantilhas com os mais belos diamantes brancos, pertenciam a Victor, mas ele emprestava-as à mulher e às irmãs nas ocasiões especiais.

Rozsika anunciou na circular da corte do *Times* que o baile de debutante da sua filha aconteceria a 22 de junho de 1931, no número 148 de Piccadilly, morada da sua sogra, Emma. A mãe do meu pai, Barbara, que à época andava a ser cortejada por Victor, irmão de Nica, descreveu a noite no seu diário:

No jantar havia três mesas, a maior para as pessoas mais velhas – presidida pela mãe da família, muito bem-vestida e deveras matriarcal, a matriarca mais jovem [Rozsika] perto do Winston [Churchill] –, a outra liderada pela futura matriarca, Miriam, e, finalmente, a mesa do Victor, para a Nica. A dança a seguir foi maravilhosa, os grandes salões cheios de ouro e candelabros, cadeiras douradas estofadas e espelhos enormes, uma grande quantidade de champanhe e gente a subir as escadas, vinda da entrada, com todas as suas joias e os seus melhores vestidos. O parque atrás da casa estava aberto. Nica foi a mais pura perfeição pré-guerra. Alguns de nós

rumámos ao Café de Madrid. Os rapazes perseguiram a Nica em Piccadilly e o Victor salvou-a.²

Miranda, irmã do meu pai, era uma das poucas Rothschild que visitavam com frequência a tia Nica em Nova Iorque. Miranda entendia as nuances da vida dos Rothschild em Inglaterra e também o que Nica procurava em Nova Iorque. «O problema de incluíres todas essas coisas da ‘alta sociedade’ no teu livro», disse-me Miranda, numa conversa recente, «é que isso faz com que a Nica e o Victor pareçam pessoas convencionais. Eles eram completamente, totalmente, excêntricos. Eram diferentes de toda a gente. O meu pai [Victor] costumava fazer esqui aquático com uma túnica de seda *Schiaparelli* e despia-se completamente sempre que lhe apetecia, onde lhe apetecia. A Nica e os irmãos só compareciam às festas para agradar à mãe.»

De acordo com Miranda, os filhos de Rozsika não tinham o menor interesse em serem aceites na alta sociedade; caso se interessassem, o futuro de todos eles, e as escolhas que fizeram, teriam sido bem diferentes. Victor era um «*snob* intelectual chatíssimo»; Nica, um tanto *snob* em assuntos musicais; mas nenhum dos dois ligava minimamente ao estatuto social das pessoas. O que é que era importante para eles?, perguntei. «Música!», respondeu-me ela. «O Victor e a Nica eram doidos por música. O Victor, que era um pianista de talento, brincava com a ideia de seguir carreira como músico de *jazz*.» Para Nica, a temporada foi o nirvana, mas não por causa dos rapazes: o que ela amava de verdade eram os músicos e a música.

O primeiro amor de Nica foi Jack Harris, norte-americano e líder de uma banda. Em cenas filmadas em 1934 no Café de Paris, em Londres, ele aparece a dançar pelo salão com o violino na mão. Oscilando levemente de um pé para o outro, Harris às vezes toca violino e canta um pouco, mas está quase sempre a retribuir os olhares das debutantes derretidas. Apesar de terem passado 55 anos desde o seu último encontro com ele, Nica disse-me que se lembrava de todos os pormenores acerca de Harris, inclusive do número de telefone, da bebida favorita dele (conhaque) e de que ele gostava de ovos estrelados com a gema mole. Não é claro se Nica perdeu a virgindade com ele, mas sabe-se que ela aproveitava todas as

oportunidades que tinha para ver o amado. Perguntei a Debo Devonshire se ficou chocada com a paixoneta de Nica. «Chocada!? Claro que não. Toda a gente se apaixonava pelos líderes das bandas. Eles eram de longe os homens mais bonitos dos salões. O homem de que eu mais gostava chamava-se Snakehips Johnson. Morreu na guerra. Uma tragédia.»

Havia frequentemente bandas de orquestra vindas dos Estados Unidos. Algumas tocavam nos bailes de debutantes; outras, nos clubes londrinos. Victor levou a irmã mais nova a Streatham Town Hall para ver Duke Ellington e Benny Goodman. Depois da estreia de *A Consagração da Primavera*, de Stravinsky, em 1913, ano de nascimento de Nica, a música mudou radicalmente. Deixou de ser uma coisa para se apreciar sentado numa cadeira dourada, ou um acompanhamento para se executarem passos perfeitamente coordenados: a música abandonara as convenções. Saía dos rádios e reverberava pelos salões de dança. A emancipação da música libertou a geração mais jovem. Agora, esta tinha finalmente algo que os pais menosprezavam e não conseguiam entender e que era gloriosamente e totalmente só dos jovens.

Na Europa e nos Estados Unidos, os músicos reagiram às mudanças sociais e políticas deixando de lado a tradição e as regras que ditavam como a música devia ser feita. Nos salões de dança, os jovens não se interessavam por um *allegro* ou um *scherzo*; queriam ritmo, algo para dançar ou cantar, algo que refletisse a nova liberdade e as novas oportunidades. E o nome desse estilo musical era *swing*. De ambos os lados do Atlântico, separados por um vasto oceano, Nica e um jovem negro que abandonou o liceu, chamado Thelonious Monk, ouviam, simultaneamente, o mesmo tipo de música. Tinham origens diferentes e as suas circunstâncias não poderiam ser mais díspares, mas a banda sonora das suas vidas era exatamente a mesma.

[2](#) Infelizmente, não existem mais pormenores.

O COMANDANTE-CHEFE

Nica já debutara há três anos quando, no verão de 1935, o irmão Victor a levou à região de Le Touquet, em França, uma sofisticada extensão da vida britânica que anunciava ser «uma atmosfera nova, num ambiente familiar». Desde que Noël Coward e os amigos deste começaram a fazer do local destino de viagens aos fins de semana, na década de 1920, passaram a comparecer naquele *resort* costeiro jovens de maior destaque, para se divertirem em corridas, jogos de apostas e festas.

Num almoço organizado por um primo Rothschild, Nica conheceu o futuro marido. Para uma jovem órfã de pai que cresceu numa casa dominada por mulheres, o barão Jules de Koenigswarter pareceu um homem dono de si e cheio de *glamour*. Jules era bonito, viúvo, judeu, dez anos mais velho do que Nica, pai de um menino e trabalhava como consultor em minas no Banque de Paris. Originária da Áustria, a família Koenigswarter morava em França há mais de um século e fazia parte do grupo cosmopolita que ia de país em país à procura de interesses comuns nos negócios, na caça e nas danças. Rozsika conhecia a família já desde jovem. Embora a família tivesse algum dinheiro, Jules precisava de trabalhar para se sustentar.

Nica ficou literalmente nas nuvens. Antes de o almoço terminar, Jules levou-a diretamente do restaurante para o aeroporto, para que os dois passeassem no seu avião *Leopard Moth*. Já nesse primeiro encontro houve pistas do padrão que a vida dos dois seguiria. Para Jules, posteriormente batizado «comandante-chefe» por Nica, a navegação precisa, os controlos de segurança, os procedimentos de manutenção e o horário dos voos eram tão importantes quanto a sensação de estar no ar. Nica admitiu, mais tarde,

que ficou entediada com a insistência de Jules em fazer meticulosos controlos de segurança antes de descolarem. Jules também devia ter percebido possíveis incompatibilidades entre os dois: Nica aprendeu a voar com Bob Wise, um saxofonista que conheceu quando dançava no Hotel Savoy. Jules ficou em choque quando descobriu que ela não tinha licença de voo e não sabia ler um mapa. Nica navegava com base nas vias férreas ou nas estradas principais. «Não havia problema, a não ser que estivesse nublado», disse-me ela.

Durante muitos anos, tentei conseguir mais informações sobre Jules. O casal separou-se muito antes de eu nascer e, depois da separação, a família Rothschild perdeu contacto com o barão. Nica descreveu o ex-marido em termos que o desmereciam: era obcecado por horários, autoritário e tinha pouco sentido de humor. Ela apaixonou-se por algo, certamente, mas o quê?

Quando soube que Jules publicara umas memórias, consegui achá-las num alfarrabista em Málaga. O título era *Savoir dire non* [*Saber Dizer Não*]. Nelas, Jules descreve-se como um rapaz irreverente e conta que foi preso pelo seu regimento por ter infringido umas regras, como receber ilegalmente uma rapariga no seu quarto à noite ou copiar os trabalhos de casa do exército. Em três ocasiões, contrariando a recomendação dos amigos, relembra, orgulhoso, que voou e aterrou sob uma forte neblina – exatamente o tipo de imprudência que criticava na esposa. Se Jules fosse inglês, teria sido um homem de classe alta que gostava de se passar por alguém extremamente cativante e sempre em busca de aventuras relativamente radicais. Sob o encanto inicial do romance, Nica escolheu ver nele um pretendente extravagante e elegante. Infelizmente, a névoa dessa paixão inicial ofuscou os traços mais presentes na personalidade de Jules.

Nos três meses seguintes, Jules cortejou a jovem herdeira pela Europa fora com a determinação de uma campanha militar. A primeira decisão dele foi pedir à mãe que convidasse Nica a passar um tempo com a família na casa de verão em Deauville. Felizmente para Jules, Rozsika aprovava os de Koenigswarter e autorizou a filha a ir, desde que ela levasse um motorista e uma criada como acompanhantes. Foi a primeira viagem que Nica fez sozinha ao estrangeiro e representou outra excitante rutura com a sua juventude cheia de restrições.

Nica levou os criados até Deauville no seu carro desportivo rebaixado e, durante dois dias, ela e Jules permaneceram no solo. E então, num impulso, decidiram voar para Salzburgo e para Viena, num claro rompimento com a etiqueta. As suas horrorizadas mães instruíram a criada e o motorista a segui-los. Sempre que os criados alcançavam o casal, os namorados entravam no *Leopard Moth* e voavam para a capital seguinte. Depois de enfrentarem todas as estradas esburacadas de Deauville a Salzburgo, de Viena a Veneza, o motorista e a criada finalmente alcançaram Nica várias semanas depois, em Monte Carlo.

Nica contou ao irmão Victor que, mais do que lhe pedir propriamente a mão, Jules instruiu-a a que se casasse com ele. Mesmo nessa fase inicial, ela já tinha dúvidas quanto à compatibilidade dos dois e pediu-lhe tempo para refletir, já que não tinha pressa de entrar na vida de casada. Mas Nica não se dava com ninguém que conhecesse Jules bem e, sem uma figura paterna para a aconselhar, decidiu às pressas que estava perdidamente apaixonada.

Em setembro de 1935, Nica fingiu que precisava de visitar Nova Iorque para se aconselhar com a irmã Liberty. Talvez o que Nica realmente quisesse fosse ir aos Estados Unidos e ouvir diretamente a música extraordinária que lhe chegava pelo rádio. No Savoy Ballroom, no Harlem, ouviria Chick Webb, Teddy Hill e o rei do *swing*, Benny Goodman. Estava ansiosa por ver as duas novas estrelas das gravações, Ella Fitzgerald e Billie Holiday, que se apresentavam com o professor de Victor, Teddy Wilson. As fronteiras das artes norte-americanas estavam em expansão. Naquele mesmo ano, 1935, estreou a ópera de Gershwin *Porgy and Bess*, que escandalizou a alta sociedade, por mostrar a vida dos negros norte-americanos pobres. O Museu de Arte Moderna de Nova Iorque causou controvérsia e certa perplexidade ao montar uma exposição chamada «A Arte do Negro Africano». Na literatura, William Faulkner, John Steinbeck e F. Scott Fitzgerald estavam no topo das listas dos críticos, enquanto uma nova geração de pintores, entre eles Arshile Gorky, Willem de Kooning e Jackson Pollock, conquistavam o seu lugar ao sol na costa leste. A Europa, em contraste, parecia anacrónica, cansada. A Inglaterra celebrava o Jubileu de Prata do rei Jorge V e a Academia Real montava uma exposição de pinturas francesas.

Para Nica, essa visita a Nova Iorque seria a primeira vez, mas não a última, em que ela buscaria refúgio na metrópole. A viagem de duas semanas pelo Atlântico foi a primeira experiência que a herdeira teve de estar sozinha. Depressa percebeu que havia subestimado a determinação de Jules. Mesmo com Nica a bordo do *SS Normandie*, oscilando entre duas costas marítimas, Jules bombardeava-a com flores e telegramas. Com apenas 21 anos, Nica não foi capaz de se esquivar desse violento ataque de romantismo. Antes de chegar a Nova Iorque, já estava noiva. Jules comprou o primeiro bilhete para os Estados Unidos, determinado a não deixar a noiva escapar.

O casamento ocorreu na capela do Manhattan Municipal Building, a 15 de outubro de 1935. Liberty foi a única representante da família e a principal dama de honor. Nica já era notícia. O acontecimento foi anunciado no *New York Times* sob a manchete «Miss Rothschild Casa-se». Dedicaram quatro parágrafos à história da família Rothschild, e o último, mais curto, ao marido de Nica, que foi descrito como engenheiro de minas, admirador da aviação e membro de diversos clubes franceses dignos de nota. O presente de casamento de Victor à irmã foi um avião, mas, nos anos subsequentes, Nica mal teve tempo de o pilotar.

Rozsika ficou satisfeita: pelo menos uma filha estava casada. Mas agora enfrentava um problema mais sério. A família esperava que enviar Liberty para Nova Iorque fosse como um bálsamo, que a viagem lhe desse a oportunidade de se afastar dos problemas da família. Como a paixão de Liberty era a pintura, Rozsika conseguiu que ela tivesse aulas com uma artista de talento, Maria de Kammerer, uma húngara que a família de Rozsika conhecia. Tanto Liberty quanto Victor posaram para Kammerer, e os seus retratos integraram uma exposição em Nova Iorque em 1936. Durante muitos anos, tentei, sem sucesso, encontrar esse retrato de Liberty; é uma pena que restem poucas imagens dela que não sejam da infância.

Infelizmente para Liberty, a mudança para Nova Iorque foi apenas geográfica; o estado mental dela ficou ainda pior. Liberty, a filha mais doente, transformara-se numa adulta muito nervosa cujo frágil equilíbrio era abalado pelos menores acontecimentos. Miriam tinha a certeza de que, como o pai Charles, Liberty havia herdado a «melancolia» da família. Há poucas informações sobre a enfermidade de Liberty: o juramento de

Hipócrates calava os médicos e Miriam queimou todos os registos hospitalares.

Logo depois de Nica voltar da lua de mel, Liberty sofreu um grande colapso nervoso. Durante um sofisticado jantar em Nova Iorque, deixou os outros convidados chocados ao preferir alimentar-se da decoração da mesa – rosas – à comida. Depois disso, Liberty foi mandada para casa, Tring, e ficou sob os cuidados de um hospital privado, sob a orientação de um amigo da família, o Dr. Freudenberger, psiquiatra.

*

Nica havia saído do casulo que era a ala das crianças em Tring, aberto as asas húmidas e opacas e alçado voo. Mas foi uma independência limitada. Saiu da vida restrita em família e passou para o controlo do marido. Fisicamente, a sua cintura estreita era mantida por um espartilho apertadíssimo. A sociedade ditava o tamanho das suas saias e o corte do casaco. O comportamento dela era controlado por uma miríade de regras, do que devia e não devia fazer, necessárias para uma jovem casada na década de 1930.

A primeira indicação de que havia problemas no casamento vem das memórias de Jules. Nica nunca é mencionada pelo nome, nem durante a lua de mel, e é citada apenas duas vezes como «minha esposa».

O casal foi de Nova Iorque para Los Angeles atravessando o Panamá. De lá, apanharam um navio da OSK rumo ao Extremo Oriente. Quando Nica ficou doente durante a longa viagem, o médico japonês do navio ficou tão nervoso por cuidar de uma mulher importante, com título nobre, que passou a maior parte da consulta a fazer vénias e se esqueceu de prescrever um medicamento.

Em Pequim, os dois fumaram ópio deitados em almofadas duras enquanto uma bela gueixa lhes punha pequenas bolinhas do narcótico nos cachimbos. Alugaram um avião e sobrevoaram as áreas devastadas pela cheia do rio Amarelo, de onde podiam ver claramente, mas sem poder ajudar, as famílias desabrigadas que lhes acenavam desesperadas, à espera de resgate. Continuando a viagem, Jules e Nica quase morreram quando o avião aterrou à pressa numa área remota. Finalmente conseguiram apanhar boleia num camião de gado até um vilarejo próximo, que tinha um hotel

decadente onde os únicos outros hóspedes eram baratas gigantes. Sobreviveram à base de chocolate e uísque. Voltando à civilização, foram para o Japão, onde Jules ganhou uma aposta de beber saquê contra um magnata dos jornais e comprou uma arma num mercado. Em Kobe, visitaram uma loja de brinquedos sexuais, compraram *sex toys* musicais para mandar aos amigos e à família. Os funcionários da alfândega, indignados, infelizmente confiscaram os pacotes. Quando foi indagado a respeito do pacote, Victor Rothschild negou conhecer alguém chamado Koenigswarter e acrescentou que não fazia a menor ideia de porque é que alguém lhe enviaria itens tão chocantes.

Apesar de todas as aventuras na lua de mel, Nica não se sentia à vontade. O marido planeava tudo compulsivamente e não deixava nada ao acaso. A viagem pelo mundo, que havia durado meses, foi uma decepção para Nica porque, como disse a Nat Hentoff, o marido «tinha sempre tudo planejado, e fazer isso na minha companhia não é fácil. Todas as nossas horas eram planejadas, desde o momento em que chegávamos de manhã até à hora em que saíamos para o lugar seguinte, e a consequência disso era que nunca víamos nada de interessante». Nica começava a perceber que tinha saído de uma gaiola para entrar noutra.

YOU'RE THE TOP ³

Depois de voltar da lua de mel, Jules e Nica instalaram-se em Paris enquanto procuravam uma casa de campo nas redondezas. Para qualquer amante do *jazz*, a cidade era um paraíso conhecido como «Harlem em Montmartre». Depois da Primeira Guerra Mundial, um pelotão de soldados negros norte-americanos, conhecidos por algumas pessoas como os Harlem Hell Fighters, ficaram tão apaixonados pela prática de liberdade, igualdade e fraternidade em França que resolveram ficar por lá. Como combatentes, os chamados Hell Fighters foram a unidade norte-americana mais condecorada na Grande Guerra. Em tempos de paz, supriram a grande demanda de músicos negros nas bandas dos pequenos clubes noturnos de Montmartre. Depressa se começou a formar na margem direita do Sena uma comunidade de negros constituída basicamente de músicos ambulantes, todos jovens e solteiros. Um marco importante foi a criação do Hot Club de França, um quinteto formado por um encontro casual entre Django Reinhardt e Stéphane Grappelli. Embora os fundadores do grupo fossem brancos, surgiram Hot Clubs semelhantes de todas as nacionalidades, credos e cores.

Paris tornou-se paragem obrigatória nas digressões de todos os músicos famosos, o que deu a Nica a oportunidade de ouvir Coleman Hawkins, Dizzy Gillespie, Charlie Parker e Duke Ellington, entre outros. Uma das poucas pessoas que ela não terá visto foi Thelonious Monk, que preferia ficar mais perto da sua conhecida Nova Iorque e que, na altura, andava à procura de uma banda com que tocar.

Nica ficou mais próxima dos seus primos franceses e encontrava-os nas corridas em Deauville ou Longchamp, onde eles adoravam misturar estilo e desporto. Havia uma grande competição entre os dois ramos da família; Édouard de Rothschild ganhou o Prix de l'Arc de Triomphe em 1934 e 1938, e a herança de Hannah de Rothschild, prima de Nica, financiou o seu marido Lord Rosebery nessa corrida de cavalos nada menos que quatro vezes, entre 1894 e 1944.

E então, no final de 1935, Nica ficou grávida. Tinha 23 anos e realizava o desejo da família. Nenhuma das irmãs estava casada e parecia que a volúvel Nica havia sido domada. Como muitas mães, quis dar à luz em casa, pelo que o casal voltou para Londres. Patrick nasceu em julho, e em agosto o jornal *Express* fotografou o casal numa pista de aviação privada no Sul de Londres. A legenda dizia: «Ao que parece, Patrick, com um mês de idade, já demonstra gosto pela aviação. Foi-se embora ontem, com a mãe, para o continente.»

Embora algumas das opções de Nica ficassem limitadas pelo casamento e pela maternidade, o estilo de vida anterior só chegou ao fim pelas mãos do seu irmão Victor. Depois da morte do tio Walter em 1937, Victor decidiu vender a enorme coleção da família que havia herdado. Isso incluía Tring Park, o que havia dentro dessa residência e a casa da avó Emma, no número 147 de Piccadilly. A mulher dele era da família Strachey e peça importante no grupo de Bloomsbury; a mãe dela, Mary, era amiga de Matisse e de T. S. Eliot. Sem apreço particular por tesouros do século XVIII ou os infinitos objetos de prata ou Sèvres, Barbara persuadiu o marido a colecionar livros e arte contemporânea.

Os membros da família ficaram perplexos e perturbados com o descarte brutal da herança. Como podia ele desfazer-se de coleções que levaram tantos anos a serem criadas, que significaram tanto para as gerações anteriores? Uma explicação é que Victor preferia o dinheiro à responsabilidade da posse. Outra é a ambivalência de Victor quanto à sua pertença à família Rothschild: ele queria ser reconhecido como cientista e intelectual, mas o apelido e a herança atrapalhavam. «Quando as pessoas me conhecem pela primeira vez», disse ele a Bernard Levin, numa entrevista à BBC, «imaginam logo que moro numa casa onde sai ouro das

torneiras.» Depois de Cambridge, tornou-se socialista e mais tarde ocupou um lugar no lado dos trabalhistas na Câmara dos Lordes. Ao se desfazer das suas extravagantes posses, Victor esperava que o vissem como alguém normal. Ele e Barbara compraram a residência Merton Hall, em Cambridge, perto da universidade, onde ele trabalhava como investigador. Barbara contratou a decoradora inglesa Syrie Maugham para pintar os interiores no tom branco-neutro que estava na moda à época. Merton Hall era um templo do modernismo, se comparada com os palácios reluzentes e dourados da juventude de Victor.

O leilão dos Rothschild ocupou as manchetes dos dois lados do Atlântico e foi transmitido ao vivo pela BBC. A principal venda durou quatro dias, sendo mais três dedicados à extraordinária coleção de prata da avó de Nica, herdada dos Rothschild de Frankfurt. No primeiro dia, foram vendidas 17 grandes pinturas pelo incrível valor de 41 252 libras. O quadro *Um Pátio Holandês*, de Pieter de Hooch, foi comprado por 17 500 libras pelo lendário comerciante de quadros Duveen. O conteúdo da casa acabou por chegar às 125 000 libras, o que equivale, nos dias de hoje, a muitas dezenas de milhões, se tivermos em conta o aumento do valor do mercado de arte.

O fascínio internacional pelo leilão deveu-se, em parte, às fabulosas características dos itens, mas também ao que ele representava: a dissipação em massa dos bens marcava, sem dúvida, o fim da hegemonia dos Rothschild na vida financeira britânica.

Depois da morte de Rozsika, Victor deu o seu último bem, a quinta de Ashton, à sua irmã Miriam. Era como se ele tentasse apagar o passado da família para recomeçar do zero. Depois de despojar a família de pinturas de mestres holandeses famosos, além de pinturas de Reynolds e Gainsborough, Victor escolheu pendurar nas paredes de sua casa gravuras de esperma de diferentes animais ampliado até ficar incompreensível. Lembro-me, em criança, e também já adulta, de visitar a casa de Victor e não ver nenhum vestígio daquela vida anterior; Nica não foi o único membro da família que procurou fazer uma grande rutura com o passado.

As vendas das casas dos Rothschild deixaram Nica sem as residências da sua infância e também sem lar na Grã-Bretanha. Deixou de se sentir ansiosa quanto ao casamento, já que não havia escapatória: a sua casa e a sua vida eram agora na companhia do marido, no país onde ele nascera,

França. Começaram a procurar casa, entusiasmados. De fora, parecia que o casal se divertia. Viajavam muito e, em 1937, deixando o bebé para trás, saíram numa expedição em busca do tesouro de Lima, que se dizia ter-se afundado nas ilhas Cocos, a quase 500 quilómetros da costa do Panamá. Regressaram de mãos vazias, mas Nica estava, mais uma vez, grávida.

Quando chegou a Londres para dar à luz a filha, Janka, em 1938, Nica alugou uma casa em Hyde Park Square. O regresso a França foi, mais uma vez, registado pela imprensa nacional; a 26 de novembro de 1938, a circular da corte do *Times* anunciou que «o barão e a baronesa de Koenigswarter partiram para o continente». Desta vez, seria para a sua nova casa, na Normandia.

O Château d'Abondant era tão grande e palaciano quanto várias residências dos Rothschild. Pertencera a uma família norte-americana de banqueiros, os Harjes, que tinham uma matilha de cães de caça e introduziram o polo em França. Enquanto Miriam e Victor escolhiam vidas ascéticas e académicas, Nica parecia voltar às origens. O *New York Times* noticiou a compra como «um dos negócios imobiliários estrangeiros mais interessantes dos últimos meses». Acredito que Nica tenha gastado uma grande parte do dinheiro que havia herdado na compra da propriedade; além do dinheiro que o pai lhe havia deixado, também recebera uma pequena herança nos testamentos da sua avó Emma e do seu tio Walter.

Nica tornou-se senhora de uma vasta mansão vermelha e amarela que ficava num terreno com 80 hectares de estradinhas ajardinadas e bosques. O palácio é um dos mais belos exemplos da arquitetura Luís XIII em França e foi classificado como «*monument historique*». O piso térreo era constituído por uma série de salões altamente decorados e com janelas de quatro metros de altura. O primeiro e o segundo andares tinham 17 luxuosos quartos e, o que não era comum, 14 casas de banho modernas. O último piso era todo dedicado aos aposentos dos criados, e os anexos incluíam uma garagem para oito carros grandes e um estábulo para 30 cavalos. A propriedade tinha a sua própria leitaria e canis para uma matilha de cães de caça.

E também tinha uma história intrigante: uma das ocupantes anteriores, a célebre viúva Marie de la Noue, fora proprietária do *château* no século XVII. Descrita como «fascinante e bela», Marie, muito bem casada, amante

de música e instrumentista de talento, construíra ali um teatro que ainda existe, no qual todas as noites se apresentavam concertos e peças. A nora de Marie foi contratada por Maria Antonieta como governanta e diz-se que foi ela quem disfarçou o delfim de menina, o que lhe salvou a vida na desastrosa fuga para Varennes.

A vida no Château d'Abondant era semelhante à vida em Tring, mas a alta sociedade francesa era ainda mais regrada e claustrofóbica do que a inglesa. Desde o começo, isso deve ter sido uma tortura para alguém com a disposição de Nica. Ali estava uma jovem que odiava regras e horários e que agora estava encarregada de um estabelecimento cujo bom funcionamento dependia da ordem e da hierarquia. Nica sabia o que fazer, já que fora criada observando pouco além daquilo, mas aquela era exatamente a vida que ela e as irmãs queriam evitar. De manhã, Nica discutia os cardápios com o *chef* e os lugares à mesa com a governanta-chefe. As festas grandes incluíam convidados de todos os cantos da Europa. As mesas eram postas para 40 pessoas e as conversas podiam oscilar entre francês, inglês, italiano e espanhol. Os quartos precisavam de ser inspecionados e distribuídos. No inverno, os convidados cavalgavam com os cães de caça ou caçavam javalis. No verão, faziam passeios e grandes piqueniques no parque. Mas dedicava-se pouco tempo às crianças, que, de acordo com os costumes da época, passavam a maior parte do tempo na ala infantil, aos cuidados de amas, tal como acontecera com Nica.

Jules encontrava-se no seu ambiente ideal: as memórias dele revelam um homem altamente sociável e hospitaleiro que adorava grandes reuniões. Inventava dispositivos que melhoravam a eficiência da casa nova, para que tudo acontecesse na hora e na ordem corretas. Uma dessas invenções foi um comboio com duas carruagens, uma para os pratos quentes e outra para os frios, que circulava sem parar numa pista de 60 metros entre a cozinha e a sala de jantar. Durante o jantar, o comboio ia para a frente e para trás, levando diferentes bebidas e pratos. Também instalou telefones em todos os quartos, para que os convidados pudessem fazer os seus pedidos de pequeno-almoço diretamente à cozinha.

A despeito das suas dúvidas, Nica pareceu tentar ao máximo desempenhar o seu papel de senhora de um palácio. Os primos que se hospedaram no Château d'Abondant ficaram maravilhados com a

facilidade com que ela se adaptara: a filha excêntrica tinha-se transformado numa típica matriarca Rothschild.

³ Título de uma canção clássica do *jazz* escrita por Cole Porter. Em português, «És o Máximo». (*N. da T.*)

*STORMY WEATHER*⁴

Em 1936, Victor, o irmão de Nica, quis levar a sua nova esposa a um restaurante na região de Mayfair, então muito na moda. O chefe de mesa reconheceu-o e perguntou: – O senhor é o Lord Rothschild?

– Sim – respondeu Victor.

O gerente olhou-o de cima a baixo, lentamente. – Não servimos judeus.

Este tipo de tratamento não era incomum para Victor ou as irmãs, mas, à medida que a década progredia, foi-se tornando cada vez mais difícil de ignorar.

A ascensão do antissemitismo na Europa significava que nenhum judeu podia continuar apolítico; em *Mein Kampf*, publicado em 1925, Hitler tinha exposto as suas crenças de modo bem claro. Na sua opinião, os dois grandes males que acometiam o mundo eram o comunismo e o judaísmo. Durante a década de 1930, poucos judeus na Europa continental se sentiram seguros quando começaram a surgir histórias sobre a perseguição de judeus inocentes na Alemanha, fossem eles homens, mulheres ou crianças. Com a nomeação de Hitler como chanceler, em 1933, e a sua consolidação no poder depois da Noite das Facas Longas, no ano seguinte, muitos dos medos concretizaram-se.

Com a morte do tio Walter, Victor herdou o título de Lord Rothschild e tornou-se o líder *de facto* da comunidade judaica britânica. Embora desejasse seguir a vida académica, Victor foi forçado a entrar na vida política. O dilema da família britânica, e de Victor em particular, era que, se decidisse seguir uma carreira independente, longe da base de poder do banco, Victor perderia a sua influência política e força financeira. No passado, os Rothschild, como banqueiros de reis e governos, eram

consultados em assuntos de política externa, e muitas vezes eram requisitados para financiar os custos de uma guerra ou campanha. Mas tudo o que a geração de Victor podia fazer era protestar publicamente.

Em 1934, Nica, Victor e outros membros da família assistiram à exibição de uma longa-metragem intitulada *A Casa de Rothschild*, para um evento de caridade de auxílio aos refugiados alemães. A narrativa, bastante romantizada, da história dos Rothschild era protagonizada por George Arliss e foi nomeada para um Óscar.

O regime nazi usou, desde o começo, a família Rothschild como modelo da apoteose do judaísmo maligno. Em resposta à *Casa de Rothschild*, Goebbels encomendou outro filme, *Die Rothschilds*, que culpava a família pelos problemas do mundo. Nos seus diários, Goebbels revela que discutiu longamente a produção do filme, muitas vezes «até às tantas da noite», e que a sua intenção era criar uma «obra-prima da propaganda». Contudo, o filme era tão confuso e a mensagem tão obtusa, que o público não entendeu bem quem se presumia ser o mau da fita. Goebbels reeditou o filme, que sobrevive nos dias de hoje como uma «curiosidade», uma amarga lembrança de um terrível preconceito.

Outro problema era que as estratégias e lealdades da família ficaram fragmentadas e, conseqüentemente, os Rothschild, que tanto tinham conquistado devido à sua união, começaram a dividir-se. Depois de saírem de Frankfurt, mais de cem anos antes, os irmãos tinham-se estabelecido e começado famílias em países novos; agora, a sua lealdade dividia-se entre a família e os amigos. Victor e as irmãs não viam nenhum conflito entre serem judeus e serem britânicos, mas muita gente na vida pública considerava declarações de fé e nacionalidade uma questão de «ou isto ou aquilo». Os Rothschild britânicos angariaram mais de um milhão de libras para ajudar os judeus alemães, mas um primo lembrou o risco de pôr em risco a sua «cidadania inglesa caso se seja demasiado ativo em ações no mundo judaico».

Poucas pessoas concordavam sobre o local mais seguro para os refugiados judeus. A preferência dos nazis, pelo menos no início, era enviar todos eles para Madagáscar. Houve comités judaicos que tentaram angariar fundos para comprar terras no Brasil, no Quênia e na Rodésia. Alguns Rothschild envolveram-se em campanhas em prol de uma ação internacional para travar Hitler, enquanto outros defenderiam uma

abordagem mais discreta. Em França, Robert de Rothschild criou um fundo para ajudar a onda de refugiados que atravessavam as fronteiras, oriundos da Europa ocupada pelos alemães, mas aconselhou: «os estrangeiros devem aprender a assimilar-se o mais depressa possível [...]. Se não estiverem satisfeitos aqui, é melhor irem-se embora».

Uma alternativa eram os campos criados na Palestina, em 1882, por um dos Rothschild franceses, Edmond. Edmond foi um dos principais defensores do movimento zionista e gastou mais de 50 milhões de dólares na compra de mais de 50 mil hectares, na promoção da industrialização e no incitamento ao desenvolvimento económico da Palestina. Mas não havia terras suficientes para abrigar os milhões de judeus ameaçados pelo regime nazi, e Edmond anteviu outros problemas no plano. Em 1934, numa carta à Liga das Nações, teve a presciência de que «a luta para pôr fim ao Judeu Errante não pode ter como resultado a criação do Árabe Errante». Na altura, o governo britânico considerou a questão da Palestina «extremamente complicada».

Alguns Rothschild temiam que a promoção de um Estado judaico criasse outro gueto para os judeus, outra prisão onde ficariam confinados. Os sentimentos conflituosos do próprio Victor são evidentes numa declaração que fez à Pathé News, em 1938:

Nós, os judeus britânicos, faremos o possível por proteger este país; lutaremos como fará qualquer bom cidadão.

Apesar dos nossos sentimentos humanitários, provavelmente todos nós concordamos que é insatisfatório que os refugiados invadam a privacidade do nosso país, mesmo durante um breve período de tempo. Os próprios refugiados partilham desse sentimento, de uma maneira diferente. Imagino que ter de entrar repentinamente num país estrangeiro, com costumes desconhecidos, uma língua desconhecida, até comida diferente, indesejados, sentindo que são dependentes em termos tanto morais como materiais da caridade alheia, seja uma das experiências mais humilhantes que um ser humano pode enfrentar.

Fui o infeliz destinatário de tantas cartas emocionantes, escritas por crianças, de relatos em segunda mão e pessoais, que acho difícil acreditar que voltarei a ser o cientista feliz e despreocupado que era antes de tudo isto começar.

A declaração está cheia de duplos sentidos. Victor estava a poucas gerações de ser, ele próprio, um refugiado. A sua mãe e a sua avó eram imigrantes, mas ele considerava-se britânico. Também sabia que tinha uma responsabilidade para com a comunidade internacional de judeus que contava com os Rothschild para apoio financeiro e político. Os relatos que chegavam da Alemanha eram cada vez mais desesperados, mas a resposta não era óbvia. A maioria dos membros da Câmara dos Comuns apoiava a política de apaziguamento, enquanto os aristocratas eram ativamente pró-Alemanha. O Right Club, fundado por Archibald Ramsey em 1939, foi criado «para opor e expor as atividades de organizações judaicas». O seu «primeiro objetivo» era «eliminar a influência dos judeus sobre o Partido Conservador». Entre os membros estavam Lord Redesdale, o duque de Westminster, o quinto duque de Wellington e outros, muitos dos quais já tinham sido convidados dos Rothschild e não viam nenhum conflito entre aceitar a hospitalidade da família e, ao mesmo tempo, demonstrar hostilidade contra os judeus. Unity Mitford, contemporânea de Nica, mudou-se para a Alemanha para ficar mais próxima de Adolf Hitler; o cunhado de Unity, Oswald Mosley, fundou a União Britânica de Fascistas. Enquanto muitos praticavam formas mais subtis de antissemitismo, os Camisas Negras acusavam os Rothschild de «sugar e explorar» o público em busca de lucro. A natureza insular e claustrofóbica da vida da classe alta britânica significava que Victor se sentava nos mesmos bancos estreitos da Câmara dos Lordes, ou frequentava festas com os membros das mesmas famílias que tinham perseguido o seu pai pelos campos de Harrow, sendo que alguns agora queriam que o jovem Lord Rothschild fosse extirpado da vida pública. A família Rothschild continuou extremamente patriota e grata à Inglaterra, e arriscou a vida e a fortuna durante a guerra.

Quando o governo conservador assinou o Acordo de Munique, em setembro de 1938, houve pouca resistência do Parlamento. Uma das poucas demissões no gabinete de Chamberlain foi a de um amigo dos Rothschild, Duff Cooper. «Dizes que prevês que eu receba mais de mil [cartas de apoio]», escreveu Duff a Victor logo após se ter demitido. «De facto, recebi mais de mil, e quase o mesmo número de telegramas – o que mostra que, embora eu estivesse sozinho no gabinete, não estou sozinho

no país.» Os dois homens continuaram a corresponder-se sem parar durante a década de 1930, discutindo ardentemente o que podia ser feito quanto ao nazismo.

Algumas pessoas culpam Victor por pouco ter feito, mas ele tentou, contra um Parlamento apático, divulgar publicamente o drama dos judeus na Alemanha. Fez discursos, passou cheques e vendeu algumas das obras de arte que lhe restavam, como *A Família Braddyll*, de Joshua Reynolds, para apoiar os refugiados judeus. Em 1939, voou para os Estados Unidos para apresentar a causa judaica ao presidente Roosevelt, ao secretário de Estado Cordell Hull e ao secretário do Tesouro Henry Morgenthau Jr. Recebeu outro convite de J. Edgar Hoover, então chefe do FBI, para discutir a guerra química. Durante essa viagem, Victor conseguiu ainda ter aulas de piano com Teddy Wilson, viajando de Washington para o apartamento do pianista, em Nova Iorque.

 Unlocked%202_Page_124_Image_0001.tiff

© Rothschild Archive

Telegrama de Sir Ronald Lindsay, embaixador britânico, para Victor Rothschild, a 6 de março de 1939, com um convite para Victor se encontrar com o presidente Roosevelt na Casa Branca.

A sucursal austríaca do banco Rothschild foi fechada à força em 1938, e o seu diretor, o barão Louis, foi capturado e aprisionado durante um ano. Foi libertado mediante pagamento de um enorme resgate por Albert, seu irmão. Hitler e os seus oficiais não viam problema algum em libertar judeus em troca da quantia correta ou em ficar com obras de arte que pertenciam a judeus para as suas coleções; foram confiscadas obras de arte de valor incalculável, pertencentes aos Rothschild alemães e austríacos, quando Adolf Eichmann ocupou o Palácio Rothschild na Prinz Eugenstrasse, onde estabeleceu a famosa Zentralstelle für jüdische Auswanderung, cujo «propósito» era «organizar» a emigração de judeus da Áustria. Em teoria, os judeus podiam comprar a sua saída da Áustria; na prática, mesmo depois de as exigências dos nazis serem cumpridas, muitos receberam uma passagem só de ida para um campo de concentração.

Tendo feito de França seu lar, apesar das perturbadoras notícias que lhe chegavam pelo irmão, Nica decidiu ficar no Château d'Abondant nos últimos anos da década de 1930. Nas suas cartas e diários, Nica raramente menciona política e não se interessa muito pelos acontecimentos internacionais. Para alguém que não achava nada de mais em andar de carro ou avião e estava habituada a deslocar-se sem esforço e com muitíssima riqueza e privilégio, a ameaça de um exército nazi em avanço deve ter parecido uma coisa evitável.

Mesmo quando as ameaças contra os judeus e em particular contra os Rothschild infetaram a liderança francesa, Nica continuou em negação. Como muitas pessoas ricas, ela conseguiu, durante algum tempo, erguer uma cortina financeira em seu redor; a vida continuou como sempre, dominada por danças e roupas da moda. As coleções de 1939 tornaram-se famosas pelos seus desenhos extravagantes e alegria. Schiaparelli apresentou um vestido de noite feito de pele de arminho e introduziu o seu famoso sapato de salto alto. O verão foi magnífico, belo de mais, racional de mais para servir de prenúncio à guerra.

Entre o verão de 1938 e os primeiros meses de 1939, alguns membros europeus da família Rothschild mudaram-se para Nova Iorque. Em janeiro de 1939, Hitler ordenou o lançamento do Plano Z, um programa de expansão naval com duração de cinco anos para construir uma frota capaz de derrotar o Exército britânico. Num discurso feito no Reichstag, a 30 de janeiro de 1939, declarando uma «guerra de exportação» para aumentar os lucros da Alemanha no estrangeiro, Hitler pensava sem dúvida nos seus arqui-inimigos, os Rothschild: «Serei novamente profeta: se os financeiros judeus internacionais, dentro e fora da Europa, tiverem mais uma vez sucesso em lançar as nações numa guerra mundial, o resultado não será a bolchevização da Terra, e portanto a vitória dos judeus, mas sim a aniquilação da raça judaica na Europa!»

Em março, as tropas alemãs anexaram as últimas partes da Boémia e da Morávia; a Checoslováquia deixou de existir. Em maio, os alemães tomaram de volta a sua antiga província de Memelland da Lituânia, e os dois ditadores, Mussolini e Hitler, assinaram o Pacto de Aço. No fim de julho, as últimas empresas judias que ainda operavam na Alemanha foram

fechadas. No dia 1 de setembro, os nazis invadiram a Polónia e a guerra foi declarada.

Nica continuou em França, com os filhos, no seu *château*. Um por um, os homens partiram – jardineiros, motoristas e cavaleiros juntaram-se ao Exército. Jules não demorou a decidir ir também. Li, incrédula, nas memórias dele que enterrou uma lata cheia de dinheiro no jardim e escondeu um carro na garagem, em caso de emergência. Mas não contou a Nica sobre o tesouro escondido. Talvez as ações de Jules demonstrem que acreditava nas capacidades da mulher: conhecendo Nica, supôs que ela conseguiria escapar com os filhos.

Deixando à mulher um mapa desenhado à mão e explicando como chegar à costa, Jules juntou-se ao Exército. No começo, foi tenente-reserva em Rouen, depois, em janeiro de 1940, tornou-se comandante de uma defesa antiaérea, supervisionando um avançado sistema de radares que avisava sempre que se aproximassem aeronaves inimigas. Na noite em que os alemães invadiram França, 10 de maio de 1940, Jules estava em Bordéus. No começo, o seu batalhão teve sucesso, derrubando um bombardeiro *Heinkel*, mas depressa foi cercado por tanques inimigos. Jules conseguiu atravessar o Somme e ordenou aos seus homens que destruíssem todo o equipamento e a reserva de combustível que não pudessem carregar antes de fugirem pelas margens do rio.

Quando recebeu a notícia de que o governo francês se rendera à Alemanha a 22 de junho de 1940, Jules renunciou imediatamente à sua patente. Reuniu um grupo de 110 oficiais, suboficiais e voluntários, e conseguiu alcançar Inglaterra no barco polaco *Sobieski* e voluntariou-se para o exército da França Livre.

Extraordinariamente, Nica e os filhos continuaram em França, e o único homem que restava no *château* era um *chef* gordo. Ignorando recomendações de amigos e parentes, Nica abriu as portas aos refugiados que passavam e, ao fim de umas semanas, já dormiam 60 refugiados nas camas antes ocupadas por convidados. O rádio era a ligação de Nica ao seu tipo de música favorito, trazendo *jazz* dos Estados Unidos pelo ar, mas agora o aparelho estava sempre ligado no Serviço Mundial da BBC. Nica ouviu o seu velho amigo Winston Churchill, que havia comparecido ao seu baile de debutante e que fora convidado constante em Tring, fazer a sua declaração: «Nada tenho a oferecer além de sangue, trabalho, lágrimas

e suor... Perguntais qual é a nossa política? A vitória – a vitória a qualquer custo.» Não sei dizer se a decisão de Nica de ficar em França se deveu a arrogância, bravura ou tolice. Seria demasiado fácil julgar em retrospectiva as decisões alheias, supor que abandonar a própria casa com os filhos e poucas posses era uma simples precaução.

Nica recebeu a notícia de que a sua prima Marie de Rothschild havia escapado do Château Lafite. Já bem avançada na gravidez do seu segundo filho, Eric, e na companhia da primeira filha, Beatrice, com apenas dois anos, Marie apanhou o último barco de Bordéus pouco antes de os nazis chegarem e anexarem a sua casa⁵.

Jules conseguiu entrar em contacto com Nica para lhe dizer que tinha de fugir. Os alemães aproximavam-se e, como judia, o destino dela estava selado. Nica fez alguns preparativos rápidos para a retirada, mas já não havia navios comerciais, muito menos voos comerciais, e a gasolina era mais rara que ouro. Nica não conseguiu o suficiente para abastecer o seu avião e sair do país.

Para fugir de França, precisava de vistos de saída para si, para os dois filhos, para o seu enteado Louis, a sua criada suíça e a sua ama francesa. Para que a mãe não ficasse ansiosa, Nica mandou um telegrama à irmã Liberty, em Inglaterra. A família esperou para ver se e quando ela chegaria. Sabiam que os alemães avançavam para o palácio, que as estradas estavam repletas de refugiados desesperados; que a hipótese de conseguir um lugar, uma mera vaga, num barco era muito pequena. Rozsika descreveu a espera como «dias de pura agonia». Numa carta à irmã na Hungria, descreveu a viagem da filha:

O Jules não conseguiu deixar o posto, que estava a ser bombardeado sem parar, mas ela [Nica] conseguiu fazer tudo como deve ser, saindo ao raiar do dia no sábado, no meio de uma enxurrada de refugiados da Bélgica e do Norte de França. Disseram-lhes que chegariam ao porto em dez horas, mas levaram dois dias e duas noites, com comida só no primeiro dia, porque partilharam a sua cesta de alimentos com outros passageiros famintos. Na terça, chegaram a Londres, e, ontem, quarta, estavam aqui. A Nica estava ótima, fresca como uma flor, e as três crianças também não sofreram muito com a viagem. Vale a pena registar o que ela descreveu, mas, apesar das dificuldades, nunca

perdeu o bom humor. E, além disso, foi encontrando sempre ingleses que a ajudaram muito galantemente e também o Exército da Salvação, a quem está muito grata, por ter fornecido chá aos milhares de pobres refugiados. Ela estava realmente maravilhosa à chegada, como se chegasse de um piquenique.

O relato de Rozsika explica em parte porque é que Nica hesitou em deixar a casa em França. Criada para não fazer estardalhaço, sai de casa como a pura e inocente pata Jemima Puddle, da história infantil de Beatrix Potter, com a sua cestinha de comida, sem perceber o perigo representado pela terrível raposa nazi. As filmagens da época mostram claramente as estradas engarrafadas com milhares de pessoas a rumar à costa, o estado caótico dos portos, os navios superlotados, o medo estampado nos rostos dos fugitivos. Contudo, ao regressar para Ashton Wold, Nica sabia o que esperavam dela: tinha de manter as aparências, parecer «fresca como uma flor» e aguardar as instruções de Jules.

Três dias depois de Nica sair do palácio, os alemães chegaram. A sogra dela, que se recusou a ir embora, foi capturada e passou os últimos dias em Auschwitz. Destino semelhante estava reservado a Elisabeth, primeira mulher de Philippe de Rothschild, que foi presa à frente da filha e levada para Ravensbrück, onde morreu.

Dois jovens Rothschild franceses que se haviam alistado em 1939 foram capturados em 1940. Alain foi ferido e levado para um hospital militar, enquanto Elie, que tinha saído para a guerra a cavalo, foi feito prisioneiro, com a maior parte do seu regimento, perto da fronteira com a Bélgica. Ambos tentaram fugir: Elie foi enviado para Colditz e depois Lübeck, um «campo de represálias». Contudo, tiveram a sorte de serem tratados como oficiais do exército, e não judeus. O seu primo Guy ia para Londres para lutar pelo movimento França Livre de De Gaulle quando o barco foi atingido por um torpedo. Ferido, foi enviado para Ashton Wold para recuperar.

Encontrou a casa cheia de gente e descobriu que alguns funcionários tinham milagrosamente escapado de Dunquerque. «Os dois irmãos da criada da casa, Ivy, atravessaram metade do canal a nado, enquanto o motorista do Victor escapou com um amigo da família, hoje em dia

coronel, num barquinho pequeno», escreveu Rozsika à irmã. De modo geral, as notícias eram desanimadoras. Muitos amigos de infância não voltariam para casa.

 Unlocked%202_Page_129_Image_0001.tiff

© Rothschild Archive

Algumas das crianças levadas para Waddesdon durante a Segunda Guerra Mundial.

As casas dos Rothschild na Grã-Bretanha foram confiscadas como alojamentos pelo exército e usadas para alojar refugiados. Em Waddesdon, os salões de festas ficaram cheios de caminhas para crianças. Halton, antiga casa de Alfred, tornou-se messe de oficiais. Segundo Miriam, era muito engraçado, porque nunca se sabia quem ia aparecer. Um soldado que por lá passou foi Clark Gable, que ela descreveu como «bonito»; outro foi George Lane, com quem ela se casou.

Em 1940, Victor tornou-se chefe de um pequeno departamento do MI5, onde trabalhou para sabotar e eliminar bombas do inimigo. Os anos que passara a dissecar sapos e a tocar *jazz* deram-lhe mãos precisas. «Quando se desmonta uma bomba», escreveu, «não há tempo para ter medo. Também ficamos absortos nos seus belos mecanismos com relógios suíços.» Mais tarde, Victor admitiu que, nos momentos finais de desmontar bombas, puxava o último fio protegendo-se com uma cadeira: «Sinto-me capaz de perder uma mão ou as duas, mas não suportaria perder a visão.» Depois da guerra, recebeu a Medalha George, condecoração «por trabalho perigoso levado a cabo sob risco de vida».

Miriam juntou-se ao grupo de descodificadores de Alan Turing em Bletchley Park, onde ajudou a «encurtar a guerra em alguns anos». Foi presa durante um breve período sob a alegação de ser agente inimiga, depois de terem sido encontrados pombos-correios, uma mala cheia de códigos e um saco de milho num casebre que ela tinha em Aberdovy, na costa do País de Gales. Afinal, descobriu-se que o hábito de ter pombos era um passatempo da família e os tais códigos eram, na verdade, quebra-cabeças matemáticos que ela e Victor solucionavam para manter a mente afiada.

Desde o regresso dos Estados Unidos, Liberty, irmã de Nica, tornara-se extremamente magra e ainda mais nervosa, mesmo sob os cuidados do Dr. Freudenberger. «O Dr. F. telefona e diz que está tudo bem com a Liberty. Ela não se preocupa muito com as coisas e o humor dela não está nada mau», escreveu Rozsika à irmã.

O serviço postal, surpreendentemente, funcionava bem e as cartas dos primos chegavam sem problema a todo o continente. A correspondência da família relata que a primavera e o verão de 1940 foram mais uma vez bonitos, com os jardins em Ashton repletos de lilases e chuvas-de-ouro, e as sebes animadas por libélulas e borboletas. Os primos de França usavam a casa como posto entre a Europa e os Estados Unidos. Rozsika escreveu à irmã, que estava presa na Hungria:

Se pudesses subir a um tapete mágico e vir para cá, verias belos dias de verão, milhões de rosas, morangos enormes e deliciosos e uma abundância de legumes, embora muitos dos nossos jardineiros se tenham alistado. Não falta comida, temos toda a carne e peixe que queremos e também açúcar para fazer geleia com as frutas. Comprei uma *Frigidaire*, que faz oito quilos de gelo por dia e ainda tem bastante espaço para guardar comida.

Mesmo assim, Nica só pôde ficar em Ashton durante um breve período. Enquanto esteve lá, os seus filhos Patrick e Janka brincaram com o meu pai e a minha tia, deixados naquele lugar seguro com a avó. Rozsika escreveu: «As crianças [o meu pai, Jacob, e a irmã dele, Sarah] têm uma carrocinha de póneis. Andam castanhos de sujidade, de tanto correr o dia inteiro, praticamente nus.»

Jules recebeu a notícia de que o Exército alemão havia saqueado o Château d'Abondant e que só restavam os cães de Nica. «Infelizmente, na última terça», escreveu Rozsika, «a Nica e os filhos foram embora para o Canadá. Foi desejo do Jules, que lhe disse que, pelo bem dele, para que ficasse descansado, ela devia levar as crianças para outro continente. Ela preferiria tê-las deixado comigo e ficar perto do Jules, mas acho que a opinião dele deve ser ouvida, já que luta pelo seu país desde o primeiro dia da guerra. A Nica estava muito bonita e visitou todos os seus amigos de Londres, e a Miriam ajudou-a a embarcar.»

Li e reli esta carta, tentando decifrar o que de facto aconteceu. Mais uma vez, os desejos de Jules eram supremos: Nica tinha de deixar para trás a sua terra natal contra a sua vontade, «pelo bem dele, para que ficasse descansado». Ela fez a sua parte, que era obedecer e mostrar-se bonita. A viagem pelo Atlântico era perigosa e o barco escapou por pouco a um bombardeamento aéreo. A escritora norte-americana Virginia Cowles, que cruzou o Atlântico com os primos de Nica, reclamou que a dieta básica de caviar e *foie gras* não matava a fome.

Nica tinha 27 anos, mas ainda achava que devia obedecer às ordens do marido. À chegada aos Estados Unidos, recebeu um telegrama informando que Rozsika morreria no dia 30 de junho de 1940, de um ataque de coração. Presa do outro lado do Atlântico, Nica não pôde comparecer ao funeral da mãe. Nica deixou então os filhos com amigos da família no Norte de Nova Iorque, na residência La Falaise, e regressou a Inglaterra. Não era uma decisão incomum na época: a minha mãe e a irmã dela, com quatro e dois anos, respetivamente, foram enviadas, sozinhas, para os Estados Unidos em 1940, para viver com parentes até que a guerra acabasse. O que hoje parece cruel era normal na altura. Durante algum tempo, Nica trabalhou como voluntária, mas, sem a presença do marido nem da mãe, com Victor e Miriam longe de casa, a desempenharem funções relativas à guerra, e com os filhos a milhares de quilómetros de distância, sentia-se sem propósito, perdida.

Nica, que se casara com um francês de apelido alemão, o que, por si só, deixava as pessoas desconfiadas, tinha pouca hipótese de ser aceite no Exército britânico. Podia, como muitos dos seus parentes, ter ficado em Nova Iorque ou encontrado algum tipo de trabalho em Inglaterra relacionado com o auxílio aos esforços de guerra. No entanto, determinada a desempenhar um papel ativo na linha da frente do conflito, decidiu juntar-se ao exército da França Livre, na esperança de lutar ao lado do marido.

⁴ Título de uma canção do *jazz* composta por Harold Arlen e Ted Koehler, interpretada por Frank Sinatra e Billie Holliday, entre outros. Em português, «Tempo de Tempestade». (*N. da T.*)

⁵ Ainda hoje Eric de Rothschild se recusa a tirar a fileira de chuveiros instalados pelos oficiais alemães no seu palácio, para que ela sirva de lembrança do que poderia ter acontecido. (*N. do T.*)

*PISTOL-PACKING MAMA*⁶

Nica não foi a única mulher da família Rothschild a juntar-se ao exército da França Livre. Respondendo ao chamamento de De Gaulle, as suas primas Monique e Nadine também foram para Londres como voluntárias. «A atmosfera da capital fascinava-me», escreveu Monique nas suas memórias, que ela mesma publicou. «A cidade estava cheia de soldados de todas as patentes e nacionalidades. À noite, o metro transformava-se num enorme dormitório; os ingleses tinham uma paciência, uma descrição e uma determinação infinitas.»

A vida de recruta, de acordo com Monique de Rothschild, contrastava imensamente com a de castelã:

- 06h30 Acordar, lavar-me, [arranjar o] cabelo, fazer as camas, vestir o uniforme.
- 07h30 Pequeno-almoço
- 08h30 Treino (exercícios)
- 09h30 Treino militar
- 12h30 Almoço e tempo livre
- 14h30 Treino militar
- 16h00 Treino
- 17h00 Aula de condução
- 18h30 Jantar
- 21h00 Luzes apagam-se

As jovens da família Rothschild apresentaram-se ao general Koenig, em Grovesnor Square. O comandante foi direto ao assunto, informando-as de que, apesar de elas também desempenharem a tarefa de motoristas, detestava ser conduzido por mulheres. Quando soube que Jules se juntara à ofensiva dos Aliados contra os alemães em África, Nica implorou para que a juntassem ao marido e a pusessem a participar de ações mais interessantes, mas foi informada de que isso era impossível. Todas as mulheres alistadas tinham de permanecer em Londres. Nica decidiu fugir mesmo assim. Não permitiu que as ordens do general para que ficasse em Inglaterra ou a falta de treino militar lhe atrapalhassem a aventura. Até então, só fora preparada para a vida por aulas de dança e para ter coragem no campo de caça. Sem se saber defender e sem fazer a menor ideia de como sobreviver num clima hostil, tinha poucas hipóteses de chegar viva a África.

Entre os seus colegas recrutas do exército da França Livre estavam Marcel Marceau, Antoine de Saint-Exupéry e um jovem soldado chamado Gaston Eve, que, entre 1941 e 1943, escreveu um evocativo diário da vida em África na companhia da unidade em que se incluía. Gaston descreveu as condições numa típica fortaleza francesa: «Nunca vi um acampamento tão imundo. Tive a má sorte de apanhar disenteria 48 horas depois de chegar, por mais que tivesse tomado o cuidado de fazer à noite o que me aconselharam. Diziam-nos para amarrar uma tira comprida de tecido em redor da barriga; [a disenteria] não era algo raro em África.»

Gaston Eve conta-nos sobre a vida dos novos voluntários na travessia de África. Em Bangui, os leões andavam livremente pela rua principal. Em Brazzaville, que tinha uma significativa população europeia, a comida era boa, mas noutros lugares sobreviviam à base de carne em conserva. No Forte Archambault, nadavam no rio mas sempre com o cuidado de evitar os crocodilos. À noite, eram picados por mosquitos e atacados por ferozes formigas negras. Em Kano, o emir, que tinha dentes serrados em pontas finas e afiadas, recebeu os batalhões com uma exibição dos seus soldados montados em cavalos bailarinos.

Nica ignorou todas as advertências médicas. Poucas semanas depois de chegar a África, contraiu malária, ficou com insolação e quase morreu num acidente de viação pelo qual foi totalmente responsável. Embora tivesse de passar várias semanas em recuperação num hospital de campo,

conseguiu encontrar Jules. Assim que o seu marido e o oficial comandante deste superaram o choque da chegada de Nica e da sua audácia, puseram-na a trabalhar como descodificadora e motorista. Diz-se que ela pilotou bombardeiros *Lancaster* em África.

Havia poucos casais casados no Exército, pelo que Nica e Jules geralmente ficavam alojados separados à noite, mas conseguiam, caso as batalhas permitissem, encontrar-se de dia. Sendo mulher, Nica era desencorajada de participar diretamente na luta, mas, no caos da guerra, raramente ela se deixava tolher por regras.

É difícil traçar os movimentos de Nica durante esse período. De acordo com um artigo no *New York Times*, ela mal escapou a um ataque de torpedo na rota de Lagos para Nova Iorque, em janeiro de 1942. Suspeito que tenha feito essa viagem aos Estados Unidos para ver os filhos, que ainda moravam no subúrbio de Nova Iorque. A visita de Nica coincidiu com a estreia da sinfonia de jazz *Black, Brown and Beige*, de Duke Ellington, no Carnegie Hall, a 23 de janeiro de 1943. Nica diria mais tarde que ouvir essa obra musical foi um chamamento à sua vocação.

Embora Nova Iorque fosse uma cidade empolgante, Nica sentiu falta de Jules e dispôs-se a segui-lo, mesmo até ao campo de batalha. Conseguiu chegar clandestinamente a África num avião de carga. Nas suas memórias, que às vezes parecem memórias de viagem bastante animadas, Jules descreve a ocasião em que conseguiu meter-se num avião velho e passar por entre as bases da França Livre, o que permitiu que o casal explorasse partes de África geralmente inacessíveis a turistas, descolando e aterrando sobre o matagal ou em clareiras. No caminho entre Brazzaville e Bangui, por exemplo, sobrevoaram baixo, por entre a floresta. Nela encontraram uma tribo de pigmeus que lhes explicaram que, para ser considerado um verdadeiro caçador, um homem precisa de matar um elefante colocando-se por baixo da barriga deste, cortando-a com um facalhão comprido e saindo rapidamente, antes que o animal esmagasse e matasse o seu algoz. Outra incursão levou-os ao Forte Lamy, no Chade, onde apanharam boleia de um homem que ia a caminho de uma feira, pois tencionava trocar a mulher por alguns cães.

Em setembro de 1943, o casal chegou ao Cairo. Jules foi enviado imediatamente para a Tunísia; a Batalha da Tunísia durara de 17 de novembro de 1942 a 13 de maio de 1943. O Eixo fora derrotado, mas os

Aliados precisavam de consolidar a sua posição em África. Jules desempenhara um papel importante nisso, liderando a sua divisão através da Linha Mareth e juntando-se aos Aliados em Triaga. A 90.^a Divisão Alemã de Infantaria Ligeira escondeu-se no maciço de Zaghouan. Depois de uma difícil batalha, a 13 de maio, os Aliados alcançaram a vitória, mas metade das tropas de Jules foi morta. Com apenas 300 sobreviventes, Jules ficou encarregado de milhares de prisioneiros alemães e italianos.

Nica fazia parte do grupo de retaguarda que ficou no Cairo para ajudar a organizar abastecimentos e equipamentos. O Cairo era, na altura, a resposta africana a Nova Iorque: um lugar com atmosfera multicultural e paragem obrigatória para todos os soldados condecorados ou estrelas de cinema famosas – os belos e os condenados. Em 1943, Vivien Leigh e Noël Coward apresentaram-se no palco do Cairo; Gavin Astor também estava lá, na companhia de Josephine Baker; o antigo amigo de Nica Winston Churchill também estava na cidade; o rei do Egito dava festas todas as noites; havia dois clubes de *jazz* e um filme novo, *O Mundo É Um Manicómio*, em exibição no cinema.

O escritor e crítico Stanley Crouch foi um de três entrevistados que me contaram a seguinte história. Um soldado afro-americano alojado num hotel do Cairo ouviu uma música maravilhosa a sair de um gramofone ao fundo do corredor. O soldado, que também era músico, não resistiu e bateu à porta, e ficou surpreendido quando uma bela mulher de cabelos escuros e compridos lhe abriu a porta e o convidou a entrar. Era Nica, e aparentemente seduziu-o. O único pormenor que muda nas três versões é o nome do músico. Com todas as partes envolvidas já falecidas, não há como provar ou desmentir o sucedido. A guerra criava novas regras, os comportamentos habituais ficavam distorcidos, as pessoas não agiam como de costume. Há quem considere este episódio «típico» de Nica, pois partem do princípio de que ela era promíscua. Já eu estou convencida de que ela foi mais levada pelo romantismo do que por uma mera paixão carnal.

E a relação de Nica com o marido nessa época? Os mesmos traços de personalidade que tanto irritaram Nica em tempos de paz eram distintivos de honra em tempos de guerra. Ser decidido, corajoso e dominador eram qualidades essenciais num líder militar. Por ter seguido o marido até

África, Nica viu Jules no seu melhor estado, talvez na sua fase mais feliz e realizada.

Lendo as memórias de Jules, temos uma ideia mais sinistra do seu temperamento e *modus operandi*. Se um dos seus homens cometesse uma falha grave, Jules ordenava que o arrastassem diante de todo o batalhão e que um colega pugilista profissional o espancasse. Jules achava que era um método mais eficaz e instantâneo de manter o controle do que relatar o incidente ao conselho de guerra. Descrevia tais métodos como «paternais, mas severos».

Mal Nica chegara a Tunes, os soldados tinham sido mais uma vez obrigados a avançar, dessa vez rumo a Trípoli e depois para a Argélia. A água estava racionada para quatro litros e meio por pessoa por dia, o suficiente para evitar desidratação grave, mas não para dar conforto. Por medidas de segurança, a água tinha de ser fervida e servida como chá, mas a maioria dos homens sofria de disenteria e terríveis dores de barriga. Os cães ficaram tão habituados a beber água de barbear que, depois da guerra, recusavam-se a ingerir líquidos que não cheirassem a sabão.

Em abril de 1944, o regimento de Jules, acompanhado de Nica, começou a viagem de Bizerte a Nápoles, e de lá para Caserta, onde Nica trabalhou para a Comissão de Túmulos de Guerra, cargo que envolvia identificar os cadáveres dos soldados mortos nos campos de guerra da Europa. Era uma função macabra e perturbadora, seguir o regimento do marido enquanto este lutava pela Europa e abria caminho rumo à vitória. Numa batalha sangrenta em Garigliano, os alemães, que ocupavam a posição mais alta da colina e a estrada principal, deviam ter ganhado. Jules evitou por pouco a morte quando um morteiro lhe explodiu a 10 centímetros da cabeça, deixando-o inconsciente e temporariamente cego e surdo. Aos poucos, os Aliados foram avançando, com pequenas vitórias. Depois de cruzarem a Linha Gustav e Pontecorvo a seguir, a 23 de maio, os alemães foram empurrados para norte. O batalhão de Jules chegou a Brindisi para apanhar o barco que os levaria ao Sul de França, onde se juntaram à ofensiva que varria o país. Depois de participar na libertação de Lyon em setembro e de Ronchamps em outubro, marcharam para sul,

atravessando os Alpes sob um forte nevão, rumo a Turim, nos primeiros meses de 1945.

Depois da libertação de Paris, em agosto de 1944, Nica fez da capital a sua base, tanto na casa da família do marido como na mansão Rothschild, na Avenue Marigny, onde o seu irmão Victor vivia enquanto trabalhava para o MI5. Malcolm Muggeridge pintou um retrato terrível de Victor nas suas memórias, *Chronicles of Wasted Time [Crônicas de Tempo Perdido]*. Essa descrição contém pistas que talvez expliquem porque é que Nica acabou por decidir abandonar a vida dos Rothschild:

Para o próprio Rothschild, é claro, a casa da Avenue Marigny era o seu lar longe de casa, mas, ao mesmo tempo, tive a sensação de que lhe era uma prisão. Instalado ali, ele era *de facto*, se não *de jure*, o chefe da família. Outros Rothschild apareciam de tempos em tempos, oferecendo lealdade. Ele tanto gostava de sentir que eles o admiravam como detestava a presença deles: era uma curiosa e desagradável mistura de arrogância e timidez. Algures entre o White's Club e a Arca da Aliança, entre o Antigo e o Novo Testamentos, entre o Kremlin e a Câmara dos Lordes, ele perdeu-se, e tentava encontrar o seu lugar desde então. Bem lá no fundo havia algo tocante, vulnerável, um homem perceptivo, às vezes até amável. Mas ele estava tão enredado nas falsas certezas da ciência e no igualmente falso respeito que lhe é concedido e que ele espera por causa da sua riqueza e fama, que essas qualidades raramente apareciam.

Numa entrevista com o crítico de *jazz* e historiador Nat Hentoff, Nica foi sucinta no seu relato da guerra: «Lutei de Brazzaville ao Cairo, de Tunes à Turquia, e até consegui chegar à Alemanha para ver os últimos dias do Reich.» Outra pessoa que entrevistei – Frank Richardson, um norte-americano motorista de jipe que tocava *boogie-woogie* – lançou um pouco mais de luz sobre esse período. Durante a guerra, a companhia dele estava colocada em Paris, e ele foi um dos quatro soldados alojados na casa dos Koenigswarter. Lá, conheceu Nica e a cunhada, Odile, que era bem mais jovem do que Jules.

«Havia quatro homens alojados no nosso quarto e um piano vertical», contou-me. «Uma noite, eu estava a tocar e bateram à porta. A Nica

entrou, apresentou-se e perguntou se eu gostava de descer e tocar para ela. Tinha um piano de cauda, é claro.» Nica não estava a trabalhar na altura e Jules estava fora, na guerra. Embora os mantimentos fossem escassos, a casa dos Koenigswarter era aquecida e as duas mulheres, auxiliadas pelas tropas, conseguiam obter a maior parte daquilo de que precisavam. Richardson tinha um indubitável fraquinho por Odile, cuja idade era mais próxima da dele do que Nica. Era uma rapariga bem bonita; Django Reinhardt tocou na festa de aniversário dela, durante a qual Odile usou luvas brancas até aos cotovelos.

Richardson lembrava-se de outra ocasião, no fim de 1944, em que a baronesa lhe bateu à porta e perguntou se ele podia tocar para ela e um amigo. «O outro homem foi apresentado como um dos adidos do general De Gaulle. Então lá ficámos os três. Eu toquei piano e eles estavam quase a beijar-se, e depois foram avançando um pouco mais e depois mais ainda. Achei melhor voltar lá para cima.» Perguntei a Frank se ficou chocado com o comportamento deles. «Bom, sim, fiquei! Venho de uma cidade pequena e, como só tinha 21 anos e não sabia nada do mundo, fiquei chocado.» Mas depois fez uma pausa e acrescentou: «Mas acho que era uma coisa típica da guerra.»

Eram raros os momentos em que se podia relaxar. Cada batalha trazia notícias de amigos que morriam. Embora os Aliados tenham saído vitoriosos, o fim da guerra revelou o horror do regime nazi. Nem toda a gente com ligações a parentes privilegiados se salvou.

Depois da guerra, veio à tona o relato trágico do destino de Aranka von Wertheimstein, tia materna de Nica. Uma amiga húngara da família tinha recebido uma carta de um conhecido, um certo Sr. Racz, que viajou num comboio da morte, na companhia de Aranka. A velha senhora estava então com 80 anos, quase cega e aterrorizada. Nunca se casara e trabalhava numa quinta perto da antiga casa da família de Rozsika.



Rozsika, Aranka e Charlotte von Wertheimstein, em 1899. Aranka morreu espancada por guardas assim que chegou a Auschwitz em maio de 1944.

No dia 1 de maio [de 1944], todos os judeus, incluindo a Sr.^a Aranka Wertheimstein, foram recolhidos e postos num gueto. Foram lá mantidos em condições terríveis até 28 de maio de 1944, quando os obrigaram a entrar em vagões de comboio (75 pessoas num único vagão). A viagem, que foi um pesadelo, durou quatro dias, sem água e sem comida. Muitas mulheres perderam a consciência, algumas morreram, outras enlouqueceram. No quarto dia, consegui um pouco de água e partilhei-a com a Sr.^a Wertheimstein, que estava em mau estado. Depois de beber e recuperar, disse-me que achava que não tardaria a morrer e que eu devia tentar fazer esta carta chegar, de alguma maneira, à família Rothschild, em Londres. Quando o comboio parou no campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau, os guardas da SS estavam à espera com paus e bastões. Vi a Sr.^a W ser puxada do vagão por um guarda da SS que tinha um bastão com um gancho. Ela caiu sobre os trilhos e foi espancada até à morte ali mesmo.

A 8 de maio de 1945, Winston Churchill, o amigo de Nica, anunciou o fim da guerra; embora os conflitos tivessem cessado, as repercussões estavam apenas a começar. Países, famílias, vidas, sonhos e futuros arruinados. Os sobreviventes tiveram de refazer a vida a partir de escombros e desolação. O modo de vida que fora abalado pela Primeira Guerra Mundial foi destruído pela Segunda.

Nica e Jules receberam condecorações pelos serviços prestados: Jules recebeu a rara distinção da Ordre de la Libération: a segunda maior honra de França, concedida a heróis da Libertação da França durante a Segunda Guerra Mundial. Entre os poucos estrangeiros que a receberam estavam Winston Churchill e o general Dwight Eisenhower. Nica também foi condecorada pelos seus serviços na guerra e promovida a tenente.

O casal enfrentava agora um futuro incerto. Os filhos continuavam nos Estados Unidos. Os alemães tinham-lhes destruído totalmente a casa. Jules estava desempregado. A mãe de Nica morrera. O casamento de Victor passava por dificuldades. A saúde de Liberty era frágil. Só Miriam, recém-

casada e a morar em Ashton Wold, parecia ter algum propósito e estar feliz.

Para Nica, a guerra foi um momento de viragem. Finalmente, aos 32 anos, estava livre e tinha vislumbrado outra maneira de viver.

[6](#) Clássico da música *country* composto em 1943 por Al Dexter. Em português, algo como «Mulher Armada de Pistola». (N. da T.)

TAKE THE A-TRAIN^Z

Dois retratos de Nica, tirados depois da guerra, revelam uma mulher triste, com olhar distante. O primeiro, tirado na Noruega, mostra Nica atrás do volante de um enorme *Rolls-Royce*, olhando sem emoção para o fotógrafo. Está bonita, com roupas de linho impecáveis, cabelo e maquilhagem perfeitos, mas, enquanto a criança e a criada fazem um sorriso largo para a câmara, a expressão da minha tia-avó é apática, vazia, resignada. Outra fotografia, tirada numa praia alguns anos depois, devia, como as fotos típicas do género, mostrá-la radiante, na alegria de um fim de semana ou de um dia de folga no litoral. Ao fundo, vemos as cabanas de praia e, em primeiro plano, Nica está sentada, usando um belo fato de calça e casaco, com dois dos filhos, elegante e composta. Mais uma vez, estão ausentes a energia e a intensidade, a *joie de vivre* tão evidente nos retratos da jovem Nica.

A Nica, assim como a muitas das suas contemporâneas, a guerra ofereceu a liberdade pessoal e também a oportunidade de provarem o seu valor fora de casa. Algumas trabalharam pela primeira vez na vida e, com os maridos longe, puderam administrar a casa, o orçamento e os negócios sozinhas. Nica destacara-se sem a ajuda de criados, ajudantes e da família. Ser criada na crença de que as mais simples tarefas domésticas devem ser feitas por outros mimou-a tanto quanto, estranhamente, a desabilitou. Nica e os irmãos foram mimados ao ponto do infantilismo. Como Miriam me disse: «Não tínhamos a menor ideia de como fazer nada sozinhos.»

Em tempos de paz, o casamento de Nica era, com efeito, uma cópia exata da sua infância. Como mulher casada, existia para entreter, informar e procriar. Houve uma suspensão temporária de tarefas durante o conflito,

mas agora esperava-se que ela rapidamente voltasse aos deveres de esposa. Anos antes, uma prima Rothschild admoestou-a: «Imagino que não te demores a casar – tens de perceber quanto antes que és um verme insignificante. Uma mulher, para ser uma boa esposa, tem de ser um verme.»⁸

Nica não nasceu para ser um verme insignificante. Além disso, a guerra dera-lhe confiança, além da oportunidade de pensar, agir e ser ela mesma. Conseguira, sozinha, levar os filhos a salvo de França para os Estados Unidos; sobrevivera a torpedos e à malária; e saíra de um continente e entrara noutro. Exerceu trabalhos úteis como codificadora, motorista e transmissora de notícias e, no fim da guerra, foi condecorada por um exército estrangeiro. Voltar para a vida doméstica, mesmo que cheia de privilégios e confortos, nunca seria fácil.

A paz também criou um vazio de propósito para Jules. A vida no exército adequava-se-lhe; os tempos de paz significaram desemprego repentino. A casa deles, o Château d'Abondant, fora destruída pelas tropas nazis e estava inabitável, e o casal não tinha o dinheiro necessário para viver como antes da guerra. Já que ninguém queria uma casa tão grande, o palácio ali continuou, no campo francês, vazio, um enorme elefante branco. A família transferiu-se para Paris, onde Jules encontrou emprego como secretário-geral da Associação da França Livre e ficou responsável por organizar eventos que levantassem o moral. Em certa ocasião, persuadiu a soprano francesa Lily Pons a dar um recital. Noutra, cercado a Ópera de Paris com tanques, organizou uma parada com soldados da Resistência. Quando soube que o marido seria responsável por um enorme festival de música na capital, Nica ficou animada, mas só até saber que só participariam bandas militares. Ela detestava bandas militares, considerando o estilo que tocavam muito restrito e controlado. «O motivo do fim do meu casamento», disse Nica à revista *Esquire*, «foi o meu marido gostar de música percussiva e partir os meus discos se eu me atrasasse para o jantar. E eu atrasava-me quase sempre para o jantar.» Numa entrevista a um jornal filipino, o seu filho Patrick confirmou a história: «O meu pai não se interessava pelos assuntos que fascinavam a minha mãe: arte e música. Ele dizia, a brincar, que não eram assuntos sérios.»

Nica era beneficiária de um fundo fiduciário com base em Inglaterra. Num clima económico estável, o capital podia gerar uma boa renda, mas, depois da guerra, com os impostos quase nos 83 por cento, Nica enfrentou relativas dificuldades financeiras pela primeira vez na vida. Nem os Rothschild podiam recriar o seu padrão de vida pré-guerra. Não pediram compaixão nem se entregaram à autocomiseração, pois sabiam que ainda estavam em boa situação se comparados com a maioria das pessoas. Mesmo assim, foi um choque, principalmente para uma mulher que não fora preparada, nem pela cultura familiar nem pela educação, para trabalhar fora de casa nem para desempenhar um papel que a realizasse dentro de casa.

Os bens dos Rothschild franceses foram confiscados primeiro pelos nazis e depois pelo governo de Vichy, que dizia que qualquer francês que saísse do seu país natal perdia o direito aos bens. Um inventário⁹ das obras de arte confiscadas às famílias judias mais importantes em 203 locais até 13 de julho de 1944 diz o seguinte:

Rothschild, 3978 entradas no inventário

Kahn, 1202 entradas no inventário

David Weill, 1121 entradas no inventário

Levy de Venzionn, 989 entradas no inventário

Irmãos Seligmann, 556 entradas no inventário

A família levou muitos anos a conseguir reaver uma fração dos seus pertences. O mercado de arte mudara entretanto e tesouros antes muito valiosos tinham agora pouco valor. Nem todas as obras de arte sobreviveram. Muitas continuam desaparecidas, enquanto outras foram destruídas.



© Getty Images

Tropas norte-americanas com quadros confiscados a judeus durante a guerra. Só à família Rothschild foram roubadas 3978 obras de arte.

Houve um retrato que sobreviveu graças a um ato extraordinário e imprudente de bravura. Quando tomaram o Château Mouton Rothschild, em Bordéus, os nazis instalaram-se nas caves, mas usaram os retratos da família para treinar tiro. A meio de um exercício de treino, a cozinheira da família, que trabalhava havia muitos anos para Philippe de Rothschild, passou à frente dos oficiais enquanto estes disparavam, pegou no retrato do patrão pendurado na parede, pô-lo debaixo do braço e saiu do palácio. Só regressou (com o retrato) quando Philippe voltou para casa, em 1946.

Em Inglaterra, a grande fortuna dos Rothschild esvaíra-se, vítima da guerra e do rompimento de laços familiares. A Halton House foi vendida à RAF, a Força Aérea Real; Aston Clinton foi transformada num hotel; e Gunnersbury tornou-se um parque público. Tring Park passou a escola de artes performativas. A família recuperou Waddesdon e ficou com ela durante 13 anos, antes de a doar, a par de Ascott House, ao National Trust. Só a casa que pertencia a minha homónima Hannah Rothschild, Mentmore

Towers, foi habitada pelos seus descendentes, os Rosebery, até à década de 1970. Na altura em que Nica nasceu, os Rothschild eram donos de mais de 40 grandes residências em Inglaterra e na Europa. Hoje em dia, só Waddesdon, propriedade do National Trust, está com a sua coleção original intacta.

A guerra também acabou com o estilo de vida dos Rothschild. O seu ponto de concentração, no Vale de Aylesbury, chegou ao fim, como terminaram os fins de semana que passavam na casa uns dos outros; o sistema de interdependência acabara. Victor era um novo tipo de líder da família, que se desfizera da herança, livrando-se dos bens que os seus antepassados tinham adquirido tão penosamente. Para Victor, se algo não o interessasse ou não se encaixasse no seu estilo de vida, não tinha valor.

Victor costumava dizer que, por cada Rothschild que ganhava dinheiro, havia dez que o gastavam; ele pertencia, sem dúvida, ao último grupo. Herdou uma fortuna no valor de 2,5 milhões de libras, bem como as casas de Piccadilly e Tring, além de uma enorme coleção de arte. Deixou bens ativos no valor de 270 410 libras. A dissipação da sua herança foi extraordinária. Sem interesse ou aptidão para reconstruir a fortuna do banco britânico, em 1949 Victor aceitou um cargo que ocupou durante dez anos no governo trabalhista: diretor do Conselho de Pesquisa Agrícola. Continuou a fazer investigação no Departamento de Zoologia de Cambridge, onde se dedicou à gametologia, o estudo de espermatozoides, óvulos e fertilização. Demonstrando pouco interesse pelo passado, derrubou casas de campo em Rushbrooke, Suffolk, para construir uma vila ecológica exemplar, com casas idênticas para todos os trabalhadores da propriedade rural.

Cansado de organizar paradas de vitória, Jules candidatou-se a um cargo no Ministério dos Negócios Estrangeiros de França. Foi aceite e, a caminho do seu primeiro posto na Noruega, em 1947, ele e Nica reuniram-se aos dois filhos mais velhos e ao filho de Jules, Louis. Jules não os via há cinco anos e Nica há mais de três.

Apesar das suas piores circunstâncias económicas, o casal ainda acaalentava noções de grandeza e procurou um lar que fosse magnífico. No entanto, a sua decisão de se estabelecer no castelo Gimle, em Oslo, foi

extraordinária; o castelo pertencera a Vidkun Quisling, um nazi julgado e condenado, frequentemente chamado «Hitler da Noruega». Executado em outubro de 1945 por um pelotão de fuzilamento depois de declarado culpado de alta traição por ter montado um golpe de Estado em abril de 1940, Quisling também foi responsável por outros crimes, inclusive encorajar os noruegueses a servir na divisão nórdica da SS e auxiliar na deportação de judeus para campos de concentração. Não se percebe porque é que os Koenigswarter desejariam viver num lugar cheio de tão terríveis memórias¹⁰ Jules, que se gabava de que a grande fachada do castelo dominava todo o fiorde, adorava o facto de a sala de estar poder acomodar cem convidados e de a mesa de jantar ter 60 lugares.

Para Jules, o cargo de embaixador na Noruega era um modo de sustentar a família e, ao mesmo tempo, continuar a representar o seu país. Nica detestava o cargo.

Uma amiga de infância do filho mais velho do casal, Patrick de Koenigswarter, lembra-se de Patrick cantar «Don't Fence Me In» [«Não Me Cerquem»], e sair e entrar a correr no quarto de Nica, enquanto a mãe estava quase sempre na cama, glamorosa e emoldurada pelos seus longos cabelos negros.¹¹

A vida diplomática dava a Jules a oportunidade de ter uma existência perfeitamente ordenada, com regras claras e protocolo estabelecido. Como embaixador, exercia poder e influência sobre a embaixada e podia influenciar a política externa na região. Para o «comandante-chefe», como Nica lhe chamava, era perfeito. O seu cargo na Noruega era secundário em termos diplomáticos, se comparado com embaixadas maiores como Washington, Londres ou Berlim, mas, no pós-guerra, todas as embaixadas tinham um papel a desempenhar, e qualquer cargo tinha o potencial de conduzir a outro mais importante ao fim de alguns anos.

O papel de esposa de um embaixador era algo completamente diferente, como Marilyn Pifer, mulher de Steven Pifer, o embaixador norte-americano na Ucrânia, explicou numa entrevista alguns anos depois. «Eu esperava que o papel de 'esposa de' envolvesse um equilíbrio entre duas perceções opostas: a Oficial do Ânimo da embaixada, que ajuda a estabelecer o moral da comunidade, e a Pessoa Mais Detestada da embaixada, uma figura autoritária a que se tem de obedecer, mas que não tem nenhuma autoridade real, e cujos pedidos são, portanto, descabidos.»

A principal função da mulher de um embaixador era o protocolo, verificar se todos estavam sentados nos lugares certos ou se os cartões com os nomes tinham os títulos honoríficos corretos. Era sua função garantir que os dignitários visitantes eram devidamente alimentados e chamados pelos nomes corretos. Acima de tudo, tinham de ser umas magníficas telas em branco, refletindo o bom trabalho do marido e os ideais do seu país. Não quero, com isto, minorizar o extraordinário trabalho feito por muitas embaixatrizes, mas apenas salientar que Nica não era uma candidata ideal para o cargo de consorte subserviente.

Alguns elementos do casamento funcionavam: o casal teve mais três filhos depois da guerra – Berit em 1946, Shaun em 1948 e Kari em 1950. Continuaram a viajar e a explorar cidades estrangeiras. Ambos eram seres sociáveis que adoravam receber visitas. Os casamentos raramente acabam por apenas um incidente; o que acontece é mais uma acumulação constante, camadas de situações e incompatibilidades específicas que criam uma linha divisória, um acidente prestes a acontecer.

Um incidente em particular nas memórias de Jules parece exemplificar a essência da sua personalidade e da incompatibilidade entre os dois. O casal recebia convidados com muita frequência, dando jantares de até 60 pessoas na comprida mesa de jantar do salão de banquetes. De acordo com o protocolo da época, assim que a sobremesa terminava, esperava-se que as senhoras saíssem imediatamente da sala de jantar para que os maridos e parceiros pudessem conversar e fumar à vontade. Era função da anfitriã conduzir as convidadas para fora do salão. Nica, segundo escreveu Jules, esquecia-se muitas vezes de sair da mesa. Assim, para a lembrar, Jules instalou uma lâmpada de frente para a cadeira dela, que ele controlava da dele. Assim que o último prato era retirado, Jules começava a ligar e a desligar o interruptor. A lâmpada, visível para todos, piscava insistentemente, até que Nica finalmente se levantasse e saísse da sala.

Patrick, filho deles, admitiu: «O meu pai era uma pessoa muito controladora. Lembrava à minha mãe a própria mãe dela, muito dominadora. Ele era inflexível com horários, e a Nica era famosa por chegar atrasada. Chegava atrasada aos compromissos, às vezes dias depois, e passava a vida a perder voos.»

Nica era obstinada e voluntariosa. Ouvir a palavra «não» foi mais uma raridade do que a norma durante a infância dela. Desobedecera à mãe para

fugir com Jules antes de se casarem e ignorara completamente as ordens do general Koenig de permanecer em Inglaterra. Agora, pediam-lhe que vivesse uma vida que se tornara anátema para ela. Isolada dos amigos, da família alargada e da cena musical, Nica sentia-se perdida num mar de regras e protocolos. Deu à luz cinco filhos, mas nunca pareceu encontrar satisfação na maternidade. Talvez não tivesse tentado; talvez simplesmente aceitasse que criar crianças era algo que devia ser feito por profissionais, sempre levando em conta a máxima «a ama é que sabe». Talvez, se a guerra não tivesse acontecido, se ela não tivesse tido aquele vislumbre de liberdade, Nica tivesse ficado com o marido, mesmo que se ressentisse da situação.

Houve outro fator que contribuiu para o colapso do casamento. Nica sabia que ficar presa numa situação específica, continuar nela apenas por as outras pessoas esperarem isso dela, acarretaria terríveis consequências pessoais. Vira o pai tentar ser outra pessoa e viver em conflito com a sua personalidade, indo contra as próprias paixões; também testemunhara o terrível resultado disso.

Nica mudara-se com Jules de Londres para Paris, depois para África, depois para a Noruega. Dois anos depois de assumir o cargo em Oslo, o emprego de Jules levou toda a família para o México. Nica julgou que ir para a América do Sul a deixaria mais próxima da civilização; encontrou mais desculpas para visitar Nova Iorque. Cada vez mais infeliz e desesperada, Nica começou a procurar uma saída.

[7](#) Clássico do *jazz* composto em 1939 por Billy Strayhorn e famoso na interpretação da orquestra de Duke Ellington. Em português, «Apanha o Comboio A», referência ao comboio que, à época, atravessava a cidade de Nova Iorque. (*N. da T.*)

[8](#) Conselho dado pela distinta senhora de Waddesdon Manor, a escritora e incansável filantropista Mrs James de Rothschild.

[9](#) Documentos deixados pelo marechal de campo Keitel, comandante das Forças Armadas alemãs, e Alfred Rosenberg, guardião das Artes.

[10](#) Desde então, o castelo Gimle foi rebatizado com o nome de Grand Villa e aloja o Museu do Holocausto norueguês.

[11](#) Mary Jean Onslow, filha de um adido militar da Embaixada britânica na Noruega.

BLACK, BROWN AND BEIGE

Em 2004, entrei em contacto com o produtor Bruce Ricker para saber se ele por acaso ainda tinha as gravações das entrevistas de Nica para o documentário *Straight, No Chaser*, sobre Monk. Tinham passado quase 40 anos desde que os irmãos Blackwood gravaram as cenas originais com Nica e Monk, e 20 anos desde que Ricker, Clint Eastwood e Charlotte Zwerin atualizaram a história. Era pouco provável que o material ainda existisse. Certa noite, regressava eu, já tarde, de um espetáculo, ao meu hotel em Nova Iorque, quando me entregaram na receção um pacote: um CD com o nome «Nica» escrito. Pus o disco no leitor e de repente ouvi Nica. O som da voz forte dela foi tão inesperado, tão imediato, que julguei sentir a pancadinha do fantasma dela a tocar-me no ombro a qualquer momento. Ela soava exatamente como eu me lembrava: a voz rouca e áspera por causa dos cigarros, as palavras pontuadas por um inimitável riso gutural.

A entrevista foi gravada em 1988. Ricker tinha ido a casa de Nica em Weehawken para registar as memórias dela de Monk. Na esperança de a fazer soltar a língua, ele abriu uma garrafa de vinho e depois outra. Nica só bebeu chá; Ricker ficou tão bêbedo que, no fim da entrevista, mal dizia coisa com coisa. Ele adorava contar esta história. Durante toda a entrevista, Nica é bem precisa nas suas memórias. Soa frágil e triste quando resgata o passado, mas usa sempre as palavras de modo sucinto e repreende o entrevistador quando ele comete erros factuais.

«Não, Bruce, não foi isso que aconteceu», corrige. «Que estás para aí a dizer?», censura ela. «Não é verdade», repreende.

Sem conseguir dormir, fiquei ali, a avançar e a retroceder o disco, a anotar coisas, tentando delimitar linhas temporais e revendo antigas suposições. Ali sentada até o dia raiar, senti-me ainda mais animada com a minha missão. Finalmente tinha respostas a algumas perguntas cruciais e, pouco a pouco, a imagem imprecisa ficava mais clara.

«Será que devo contar que em certo momento da minha vida recebi um chamamento?», ecoou a voz de Nica no meu quarto. E, nisto, ela solta uma gargalhada mais para realçar do que diminuir a importância do que estava prestes a dizer. O riso era usado muitas vezes pelas pessoas da geração dela como indicador de que o que estavam prestes a dizer era um pouco embaraçoso, mas muito importante. «Um chamamento.» Ela repete a palavra com cuidado. «Pois recebi. Recebi. Consegues imaginar uma coisa assim?»

Normalmente, são as pessoas santas que recebem um chamamento, um sinal ou sentem um desejo avassalador de dedicarem o resto da vida a Deus. Era difícil imaginar Nica, criada sem religião, a receber de repente uma mensagem desse género.

«Estava no México, no meio da vida diplomática e daquelas lérias todas, e tinha um amigo que pertencia aos círculos musicais. Ele costumava arranjar-me discos e eu ia a casa dele para os ouvir. Não os podia ouvir em minha casa, naquela atmosfera.»

E então oiço Nica descrever como esse amigo conseguira um disco de 78 rpm da sinfonia *Black, Brown and Beige*, de Duke Ellington, que estreou em Nova Iorque em 1943. Ellington apresentou a peça como um «paralelo da história dos negros nos Estados Unidos».

Para algumas pessoas, essa música tornou-se uma declaração política; para outras, era apenas uma maravilhosa sinfonia *jazz*; mas, para Nica, significou algo completamente diferente.

«Recebi a mensagem de que o meu lugar era onde aquela música estivesse. Havia algo que eu devia fazer. Tinha de me envolver de alguma maneira. Era uma mensagem bem clara. Não muito tempo depois disso, distanciei-me de tudo aquilo. Foi mesmo um chamamento. Muito estranho.»

Fiquei a refletir sobre esta declaração à luz do que sabia sobre a minha família. As gerações anteriores dos Rothschild tiveram o chamamento das finanças: uniram-se para criar um banco gigantesco. Há quem diga que a família ajudou a criar a «devoção ao materialismo». Victor e Miriam, os irmãos de Nica, também tiveram os seus chamamentos, embora o deles fosse a ciência. Será que a vida de Liberty teria sido diferente, pensei, se ela tivesse descoberto uma grande paixão? Será que a vida de Charles teria tido um fim mais feliz se ele tivesse tido a liberdade de seguir o seu chamamento? Talvez o de Nica fosse outro modo de descrever um traço obsessivo-compulsivo herdado: percebi que os Rothschild – até a geração atual – geralmente se concentram num assunto específico com grande determinação.

Nica não soube imediatamente como agir em relação ao seu chamamento. Continuou no México, onde Jules trabalhava nas «lérias» que eram a vida diplomática. À medida que a atmosfera em casa ia piorando, Nica inventava mais desculpas para ficar longe e mais motivos para visitar Nova Iorque. Numa viagem, uma música que ouviu por acaso mudar-lhe-ia a vida para sempre.

«Estava a voltar para o México, onde morava na altura... acho que era 1948 ou 1949», disse Nica, «e parei para visitar o Teddy Wilson a caminho do aeroporto, para me despedir.»

Teddy era uma das pessoas que lhe mandavam discos e, naquela ocasião, perguntou se tinha ouvido falar de um jovem artista chamado Thelonious Monk, que lançara o primeiro disco. «Eu nunca tinha ouvido falar do Thelonious. Então o Teddy levantou-se para ir buscar o disco algures, voltou e pô-lo a tocar. Bom, mal consegui acreditar no que estava a ouvir. Nunca tinha ouvido nada remotamente parecido. Devo tê-lo ouvido umas 20 vezes seguidas. Perdi o voo. Na verdade, nunca voltei para casa.»

Com o passar dos anos, esta história foi-se refinando e tornou-se uma lenda do *jazz*: «Sabes a história da baronesa maluca que ficou encantada com uma música?» Foi, por exemplo, uma das primeiras coisas que o escritor Stanley Crouch me contou quando nos sentámos em Nova Iorque, numa tarde quente de maio, para uma «conversa» que foi mais um monólogo com duração de quatro horas e meia. Crouch por vezes parava para secar a testa com um enorme lenço branco, fazendo uma pausa

momentânea das suas aparentemente inexauríveis reservas de conhecimento.

«Ela disse-me que o músico Teddy Wilson tinha um disco que queria que ela ouvisse.» Crouch balançou a cabeça, achando tudo muito incrível, lembrando-se dos pormenores. «Ele disse que queria que ela ouvisse uma coisa única. Era ‘Round Midnight’, e ela disse que nunca tinha ouvido nada assim, com aquele som e aquela sensação, e pediu-lhe que pusesse aquilo a tocar de novo, e de novo, e ela fazia-nos imaginar que aquilo fora a versão em vinil de um encantamento lançado sobre uma pessoa, só que não é um encantamento que acontece sozinho. É um encantamento que nos é facilitado. A nós. Só a nós. Ela foi mergulhando cada vez mais na música enquanto ouvia. A música é uma coisa que não dá para explicar, não dá para saber para onde foi a Nica, para onde aquela música a levou, mas, a partir daquele momento, ela concluiu que precisava de conhecer o tipo que fez a música.»

De repente, era dia lá fora. Os camiões de lixo faziam barulho na rua, batendo os caixotes. Um solitário carro de polícia descia para o centro, a sirene irritante e insistente como o zunido de um mosquito. Ignorando o mundo exterior, ouvi esta parte do CD várias vezes, tentando decidir o que era mais surpreendente: a simplicidade do relato de Nica, como se fosse perfeitamente normal perder um avião, quanto mais abandonar um casamento e toda uma vida por simplesmente ouvir uma música, ou a maneira totalmente despreocupada com que Nica contava a história, como alguém que dá indicações sobre como chegar a um ponto turístico.

Pus «Round Midnight» no meu *iPod* e fiquei a ouvir, com muita atenção, como se fosse a primeira vez. Não dá para a descrever como uma composição típica de Monk, mas também não há nada típico nele nem na música dele. É uma balada pesarosa, preguiçosa, *sexy*, com um pouco de *blues* e até de *stride*. Um grandioso solo de trompete introduz a melodia e depois o piano entra suavemente, acompanhando o sopro durante um tempo, ritmando a melodia entre o sopro e a percussão, e depois abandonando o trompete ao fundo, onde ele permanece, em plano secundário, durante o resto da música, juntamente com as cordas e a percussão. Enquanto o resto do quarteto fraqueja, repetindo a harmonia de

fundo, o pianista descola, deixando os dedos dançarem pelas notas, às vezes tocando duas ou três ao mesmo tempo, às vezes subindo ao topo de uma escala, brincando com um *arpeggio* alto e depois aterrando aleatoriamente nas teclas, noutra ponta da melodia, rompendo-a, confundindo e emocionando. A letra foi acrescentada depois a algumas versões, mas, quando Nica a ouviu, transferiu os seus próprios sentimentos para a melodia.

Monk nunca disse que acontecimento ou pessoa inspirou essa música. Tinha apenas 19 anos quando a compôs, mas só a pôde gravar em 1947. Desde então, «'Round Midnight» tornou-se um dos clássicos do *jazz* mais gravados de todos os tempos, aparecendo em nada menos do que 1165 álbuns. Um crítico chamou-lhe «Hino Nacional do *Jazz*» e outros veem-na como uma música de golpe de sorte. Quando Nica a ouviu, «'Round Midnight» nem sequer chegara à lista de sucessos do *jazz*. A música era como ela: uma beleza prestes a ser descoberta.

*

Nica ouviu a melodia, mas também algo intangível. Val Wilmer, seu amigo, fotógrafo e escritor, explicou: «Para o fã, a música torna-se algo profundamente pessoal, como se o músico estivesse a comunicar só conosco. Os músicos estão a tentar comunicar conosco e a contar-nos a história da vida deles, as suas experiências. Dão testemunho com os seus instrumentos.»

O *jazz* e Nica cresceram juntos. O *jazz* foi a banda sonora da vida dela. O pai tocara as primeiras grandes gravações de Scott Joplin, George Gershwin e Louis Armstrong. Ela entrou a dançar na alta sociedade ao som de Tommy Dorsey, Benny Goodman e Duke Ellington. Os músicos que não se apresentaram nos mais sofisticados salões de baile de Londres comunicavam com ela por rádio.

Mesmo nos confins de África, nas ousadas missões da França Livre, o rádio era a companhia constante de Nica, a deusa Circe que a enfeitiçava, chamando-a para outro mundo, outra vida. Enquanto ela suportava um casamento insatisfatório, vivendo numa sociedade desorientada que se tentava recompor depois da guerra, o *bebop* estourou nas estações de rádio. As suas frases contraditórias, anárquicas e explosivas pareciam

descrever exatamente o humor de Nica. Esses músicos fugiam às regras, tocando notas no meio da melodia, de trás para a frente, ignorando a estrutura com grande velocidade e destreza. O *bebop* era um som que não servia para dançar nem cantar. Era tão melodioso como cem gatos a arranhar um quadro negro, tão compreensível como um comboio sobre trilhos tortos. Era um estilo musical que dizia «não quero saber das convenções nem do que os outros pensam, serei apenas eu próprio e não há nada que vocês possam fazer sobre isso». Era exatamente o antídoto que Nica procurava. O *jazz* é capaz de estender uma mão amiga e resgatar quem a ele sucumbe, como Nina.

«Foi a música que me atraiu primeiro», disse ela. «Não conhecia nenhum músico naquela altura. Com o tempo, passei a achar que, se a música é bonita, os músicos também deviam ser bonitos de alguma maneira. Agora sei que não é possível tocar com o Bird [Charlie Parker], o Monk, Sir Charles Thompson e Teddy Wilson e não se ser interessante. Eles são parecidíssimos com a música que fazem.»

O músico e produtor Quincy Jones, amigo de Nica, disse-me: «O *jazz* tem uma maneira de transformar a escuridão em luz através da comédia, ou de aliviar a dor de um relacionamento amoroso e a tornar engraçada, ou de a poder expressar para que a descarreguemos [...]. É por isso que ele é tão forte, é por isso que permeia todo o planeta e quase todos os países do mundo.» Apesar de todos os prémios que ganhou e dos seus milhões de álbuns vendidos, Quincy Jones ainda se lembra da emoção de chegar a Nova Iorque no fim da década de 1940, sem nada além do trompete. «Foi como entrar no País das Maravilhas.» Consegui imaginar a cidade pelos olhos dele.

Naquela altura, Monk, Quincy Jones e outros músicos de *jazz* eram só um bando de desconhecidos: um coletivo de indivíduos diferentes atraídos pelo mesmo lugar. «Ela não fazia a menor ideia de que um dia eles seriam famosos. Ninguém podia imaginar. Eram praticamente párias da sociedade», comentou Patrick, filho de Nica, numa entrevista a um jornal. Phoebe Jacobs, amiga de Nica, observou: «As meninas bem-comportadas, como a baronesa, não se associavam aos músicos de *jazz*, porque toda a gente sabe que o *jazz* veio dos bordéis, das casas de *crack*, que os músicos de *jazz* eram uns drogados. Viciados em heroína.» Nica, contudo, nunca ligou muito ao que os outros pensavam.

Quanto mais investiguei, mais me dei conta de que o *jazz* tem um valor simbólico e um significado cultural que está para além dos arranjos, um impacto emocional que vai além da melodia. Associou-se à luta dos negros norte-americanos para conseguir a liberdade e a igualdade. Deu voz a uma geração e esperança a milhares de pessoas. Para os escravos despojados da sua cultura, dos seus pertences, da sua tradição – até da sua língua –, a música era uma das poucas coisas que podiam levar consigo para o seu novo lar. Os mercadores de escravos podiam tirar-lhes os bens, mas não a voz¹². O *blues* e o *jazz* surgiram nos campos de algodão, onde as músicas dos trabalhadores pairavam sobre as plantações: o otimismo e o desespero musicados e a unir pessoas diferentes em locais ermos.

Primeiro o *jazz* deu esperança aos imigrantes negros; depois, tornou-se o modo de subsistência deles. Após a abolição da escravatura, havia poucas oportunidades para os negros norte-americanos, e o entretenimento da «classe baixa» era uma popular opção de trabalho. No fim da guerra civil, quando o exército mandou fora os instrumentos musicais, as tubas e os clarins foram recuperados e adaptados por estes artistas. Muitos desses instrumentos apresentam uma semelhança incrível com modelos encontrados na Costa Oeste de África. Em 1895, surgiu a primeira partitura de *ragtime*, seguida do êxito internacional «Maple Leaf Rag», de 1899, escrito por um jovem pianista afro-americano de formação clássica chamado Scott Joplin. Desde então, o *jazz* foi celebrado e rechaçado, adorado e odiado, estudado e ignorado, geração após geração. Desafiando as definições simples, o *jazz* abrange ritmos, escalas, síncopes e estilos que vão do *dixie* inicial de Nova Orleães ao *fusion*, passando pelas valsas do *ragtime*.

Embora seja exagerado equiparar as experiências de Nica às desses negros norte-americanos, havia elementos em comum. Ela e a família há muito que tinham deixado o gueto para trás, mas a experiência do passado de refugiados judeus, de nascer no meio de outra raça, inspirou-os a arriscar a própria vida durante a guerra.

Nica detetou a paixão e a dor subjacentes à música. Também se identificava com o facto de muitas mulheres e músicos negros terem travado uma guerra terrível e sangrenta em defesa da liberdade e de, mesmo assim, os dois grupos terem regressado a uma sociedade que se recusava, de modo geral, a considerar mudanças. Robert Kraft, músico e

produtor que conheceu Nica, descreveu-o de modo bem sucinto: «Os Estados Unidos tinham acabado de lutar numa guerra pela liberdade, e os soldados, negros e brancos, foram libertar populações inteiras numa época fascista, neolítica, extremamente difícil, na Europa e na Ásia. E, mesmo assim, os soldados negros voltavam para os Estados Unidos e não tinham permissão para entrar pela porta da frente dos restaurantes onde tocavam. Não podiam dormir em hotéis de brancos quando tocavam nos palcos desses hotéis. Tinham de se hospedar noutra sítio. Sem dúvida que havia muito conflito, raiva e discrepância, e claro que o papel do artista era chamar a atenção para isso.»

Os artistas levavam essa função a sério, como me explicou Sonny Rollins, grande lenda do *jazz* e amigo de Nica. «As pessoas que tocavam *bebop* queriam ser aceites como seres humanos, não só artistas de talento. Charlie Parker era uma pessoa muito digna e queria apresentar a música de maneira digna. Quando tocava, Charlie Parker não se mexia. Ficava de pé, parado, a tocar. Não fazia palhaçadas, não queria entreter.» Essa ideia é confirmada por Quincy Jones: «Os músicos diziam: ‘Eu não quero ter de entreter a plateia, quero ser um artista como o Stravinsky, fazer uma arte pura sem dançar e fazer caras, sem dançar ao som de um menestrel.»

«A música, como eu e tu sabemos, transcende as normas sociais e o patriotismo», continuou Rollins. «Une pessoas de todas as etnias.» Para Nica, que crescera numa sociedade cheia de regras e obcecada pela divisão de classes, essa rebeldia era embriagante e inspiradora. «Era uma coisa rebelde, *sexy*, divertida. A baronesa gostava disso», explicou-me Harry Colomby, ex-empresário de Monk.

E o mais importante de tudo, talvez, é que o *jazz* ajudou Nica a sentir-se menos solitária, mais ligada a outras pessoas. Como descobriu Proust, a música «ajudou-me a mergulhar em mim mesmo, a descobrir coisas novas: a variedade que eu buscara, em vão, na vida, nas viagens, mas cuja nostalgia me chegava pela maré sonora que fazia morrer a meus pés essas ondas ensolaradas». Para Proust, e talvez para Nica, a música fornece um «meio de comunicação entre as almas». A música era o bálsamo dela. Mitigava, harmonizava. Era capaz de lhe alterar incrivelmente o humor: animá-la num momento e entristecê-la no seguinte. A música era a ligação dela a outras pessoas, transportava-a para longe da «atmosfera» em casa e das «lérias».

Fui de metro até Roosevelt Avenue, no bairro de Queens, onde Teddy Wilson morava, e consegui uma mesinha de canto num café. Por mais tolo que pareça, pedi uma coca-cola, pus «'Round Midnight» a tocar no *iPod* e imaginei que era Nica, uns 60 anos antes. Em poucas horas, ela teria de sair de Nova Iorque, uma cidade que representava liberdade e fuga. De repente, senti que não podia voltar para um casamento que durante 15 anos se fora transformando numa prisão. Talvez Nica tenha ouvido, naquele quarto que dava para a Roosevelt Avenue, algo em «'Round Midnight» que fez sentido na vida dela. Nica nunca se cruzara nem ouvira falar de Monk até então. Ele podia ter cem anos ou ser adolescente: naquela altura, ela não tinha a mínima ideia do quanto viriam a compartilhar e da importância extraordinária que ele teria na sua vida. Talvez eu precisasse mesmo de suspender a descrença e aceitar que, naquela música, que dura apenas três minutos e 11 segundos, a vida de Nica mudou.

Depois de tomar a decisão de não regressar ao México, Nica estava determinada a conhecer o homem que tocava aquela música.

[12](#) Há muitíssimos indícios irrefutáveis da ligação entre o *jazz* e África. É, por exemplo, fundamental na natureza desse estilo musical o padrão de chamada e resposta, comum na tradição africana e reflexo dos padrões discursivos e do uso de escalas pentatônicas em África.

DIVERTIDO A VALER

Nica saiu de casa com estilo. Não foi morar para um apartamento discreto em Londres ou uma casa de campo numa das propriedades da família. Em vez disso, mudou-se para uma suíte no Hotel Stanhope, um estabelecimento luxuoso que dá para o Metropolitan Museum of Art, perto do Central Park, em Nova Iorque. Construído em 1927, o hotel era, como muitas casas dos Rothschild, uma versão falsificada de um palácio europeu. Os hóspedes passavam por uma entrada neoitálica para entrar num opulento saguão de estilo francês do século XVIII, com antiguidades, pavimento de mármore e paredes talhadas à mão com pormenores folheados a ouro de 24 quilates. Os hóspedes do sexo masculino tinham de usar fato e gravata e as mulheres raramente saíam dos aposentos sem chapéus e luvas. Como muitos hotéis, o Stanhope observava rigorosamente a regra segregacionista: os negros só eram admitidos pela entrada de serviço, e não tinham permissão para alugar um quarto ou frequentar as áreas públicas e os quartos dos hóspedes.

O hotel não era alheio a controvérsias. Em 1946, a socialite Kiki Preston saltou para a morte de uma das suas janelas. A suposta mãe de um dos filhos ilegítimos de sua Alteza Real, o príncipe Jorge, uma mulher que circulava entre os membros do Happy Valley e era sobrinha de Gloria Vanderbilt, recebera a alcunha de «rapariga da seringa prateada», por causa do seu vício de narcóticos. O infeliz salto para a morte de Preston levantou várias dúvidas quanto à vida que transcorria por trás das cortinas pesadas e plissadas do Hotel Stanhope. A última coisa de que a gerência

precisava era de mais um escândalo, mas mal a tinta da assinatura de Nica no formulário de registo tinha secado e ela já causava problemas.

«Uma das histórias que me contavam sobre ela», disse-me o meu pai, Jacob, «era que gostava de praticar tiro com a pistola apontada às lâmpadas. Queria manter uma mira boa depois da guerra. De tempos em tempos, o meu pai [Victor, irmão de Nica] tinha de ir a Nova Iorque para persuadir a gerência a deixá-la ficar no hotel.» Nica confirmou-me a veracidade desta história, mas acrescentou: «O gerente dizia-me ‘a senhora pode disparar sem problema contra os funcionários, mas deixe os nossos lustres em paz’.»

A primeira grande compra de Nica foi um *Rolls-Royce*, que ela deixava estacionado à frente do Stanhope com o motor ligado, caso precisasse de sair à pressa. Mais tarde, seria leal aos *Bentleys*, apesar de cuidar dos carros com alegre desdém. «Ela conduzia sempre como se estivesse a competir em Le Mans e não ligava muito às regras de trânsito», disse o seu filho Patrick a um jornalista. «No acordo de divórcio dos meus pais há uma cláusula que está lá por insistência do meu pai: sob nenhuma condição os filhos podiam andar de carro com Nica. Algo que era totalmente ignorado por ela.»

Certa vez, noite dentro em Manhattan, num sinal vermelho, um lustroso carro desportivo parou junto ao *Bentley Continental* descapotável de Nica. Um cavalheiro elegante no carro desportivo fez-lhe sinal para que baixasse o vidro.

«Minha cara senhora, devia ter vergonha de possuir um carro raro e bonito e tratá-lo dessa maneira horrenda.»

Ela olhou para o preocupado cavalheiro e respondeu «Vá-se foder!». E pôs o pé no acelerador.

Ele alcançou-a no sinal vermelho seguinte e, mais uma vez, pediu-lhe que baixasse o vidro. Apesar do encontro anterior, ela baixou. E o cavalheiro disse: «Minha senhora, com o devido respeito, o mesmo para si!»

Nica descreveu-o como «um homem encantador».

Embora me fizessem rir, essas histórias também me incomodavam. O novo estilo de vida que Nica escolhera, em hotéis de luxo e carros velozes, parecia mais um hedonismo puro do que um «chamamento» espiritual. Vi uma analogia entre o modo como Nica conduzia o *Bentley* e a maneira

com que se livrara da sua vida anterior; tanto o carro como essa vida eram, sob vários aspetos, raros e belos, e ela tratou ambos com desdém e negligência. Também fiquei a pensar se não havia um paralelo entre o facto de Victor se ter desfeito tão depressa da herança para perseguir as suas próprias paixões e Nica abandonar as suas responsabilidades.

O comportamento de Jules podia ser controlador e autoritário, mas não consegui senão solidarizar-me com o desejo dele de proteger os filhos. Claro que ele não queria que entrassem num carro com uma mulher que bebia e se envolvia em acidentes. Querendo acreditar que Nica lutara muito pela custódia dos filhos, tentei descobrir pormenores sobre o acordo de divórcio. Pesquisei os jornais da época, à procura de alguma menção à luta pela custódia, e as cartas da família em busca de referências. Não encontrei nada. O respeito que sentia por Nica vacilou. Talvez ela fosse apenas uma diletante milionária e irresponsável.

Travei uma guerra de opiniões na cabeça. Ela era boa ou má? Ingénua ou insensível? Perdi horas a fazer especulações inúteis até declarar uma trégua mental. Era hora de parar de julgar Nica e tentar entender as ações dela pelo prisma das experiências dela e das convenções da época. E a infância? Ela nunca recebeu atenção dos pais; o pai morrera de maneira abrupta e violenta. Rozsika era uma figura fantasmagórica que deixava aos criados o trabalho de criar os filhos. As crianças aprenderam a evitar a intimidade. Victor recorria à crueldade para manter os outros afastados; atormentou e intimidou vários dos seus cinco filhos e também as duas esposas. Liberty não conseguia lidar com nenhum tipo de relacionamento. Miriam trabalhava obsessivamente. Nica evitava ficar demasiado íntima de alguém dando o seu amor a todas as pessoas. Os álbuns de fotografia dela mostram uma mulher sempre cercada – de gatos, crianças ou adultos.

O casamento de Nica e o seu subsequente estilo de vida peripatético significavam que ela podia, sempre que desejasse, romper facilmente o contacto com as pessoas. Uma prima Rothschild descreveu o que sentia por Nica com tristeza e espanto. As duas mulheres foram contemporâneas e viveram próximas uma da outra. Brincaram juntas na infância, caçaram juntas e procuraram marido juntas. A amizade perdurou mesmo quando Nica e Jules foram morar para França. Contudo, depois de se ir embora para Nova Iorque, Nica nunca mais entrou em contacto com a prima e

nem lhe devolvia telefonemas ou cartas. Era como «se simplesmente já não quisesse saber de mim».

Uma das expressões favoritas de Nica vinha dos campos de caça. «Se lançares o coração para lá da cerca, a cabeça segue-o», disse-me ela. Talvez devesse ter acrescentado: «E não olhes para trás.» Ela mudou-se para os Estados Unidos confiante de que tudo funcionaria; de que outros cuidariam dela e de que os filhos seriam bem tratados por Jules. Patrick, o filho mais velho, disse o seguinte a respeito da sua situação financeira: «A minha mãe estava numa situação confortável, tinha um fundo fiduciário, mas andava sempre com problemas de dinheiro.» Nica gastava o dinheiro que não tinha, presumindo, corretamente, que a família a livraria de dificuldades. A nossa prima Evelyn de Rothschild lembra-se de que um funcionário antigo do banco, o Sr. Hobbs, era frequentemente enviado para Nova Iorque para contabilizar o que Nica gastava e encorajá-la a ter mais cuidado. Imaginei o Sr. Hobbs como um tipo suburbano de chapéu de coco, sem preparação para viajar para os Estados Unidos, à procura de uma Rothschild excêntrica. «Não! Enganas-te redondamente», corrigiu-me outra prima. «O Hobbs era um sucesso com as mulheres. Cuidava de todas as mulheres da família Rothschild e *adorava*.»

Havia outra explicação prática para os termos da separação de Nica. Antes de uma lei aprovada pelo Parlamento em 1969, muitos anos depois do fim do casamento de Nica, as mulheres raramente recebiam pensão ou ganhavam a custódia dos filhos. Quando deixou o marido para se juntar com outro homem em 1967, Frances Shand Kydd, mãe de Diana, a princesa de Gales, perdeu a custódia dos filhos e não recebeu nenhuma ajuda financeira. Até a princesa Margarida se divorciar, em 1969, só dois grupos de pessoas eram impedidos de entrar nos recintos reais dos eventos de corridas: os criminosos condenados e os divorciados. Talvez Nica não tenha lutado mais pela custódia dos filhos mais novos por saber que não podia ganhar. Talvez fosse honesta o suficiente para admitir que os filhos mais novos teriam uma vida mais estável com o pai.

A filha mais velha de Nica, Janka, depressa se juntou à mãe em Nova Iorque, quando fez 16 anos. Nas suas cartas, Nica trata-a mais como uma irmã mais nova do que como filha, orgulhando-se do conhecimento que Janka tem de *jazz* e do amor de ambas pela música e pelos músicos. Mais tarde, o seu filho mais velho, Patrick, tentou morar com Nica, mas

reclamava das *jam sessions* que duravam a noite toda e que o impediam de estudar. Os três filhos mais novos, Shaun, Berit e Kari, moraram com o pai em Nova Iorque de 1953 a 1957, no período em que Jules teve o cargo de ministro plenipotenciário de França para os Estados Unidos e o Canadá. Mais tarde, mudaram-se com ele para o Peru, onde Jules foi embaixador.

Para quem procurava uma vida nova, a Nova Iorque do pós-guerra era um cadinho de inovação e criatividade, um local que concentrava imensa energia. A economia estava em expansão. E também se tratava de um lugar onde era normal ser-se estrangeiro. Podia-se ouvir uma cacofonia de línguas diferentes em qualquer bairro. A poucos quilómetros uns dos outros, os bairros chineses conviviam com os italianos, coreanos, africanos, indianos, russos, polacos, judeus, muçulmanos e hispânicos. A maioria das pessoas convivia de modo feliz. Que melhor destino haveria então para Nica, de origem húngara, britânica, alemã e judia, casada com um francês de linhagem austríaca, uma mulher que morara na Europa, em África e na América do Sul?

Como o custo de vida era relativamente barato, Nova Iorque tornou-se um polo de atração dos maiores protagonistas do mundo da arte, literatura, dança, poesia, música, filosofia e psicanálise. Houve ideias, imagens e pensamentos que nasceram nos cafés, bares e clubes de *jazz* de Nova Iorque. Phoebe Jacobs, amiga de Nica, resume a atração da cidade: «A Nica veio para cá porque aqui tinha uma liberdade que não encontrava em lugar nenhum. Ninguém ligava às boas maneiras ou ao bom gosto. Era muito excitante, e ela queria fazer parte da multidão, ser um dos rapazes.»

Assim como Nica, Sal Paradise, o herói da obra *Pela Estrada Fora*, de Jack Kerouac, vai parar a Nova Iorque na década de 1950.

De repente, lá estava eu em Times Square, a meio da hora de ponta, a ver com os meus olhos inocentes a absoluta loucura e o furor fantástico de Nova Iorque com os seus milhões e milhões de pessoas eternamente apressadas, negociando entre si o sonho insano – agarrando, tomando, oferecendo, suspirando, morrendo, tudo só para serem enterradas naqueles terríveis cemitérios depois de Long Island

City. As altas torres desta terra – o outro lado desta terra, o lugar onde o sagrado dólar nasce.

Os clubes de *jazz* na 52nd Street eram pequenos e frequentados pela mesma clientela noite após noite. Nica sentava-se na companhia de Kerouac, William Burroughs, Allen Ginsberg e pintores do expressionismo abstrato como Jackson Pollock, Willem de Kooning, Franz Kline e Frank Stella, a ouvir Charlie Parker, Dizzy Gillespie, John Coltrane e Miles Davis. Eram acompanhados por uma nova geração de escritores norte-americanos que incluía Saul Bellow e Norman Mailer, que também ficaram fascinados pela cena *jazz*. A música transvazou para outras formas artísticas, inspirando os poetas de Black Mountain a rejeitar o controle e a estrutura. Pintores como Robert Rauschenberg usavam a técnica de recorte em tela, enquanto William Burroughs cortava frases de jornais para criar uma colagem de palavras e significados.

Sir John Dankworth, saxofonista e amigo de Nica, vivia em Nova Iorque na altura e ouvia a mesma música. «Era um mundo de fantasia, principalmente para quem havia acabado de chegar de uma Europa destruída pela guerra, onde ainda era tudo racionado e sofríamos com o pior clima dos últimos cinquenta anos. Nova Iorque era a coisa mais próxima do paraíso que consigo imaginar. Consigo entender muito bem que a Nica quisesse fazer parte dela.»

Desde que o Cotton Club abriu portas na década de 1920, muitas pessoas brancas passaram a frequentar os clubes de *jazz*. Porém, o que diferenciava Nica era que ela não queria voltar para casa quando os estabelecimentos fechavam. O diretor Clint Eastwood, que chegou a conhecer Nica quando filmou *Bird – Fim do Sonho*, um filme sobre Charlie Parker, disse-me: «As pessoas da alta sociedade desciam para ouvir as bandas de *jazz* e *swing*. A Nica abraçou a cultura do *jazz* e do *bebop* e adorava aquela rebeldia.»

Robin Kelley, biógrafo de Monk, adicionou outra dimensão ao comportamento de Nica. «Ao que sei, ela teve uma vida muito protegida quando era criança. Quase morreu quando apanhou sarampo, já adulta. Acho que esse tipo de reclusão ou proteção basta para te tornar rebelde na vida adulta.»

Nos trinta anos seguintes, o estilo de vida de Nica não mudou quase nada. Ela não ouvia *jazz*; ela vivia o *jazz*. Acordava quando a escuridão caía. Desperdiçava a luz do dia, tratando-a com completo desdém.

Meses depois de se estabelecer nos Estados Unidos, Nica substituiu a destrutiva rede de primos por uma rede igualmente intrincada de músicos. A aristocracia que ela tão bem conhecia em Inglaterra foi substituída por uma «jazzocracia». Nica aprendeu quem influenciava, traía, amava, apoiava e copiava quem. Adotando o dialeto, os horários e os hábitos, Nica movia-se com desenvoltura pelo mundo do *jazz*.

Quando Nica surgiu em cena com o seu reluzente *Rolls-Royce*, um livro de cheques e um incansável entusiasmo pelas músicas, os músicos mal conseguiram acreditar na própria sorte. Ela levava-os a sério e pagava-lhes alegremente as contas, espalhando tanto dinheiro quanto classe. «Lembro-me de uma noite em que jantámos em casa dela», escreveu Horace Silver na sua autobiografia. «Decidimos ir ao Birdland.¹³ Entrámos no *Rolls-Royce* dela, com ela ao volante, e começámos a descer a Broadway. Lembro-me de que todos os brancos ficaram a olhar para nós, como se pensassem: ‘O que é que estes pretos estão a fazer num *Rolls-Royce* com uma branca?’»

Nica não se preocupava em gastar dinheiro; era para isso que ele existia. O que ela queria era um bilhete de entrada numa vida diferente, e os músicos davam-lhe isso. Steven, neto dela, disse-me: «Para ela, aquela música era a expressão definitiva da liberdade, e isso era algo que ela nunca havia experimentado até ir para Nova Iorque; essa era a questão. Os músicos negros norte-americanos expressavam a paixão dela pela liberdade. E não fazia diferença se fosse expressa por chineses. Ela via neles [nos músicos] a encarnação da vida e da liberdade.»

Nica confirma a impressão do neto numa entrevista a Nat Hentoff, para a *Esquire*. «A música é o que me emociona. Existe algo nela que também ouço na música dos ciganos húngaros, algo muito triste e bonito. É tudo o que realmente importa, tudo o que vale a pena entender. É um desejo de liberdade. E em toda a minha vida, nunca conheci ninguém que me fosse tão querido pela amizade quanto os músicos de *jazz* que vim a conhecer.»

Nica encontrara a sua vocação, o seu paraíso na terra. Ninguém lhe dizia quando devia ir dormir, como se devia vestir, o que devia comer, com quem devia conversar, o que não devia beber. Não havia cozinheiros,

criadas, amas nem maridos que desaprovassem. Se quisesse comer, chamava o serviço de quarto; se quisesse sair, pegava no carro. Podia ter voltado a usar o apelido de solteira ou o do marido, mas preferia ser conhecida por «Baronesa».

Muitos presumiam que a relação de Nica com os músicos era física. «Homem negro, mulher branca, só podia ser uma coisa sexual, certo? É o velho preconceito ofensivo a vir ao de cima», comentou, em tom triste, o trombonista Curtis Fuller, amigo dela. Curtis passou muito tempo com Nica a partir do fim da década de 1940. «Nunca presenciei nada íntimo. Além disso, se já tivesses cinco filhos, não ias querer descansar um pouco dessa vida?»

Art Blakey, baterista e mulherengo, foi o primeiro músico de quem se disse ter uma relação romântica com Nica. Ela comprou-lhe um *Cadillac* e fatos para os músicos da banda dele. Muitos achavam que Blakey usava Nica, mas, para ela, ele era um guia talentoso e divertido do mundo do *jazz*, que a apresentava a músicos e a clubes, ensinando-lhe a música. Outro músico com quem ela terá tido um caso foi Al Timothy, um saxofonista de Trindade que chegara a Inglaterra em 1948 e conheceu Nica através de um amigo em comum, Teddy Wilson. Aparentemente, Nica adorava Timothy, ou a música dele, ou ambos, e quando voltou a morar em Londres durante um breve período em 1954, Nica reabriu o clube Studio 51 e fez de Al Timothy líder de banda residente. Mais tarde, Timothy foi visitar Nica em Nova Iorque, onde ela o fotografou com Monk e Sonny Rollins.

Os mexericos e as especulações perseguiam Nica, mas não há prova de que esses relacionamentos tenham sido consumados. Um dos seus amigos mais íntimos era Teddy Wilson, o antigo professor de piano do irmão. Quando ele fez uma digressão pela Escócia em 1953, Nica levou-o de carro de Londres a Edimburgo. Novamente os jornais ficaram em polvorosa. «Músico de *blues* ganha *Rolls-Royce*», foi uma das manchetes. Para Wilson, ver o Reino Unido «num carrão de quatro portas, com o teto aberto, a alta velocidade» foi ver o que o país tinha de melhor para oferecer. Para Nica, com tempo e um carro à sua disposição, foi «divertido a valer».

A ironia é que ela ainda não conseguira encontrar o autor de «'Round Midnight». Nica vasculhou os clubes em busca do sacerdote do *jazz*. Mas

Thelonious Monk perdera a licença de músico por causa de drogas, depois de uma apreensão policial. Quando saiu da prisão, não conseguiu arranjar emprego, ficou sem dinheiro e passou a viver praticamente como um prisioneiro no próprio apartamento.

[13](#) Birdland, à letra «Terra de Pássaros», é um clube de *jazz* marcante, na Broadway, aberto em 1949, que deve o nome a Charlie Parker, cuja alcunha era «Bird», «Pássaro».

O SOLITÁRIO MONK

A uns meros 20 quarteirões para sudoeste do Hotel Stanhope, num pequeno apartamento de três assoalhadas de um prédio sem elevador no bairro de San Juan, do outro lado do Central Park, Thelonious Sphere Monk passava por dificuldades. Preso por posse de heroína em 1951, ficou sete anos sem o seu *cabaret card* e, assim, sem o direito de tocar na maioria dos clubes de Manhattan. Enquanto os seus contemporâneos saíam da obscuridade e se tornavam populares, Monk estava enalhado. De vez em quando, tocava em Brooklyn ou noutra lugar fora da cidade, mas na maior parte do tempo Monk tocava sozinho, num piano vertical, na sua cozinha. O único público que tinha era composto por Nellie, sua mulher, e os dois filhos, Toot e Barbara. À noite, se o conseguisse suportar, Monk ouvia os seus contemporâneos no rádio. Durante essa fase dos «desanos» (como ele próprio apelidou essa época improdutiva), Monk ficava muitas vezes deitado em silêncio, a olhar para uma foto de Billie Holiday colada ao teto por cima da sua cama.

A família sobrevivia com o parco salário de Nellie. Ao longo dos anos, ela trabalhou como ascensorista, numa geladaria e como costureira, mas uns problemas de saúde obrigavam-na frequentemente a ficar em casa, forçando o casal a depender da boa vontade da família de ambos. O medo da pobreza pairava constantemente. Mesmo em tempos melhores, nas digressões mundiais, Nellie guardava as garrafas vazias de *Coca-Cola* para conseguir o reembolso do vasilhame. Monk também vivia com medo de ser preso; tinha sempre consigo mil dólares em dinheiro, caso precisasse de fiança. Enquanto muitos no seu lugar tentariam conseguir

um emprego normal, Monk não conseguia trabalhar em coisas habituais, e os empregadores não suportavam a falta de respeito dele pela autoridade ou por horários. Uma pessoa com menos autoconfiança poderia ter soçobrado.

À primeira vista, as diferenças entre Monk e Nica – as suas histórias, as suas experiências e personalidades – pareciam inconciliáveis; a única coisa que pareciam partilhar era o amor à música. Mesmo que Nica o encontrasse, era pouco provável que os dois viessem a ter algo em comum. Um amigo mútuo, o escritor Stanley Crouch, era igualmente cético. «O Monk era um negro do interior, nem sequer cresceu em Nova Iorque, veio da Carolina do Norte. O Monk e a Baronesa vinham de situações sociais e económicas muito, muito diferentes.»

Percebi que uma das questões no âmago da minha investigação era: o que faz duas pessoas sentirem-se atraídas? Porque é que nos apaixonamos por uma pessoa e não por outra? Monk era negro, ela era branca; ele era pobre, ela era rica; ele era cristão, ela, judia: a lista é infinita e francamente dispensável. Será que havia uma ligação mais profunda, invisível de imediato a um observador passageiro? Seria possível, pensei, eliminar os elementos supérfluos e encontrar outras ligações entre os dois? Será que as pessoas se enganavam quando diziam que a amizade deles se baseava na atração dos opostos?

Thelonious nasceu em Rocky Mount, na Carolina do Norte, em 1917, quatro anos depois de Nica. O bisavô dele viera da África Ocidental, num navio negreiro, a meio do século XIX, e recebera o nome do dono da fazenda onde foi trabalhar, Archibald Monk. Thelonious e o pai, também chamado Thelonious, foram batizados em homenagem a um santo missionário beneditino do século VII. O pianista depois acrescentou o apelido «Sphere», como uma variação do nome de família da mãe, Speer.

Tal como Charles Rothschild, o pai de Monk tinha problemas de saúde, tanto físicos quanto mentais. Os dois homens sofriam de períodos de comportamento errático e depressão. A mãe de Monk, Barbara, teve de lidar com o terrível temperamento, o alcoolismo e as oscilações de humor do marido e, por fim, o afastamento dele da família e da sociedade. Talvez para fugir ao casamento, ou para procurar uma vida melhor, em 1921 Barbara pegou nos três filhos, Thelonious, com quatro anos, Thomas e Marion, e foi morar para Nova Iorque. Na altura, era um ato corajoso e

muito raro para uma mulher, abandonar o marido e a família alargada. Barbara estava determinada: havia poucas oportunidades para os negros no Sul. As leis de Jim Crow ainda resistiam na prática, senão legalmente.

Quando o pai de Monk se reuniu à família, uns três ou quatro anos depois, Barbara morava com os filhos em San Juan Hill, um bairro que se havia tornado o lar de milhares de imigrantes do Sul e das Caraíbas. Durante um breve período, os Monk viveram juntos, em família, mas o pequeno prédio de apartamentos era um local húmido e mal iluminado que piorava os ataques de asma do pai de Monk e também os seus problemas mentais.

Perguntei-me se os problemas dos seus respetivos pais não foram um elo entre Nica e Thelonious. Ambos cresceram com um pai que sofria de um tipo de doença mental exacerbada por condições aleatórias. A depressão de Charles ficou ainda pior depois de ele contrair a gripe espanhola; a do pai de Monk piorava quando ele tinha problemas pulmonares. Apesar das circunstâncias financeiras extremamente diferentes, havia uma atmosfera nas casas de Monk e de Nica que deu forma à infância de ambos e alterou o modo como viam o mundo. Em criança, nenhum dos dois podia prever que humor ou personalidade o pai adotaria num dado momento. O pai de Monk desaparecia e ia para bares; Charles Rothschild trancava-se no quarto.



© William Gottlieb/Redferns/Getty Images
Thelonious Monk, na juventude.

Depois de alguns anos, o pai de Monk voltou para o Sul, para morar com o irmão. Sobrecarregada pela doença dele, a família pô-lo num asilo psiquiátrico, onde ele ficou o resto da vida. Havia uma grande diferença entre o confortável sanatório suíço de Charles Rothschild, para onde ele podia levar companhia e trabalhar, e o State Hospital for the Colored Insane [Hospital Estadual para Pessoas de Cor Insanas], em Goldsboro, na Carolina do Norte, onde o pai de Thelonious foi encarcerado. Este último era um lugar miserável, com poucos confortos e quase nenhuma esperança de alta.

A jovem Nica e o jovem Thelonious tiveram ambos mães muito fortes que mantiveram a família unida. Enquanto Rozsika Rothschild gostava de administrar os mais de 40 funcionários da casa, Barbara Monk trabalhava como empregada de limpeza no Children's Court, no número 137 da East 22nd Street. O jovem Thelonious foi matriculado na prestigiante Peter Stuyvesant School, onde teve acesso a uma educação mais ampla do que Nica. Depois de demonstrar certo brio acadêmico, tornou-se um aluno médio sem grande talento. Embora não participasse da orquestra da escola, a música teve um papel importante na vida do jovem. Assim como Nica, Thelonious cresceu a ouvir uma mistura de música clássica e jazz. Nica pôde ouvir as melhores orquestras clássicas nos salões de festa da família e depois dançar ao som das mais importantes bandas nas festas da alta sociedade. Barbara levava os filhos ao Central Park para ouvir a série Goldman de concertos clássicos, onde as melhores orquestras tocavam obras de Schubert, Tchaikovski, Wagner, Chopin e Strauss. Toot, filho de Monk, disse-me: «Se visitasse a casa do meu pai, veria pilhas de discos de Chopin, Liszt, Haydn, Handel, Beethoven, Wagner. A música dele não saiu do nada.»

Ninguém esperava que Nica conseguisse emprego, mas as perspectivas de Monk eram igualmente más. As oportunidades de emprego para jovens negros eram extremamente limitadas. Perguntei ao contemporâneo de Monk, o lendário baterista Chico Hamilton, sobre as suas perspectivas de carreira na década de 1930.

«Eu podia ser músico ou chulo», respondeu Hamilton.

Imaginando que fosse uma brincadeira, ri-me e fui imediatamente censurada.

«Pode rir-se», disse ele, inclinando-se para perto de mim, com um olhar de raiva e uma batuta apontada na minha direção, «mas quando eu tinha oito, nove, dez e onze anos, engraxava sapatos: foi assim que consegui comprar a minha primeira bateria: a engraxar sapatos em troca de um níquel. Há de lembrar-se quanto valia um níquel. Baldava-me às aulas às quartas e aos sábados e trabalhava o sábado inteiro até conseguir um dólar, e depois voltava para casa. Consegui juntar dinheiro suficiente, como eu disse, para comprar a minha primeira bateria. E assim ganho a vida desde então. Tive sorte.»

Em 1932, quando Nica andava à procura de marido, a fazer vénias ao bolo do baile e a anotar no seu cartão de danças os nomes dos pretendentes, Monk montou a primeira banda informal, deixou de estudar e arranjou uma namorada. Embora mal reparando nela, também conheceu Nellie, a irmã mais nova do seu amigo Sonny Smith, uma miúda pequena e magricela de dez anos, que viria a ser sua mulher e mãe dos seus filhos.

No ano em que Nica se casou, 1935, Monk saiu em digressão como apoio de uma pastora. Contou a Nat Hentoff: «Quando eu era adolescente, andei na estrada com um grupo que tocava música gospel para uma pastora. *Rock'n'roll* ou *rhythm and blues*. Era isso que a gente fazia. Só que agora dão-lhe letras diferentes. Ela pregava e abençoava e a gente tocava. Viajámos uns dois anos.» Foi um dos poucos períodos na vida do pianista em que ele teve um emprego estável.

Quando voltou a Nova Iorque, Monk participou brevemente nalgumas bandas de orquestra, trabalhando com Lucky Millinder, Skippy Williams e Dizzy Gillespie. «As bandas nunca me impressionaram muito. Eu queria tocar os meus próprios acordes», confidenciou a George Simon. O seu filho Toot gostava de salientar que, embora não fosse uma estrela na banda, Monk «era a estrela do bairro antes de ser reconhecido internacionalmente. Naquela altura, nem toda a gente tinha gira-discos, por isso a festa acontecia onde houvesse música ao vivo».

O clube que deu início a mil sonhos e mudou a história do jazz foi o Minton's Playhouse, no Harlem. Pequeno e banal, ficou conhecido pelas suas *jam sessions* inovadoras nas noites de segunda-feira, onde os músicos

podiam esquecer sessões com arranjos certos e tocar o seu *jazz* desregulado com abandono. Foi ali que Monk conheceu os grandes do *jazz*, como Coleman Hawkins, Ben Webster e Lester Young.

No Minton's, quatro jovens – Thelonious Monk, Charlie Parker, Max Roach e Dizzy Gillespie – inventaram uma nova forma de *jazz* chamada *bebop*. «Todos diziam que o *bebop* era a revolução, mas ele era a evolução», disse-me o crítico e escritor Ira Gitler. «O *bebop* ecoava os meios de transporte mais rápidos, a incerteza da guerra, a esperança no futuro. Encapsulava todos os jovens músicos de um modo muito, muito poderoso.»

Visitei Gitler no apartamento de cave do Upper East Side que ele divide com a mulher Mary Joy e que Nica também visitava. Tal como ela, Ira Gitler era conhecido na cena nova-iorquina e dedicava a vida a escrever sobre o *jazz*. Todas as superfícies e todos os cantinhos do apartamento estavam cheios de lembranças do *jazz*: instrumentos musicais, fotografias e discos colecionados ao longo de 70 anos. Gitler foi uma das pessoas de um pequeno grupo que realmente conseguiu fazer com que eu entendesse Nica e a cena *jazz*.

«Soube da Nica assim que ela cá chegou, porque as pessoas do mundo do *jazz* começaram a falar da baronesa que andava por aí de *Rolls-Royce*. Vi-a pela primeira vez no Open Door, em Greenwich Village, onde as *jam sessions* aconteciam ao final das tardes de domingo e duravam até à noite. O Charlie Parker começou a tocar lá e claro que isso atraiu a atenção das pessoas.»

De certeza que foi difícil a Monk ficar em casa com tudo isso que se passava, não? Gitler respondeu-me que sim, mas explicou que a carreira de Monk nunca foi fácil.

Nica estava em África e depois em França quando o *bebop* nasceu. Se o estilo musical conseguiu chegar a ela, foi pelo rádio, e não por discos. Houve um hiato nas gravações durante os primeiros anos da década de 1940, enquanto as empresas discográficas negociavam novas formas de contrato, pelo que o *bebop* inicial não foi gravado. Só em 1945, quando as editoras menores surgiram, é que essa nova música foi capturada em goma-laca e a sua influência se espalhou¹⁴. O escritor Gary Giddins explica: «O *jazz* era uma música que unia as pessoas e isso era como um oásis no meio do pântano.»

As composições de Monk não são formas clássicas de nenhum estilo. São permeadas por gospel, *stride* e *blues*, uma miscelânea das influências que ele absorveu originalmente na igreja, nas digressões de gospel e no rádio. O som dele é único. Basta ouvirmos três acordes e, quer adoremos quer detestemos, conseguimos identificar o modo único de Monk tocar. Mas eu queria perceber: o que é que Monk fez pela música e pelos músicos?

«Thelonious foi o pai do *jazz* moderno porque foram as possibilidades harmônicas que ele trouxe que libertaram Charlie Parker e John Coltrane e Dizzy Gillespie dos grilhões da música popular norte-americana», explicou-me Toot, seu filho. Até então, a maior parte da música era tocada segundo estruturas simples de acordes. Os músicos de *bebop* mandaram fora o livro das regras. Mas, para muitos, o som que produziram era como se alguém martelasse contra um belo vitral: o *bebop* era um som fraturado em mil estilhaços.

Monk levou a anarquia musical ainda mais longe do que os seus contemporâneos. Estes tocavam notas em sequências estranhas, ignorando melodias e subvertendo as estruturas dos acordes. A isso, Monk acrescentou a sua própria variação. A minha explicação favorita da inovação da música de Monk é a de Chico Hamilton: «Ouve, já toquei com pianistas que tocam com todas as teclas brancas, já toquei com pianistas que tocam com todas as teclas pretas, mas nunca toquei com nenhum filho da puta capaz de tocar no espaço entre elas.»

Monk pode ter sido um herói para outros músicos, mas, na época em que Nica o ouviu pela primeira vez, os críticos odiavam a música e as composições dele. O influente promotor George Wein confessou-me: «A primeira vez que o ouvi tocar foi no fim da década de 1940 e só achei que ele fosse um pianista mau.» A mais importante revista de música da época, *Downbeat*, descreveu Monk como «o pianista que NÃO inventou o *bop* e que no geral toca piano de um modo mau, embora interessante.»

Não fosse por uma jovem promotora, Nica talvez nunca tivesse ouvido Monk tocar. Lorraine Lion Gordon¹⁵ apaixonou-se pelo som dele e não descansou enquanto não levou o pianista a um público maior. Foi visitar Monk em casa. «Ele tinha um piano vertical no quarto, que me pareceu o de Van Gogh em Arles, com a cama e a cómoda.» Teve de se sentar na cama enquanto Monk tocava. «O Thelonious tocou de costas para nós

várias músicas que nunca tínhamos ouvido. Pensei: ele é um ótimo pianista de *blues*! Foi por isso que gostei tanto dele.»

Lorraine viajou por todo o país com uma mala cheia de discos de Monk. «Fui a Filadélfia, Baltimore, um festival inteiro, Cleveland, Chicago. Era uma miúda e fazia tudo isso para ele e para os outros artistas da Blue Note. Fui ao Harlem para tentar vender o Monk lá. Os tipos das lojas de discos diziam: ‘Ele não sabe tocar. Tem duas mãos esquerdas.’ Tive de insistir para que comprassem o disco do Monk e o ouvissem.» Lorraine admitiu que era a menina de recados de Monk. «Ele ligava-me. ‘Será que me podes levar ali? Será que me podes levar acolá?’ Eu a modos que o mimava porque já naquela época achava que ele era especial. Eu era a ajudante que fazia as coisas por ele.»

Monk tinha um certo talento para encontrar mulheres que cuidavam dele: a sua mãe, a sua mulher Nellie, e depois Nica. Embora tivesse um breve emprego no fim da década de 1930, era muito mais feliz quando compunha e tocava, e decidiu que um emprego normal não era para ele. Viveu numa época em que se esperava que os génios fossem excêntricos, pessoas autorizadas a comportar-se mal, como se a sua recusa a assumir responsabilidade por qualquer coisa e o seu estilo de vida autocomplacente se justificassem, em nome da arte. Lorraine Lion Gordon já tinha dado início a esse processo ao comparar o apartamento de Monk ao quarto de Van Gogh. Outros escritores e empresários promoveram depois dela o mito, mencionando o modo de dançar de Monk, os seus chapéus e o seu comportamento errático.

No fim de março de 1943, quando Nica estava em África a lutar pelo exército da França Livre, Monk foi chamado para se alistar. De acordo com as histórias da família, Monk disse ao oficial de recrutamento que se recusava a lutar por um país que mantivera a sua família na escravidão e que tão pouco fazia para eliminar o racismo. Foi devidamente classificado como um 4F, «chumbado por motivos psiquiátricos». Era raro Monk defender uma posição política. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos, não se juntou à Nação do Islão nem marchou pela igualdade: o seu dever era tocar música. «Achas que sou o quê? Um assistente social?», disse ele a um entrevistador. «Não ligo ao que

acontece com esta ou aquela pessoa. Só me ocupo a compor música e a pensar na minha família.»

Monk nunca teve dúvidas sobre a sua genialidade. «Acho que contribuí mais para o *jazz* moderno do que todos os outros músicos juntos», disse a uma revista francesa de *jazz*. «Não gosto de ouvir ‘Gillespie e Parker revolucionaram o *jazz*’, quando sei que a maior parte das ideias foi minha. O Dizzy e o Bird não fizeram nada por mim em termos musicais, não me ensinaram nada. Na verdade, eles é que vinham ter comigo com dúvidas, mas foram eles que ficaram com os louros todos.»

A reputação dele persistiu e Monk passou a ser conhecido entre os entendidos como o *Sacerdote do Jazz*. Ensinou músicos mais jovens, como o saxofonista Theodore «Sonny» Rollins ou o trompetista Miles Davis. «O Monk ensinou-me mais do que qualquer pessoa na rua quando eu vivia na rua. Foi ele que na verdade me ensinou tudo», disse Davis.

A admiração dos outros não significou fama ou dinheiro. Monk foi ficando cada vez mais ressentido por ver que Dizzy Gillespie e Charlie Parker conseguiam mais trabalho e reconhecimento. A meio da década de 1940, Dizzy ganhava milhares de dólares por semana; Monk não tinha trabalho nem rendimento constante. No fim de 1946, Monk tinha tão pouco trabalho que deixou de pagar ao sindicato. «Acredito que, por tocarem comigo, copiarem as minhas harmonias, me pedirem conselhos, perguntarem como conseguir o melhor som, como escrever bons arranjos e por dependerem de mim para corrigir a música que faziam, eles compuseram temas que vieram diretamente de mim [...] enquanto isso, eu não conseguia arranjar sequer um trabalho temporário. Às vezes, não conseguia nem entrar no Birdland. Fazes ideia do que é um músico ouvir as suas composições e nem conseguir entrar [no clube]?»

Monk gravou o primeiro disco em 1948. «Thelonious» estava no lado A e «Suburban Eyes» no lado B. Logo depois, foi preso por posse de marijuana e passou 30 dias na cadeia. Trancado numa cela pequena no auge do verão, Monk sabia que logo que saísse dali o seu *cabaret card* seria revogado por, pelo menos, um ano. O futuro ficou ainda pior com a publicação de *Inside Bebop*, de Leonard Feather, que descartou Monk num parágrafo: «Escreveu algumas melodias bonitas, mas a sua falta de técnica e continuidade impediu-o de realizar mais como pianista.» Quando

encontrou o autor, por acaso, no inverno de 1949, Monk agarrou Feather pela gola e gritou: «Estás a tirar-me comida da boca!»

Monk e Nellie casaram-se em 1948. Sem dinheiro para comprar uma casa, os recém-casados moravam com a irmã dela e os filhos, ou com a mãe dele, Barbara. Embora Nellie tivesse sofrido de problemas estomacais grande parte da vida, Monk não procurava empregos normais para que ela tivesse uma vida mais fácil, nem assumia a responsabilidade de cuidar da família: ele era músico e tinha uma missão.

O consumo de drogas era endêmico no mundo do *jazz*. Monk tomava habitualmente um *cocktail* de álcool e benzedrina, marijuana, heroína, ácido e remédios. Era forte, fisicamente, mas poucas pessoas conseguem lidar com esse ataque de substâncias. Houve quem tenha tentado desculpar o abuso de substâncias de Monk, dizendo que era apenas esporádico. Na noite em que o filho nasceu, Monk estava num beco, a injetar-se. Nellie teve de ir sozinha para o hospital público na «Ilha do Bem-Estar Social», às vezes descrito como o «inferno no meio do canal» devido à sua proximidade com hospícios e prisões. As roupas do bebé vieram da loja de assistência social. Assim que recuperou do parto, Nellie voltou ao trabalho, dessa vez a costurar na Marvel Cleaners em troca de 45 dólares por semana.

Embora a música viesse sempre em primeiro lugar, Monk punha a amizade acima da liberdade pessoal. A 9 de agosto de 1951, estava a conduzir o seu protegido Bud Powell, em Nova Iorque, quando a polícia os parou. Powell, um famoso toxicodependente, tinha um pacote de heroína no bolso e, em pânico, lançou a droga pela janela do carro, e ela caiu justamente aos pés do polícia. Os dois músicos foram arrancados do carro, atirados de cara contra o capô, pontapeados e depois algemados. Monk sabia, mesmo que o polícia e Powell não soubessem, que o seu amigo Bud não sobreviveria a outra temporada na prisão. Muitos atribuem os problemas mentais e frequentes acessos de nervos do jovem saxofonista aos espancamentos brutais da polícia enquanto esteve preso em 1945. Na altura, Powell ficara mais de um ano no Creedmoor Psychiatric Center, onde, de acordo com amigos, o tratamento intensivo de

terapia por eletrochoques só conseguiu fazer com que ele tivesse problemas de memória e exacerbar as suas oscilações de humor.

Monk disse que a droga era dele. Talvez fosse, mas ele insistiu que Bud fosse libertado. Monk foi mandado para a prisão em Rikers Island, onde ficou 90 dias. Não foi a primeira nem seria a última pessoa a ficar profundamente traumatizada com a experiência. Em 1998, mais de 40 anos depois, apesar dos avanços no tratamento dos prisioneiros e nos direitos humanos, o *New York Times* relatou que «os detidos no complexo presidiário de Rikers Island há anos que são sujeitos a espancamentos improvisados e ataques planeados dos guardas, de acordo com documentos judiciais. Na última década, os detidos em Rikers foram brutalmente espancados, sendo que alguns sofreram fraturas, tímpanos perfurados ou ferimentos graves na cabeça.» Toot fala de modo otimista sobre esse período: «A vida ia ser dura para o Thelonious de qualquer maneira. O Thelonious não era um tipo comportadinho que seguia as regras.» Apesar de tudo, a prisão de Monk teve um efeito secundário: foi lá que ele compôs alguns dos maiores clássicos do *jazz*.

Entrevi paralelos entre Monk e Nica. Ambos eram capazes de ser irresponsáveis e de deixar os outros cuidarem das tarefas domésticas mais básicas. Os horários, uma rotina regrada, a responsabilidade financeira e outros atributos burgueses eram-lhes repugnantes. Contudo, em questões de princípio, em momentos em que o seu sentido altamente desenvolvido de justiça era questionado, Monk e Nica não hesitavam. Nica lutou numa guerra que defendia a liberdade; Monk foi para a prisão para poupar a vida de um amigo.

*

Sem conseguir encontrar Monk, Nica voltou para Inglaterra em 1954, para pensar no seu futuro. Passou algum tempo a visitar parentes e a tentar resolver pormenores da sua separação de Jules. Os irmãos estavam espalhados pelo Reino Unido: Victor dividia-se entre Cambridge e uma ecovila-modelo que construía em Rushbrooke, no Suffolk; Miriam tinha a própria família e dedicava a vida à ciência; Liberty ainda se encontrava num hospital privado, a receber tratamento para a esquizofrenia.

Nica estava de facto sem ter onde morar, sem emprego, sem oportunidades de arranjar emprego, em maus lençóis. Com 41 anos, um passado incrível e cinco filhos, não era exatamente um grande partido. E não só Nica tinha poucas opções, como a sociedade inglesa havia mudado. «Já não era sem tempo», disse-me Miriam. Os fios diáfanos que seguravam aquele mundo cosmopolita desintegraram-se depois da Segunda Guerra Mundial. Nica era uma pessoa capaz e determinada, mas não tinha um escape óbvio para as suas capacidades e nenhuma maneira de canalizar energia. Quando lutara com a França Livre, aprendera a pilotar aviões ou tentava saltar de cavalo a cerca mais alta, Nica conseguia lidar bem com a própria personalidade. Mas, em 1954, enfrentava um vazio. A animação inicial de se mudar para Nova Iorque e mergulhar no mundo do *jazz* dissipara-se. Mais tarde, Nica admitiu que, naquele vácuo, passou a beber cada vez mais. Os que a conheciam em Londres na época lembram-se de Nica no Stork Club, sempre um pouco tensa, esperando a chegada da mais recente estrela. Acredito que Monk apareceu no momento exato.

Quando ouviu que o seu herói musical ia tocar em Paris, Nica apanhou o primeiro avião disponível. Duas vidas muito diferentes estavam prestes a entrar em colisão.

[14](#) A maioria dos discos anteriores a 1948 era gravada na altamente frágil mistura de goma-laca, fuligem e calcário. Durante o fabrico, artesãos qualificados usavam ouro, vidro, cobre, cera, níquel e, por vezes, crómio, e tinham de operar máquinas para comprimir o som numa ranhura. Era um processo tão preciso e trabalhoso, que pelo menos 50 por cento dos discos nunca saía da sala final. Os estúdios discográficos eram mantidos sob temperaturas altas, para assegurar que a cera se mantinha maleável, e havia técnicos a observar ao microscópio a gravação de 88 das 136 ranhuras por polegada radial na superfície e, a seguir, a finalização com uma camada fina de ouro de 24 quilates.

[15](#) Lorraine foi casada com Alfred Lion, co-fundador da editora discográfica Blue Note e, mais tarde, com Max Gordon, com quem geriu o lendário clube Village Vanguard.

UMA PRETA E UMA BRANCA

Paris foi o local perfeito para o primeiro encontro de Monk e Nica. A cidade perdera um pouco do brilho de antes da guerra, mas ainda era a capital da sofisticação. Chanel reabriu o seu estúdio de moda em 1954, introduzindo os elegantes fatinhos de saia e casaco e as saias justas. Os filmes franceses inspiravam as mulheres a cortar o cabelo, usar calças afuniladas e brincos de argolas. Havia uma aura de multiculturalismo e tolerância. Kenny Clarke, amigo de Nica e baterista de *bebop*, chegou em 1947: «Há uma mentalidade diferente aqui. As pessoas não têm medo de andar pelos bairros onde vivem, de fazerem amizades; socialmente, sentimo-nos mais ajustados. Como negro, como músico, como pessoa, tive sorte em poder morar aqui.» Fazer parte de um casal mestiço não representava problema nenhum. Ao observar o apaixonado caso de Juliette Gréco e Miles Davis, Jean-Paul Sartre perguntou ao trompetista porque é que não se casava com ela e a levava consigo para Nova Iorque. Miles respondeu: «Porque a amo de mais para a pôr infeliz.» Era, explicou ele, uma questão racial.

Nica foi para Paris com uma nova amiga, a pianista Mary Lou Williams, que conhecera recentemente com Teddy Wilson. Nascida e batizada com o nome Mary Elfrieda Scruggs em Atlanta, na Georgia, Mary Lou era autodidata e aos seis anos já ajudava a sustentar os dez meios-irmãos e irmãs ao tocar em festas. Em 1925, com apenas 15 anos, participou da *big band* de Duke Ellington. Apelidada de «a pequena pianista do bairro de East Liberty», Mary Lou escreveu arranjos e composições para vários grandes músicos do *jazz* e gravou mais de uma centena de álbuns. Foi uma

das poucas mulheres do *jazz* a ter sucesso num mundo dominado por homens e tornou-se amiga de Nica para toda a vida. O arquivo dela, que agora se encontra na Rutgers University, em Nova Jérсия, contém muitas cartas, pinturas e textos diarísticos de Nica. Mary Lou era uma católica devota e nunca se esquivou a ser uma bússola moral e uma confidente da sua amiga europeia. Não viu nenhum mal em apresentar Nica ao seu amigo Thelonious Monk.

Quando finalmente subiu ao palco em Paris, Monk havia fumado muita marijuana e bebido muito conhaque. A plateia fora ouvir o *jazz* de Dixieland de Claude Luter, e música desse tipo. Não estava à espera de um pianista que grunhia e cuja parte percussiva mal ensaiada não estava no mesmo ritmo que o modo maluco de Monk tocar. O espetáculo ia a meio quando Monk saiu do palco para beber mais e voltou para tocar outra música no seu estilo inimitável, contraditório, dissonante. Os críticos, tanto franceses quanto ingleses, detestaram, dizendo que era «assustador e banal» e descrevendo Monk como um «género de bobo da corte do *jazz* moderno».

Nica lembrava-se daquela noite de maneira bem diferente. Ficou encantada; Monk superou as expectativas dela. Na sua opinião, a plateia ficou impressionada. «Ele tocou duas músicas – só isso – e saiu do palco, e a plateia ficou muito absorta», disse ela, numa entrevista gravada. «Na verdade, toda a gente gritava ‘Monk, Monk’, e ele não voltou, mas o Gerry Mulligan estava à espera para tocar, então foi só isso.»

A partir daquele momento, a vida de Nica mudou. O rastilho acendeu-se quando ela ouviu a gravação de «'Round Midnight» e incendiou-se quando ela conheceu o compositor. Nica tinha recebido o seu chamamento com uma música de Duke Ellington e agora encontrara a sua missão com uma de Monk. Durante os 28 anos seguintes, Nica dedicaria a vida a Thelonious Monk, depositando o seu amor e o seu tempo aos pés do músico, como um manto de devoção.

Depois do primeiro encontro, Nica admitiu: «No começo, eu precisava de intérprete para entender o que ele dizia. Ele não era fácil. Eu não entendia o inglês do Thelonious. Demo-nos imediatamente bem e saímos juntos durante todo o tempo em que ele esteve em Paris. Foi muito divertido.» Ninguém sabe em que consistiu esse divertimento; talvez Monk e Nica tenham consumado a relação, talvez não. Para ela, Monk era

«o homem mais bonito que eu tinha visto na vida. Era alto, mas a presença dele era ainda maior. Sempre que ele entrava nalgum lado, dominava-o. Na verdade, podia estar sentado numa cadeira ou deitado numa cama, a falar ou em silêncio, e ainda assim dominava o lugar onde estava».

Toot, filho de Thelonious, estava convencido de que Nica se apaixonou, e disse-me: «Eu sei que a sua tia se apaixonou pelo meu pai, não tenho a menor dúvida disso. Basicamente, ele supriu a necessidade dela de vir para os Estados Unidos. Ela não sabia nada sobre ele, mas ficou profundamente comovida com a música e a personalidade dele.» Será que foi assim tão simples? Toot sorriu e acrescentou: «Ele era um tipo bonito, e ela era uma beldade.»

Stanley Crouch achava que a atração era musical. «Há uma certa aristocracia na música do Monk, e os Estados Unidos estão a quase cinco mil quilómetros de distância [de Paris], por isso na verdade é possível que alguém proveniente de um mundo tão diferente quanto o do Monk ficasse fascinado pela música dele. Há sempre um tipo de magia humana capaz de transcender o que sabemos sobre a sociedade, as relações, essas coisas todas. E eles tinham isso um com o outro.»

Uma semana depois do encontro, Monk voltou para Nova Iorque com uma mala de 20 quilos de inúmeras boinas francesas e uma garrafa de conhaque em cada bolso. Voltou para casa, a família e a sua vida normal, enquanto Nica viajou para Londres. Determinada a apresentar Monk a um público maior, Nica reservou o Royal Albert Hall, a principal casa de espetáculos da capital e, à época, a maior de todas. Com capacidade para mais de cinco mil pessoas, havia sido construída pelo príncipe Albert especificamente para a disseminação da cultura ao público. Depois de conseguir reservar a casa inteira por seis domingos seguidos, Nica planeou que Monk e o grupo da sua escolha viessem de avião, de Nova Iorque para Londres. «O nome dos espetáculos ia ser Jazz Promenade [Alameda do Jazz]», explicou Nica, quase 20 anos depois. «O plano era que as pessoas pudessem caminhar por ali, deitar-se, sentar-se, o que quisessem.»

Infelizmente, o entusiasmo de Nica foi precipitado. Monk podia não precisar de um *cabaret card* para tocar em Londres, mas ele e os colegas precisavam de ter uma licença. Nica implorou às autoridades de imigração

que ignorassem as restrições da praxe, ligando a todas as pessoas que conhecia em altos cargos do governo, mas ninguém abriu uma exceção. Sem os devidos documentos, Monk não podia trabalhar na Grã-Bretanha. As autoridades estavam preparadas para considerar o caso dele, mas no momento certo, de acordo com o regulamento. «Tive de pagar por todos os serviços e foi tudo em vão! O Thelonious também ficou muito decepcionado», disse Nica, fleumática.

Nica saiu de Londres e voltou para Nova Iorque: nunca voltaria a viver em Inglaterra. Não se sabe se Monk falou da nova amiga à mulher. Mas os residentes do bairro de San Juan não tardaram a ficar impressionados quando, um dia, espreitaram pela janela e viram um enorme *Rolls-Royce* na rua, conduzido por uma mulher branca de casaco de pele. Toot, que tinha cinco anos na altura, nunca se esqueceu daquele dia.

Não era um bairro sofisticado, portanto, quando desceu o quarteirão, ela foi uma visão de outro mundo – o bairro inteiro soube que ela tinha chegado. Ela agia como se o carro fosse normal. Mas aquilo não era normal nos Estados Unidos. Toda a gente tinha carros cheios de peças plásticas. Aquele carro tinha madeira e couro, até se sentia o cheiro. Ela trazia um casaco maluco de pele de leopardo. Acho que devia ser pele de ocelote, porque ela não ia usar leopardo, tinha de ser uma coisa especial, sofisticada.

E o que pensou Nellie Monk daquela verdadeira visão dentro de um *Rolls-Royce*? Sentiu-se ameaçada, ou pelo menos achou graça? Quando lho perguntaram, Nellie respondeu: «Ela era uma boa amiga nossa. Nós precisávamos de amigos.» Toot Monk ampliou a explicação da mãe: «Em algum momento, a Nellie e a Nica entenderam-se. Não sei se conversaram ou não sobre o assunto, mas decidiram que iam tomar conta dele. Dividiam igualmente o fardo. A partir dos meus oito ou nove anos, a minha família era eu, a minha mãe, o meu pai, a minha irmã e a Nica.»

Lorraine Lion Gordon, gerente do Village Vanguard, recorda-se: «A Nellie ficava à esquerda dele e à direita ficava sentada a baronesa Pannonica de Koenigswarter, com a sua boquilha, a soprar baforadas para o rosto dele. Era um verdadeiro *ménage à trois*. Eu ficava maravilhada com aquilo.»

Hampton Hawes, músico e amigo íntimo de Monk, descreve como era andar de carro com Monk, Nica e Nellie no *Bentley* pela Sétima Avenida: «O Monk sentia-se uma maravilha, virava-se para mim e dizia: ‘Olha só para mim, meu, tenho uma preta e uma branca’, e então chegava o Miles com o seu *Mercedes* ao lado, e gritava naquela voz baixinha e rouca, depois de uma operação à garganta: ‘Queres fazer uma corrida?’ A Nica fazia que sim e dizia, no seu sotaque britânico todo formal: ‘Desta vez, parece-me que vou ganhar àquele filho da puta.’»

Nica mandou instalar um piano na sua suíte e Monk passava lá vários dias, a praticar e a refinar melodias. Ela adorava observá-lo enquanto ele compunha: «A concentração dele era incrível. O que era estranho era que as melodias pareciam surgir do nada, mas ele passava hora após hora nas pontes, às vezes dias a fio. O Thelonious lá dentro, o verdadeiro Thelonious, de onde aquela música incrível vinha, estava num plano totalmente diferente dos restantes de nós.»

Enquanto Monk compunha, Nica pintava e fazia colagens, na sua maioria abstratas, usando canetas ou tinta misturada com o que tivesse à mão. Monk disse-lhe para entrar numa competição: o concurso de arte anual que acontecia na ACA Gallery, em Nova Iorque. «Eu só entrei [...] porque o Thelonious me instigou. E levaram as minhas obras muito a sério. Quando me perguntaram como é que eu conseguira aquelas cores tão únicas, respondi que era uma fórmula secreta, mas a verdade é que uso uns ingredientes meio estranhos, como uísque, perfume e leite. Tudo o que for líquido e eu tiver à mão», disse ela. As telas delas venderam-se depressa, mas, de acordo com o seu filho Patrick, ela passou os anos seguintes a tentar comprar de volta as obras.

Assim que a noite caía, Nica e Monk entravam no *Rolls-Royce* e iam para a cidade, muitas vezes entrando em vários clubes numa única noite. Monk era a companhia e o professor de Nica, apresentava-a aos amigos, ajudava-a a entender a música. Eram um casal estranho: Thelonious e Pannonica, o Sacerdote e a Baronesa. O músico bonito e a beldade.

A cena do *jazz* era íntima e a maioria dos clubes ficava na 52nd Street. Em qualquer noite da semana, era possível ver Sarah Vaughan, Charlie Parker, Billie Holiday, Art Tatum, Monk, Dizzy e Duke a tocar a poucos metros uns dos outros. O trombonista Curtis Fuller recorda-se de olhar do palco para Nica:

Havia muitas limusines e grandes estrelas – Ava Gardner, Frank Sinatra e outros. Eles mandavam bilhetes, tentavam que fôssemos às mesas deles. Mas quando a Baronesa vinha e se sentava na mesa dela, o mundo parava. Ela estava bem acima deles. Quando a Nica entrava num lugar, era como se alguém tocasse um grande gongo, bum, e toda a gente comentava que a Baronesa chegara. Toquem como deve ser, porque a Baronesa está ali à frente. Ela sentava-se com aquela boquilha compridíssima e o seu casaco de pele com tamanha elegância, que se percebia que nalgum momento da vida ela devia ter sido tão bonita como uma estrela de cinema.

Tarde na noite, depois de os espetáculos terminarem, Nica convidava os músicos a irem com ela para o Stanhope, para jantar. «A gente ia para lá quando os clubes fechavam», recorda-se um músico. «Pedíamos tudo o que queríamos: era sempre bife e champanhe.» Para Nica, o clube era só o aperitivo; o prato principal acontecia depois. De acordo com Curtis Fuller, Nica era um «espírito livre» que ficava nua na banheira, a fumar e a ouvir a música. Monk podia estar proibido de tocar nos clubes, mas, no lar de Nica, era o centro de um supergrupo de talentos em constante mudança. «Todos eles cá apareceram», lembrava-se Nica, citando uma lista de lendas como Sonny Rollins, Oscar Pettiford, Art Blakey, Bud Powell e Charlie Parker.

O músico Hampton Hawes lembra-se de um dia aparecer no quarto de Nica e perceber que a sua suíte tinha «muitas pinturas em cortinas curiosas, um lustre que parecia o de um palácio de filme e um piano de cauda *Steinway* a um canto. Pensei: é num lugar assim que se mora quando se é dono do monumento do presidente Grant ou do Chase Manhattan Bank». Hawes ouviu um som horrível vindo do quarto. Esticando o pescoço para espreitar pela porta, teve uma visão extraordinária: «um corpo envolto por uma colcha dourada, só com as botas sujas de lama a espreitar de um casaco de visom de dez mil dólares». Só quando Nica, com o dedo nos lábios, lhe implorou que fizesse silêncio é que ele percebeu que era Thelonious, a fazer a sua sesta da tarde.

Monk estava habituado a receber a atenção das mulheres. O facto de Nica ser rica e branca tinha as suas vantagens, mas o que mais importava a Monk era que ela adorava a música dele. Como disse o seu filho Toot, «a Nica apoiou-o quando os críticos não entenderam nada e metade dos músicos não entendeu nada, mas ela entendia, e isso foi muito importante para ela e para ele. Ele adorava-a por causa disso». Num comentário acerca da nova amiga, Monk disse: «Ela não gosta de julgar, está sempre do nosso lado e tem dinheiro, que às vezes é necessário. Nisso ela pode ajudar, mas não é o mais importante. Tem uma casa muito fixe. Pode levar-me de carro a vários sítios, naquele *Bentley* dela, que eu gosto de conduzir, e ela é uma miúda divertida, simpática.» Depois, acrescentou: «É uma Rothschild, o que me deixa todo orgulhoso.»

Nica expressou a sua admiração por Monk em termos igualmente simples. Disse a Bruce Ricker:

Ele não era único só como músico: também era um homem único. Vem-me uma palavra estranha à mente quando penso nele. Pureza. É uma palavra que parece encaixar-se nele como uma luva. Ele era sempre honesto. Odiava mentirosos e nunca mentia a si mesmo. Se, com a resposta a uma pergunta, ele pudesse ferir os sentimentos de outra pessoa, ficava em silêncio, e essa capacidade do silêncio era tanta que muita gente achava que ele nunca falava. Mas quando ele estava bem, falava sem parar, dias a fio. Tinha uma mente sagaz e interessava-se por tudo, desde o voo de uma borboleta a política e a matemática avançada. Era um homem muito divertido. Conseguia fazer uma pessoa chorar a rir.

Sob vários aspetos, Nica seguia a tradição das mulheres Rothschild, que desempenhavam um papel coadjuvante de homens poderosos. Como as suas antepassadas, ela podia fazer uma grande diferença na vida de Monk e ter direito a banhar-se na glória do êxito dele. «O Thelonious era um artista, e era preciso dedicação, sacrifício e às vezes certa genialidade para o fazer funcionar», explicou Harry Colomby. «Todos os ringues de combate têm cantos e nós éramos as pessoas dos cantos. Eu era o empresário oficial, a Nellie era a mulher e a Nica era a amiga.»

O trombonista Curtis Fuller, que passou muito tempo na companhia de Nica e Monk nas décadas de 1950 e 1960, disse-me: «Não havia nenhum sinal de afeição além de, sei lá, um beijo no rosto.» Quando outro músico perguntou a Monk se ele andava a dormir com a Baronesa, ele respondeu, incrédulo: «Porque é que eu havia de fazer isso à minha melhor amiga?» O saxofonista Sonny Rollins disse-me que, embora Nica e Monk raramente fossem vistos separados, também quase não ficavam sozinhos. «A gente costumava sair; o Monk e a Nica vinham a minha casa e íamos a algum sítio juntos até bem tarde, até amanhecer.»

No documentário filmado por Michael e Christian Blackwood, os papéis das duas mulheres de Monk foram captados em filme. Nellie, magrinha e pequena como um passarinho, atarefa-se em redor de Monk, enquanto ele, embora não pareça totalmente desligado, também não está inteiramente presente. Numa cena, ele está deitado na cama, de chapéu, enquanto Nellie paira por ali, ajeitando-lhe a roupa. Um empregado de mesa entra e pergunta a Monk o que quer comer e Monk, deitado, nu, de chapéu, mal reage. Quando finalmente se levanta, Monk movimenta-se lentamente pelo quarto, enquanto a mulher tenta ajudá-lo a vestir o casaco. Nellie é tão baixa, que tem de saltar para endireitar o casaco. Monk não tenta facilitar-lhe a tarefa. Noutra cena, Nellie está a tentar organizar as passagens no aeroporto enquanto Monk graceja atrás dela, debruçado sobre o ombro dela, a fazer caretas para a multidão. Mais tarde, ele para no meio do corredor, a andar em círculos. Nellie aguenta as brincadeiras, mas a irritação dela é palpável. Talvez o momento mais revelador é quando Monk dança numa sala e, sem nenhum motivo aparente, derruba de repente um cinzeiro que estava numa mesinha de apoio. Quase imediatamente, o rosto ansioso de Nellie aparece à porta e olha em volta. O que foi agora?, parece dizer a expressão no rosto dela. O que foi desta vez?

As filmagens de Nica com Monk revelam uma relação mais tranquila. Ela tinha a vantagem de não ser nem mulher nem funcionária dele. Há cenas com os dois a conversar na cave de um clube, a conversar sobre História, sobre o que ele tinha tocado naquela noite. Nica passa o tempo todo a olhar para ele com uma enorme ternura, nunca tirando os olhos dele. «Ele era original no seu estilo de vida», dizia Nica sobre os hábitos de Monk. «Às vezes ficava dias sem dormir, e era bem difícil tentar

acompanhar isso, e ele fazia as coisas da maneira que gostava de fazer. Às vezes, começava a caminhar em marcha atrás, ou parava sem motivo e rodopiava na rua.» Nica, no entanto, respeitava o casamento dos Monk e dizia que ele e Nellie «se adoravam».

Nellie ficou aliviada por Monk passar a ter um lugar para onde ir. Durante três anos, a família viveu confinada àquele pequeno apartamento. Monk também começara a exibir traços de comportamento cada vez mais preocupantes: como Nica descrevia, passava dias sem dormir e depois adormecia de repente, ou então fixava-se numa ideia. Um *cocktail* de várias drogas, algumas prescritas por médicos, outras ilegais, exacerbava esses altos e baixos. Nellie – quase sempre doente, cansada, preocupada com a falta de dinheiro e com os filhos – ficou aliviada por saber que o marido encontrara uma nova amiga que se dispunha a levá-lo aos lugares e o encorajava a trabalhar. Nica recordava-se de várias ocasiões em que Nellie lhe telefonara a pedir ajuda: «Vem imediatamente, o Thelonious está a beber de mais e eu chamei a polícia.» Quando Nica chegava à 63rd Street, Thelonious já estava calmo. Mas, assim que ela entrava em casa, Nellie tornava a ligar: «O Thelonious está a partir uma árvore perto das Lincoln Towers. Está de pijama.»

Longe de ficar chateada ou irritada por recontar essas histórias, Nica, na entrevista gravada, ri com as memórias. «Já estive em mais manicómios do que imagina. [Risos] Quando chegávamos lá, ele era sempre a epítome da calma. E dizia: ‘Eu sou doido, mas, sempre que eles me dão alta, têm de me deixar ir embora, portanto não posso ser doido, pois não?’» Nica acreditava que os médicos faziam mais mal do que bem. «Sabe o que eles faziam? Enchiam-no de drogas até ele ficar letárgico, e pode imaginar o quanto isso ajudava.» Naquela altura, ninguém imaginava que houvesse algo de muito errado com Monk: era só um excêntrico que abusava de substâncias recreativas.

De vez em quando, quando Monk arranjava trabalho a tocar fora da cidade, Nica e Nellie iam também, às vezes até brincando com algum comportamento mais bizarro dele.

Certa vez, num voo para São Francisco, ele não parou de caminhar de uma extremidade à outra do avião, durante toda a viagem. E quando começaram a exibir o filme, ele projetou uma sombra enorme

sobre a tela e depois teve de se baixar para passar por baixo. A Nellie e eu tentámos fingir que nem o conhecíamos! Mas então, uma hora antes de chegarmos, ele veio ter connosco e disse: «Vamos, vamos sair daqui.»

E a Nellie, horrorizada, disse-lhe: «Mas, Thelonious, ainda nem aterrámos!»

«Certo, vou ficar quieto!», respondeu Thelonious, e continuou a caminhar.

O promotor de espetáculos George Wein, que andou em digressão com os Monk e Nica, e conhecia bem os três, não tem nenhuma dúvida sobre como a relação funcionava e onde estavam as prioridades de Monk.

O Thelonious amava a Nellie. Um dia, estávamos sentados numa sala de chá, a sair de Londres e a caminho de Bristol. Eram umas três da tarde. O sol entrou pela janela e bateu no rosto da Nellie. O Thelonious virou-se, olhou para ela e disse: «Pareces um anjo.» Foi uma das coisas mais bonitas que vi na vida. A Nellie não era uma mulher bonita, mas fazia de tudo por ele. Ela suportava absolutamente tudo, e ele reconhecia isso.

E como é que a Nica se encaixava nesse *ménage*?, perguntei a Wein.

O Thelonious apreciava coisas de qualidade. Gostava do *Rolls-Royce*. Tinha os melhores fatos que podia comprar. Sabia ter presença. Afinal, aquela mulher era uma Rothschild. Uma baronesa, e isso era uma honra para o Thelonious, principalmente porque ela o adorava e respeitava a Nellie. A Nellie adorava a Baronesa. A Nellie deixava que a Baronesa fizesse o que quisesse com o Thelonious e eles ficavam maravilhados com o estatuto dela. Ligavam muito a isso do estatuto.

O empresário de Monk, Harry Colomby, acreditava que a vida de Nica foi fortemente enriquecida por essa nova amizade. «O Thelonious validava a existência dela. O Thelonious respeitava realmente quem ela era, o que ela havia feito, as suas origens, o seu entendimento da arte.

Quando o Thelonious dizia ‘ela entende as coisas’, os músicos abordavam-na de maneira diferente. Não a tratavam como uma mera *groupie*, percebe? Acho que a associação ao *jazz* era um alimento emocional para ela.»

Como não conseguiu organizar os espetáculos na Royal Albert Hall, Nica concentrou esforços em tentar reaver o *cabaret card* que permitia que Monk voltasse a frequentar os clubes nova-iorquinos. Introduzido por LaGuardia, presidente da Câmara de Nova Iorque, o cartão foi obrigatório desde a Lei Seca até 1967, como uma maneira de punir os consumidores de drogas. «Era um embuste total, usado pela polícia como uma maneira de ganhar subornos», disse o baterista Chico Hamilton. Perder o cartão foi um desastre para muitas carreiras. Billie Holiday, como Monk, não teve acesso ao cartão durante grande parte da carreira, e portanto teve poucas oportunidades de ganhar dinheiro e fãs. Às vezes, com a ajuda de um bom advogado e um suborno decente, era possível reaver o *cabaret card* mais cedo do que o estipulado pela lei. Nica tentou em 1954, 1955 e 1956, mas mesmo assim não conseguiu.

«Não decidi combater pela liberdade», disse-me Nica, «mas, quando cheguei lá [Nova Iorque], vi que podia ajudar.» A sua visita ao diminuto apartamento de Monk fora uma revelação: Nellie Monk não tinha como ser boa anfitriã de Nica, já que mal conseguia pôr comida na mesa para a própria família. Nica podia não ter sido treinada como advogada ou administradora, podia não ter vocação para o casamento ou a maternidade, mas havia finalmente encontrado o seu propósito e um lugar onde podia ser útil.

BIRD

Durante alguns meses, do fim de 1954 até ao começo de 1955, os elementos díspares da vida de Nica uniram-se em relativa harmonia: Jules fora nomeado ministro plenipotenciário de França nos Estados Unidos e mudou-se do México para Nova Iorque com os filhos. Embora Berit, Shaun e Kari morassem com o pai, a família estava pelo menos toda na mesma cidade.

Desde que Nica fosse discreta, o Hotel Stanhope tolerava o seu estilo de vida. Mas Nica, de acordo com o lendário produtor Orrin Keepnews, «era uma mulher bastante exuberante que não ligava minimamente ao que os outros pensavam. Ela fazia o que queria e obviamente tinha total consciência do poder e da influência que a sua posição financeira lhe davam, e comportava-se de acordo com isso».

O Stanhope era um hotel segregacionista: os negros podiam entrar como empregados, mas não como hóspedes. Nica não fazia a menor intenção de levar os amigos à sua suíte pelo elevador de serviço. Insistia que os músicos a acompanhassem abertamente e que pedissem tudo o que quisessem do bar ou do serviço de quarto. «O hotel tentou tirar-me de lá, duplicando e triplicando o preço do apartamento, e depois passando-me para apartamentos mais pequenos», disse Nica. Ela recusou-se a sair.

Outro problema para a gerência do hotel era que muitos desses músicos também eram viciados em drogas. O uso de narcóticos tornara-se endêmico no mundo do *jazz*. Alguns historiadores culpam os donos das fazendas de algodão, que distribuíam cocaína de graça aos escravos, para que estes comessem menos e trabalhassem mais. Outros mencionam o envolvimento da máfia no tráfico de drogas. A partir do fim da década de

1940, a máfia começou a fornecer substâncias ilegais às comunidades negras. «Se crescêssemos no Harlem na década de 1950 e saíssemos do liceu às três da tarde, não conseguíamos andar nem dois quarteirões sem que alguém nos oferecesse drogas», contou-me o historiador do *jazz* Gary Giddins. Em entrevistas com músicos, de Monk até gerações mais velhas, o lamento era sempre o mesmo: na altura, ninguém sabia que aquilo matava.

O consumidor de drogas mais célebre era Charlie «Bird» Parker. Ele e Nica eram mais conhecidos do que amigos próximos, mas, devido a uma série de infelizes coincidências, a morte dele ficaria intimamente ligada à vida de Nica.

Parker nasceu em 1920 e cresceu em Kansas City, no Missouri. O pai, ausente, fora pianista e bailarino promissor até que o alcoolismo lhe pôs fim à carreira. O pai de Parker acabou a trabalhar como empregado de mesa em comboios enquanto a mãe trabalhava no período noturno do escritório da Western Union. O jovem Charlie aprendeu a tocar saxofone num instrumento alugado da escola, mas foi expulso da banda escolar devido à sua evidente falta de talento. Incentivado por essa rejeição, Parker passou três ou quatro anos a treinar 15 horas por dia, para que nunca mais o expulsassem de uma banda. Bonito, carismático, enigmático e extremamente talentoso, Parker inspirou toda uma geração de músicos de *jazz*. O saxofonista britânico John Dankworth explicou o génio dele: «O que Charlie Parker fez foi pegar em músicas populares, analisar cada acorde e criar um novo conjunto de acordes a partir deles. Era quase matemática, mas ele chegava-nos ao coração e à mente ao mesmo tempo.»

Aos 18 anos, Parker ficou gravemente ferido num acidente de carro e tomou morfina para aliviar a dor. A partir de então, a sua vida ficou marcada pelo vício que lhe arruinou a saúde, as relações e a música. Tragicamente, muitos músicos jovens julgaram que o consumo de heroína de Parker era o segredo do seu grande talento. Sonny Rollins admitiu: «Charlie Parker era o nosso ídolo e uma das razões por que começávamos a usar drogas.»

Quincy Jones era adolescente quando conheceu o seu herói Charlie Parker. «Bird disse ‘vamos comprar marijuana’. Eu respondi ‘claro, maravilha’. Tudo para andar com o Bird. Tudo *mesmo*. Ele era o maior»,

disse-me Jones, balançando a cabeça, admirado com a sua própria inocência. «Fomos ao Harlem de táxi e ele perguntou-me quanto dinheiro é que eu tinha. Entreguei-lhe tudo. Ele disse: espera-me aqui nesta esquina, já volto. E lá estou eu, à espera, à chuva, meia hora, quarenta e cinco minutos, duas horas, até perceber o que tinha acontecido. Foi uma coisa dolorosa de experienciar naquela idade com o meu ídolo. Tive de andar desde a 138th Street até à 44th Street.» Há várias histórias parecidas – Nica sabia que Parker era um génio, mas também sabia que ele usava de charme para tirar dinheiro dos bolsos, anéis dos dedos e relógios dos pulsos de quem calhasse.

Ao contrário de muitos dos amigos e colegas dele, Nica, sempre compassiva, viu a solidão e o desespero que tomavam conta de Charlie Parker. Muitos anos depois, escreveu um texto para o livro de Ross Russell, *Bird Lives!*, uma coletânea de memórias e ensaios escritos por amigos e colegas de Parker. «Apesar de toda a adulação dos fãs e músicos, o Bird era solitário», escreveu Nica. «Vi-o uma vez parado em frente ao Birdland, debaixo de chuva intensa, fiquei horrorizada e perguntei: Porquê? E disse-me que não tinha para onde ir. Quando isso acontecia, ele punha-se a andar de metro a noite inteira. Apanhava o comboio até ao fim da linha e, quando o mandavam sair, ele entrava noutra e voltava.»

Quando Parker lhe bateu à porta, na noite do dia 12 de março de 1955, Nica deixou-o entrar. Foi uma decisão que daria origem a uma centena de teorias conspiratórias e transformaria Nica numa figura de escrutínio público. Naquela noite, Parker devia ir para Boston tocar num espetáculo, mas o estado dele era chocante. Tinha-se tentado matar recentemente pela ingestão de iodo, depois da morte da filha Pree e de ser abandonado pela sua mulher, Chan.

Ira Gitler, amigo de Nica, já o tinha visto naquela mesma noite, no Birdland. «Cheguei lá muito cedo e vi que ele estava a tomar umas pílulas brancas pequenas, que imaginei ser codeína. Estava de chinelos porque tinha os pés inchados.» Parker parou no Stanhope a caminho da estação, sabendo que a Nica lhe daria comida, bebida e talvez dinheiro. Excepcionalmente, naquela noite Nica estava no quarto no Stanhope, na companhia da sua filha Janka.

Há quem acredite que Parker havia finalmente largado o vício. Contudo, o baterista Freddie Gruber, amigo dele, que consegui localizar num

subúrbio de Los Angeles, refuta de modo veemente essa ideia. «Três ou quatro dias antes da morte do Bird, encontrei-o em Sheridan Square. Eu estava ao pé daquela loja de charutos, à espera de um ‘amigo’ do George Wallington que nós os dois conhecíamos. Eu estava à espera pelo mesmo motivo que levou o Bird a aparecer.» Desejando saber com total clareza o que Gruber queria dizer com aquilo, perguntei se as palavras eram um eufemismo para um encontro com um fornecedor de drogas e se os dois compraram heroína. Gruber confirmou.

No filme *Bird – Fim do Sonho*, de Clint Eastwood, baseado na versão de Nica, Parker aparece à porta da suíte de Nica, dócil e encharcado da chuva. Deita-se no sofá dela, fica a ver televisão e é bastante gentil e cooperativo com o médico que o visita. O bom senso sugere que a realidade foi bem diferente. Se Parker era um toxicodependente, teria, nas três horas seguintes, passado pelos desagradáveis ciclos da abstinência, incluindo suores e calafrios. Com cirrose avançada do fígado e úlceras no estômago, Parker também deve ter sentido bastante dor.

Nica estava numa situação difícil. O hotel já queria expulsá-la. Ela estava a meio da negociação dos termos da separação de Jules e do acesso aos filhos. A família tolerava o seu estilo de vida, mas insistia que ela fosse discreta. Um jornalista de investigação particularmente intrometido, Walter Winchell, começara a incluir «a Baronesa» nas suas colunas; estava em estado de prontidão, à espera de um escândalo. Nica sabia dos perigos de abrigar um músico doente e viciado em drogas. Tentando manter a presença de Parker em segredo, Nica decidiu não recorrer à equipa médica do hotel e chamou o médico que a atendia, Dr. Freymann, para examinar o amigo. O médico concluiu que Parker devia ter uns 60 anos (na verdade, estava com 34) e perguntou-lhe se gostava de beber. «Um licor de vez em quando, antes do jantar», respondeu Parker, provando que, mesmo já sem saúde, mantinha o sentido de humor. Não se sabe que tratamento ou que drogas prescreveu o médico.

Naquela noite de sábado, Nica e Janka sentaram Parker em frente da televisão. Mãe e filha deram-lhe bastante água para que ele não sentisse sede. *The Dorsey Brothers Stage Show* apareceu no ecrã e, durante o espetáculo de malabarismo, Parker começou a rir, engasgou-se e morreu de repente. «Era uma da manhã quando a ambulância finalmente apareceu para levar o corpo. Dá para imaginar todo o tipo de coisa quando estamos

a sós com a morte; é um acontecimento dramático o suficiente sem o auxílio de efeitos especiais», disse Nica depois. «Mesmo assim, acho que ouvi um trovão quando o Bird faleceu. Convenci-me de que tinha ouvido mal até conversar sobre isso com a minha filha, e ela me ter dito que também ouvira.» Esse trovão entrou para a história do *jazz*.

Nica tornou-se uma celebridade da noite para o dia e o nome dela ficou ligado para sempre à morte de um brilhante saxofonista problemático que nem sequer era seu amigo próximo. Refletindo sobre o acontecimento, o filho de Thelonious Monk disse: «O Charlie Parker teve sorte por a Nica ser bondosa a ponto de abrir a porta para que ele tivesse um sítio para morrer. Caso contrário, ele teria morrido na rua porque já não havia ninguém disposto a abrir a porta ao Charlie Parker.»

A morte de Charlie Parker só foi noticiada 48 horas depois. Nica disse que resolveu manter o segredo até tentar encontrar e avisar a esposa ausente de Parker, Chan. Outros dizem que esses dois dias foram necessários por motivos mais obscuros e sinistros. Será que ela quis esconder provas? Tirar drogas do apartamento? Dar a outras pessoas tempo de arranjar álibis? Os cétricos perguntam, por exemplo, porque é que o médico legista foi ao quarto de hotel, quando isso não era habitual. Porque é que o corpo foi despachado para a morgue e lá ficou, sem identificação, sobre a laje? Porque é que disseram que Parker tinha 53 anos? «Foi o que o Charlie me disse», explicou Nica. «Não havia nenhuma indicação de que me estivesse a pregar uma partida... Parecia seríssimo.»

Outra teoria diz que a demora serviu para proteger o «amante» dela, Art Blakey, que tinha brigado com Parker por causa de Nica e disparara ou dera um murro na barriga do rival. Há boatos que correm até hoje. Recentemente, recebi um *e-mail* de um distinto professor académico norte-americano que tinha uma amiga que lhe dizia ter estado presente logo após a morte de Bird e, segundo ela, Nica disparou sobre Parker. Porque é que, perguntei, essa testemunha crucial levou tanto tempo a contar isso, e qual seria o motivo de Nica? Nunca recebi resposta à primeira parte da pergunta. A resposta à segunda foi que «Nica não gostava de drogados». Mais de meio século depois do incidente, a morte de Charlie Parker e o envolvimento da Baronesa ainda geram teorias absurdas.

Ira Gitler viu Nica e Art Blakey num clube na noite seguinte à da morte de Parker, mas antes que isso se tornasse notícia. «A Baronesa e Art Blakey entraram e lembro-me nitidamente de ela ter uma espécie de bolsinha de couro com uma alça por cima do ombro e de lá dentro haver duas garrafas de plástico. Acho que uma tinha gin e a outra, uísque.» Nica e Blakey não ficaram muito tempo. Na manhã seguinte, Gitler acordou e viu as manchetes: «Charlie Parker morre no apartamento da Baronesa no Hotel Stanhope.» «Pensei: uau, ela comportou-se com bastante calma para alguém que tinha acabado de passar por aquilo.»

Um repórter que percorria regularmente as morgues da cidade deu a notícia da morte de Parker. Assim que o corpo foi corretamente identificado e as peças do quebra-cabeça foram montadas, os tabloides fizeram a festa. «Bird nos Aposentos da Baronesa!», exclamava uma manchete, ou «Rei do *Bop* Morre no Apartamento de Herdeira». A manchete do *New York Times* dizia «Criador do *Bebop* e Saxofonista Famoso Tem Ataque na Suíte da Baronesa». A maioria dos relatos pintava Nica como uma mulher sedutora e malévola: «Cego e enfeitiçado por essa Circe da alta sociedade, voluptuosa, maliciosa, de cabelos pretos e olhos escuros, o Yardbird tornou-se um mero passarinho.»

 Unlocked%202_Page_212_Image_0001.tiff

 Unlocked%202_Page_212_Image_0002.tiff

Os jornais deliciaram-se com a história da morte de Charlie Parker no quarto de hotel de Nica.

Walter Winchell tinha finalmente Nica na sua mira: «Há umas semanas, escrevemos aqui na coluna sobre aquela Baronesa ainda casada e o seu antiquado *Rolls-Royce* – estacionado em frente a sítios onde se apresentam estrelas negras. Um músico famoso do *jazz*, casado, morreu no quarto de hotel dela.» A partir daí, Nica tornou-se a obsessão de Winchell. Harry Colomby, empresário de Monk, disse-me: «Walter Winchell perseguia-a, na verdade. Persequia-a dizendo na sua coluna que ela era traficante de drogas. Fazia-a parecer uma meretriz. E ele era o tipo que fazia a fama ou destruía a vida de uma pessoa.»

Toot Monk explicou: «A vida dela tornou-se um inferno. Os polícias negros paravam-na e diziam: ‘É a senhora branca que matou o Charlie Parker.’ Os polícias brancos acusavam-na de ser a mulher que andava com os negros. Era condenada sob todos os ângulos. Nova Iorque era uma comunidade muito pequena há 50 anos. Não havia muita oportunidade de a Baronesa andar para cá e para lá num *Rolls-Royce* sem ser notada e sem que as pessoas soubessem quem ela era. A Nica pagou um preço muito alto pela sua gentileza.»

Uma das personagens mais intrigantes no incidente com Parker foi o obscuro Dr. Robert Freymann. Talvez a melhor descrição na primeira pessoa tenha vindo de outra minha tia-avó, desta feita do meu lado materno: a pintora Ann Dunn. Ela passou algum tempo em Nova Iorque na década de 1950 e visitava muitas vezes o consultório do Dr. Freymann, no Upper East Side.

«Todas as senhoras sofisticadas de Park Avenue ficavam sentadas de um lado na sala de espera e os músicos do outro, toda a gente à espera daquela injeção. Chamávamos-lhes ‘injeções da felicidade’.»

O que havia na injeção?

«Oficialmente, eram injeções de vitamina B, mas custavam uma fortuna e faziam-nos sentir incríveis, por isso usa a imaginação!»

As injeções tinham heroína?

«Heroína e outras drogas.»

Alguma vez viu Nica e Monk na sala de espera do médico?

«Frequentemente.»

Lorraine Lion Gordon também viu Nica e Monk a entrar no consultório do Dr. Freymann.

Na correspondência com Mary Lou Williams, Nica disse-lhe que tinha contraído hepatite de uma das seringas contaminadas do Dr. Freymann.

Depois de Monk ser preso em 1958, a polícia perguntou-lhe porque é que tinha marcas de injeção nas veias. Nica explicou que eram resultado das injeções vitamínicas do Dr. Freymann.

O Dr. Freymann acabou por ser preso, por vender heroína a toxicodependentes.

Será que a minha tia-avó Nica era viciada em drogas? Será que fornecia drogas aos amigos?

Quando chegou a Nova Iorque, no início da década de 1950, Nica desconhecia as consequências do vício. A morte de Parker foi uma terrível advertência e, depois disso, ela tentou ajudar os amigos toxicodependentes. «Eu achava que podia ajudar», disse ela mais tarde. «Mas ninguém pode. Eles tinham de enfrentar aquilo sozinhos.»

Os meses a seguir à morte de Parker foram difíceis. «Os departamentos de homicídio e narcóticos investigaram-me de alto a baixo», disse Nica, no seu jeito tipicamente despreocupado. «Foi um breve período muito conturbado.»

Jules, horrorizado e furioso, deu início ao processo de divórcio e ganhou a custódia dos filhos. Victor Rothschild apanhou um avião para Nova Iorque para tentar persuadir o Stanhope a deixar a irmã lá ficar, mas não conseguiu. «Depois de o Bird lá morrer, eles expulsaram-me», disse ela. Para Thelonious, a morte de Parker foi uma inconveniência que pôs um fim abrupto às *jam sessions*. Para Nica, no entanto, um momento de generosidade impulsiva significou perseguição, perda de sítio onde morar e divórcio.

PANNONICA

Depois de Nica se ter mudado para o Hotel Bolivar, ela e Monk escolheram um magnífico piano *Steinway* para a nova suíte. «Foi nele que ele escreveu ‘Brilliant Corners’, ‘Bolivar Blues’ e ‘Pannonica’. E ficava lá o dia inteiro», recordava Nica.

O álbum *Brilliant Corners* foi uma homenagem musical de Monk à sua nova amiga e continha a música «Pannonica». Pouquíssimas mulheres tiveram a honra de Monk lhes dedicar uma música: «Ruby My Dear» foi dedicada ao primeiro amor dele, Ruby Richardson; «Crepuscule with Nellie» foi uma música de amor que Monk compôs para a mulher; «Booboo» foi escrita para a filha, Barbara.

Foi a primeira vez que Nica se envolveu na criação de um álbum, testemunhando cada fase, da composição à gravação final. Nica era uma documentarista obsessiva, pelo que tirou fotografias de Monk a trabalhar e gravou as sessões de ensaios no seu gravador portátil. Uma das suas fotos mostra Monk, Sonny Rollins e Al Timothy¹⁶ a ensaiar «Brilliant Corners». Dá para sentir no ar a animação. Monk, com um cigarro pendurado na boca, está no meio, a olhar concentrado para as teclas, com os amigos ao lado. Estão os três unidos pela busca de uma música, pela sua tentativa de capturar um sonho musical. O compositor David Amram também estava lá, mas não aparece. «Aquilo foi uma das coisas mais incríveis que já ouvi na vida. Eles avançavam e recuavam, paravam e recomeçavam, até finalmente chegarem ao fim da música. Claro que o Monk já sabia, mas ele estava a ensinar o Sonny.»

Monk insistia para que os músicos aprendessem as notas de cor. A música foi composta numa estrutura de 30 compassos, em vez de 32, mas, quando finalmente chegaram ao estúdio, Monk mudou mais uma vez o tempo e o ritmo. O produtor Orrin Keepnews disse que foi um pequeno milagre a gravação ter sido realizada. Sonny Rollins continuou ao ritmo de Monk, mas Oscar Pettiford e Max Roach passavam a vida a ameaçar ir-se embora.

Nica desempenhou um papel vital ao financiar algumas sessões de ensaio e até mesmo reunindo os músicos. «Foi a Nica que me telefonou», disse Sonny Rollins, «veio e levou-me para lá.» Na altura, Nica tinha licença de agente e era reconhecida pela Federação Americana de Músicos. Entre os clientes dela estavam Horace Silver, Hank Mobley, Sir Charles Thompson e os Jazz Messengers. «Para mim», disse Nica, «o agente tinha de ser o moço de recados dos músicos. Tinha de fazer o trabalho sujo. Um músico nunca devia ficar sentado à espera no escritório de um agente, tentando vender-se.»

Enquanto isso, a um oceano de distância, Miriam, a irmã de Nica, fazia observações ao microscópio ou tomava notas sobre as atividades de pulgas e borboletas. As duas irmãs haviam encontrado uma obsessão que as deixava absortas e realizadas, um mundo no qual podiam fazer diferença. Suspeito que Miriam acharia este paralelo entre ela e Nica ridículo. Para Miriam, nada se aproximava do milagre da exploração científica, da emoção de entender e ver ligações no mundo natural. Esforçou-se muito por conseguir a formação académica necessária para ser uma pioneira na área. Também teve de superar preconceitos: algumas pessoas supunham que, como era da família Rothschild, ela não levava o trabalho a sério, que não precisava do dinheiro e, portanto, porque é que ela se dava ao trabalho? Outros partiam do princípio de que ela não seria capaz de se dedicar à pesquisa e à maternidade. Só o tempo, a dedicação e o trabalho árduo silenciaram os seus críticos.

Ao contrário da irmã, Nica abordava o seu assunto predileto sem disciplina nem análise, mas com paixão e entusiasmo semelhantes. Para Nica, compreender a árvore genealógica do *jazz* – a miríade de relações e influências passadas de geração em geração de músicos, atravessando oceanos e raças – era tão fascinante quanto o ciclo de vida de uma pulga. As duas irmãs consideravam que a grande obra das suas vidas era preservar e publicar as suas descobertas. Buscavam o mesmo resultado, mas em meios diferentes.

A estada de Nica no Bolivar foi curta, já que os outros hóspedes detestavam as *jam sessions* que duravam a noite toda. Nica não conseguia entender essa antipatia. «As pessoas reclamavam do barulho sem perceber que estavam a ouvir uma música fantástica que jamais ouviriam de novo na vida, e eu fui expulsa de lá», disse ela, rindo na gravação ao recordar-se.

O seu lar seguinte foi um pequeno hotel famoso pelo seu salão literário, o Round Table [Távola-Redonda], iniciado por Dorothy Parker e suas amigas. «Fui para o Algonquin porque eles lá tinham, presumia-se, uma mente mais aberta e gostavam de receber génios», recordou-se Nica. «Mas o Thelonious acabou por ser demasiado genial para eles.» Na altura, Nica conseguiu que Nellie fizesse um tratamento numa clínica particular em Westchester. Os filhos de Monk, Toot e Barbara, ficaram com parentes, enquanto Monk circulava entre o apartamento da família e a suíte de Nica no Algonquin.

O Thelonious começou a andar pelos corredores de outros andares do hotel, com uma camisa vermelha e óculos escuros, de bengala branca na mão, e depois empurrava a porta [do quarto de alguém] e enfiava a cabeça lá dentro [...] e dizia: ‘Nellie?’ Aquelas velhinhas todas que viviam no Algonquin há mais ou menos cinquenta anos ficaram assustadas [...] e começaram a pedir de volta os baús que tinham guardados no sótão. Diziam que iam sair do hotel.

Nica riu-se ao descrever as aventuras do amigo.

Recebi um telefonema muito educado do gerente, dizendo: «Desculpe, cara baronesa, mas o Sr. Monk já não é bem-vindo ao Algonquin.» Bom, na verdade, conseguimos esquivar-nos à situação durante algum tempo, entrando sorrateiramente quando o gerente do turno da noite não estava a olhar e subindo um lance de escadas e chamando só aí o elevador. Mas uma noite o gerente estava no elevador e subiu [connosco], por isso tivemos de parar, portanto eu obviamente não ia ficar lá se o Thelonious não podia ficar também.

Foi-se tornando cada vez mais claro que Monk não podia ser deixado sozinho. Traços comportamentais que antes eram justificados como «excentricidades» foram-se tornando mais pronunciados. Quando a mãe dele, Barbara, jazia destruída por um cancro no St. Clare's Hospital, Thelonious recusou-se durante muito tempo a ir visitá-la, argumentando que a visita o perturbaria mais a ele do que a confortaria a ela. Quando ela morreu, a 14 de dezembro de 1955, Monk estava enfiado num beco de drogados com amigos toxicodependentes e perdeu a cerimónia do funeral. Só conseguiu chegar no fim do velório.

O equilíbrio dele foi ainda mais abalado por um incêndio no apartamento da família. Embora ninguém tenha ficado ferido, as posses da família – incluindo roupas, livros, móveis e os manuscritos de música de Monk, além do seu piano vertical – foram todas destruídas. A perda da sua música foi-lhe tão traumática que Monk nunca mais foi a lugar nenhum sem levar as partituras.

Para que ele se deslocasse mais facilmente, Nica comprou-lhe um *Buick* preto e branco. Passava horas a conduzir sem rumo pela cidade com esse seu primeiro (e último) carro. Nica trocou de carro também, indo de um *Rolls-Royce* para um *Bentley SI Continental* descapotável que ficou conhecido por «*Bentley Bebop*».

No início de 1956, Monk deu um espetáculo muito bem recebido na Câmara Municipal, um dos poucos locais onde ele se podia apresentar sem o seu *cabaret card*. O álbum *Brilliant Corners* foi lançado e bem visto pela crítica. Monk contratou um empresário com boa vontade, mas inexperiente, chamado Harry Colomby, um professor sem experiência no

mundo da música, mas que era um defensor apaixonado de Monk e um homem honrado. Como não era motivado pelas recompensas financeiras, Colomby, sabiamente, não se demitiu do seu trabalho, e o que fazia pelo seu cliente excêntrico às vezes raiava o heroico.

Apesar dos esforços de Nica e de Colomby, Monk não conseguiu recuperar a licença, pelo que passava os dias a compor. Finalmente, quando o apartamento da família foi renovado, os Monk puderam voltar a morar lá. Para celebrar, Nica alugou ao amigo um piano *Steinway*, um instrumento que devia ocupar quase todo o espaço do pequeno apartamento.

Logo depois do Natal de 1956, Monk teve o seu primeiro colapso nervoso grave. Estava a conduzir em Manhattan, no seu *Buick*, quando derrapou no gelo e bateu noutra carro. Saiu do *Buick* e ficou parado em silêncio no meio da estrada. O outro motorista chamou a polícia, que deixou um bilhete no carro: «Motorista maluco levado para Bellevue.»

O Hospital Psiquiátrico de Bellevue estava cheio de seguranças e era cercado por uma grade alta. Muitas vezes, havia mais doentes do que camas, e era mais fácil entrar do que receber alta. Foi necessário o esforço conjunto de Nellie, Nica, Dr. Freymann e Harry Colomby, além de declarações juramentadas de produtores de renome, para que Bellevue lhe desse alta.

Logo depois de Monk ter alta (sem diagnóstico), Nellie entrou novamente em colapso. Dessa vez, precisou de uma operação para remover a tiroide. Monk lidou com a ausência dela trabalhando incansavelmente numa música, «Crepuscle with Nellie», título sugerido por Nica.

 Unlocked%20Page_221_Image_0001.tiff

© Hannah Rothschild

Kingswood Road, Weehawken, Nova Jérсия.

Última morada de Nica, 1958-1988.

 Unlocked%20Page_221_Image_0002.tiff

© Hannah Rothschild

A vista de Nica sobre o rio Hudson.

*

Victor Rothschild, exasperado pelos telefonemas da irmã e aborrecimentos legais com gerentes de hotéis, instruiu os seus agentes a encontrar uma casa para Nica. Em 1958, eles acharam a casa perfeita. Pertencia a Josef von Sternberg, diretor de Marlene Dietrich, que estava a mudar-se para a Califórnia.

A Kingswood Road é uma rua nos subúrbios de Weehawken, Nova Jérсия, mas o número 63 tem uma das vistas urbanas mais bonitas dos Estados Unidos. A casa, no topo de uma colina, dá para o rio Hudson e para o horizonte do West Side de Manhattan, e também para a ponte George Washington, a sul. É uma vista incrível a qualquer hora do dia. De manhã cedo, o Sol surge atrás de Wall Street, a luz bate no fumo das chaminés e cintila sobre as torres de água prateadas que coroam cada quarteirão do centro de Nova Iorque. Ao início do crepúsculo – a hora mágica, como dizem os pintores –, os raios do sol-poente iluminam as janelas num tom dourado e deixam o rio da cor do sangue. Depois de o Sol se pôr, a vista muda para um tom azul gélido e, quando a escuridão cai de repente, todo o céu adquire diferentes luminosidades. Os enormes prédios ficam com um leve brilho opalescente e as janelas dos escritórios cintilam como estrelas. As luzes dos carros, como fios brancos e vermelhos, correm pela Westside Highway, enquanto os anúncios de néon competem uns com os outros para seduzir e apanhar os clientes que passam.

Em comparação com as residências dos Rothschild que ela conhecera desde o nascimento, a nova casa de Nica era modesta: três divisões quadradas empilhadas umas em cima das outras. Uma delas, quase a maior, era a garagem; uma cozinha comprida e estreita saía diretamente dela e atrás havia uma grande sala de estar, com um enorme vidro com vista para Manhattan. No andar de cima havia outra divisão grande, o quarto de Nica, e, na parte de trás, uma sala menor. Quando os filhos a visitavam, o Bentley ficava estacionado na rua e a garagem transformava-se num quarto com beliches.

Lembro-me de Nica me levar de carro a sua casa, em 1986; poucos se esqueceriam. Nica gostava de manter contínuo contacto visual com os passageiros, segurando o volante com uma mão e o cigarro na outra. Era obrigação dos outros motoristas abrir caminho, qualquer que fosse o lado da estrada em que Nica estivesse. Orrin Keepnews contou-me uma

experiência semelhante: «Ela era da opinião de que era muito mal-educado falar com uma pessoa sem olhar para ela, só que ela ia a conduzir o carro e eu estava no banco de trás. Portanto, foi uma conversa em que eu estive sempre a morrer de medo, e acho que nunca mais andei de carro com ela.»

A memória mais forte que tenho da casa em si eram os gatos. Estavam praticamente em todo o lado; o cheiro era quase insuportável.

Sob certos aspetos, a casa de Nica era como uma versão animada do museu privado que o seu tio Walter Rothschild criara em Tring. O parque infantil de Nica fora o lugar mágico e secreto onde Walter instalara a sua coleção. Do chão ao teto, as paredes estavam revestidas de vitrinas com animais empalhados de todo o mundo. Tigres, leões, leopardos, gorilas, ursos polares, martas, baleias, elefantes, beija-flores, avestruzes, antílopes, pulgas, borboletas: estavam todos expostos. O andar de cima de uma das alas era dedicado a todo o tipo de cães domesticados, desde os *terriers* aos dinamarqueses.

A casa de Nica estava sempre cheia de gatos. Os que eu vi descendiam de dois valiosos siameses com *pedigree* que tinham procriado à sua vontade com qualquer gato de rua de Nova Jérnia. Os animais deixaram uma grande impressão no filho de Thelonious, Toot. «A casa tornou-se um refúgio de gatos e havia-os em todos os armários. Havia gatos na cave, gatos na garagem, gatos no telhado. Fizemos um acordo: se eu contasse todos os gatos, ela dava-me cinquenta centavos. Lembro-me de que contei uma vez e eram 306. Foi o máximo que contei.»

Nica tratava os gatos como qualquer outra pessoa, mostrando-se tolerante e amável com todos, mas tinha favoritos tanto em forma humana quanto felina. Só os gatos especiais, uns 40 ao todo, podiam entrar no quarto dela, e ela construiu barreiras de vidro para deixar a ralé de fora.

«Ela sabia o nome de todos os gatos», disse-me Paul Jeffrey, saxofonista de Monk. «Todos os gatos foram batizados com nomes de músicos e ela era muito atenciosa com eles. Um dos seus favoritos era o *Cootie*, em homenagem ao Cootie Williams, o músico de *jazz*. Mas o resto, bom, eles multiplicavam-se e dominavam o espaço todo.» Thelonious batizou a nova casa de Nica como «Catville». Robin Kelley, biógrafo de Monk, disse-me que Monk não gostava de gatos. «Ele detestava-os, odiava aqueles gatos. Mas adorava a Nica.»

Perguntei ao produtor Ira Gitler, visitante frequente de Wee-hawken, se o amor de Nica por gatos tinha alguma relação com o amor pelos músicos de *jazz*. Na gíria do *jazz*, chamava-se muitas vezes «*cat*», «gato», a um músico. Gitler riu-se, mas não levou a minha pergunta muito a sério. «O termo *cats* no *jazz* vem das *cat houses* de Nova Orleães, onde os músicos tocavam no começo. Foi por isso que eles começaram a ser conhecidos por *cats*.» Gitler lembrou que o único lugar onde os amigos felinos de Nica não podiam entrar era o *Bentley*. Nica tinha uma cerca em torno do carro na garagem, para que os gatos não pudessem arranhar a pintura nem os assentos de couro.

O amor de Nica pelos gatos não se restringia a sua casa. Na noite em que levei o meu pai e alguns amigos a conhecê-la, quando saímos do clube ela abriu o porta-bagagens do *Bentley*, mostrando um carregamento de ração para gato. «Paro em alguns lugares a caminho de casa e dou comida aos gatos da rua», explicou.

Muitos talvez incluam Nica numa longa linhagem de ingleses excêntricos que amam os animais e preferem a sua companhia à dos humanos. Às vezes, penso se o amor obsessivo de Nica pelos gatos não seria uma forma de impulso maternal deslocado. Embora não vivesse com os filhos mais novos, as cartas dela estão cheias de menções a eles e da alegria que sentia quando a visitavam. Num Natal, escreveu que pintara a garagem de amarelo e branco e que mandara fazer beliches para as crianças dormirem. «Foi tão maluco», escreveu ela à amiga Mary Lou Williams. Toot descreveu as maravilhas dos enormes natais em que a família de Monk se juntava à de Nica e ficavam todos à volta da árvore repleta de presentes.

Na primavera de 1957, Monk finalmente recuperou o *cabaret card* e o direito a tocar nos clubes de Nova Iorque que serviam álcool. Quase que imediatamente, conseguiu trabalho no Five Spot Café. Joyce Johnson, namorada de Kerouac, escreveu na altura:

O melhor lugar para ir era o Five Spot, que durante o verão se materializou como um milagre, do dia para a noite, num bar na 2nd Street com a Bowery, zona antes ocupada por vagabundos. Os novos

proprietários limpavam um pouco o sítio, instalaram um piano e penduraram cartazes nas paredes da 10th Street anunciando empregos. A ligação com a «cena» foi clara desde o início. Ali, pelo preço de uma cerveja, podia-se ouvir Coltrane ou Thelonious Monk.

Nica decidiu que o piano do clube não era suficientemente bom para Monk e comprou-lhes um novo. O Five Spot pagava a Monk a soma bastante alta de 600 dólares por semana, 225 dos quais iam para ele e sendo o restante dividido com os seus três músicos, entre eles o baterista Roy Haynes.

Embora fosse baterista profissional desde 1945, Roy Haynes continuava alegre e jovial quando nos conhecemos em 2004, tinha ele 80 anos. «Quando comecei a tocar com o Monk no Five Spot, foi a Nica quem me telefonou. Foi ela que fechou o negócio», disse-me Haynes. «O dinheiro era muito pouco, mas era ótimo tocar com o Monk. Tocámos lá 18 semanas seguidas.»

Roy Haynes tem lembranças nítidas de Nica e Monk a entrar no clube todas as noites. A chegada dos dois era precedida momentaneamente pelo aroma do perfume favorito dela, *Joy*, de Jean Patou, suficientemente forte para penetrar qualquer fumo de cigarro.

O Thelonious geralmente chegava muito atrasado. Devíamos começar às nove. Às vezes, ele chegava às onze ou mesmo mais tarde com a Baronesa. Entravam juntos e iam diretos para a cozinha, que era o ponto de encontro, e começavam a fazer hambúrgueres. Às vezes o Monk ia direto para lá, deitava-se na mesa e dormia. Nem dizia nada. A Nica era responsável por o levar para o clube, mas não era fácil fazê-lo subir ao palco. Quando estava pronto a levantar-se e tocar, ele vinha e tocava com a alma.

Agasalhada contra o frio do inverno no seu casaco de pele enorme, Nica ficava frequentemente rodeada de admiradores. Sentava-se no seu lugar favorito, o mais próximo do palco, com uma Bíblia em cima da mesa: o livro sagrado na verdade era uma garrafa de uísque disfarçada. Apesar do casaco e do colar triplo de pérolas caríssimas, Nica vestia-se de modo simples, já que deixara havia muito de se preocupar com roupas de alta-

costura ou cabeleireiros. Não era a aparência, mas o porte dela que mais impressionava Roy Haynes. «Ela estava sempre a sorrir. Nunca me vou esquecer daquele sorriso dela.»

Nica registou uma noite típica no clube no seu gravador. Apresentando os músicos da noite com a sua voz rouca inimitável, diz, acima da algazarra e das vozes da multidão: «Boa noite, pessoal. Sou a Nica e vou fazer as apresentações, aqui, em direto do Five Spot Café. A bela música que estão a ouvir é o quarteto do Thelonious Monk, com Charlie Rouse no saxofone, Roy Haynes na bateria e Ahmed Abdul-Malik no baixo.» Faz uma pausa e os primeiros acordes da sua música, «Pannonica», começam a pairar acima do ruído ambiente.

Então Monk começa a falar. «Olá, pessoal, chamo-me Thelonious Monk. Quero tocar uma música que compus não há muito tempo, dedicada a esta bela senhora aqui. Acho que o pai dela lhe deu este nome em homenagem a uma borboleta que tentou apanhar. Acho que nunca conseguiu apanhar a borboleta, mas esta é a música que compus para ela, ‘Pannonica’.»

A estrela de Monk estava em ascensão: andava a gravar e recebia, finalmente, críticas decentes. Mas o seu empresário Harry Colomby sabia que havia muito terreno a explorar. «Um álbum do Thelonious Monk vendia dez mil exemplares. Esqueça vendas de um milhão ou discos de platina. O *jazz* era um mundo limitado, com um público pequeno. O Thelonious Monk aparecia na lista telefónica como: ‘Monk, Thelonious’. Uma pessoa do nível dele, hoje em dia, nunca teria o telefone na lista. Mas, como eles eram pobres, queriam que o telefone fosse público, para conseguirem trabalho.»

Colomby reservou uma noite para que Monk tocasse em Baltimore, no Maryland. À medida que a data se aproximava, porém, o círculo de pessoas mais íntimas de Monk ficou nervoso porque ele estava a meio de um dos seus «episódios mentais». Colomby explicou-me que, de tempos a tempos, Monk se recusava a dormir e ficava acordado até cinco dias seguidos. Durante esse tempo, deambulava pelas ruas ou fitava incessantemente a janela, catatónico, passando o peso do corpo de um pé para o outro, murmurando baixinho. E então, finalmente, caía num sono

profundo que durava 24 horas. De vez em quando, durante um desses episódios, destruía coisas, objetos, mas não visava pessoas. Certa vez, tentou fazer desabar o teto de um quarto de hotel. Noutra ocasião, mandou ao chão os cinzeiros que estavam em cima dos pianos e revirou os móveis.

Paul Jeffrey, último saxofonista de Monk, era frequentemente convidado para cuidar de Monk durante esses seus acessos. Perguntei-lhe se alguma vez ficou assustado. Jeffrey abanou a cabeça. «A Baronesa disse-me: ‘Ele nunca te vai agredir.’ Ela tinha certeza disso, portanto nunca me preocupei.»

A única vez que Monk magoou Nica foi quando caiu do palco no Village Vanguard justamente para cima da sua colaboradora. «Ele tropeçou do palco para cima de mim, porque eu estava sentada na mesa logo abaixo», disse ela, morta de riso.

Monk estava há três dias sem dormir antes do trabalho em Baltimore. «Não podíamos negar trabalho», comentou Colomby. «É fácil perguntar agora: porque é que permitimos que ele fosse? Mas nós simplesmente não nos podíamos dar ao luxo de cancelar o trabalho. Era preciso trabalhar.»

[16](#) Al Timothy, o suposto amante de Nica, veio de Londres para Nova Iorque em busca de trabalho. Nica ajudou-o, mas não há provas de que nesta época os dois formassem um casal.

STRANGE FRUIT [17](#)

Às 11 da manhã de uma quarta-feira, dia 15 de outubro de 1958, Nica saiu de carro de Nova Iorque e meteu-se em sarilhos. Nica sempre fora, segundo os seus contemporâneos, um polo de atração de diabruras, o tipo de criança que subia demasiado alto às árvores, o tipo de rapariga que despistava o pau de cabeleira, o tipo de esposa e mãe que considerava a rotina mais uma morte do que uma conquista. Nesta ocasião, a combinação fortuita de sorte, linhagem e charme que normalmente salvavam Nica das dificuldades não a auxiliou, e, pela primeira vez na vida, ser branca, rica, bonita, inglesa, com boas ligações, mulher, ter um título de nobreza e talvez até estar inocente, não adiantou nada. Embora a Baronesa tivesse saído de Nova Iorque como mulher livre, depressa se veria enredada numa teia de acontecimentos que conduziriam não só a desastres na sua vida pessoal mas também ao fim da vida que ela havia escolhido, uma vida pela qual tanto sacrificara.

Após uma série de atrasos naquela manhã, Nica pegou no *Bentley SI Continental* descapotável e saiu de Manhattan pelo Lincoln Tunnel, com destino a um clube de *jazz* cerca de 500 quilómetros a sudeste de Delaware, no Maryland. Na parte de trás do carro ia o jovem saxofonista tenor Charlie Rouse e no banco da frente estava Monk. Nos arquivos de Clint Eastwood, encontrei transcrições de entrevistas com Rouse e Colomby relativas a este incidente. Nos arquivos de Baltimore, as transcrições do tribunal ainda existem e, por via dessas fontes, consegui reconstituir o que aconteceu.

A atmosfera no carro estava tensa. O trio saía atrasado e era pouco provável que chegasse a Baltimore a tempo do teste de som, muito menos de um ensaio. Nem a Baronesa nem Monk estavam habituados a acordar antes do meio-dia e a partida foi adiada porque Monk insistiu em experimentar inúmeros fatos e uma variedade de chapéus. Nellie, que normalmente escolhia a roupa dele e o ajudava a vestir-se, estava doente. Naquele dia, Monk parecia particularmente taciturno, já que não dormia há 52 horas. Harry Colomby, seu empresário, considerou cancelar o espetáculo, mas acabou por decidir assumir o risco, desde que Nica o levasse e não saísse de perto dele.

Nica sabia o quanto o espetáculo em Baltimore era importante para Monk. Desde a recuperação do *cabaret card*, em 1957, cada espetáculo, por menor que fosse, representava para ele um precioso estímulo financeiro e emocional. Monk estava fora de cena há mais de sete anos, e era vital que continuasse a tocar e reconquistasse a atenção da sua audiência perdida. Determinada a animar Monk durante a viagem, Nica segurou o volante com o joelho direito e, inclinando-se para o banco de trás do carro, premiu o botão de reprodução do seu gravador portátil. Era frequente ela pôr a tocar algumas das suas gravações para que Monk ficasse mais animado. Escolheu a faixa «Pannonica», escrita para ela e que ele tocava quase todas as noites no Five Spot Café.

«Boa noite, pessoal», reverberou a voz inconfundível de Nica por todo o carro.

Vinte anos mais tarde, numa entrevista para o documentário *Straight, No Chaser*, Charlie Rouse recordou-se claramente daquelas horas.

– Não é lindo? – disse Nica, virando-se para Rouse, que estava sentado sozinho no banco de trás.

Percebendo que era a única pessoa a olhar para os carros que vinham em direção contrária, Rouse sussurrou, em tom de urgência: – Baronesa!

– O quê? – respondeu ela, ainda inclinada sobre o assento, tentando ajustar o volume.

Rouse fez um gesto na direção de um camião que se aproximava. Nica fez um movimento brusco com o volante e o *Bentley* voltou para o lado certo da estrada, evitando por pouco uma grande colisão. Para se acalmar, ela bebeu um gole de uísque de uma garrafinha de bolso.

Ao fim de meia hora, já tinham saído da New Jersey Turnpike rumo à Interestadual 295, e o carro seguia na velocidade confortável de 150 quilómetros por hora. Nica ligou o rádio no noticiário do meio-dia. A CBC informou que, no Japão, o número de mortos pelo furacão Ida subira para 1200. O presidente Eisenhower ia falar no Senado a respeito da informação oriunda da URSS de que tinham sido levados a cabo testes nucleares em Nova Zembla, enquanto a nova oferta de voos que atravessavam o Atlântico da British Overseas Airways Corporation fazia muito sucesso. John Hamilton, o adorado ator de *Superman*, morrera naquela manhã, aos 61 anos. Pela quarta semana consecutiva, o número 1 das tabelas musicais era «Volare», de Domenico Modugno.

Viajavam há pouco mais de duas horas quando Monk falou pela primeira vez naquele dia.

– Preciso de parar.

O problema de próstata de Monk teria um impacto cada vez maior na vida e carreira dele, fazendo com que lhe fosse desconfortável viajar, qualquer que fosse a distância e, mais tarde, até sentar-se ao piano.

– Estamos a apenas dez quilómetros de Wilmington. Conheço um sítio lá – sugeriu Rouse, no banco de trás.

– Para – insistiu Monk.

Nica e Rouse trocaram olhares pelo espelho retrovisor. Todos sabiam que encontrar um lugar adequado para que Monk fosse à casa de banho não ia ser fácil. Estavam no lado oeste da linha Mason-Dixon, tecnicamente no lado norte do país, o mais emancipado, mas aquele estado construía a sua fortuna à custa da agricultura e da escravatura, pelo que tinha tradições sulistas. O preconceito racial era mais a norma do que a exceção.

Para um observador distraído, New Castle era uma cidade pitoresca e modesta, de casas feitas de tábuas de madeira e tijolos vermelhos, com um festival anual do frango e uma fábrica que fazia ótimas meias de *nylon*. No entanto, as chicotadas públicas e as escolas segregacionistas só recentemente tinham sido abolidas e ainda existiam obstáculos. Enquanto conduzia pela rua principal, Nica procurou em vão um estabelecimento que permitisse a entrada de Monk. Os habitantes de New Castle paravam e ficavam a olhá-los. Ver um *Bentley* descapotável era, por si só, uma surpresa. A visão daquele sofisticado carro europeu, conduzido por uma

mulher de casaco de pele, era um acontecimento. Mas a visão de um *Bentley* conduzido por uma mulher de casaco de pele na companhia de dois negros era um espetáculo.

Bastava vislumbrar o Cherry Corner, na esquina da 2nd Street com a Cherry Street, para ver que Monk não teria permissão para entrar. Rostos brancos e hostis olhavam sem parar para o carro, indignados. A Comegy's Oyster House, na 12th Street, parecia igualmente hostil, e só se viam pessoas brancas na Deerhead Hotdog Store, na Eddie Soda Fountain e na Peterson's House of Fudge. As únicas pessoas de cor que viram noutras lojas, como a Baker Ben, a Gino's e a Charcoal Pit na Maryland Avenue, eram as que faziam limpeza.

Dirigindo-se para a Route 40, Nica avistou o Plaza Motel e saiu da estrada. Os cartões-postais da época revelam um edifício baixo, com telhado laranja, disposto em formato de ferradura ao redor da recepção. Uma placa proclamava: «Todos São Bem-Vindos.» Nica ignorou os lugares perfeitamente pintados no estacionamento e foi direta para a entrada. Subiu a calçada com o *Bentley* e, puxando o travão com ambas as mãos, parou abruptamente mesmo em frente ao estabelecimento. «Ela estacionava em cruzamentos, à frente de bocas de incêndio, à frente de qualquer coisa. Ignorava as regras», confirmou um intrépido passageiro que apanhava frequentemente boleia de Nica. Monk estava bem-vestido, como de costume, com chapéu de feltro, fato bege, camisa preta e gravata preta e estreita, mas, com quase um metro e noventa de altura e pesando mais de 110 quilos, era uma figura imponente. Saiu do carro, entrou no hotel, passou pela funcionária da recepção e foi direto para o vestiário.

«Tudo o que ele queria era ir à retrete», relatou Rouse posteriormente. «Ele não ameaçou ninguém. Em Delaware há preconceitos, algum atraso, pelo que, no meu entendimento, o que aconteceu a seguir foi racismo.»

«O típico polícia de rua, se visse um negro e uma branca, provavelmente ficaria furioso», acrescentou Colomby. «Naquela altura, mesmo em Greenwich Village, quando viam casais inter-raciais, as pessoas mais velhas ficavam loucas de raiva.»

Nica e Rouse ficaram à espera no carro. Cada minuto que passava era sinal de problema.

Rouse foi o primeiro a ver o carro da polícia estadual. Passou pelo hotel algumas vezes, indo e voltando pela rua, como um grande tubarão branco

rondando a presa, e depois estacionou a uns 20 metros dali. Nica viu um homem de meia-idade pelo espelho retrovisor. Era com esses tipos que se tinha de ter cuidado, contaram-me os músicos mais tarde: os polícias que não eram promovidos, que se viam forçados a aceitar que as suas carreiras não dariam em nada e que tinham concluído que o grande culpado era o progresso da sociedade.

Monk já tinha ido à casa de banho, mas depois quis beber água. Suava por causa do sol da tarde, mas estava perfeitamente calmo.

– Água – disse para a mulher da receção. Ela não conseguiu entender o que ele dizia; poucos conseguiam.

– Água – repetiu Monk, em voz alta.

A mulher começou a ficar com medo.

– Água. – Ela chamou a polícia.

Meio século depois, li o relato da minha tia-avó sobre os acontecimentos daquele dia na transcrição do julgamento final:

P: Quando é que a senhora viu, se é que viu, o agente Littel aproximar-se com o carro de patrulha pela primeira vez, no dia 15 de outubro de 1958?

Nica: Acho que era uma e quinze da tarde. Vi o agente Littel chegar no carro de patrulha e estacionar em frente do meu carro, um pouco afastado.

P: O que é que viu o agente Littel fazer depois de chegar no carro de patrulha e o que é que o ouviu dizer? Ele fez ou disse alguma coisa?

Nica: Saiu do carro, veio até ao meu carro, do lado em que o Monk estava sentado, e pediu-lhe que saísse.

P: O que fez Monk, se é que fez, quando o agente lhe pediu que saísse do carro?

Nica: Não fez nada. Só ficou a olhar para o polícia sem se mexer.

P: O que é que a senhora disse ao agente Littel nesse momento, caso tenha dito algo?

Nica: Depois de o agente Littel lhe pedir uma segunda vez que saísse e ele não se mexer, saí do carro, dei a volta por trás e dirigi-me ao agente para perguntar qual era o problema. Porque eu não tinha visto nada acontecer. E também lhe disse que Thelonious Monk era um músico muito famoso e que eu era agente dele, licenciada pela Federação Americana

[de] Músicos, e que estávamos a caminho de Baltimore por causa de um compromisso de trabalho.

P: O que é que o agente Littel lhe respondeu, caso tenha respondido?

Nica: Disse «tudo bem» e voltou para o carro dele.

Depois de pôr o *Bentley* em primeira, Nica ligou o pisca e voltou lentamente para a estrada. Uma placa de sinalização mostrava a distância até Nova Iorque; estavam na estrada certa, mas na direção contrária. Nica fez meia-volta. Quando passaram novamente pelo carro de patrulha, perceberam os três que o polícia ainda estava a falar pelo rádio. Momentos depois, ouviram a sirene. Pelo espelho retrovisor Nica viu o carro de patrulha também fazer meia-volta e vir na direção deles. Pondo o carro ao lado do *Bentley*, Littel apontou com o dedo para a berma e, pelo altifalante, instruiu a Baronesa a encostar o carro. Ninguém no *Bentley* disse nada. Desta vez, o agente parou em frente do *Bentley*. Saiu do carro com um par de algemas e abriu de repente a porta do passageiro. Tentou algemar Monk, mas o músico sentou-se em cima das mãos e esquivou o corpo enorme, afastando-se do agente.

P: Em algum momento o músico praguejou ou usou palavras profanas na presença do agente Littel?

Nica: Talvez tenha dito «mas que diabo» ou algo do género.

P: Que palavras trocou a senhora com o agente Littel nesse momento, caso tenha dito alguma coisa?

Nica: Disse: «Porque é que está a fazer isto?» E ele disse: «Porque ele vai preso.»

Littel endireitou-se e contornou o carro lentamente. «Carta de condução e documentos do carro», disse ele, ordenando mais do que pedindo, e tirou a chave da ignição, antes de regressar ao seu carro. Rouse, Nica e Monk ficaram a observar em silêncio enquanto Littel pegava no rádio e pedia reforços.

P: E o que é que a senhora fez?

Nica: Saí, fui ao carro dele e implorei-lhe para que não fizesse mais nada. Assegurei-lhe que, se era isso que queria, eu pediria ao Monk para sair do carro.

Q: Qual foi a resposta do agente?

Nica: Disse: «Ah, ele vai sair, vai, vai.»

P: E o que é que a senhora fez depois dessa conversa?

Nica: Voltei para o carro, mas por essa altura já havia outros carros da polícia a chegar e apareceram muitos agentes.

P: Descreva, por favor, ao Meritíssimo Juiz, o que aconteceu depois de os outros agentes chegarem, e o que se passou entre eles e Monk dentro do carro.

Nica: Três ou quatro agentes começaram a tentar arrastar Monk para fora do carro e ele resistiu, e aí começaram a bater-lhe com bastões. E pedi-lhes que não fizessem aquilo, que tivessem cuidado para não bater nas mãos dele, porque ele era pianista.

Rouse disse que, no começo, Nica de facto pediu aos polícias para terem cuidado com as mãos de Monk, mas, como eles a ignoraram e bateram com os bastões de couro nos dedos dele, ela implorou que parassem. «Ela depressa se pôs a gritar e a implorar ‘por favor, proteja as mãos dele, proteja as mãos dele, por favor’.»

Nica: Eles ignoraram-me por completo e acabaram por conseguir arrastá-lo para fora do carro e depois puseram-se em cima dele no chão, a bater-lhe, e a seguir algemaram-no com as mãos trás das costas e arrastaram-no para o carro do agente Littel e tentaram pô-lo no banco de trás [...]. Dirigi-me ao detetive e disse: «Por favor, não quero que lhe batam mais.» Depois, fui para o meu carro, mas o agente Littel aproximou-se de mim e disse: «Você também vai presa.»

Monk perdeu a consciência, provavelmente porque um polícia usou um bastão mais achatado. Assim que o corpo dele ficou mole, os agentes levantaram as pernas de Monk sobre a sua cabeça e fecharam a porta. O detetive Eckrich concordou em deixar Nica conduzir o *Bentley* até ao

tribunal local; Rouse também foi preso e transferido para o carro de outro polícia.

Pouco depois da chegada da Baronesa e dos músicos ao tribunal local, a notícia da prisão espalhou-se. Os polícias convidaram as famílias para ver a presa do dia. Crianças de nariz sujo pressionavam o rosto contra o vidro, para melhor ver Monk, já consciente, mas cheio de dores. Não havia nada que a Baronesa pudesse fazer além de pedir incessantemente um telefone para ligar ao advogado. Rouse, também algemado só por precaução, estava detido noutra sala.

– Qual é a acusação? – perguntou Nica sem parar.

– Podemos revistar-lhe os bolsos?

– Se quer dizer a minha bolsa, aqui está ela. Mas será que, por favor, podem chamar um médico para o Sr. Monk? Ele está doente. Veem que ele está doente, não veem? Podemos confessar a culpa. Deixe-nos pagar a fiança para que possamos ir embora.

– Precisamos de revistar o seu carro.

– Façam favor.

As coisas estavam prestes a piorar muito.

Nica seguiu os polícias até à rua e sentou-se no banco, a observar. Pegou no seu caderno de desenhos e começou a rabiscar.

P: Como é que a senhora tinha um bloco de notas?

Nica: Trago sempre um bloco de notas comigo e, quando fico nervosa, começo a rabiscar. E era isso que eu estava a fazer.

P: Quando os polícias lhe tiraram a bagagem do carro, a senhora sabia que havia marijuana na mala, não?

Nica: Sim.

P: Então, porque é que, senhora baronesa, não se recusou, se tinha escolha, a deixá-los revistar o carro?

Nica: Eu estava rodeada de polícias, agentes e detetives, e bastante assustada. Tinha pedido para entrar em contacto com o meu advogado e eles disseram-me que eu não podia ligar. E fiquei realmente muito assustada e confusa nesse momento e achei que não tinha alternativa a não ser deixar que revistassem o carro.

P: A senhora achou que tinha a opção de os deixar ou não revistar?

Nica: Não.

P: Não tinha opção?

Nica: Não.

P: Depois de chegar ao tribunal do juiz Hatton, quando é que a senhora pediu para telefonar a outra pessoa que não o seu advogado, se é que pediu?

Nica: Pedi várias vezes. Quando eles viram as marcas de agulhas no Monk, eu quis ligar para o médico, porque sabia que o médico explicaria que eram das injeções vitamínicas que o Monk levava.

Monk não só suava como tinha marcas de agulhas nos braços. Não era preciso muito mais do que isso para convencer a polícia de que tinham um drogado em mãos.

E depois encontraram marijuana no carro. Era classificada como narcótico; quem quer que fosse encontrado na posse de marijuana ia preso. Plenamente consciente do que estava a fazer, Nica disse que a droga era dela.

Harry Colomby estava a dar uma aula quando foi chamado ao telefone. «Eu geralmente não atendia, mas naquela ocasião...» Ainda se lembra do telefonema, do desespero absoluto que sentiu e da sua total incredulidade com a injustiça do sistema. «Até apreenderam o carro; o carro tornou-se testemunha.»

Colomby descreveu que teve de voltar à sala de aula e ouvir os alunos discutirem literatura, mas que só conseguia pensar que Monk perderia mais uma vez o *cabaret card* e o sustento. Desde que reouvera a licença de dar espetáculos, Monk levava cerca de 15 meses a voltar a ligar-se ao público.

«A recetividade do público foi impressionante, foi ótima», lembra-se Colomby. «A notícia do regresso dele espalhou-se; foi como uma conversão religiosa; sim, é essa a palavra. Porque durante todos aqueles anos ele tinha sido um artista sem o devido reconhecimento, e isso estava a mudar. Fez-se justiça. E depois aconteceu aquilo.»

«Mas a Nica disse que as drogas eram dela. Por isso o Monk não foi acusado, certo?», perguntei.

«Sim, ela assumiu a culpa, mas isso não significou nada.»

Aquilo significava tudo para Nica. As consequências para ela eram terríveis. Enfrentava uma longa pena na prisão, que podia chegar a dez anos, o pagamento de uma grande fiança e, depois da libertação, deportação imediata. A família tolerara a morte de um músico famoso, casado e toxicod dependente na suíte de Nica, mas como a trataria se ela fosse presa por posse de drogas? Será que finalmente a deserdaria e a votaria ao ostracismo? Jules tinha a custódia dos filhos, mas, até ao momento, permitia que Nica tivesse acesso limitado a eles. Se a ex-mulher fosse considerada culpada, será que Jules permitiria que ela sequer visse os filhos? Quantos amigos e parentes fariam a viagem até uma prisão no Sul dos Estados Unidos só para a visitar? Se Nica perdesse o caso, a sua vida com Monk chegaria ao fim. Estava suspensa entre dois mundos, o que tinha rejeitado e o que tinha aprendido a amar. O futuro de Nica estava nas mãos de advogados e juízes, e desta vez não havia nada que a sua influente família pudesse fazer para ajudar.

Pergunto-me porque é que Nica arriscou tanto. Será que a explicação era que simplesmente amava Monk e estava pronta a arriscar tudo para que ele não tivesse de ir para a cadeia? Um dos seus amigos mais antigos, o historiador Dan Morgenstern, disse-me: «Ela estava pronta a sacrificar-se por ele. Nem pensou duas vezes. Era assim que ela era, a maneira como ela via as coisas. Ela era assim.»

[17](#) *Strange Fruit*», «Frutos Estranhos», originalmente um poema composto por Abel Meeropol sobre o linchamento de negros norte-americanos no Sul do país, cujos corpos eram pendurados em árvores, foi posteriormente transformado numa canção celebrizada por Billie Holiday. (*N. da T.*)

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Nica foi considerada culpada das acusações a 21 de abril de 1959. Foi condenada a três anos de prisão, com uma multa de três mil dólares. No dia em que fosse libertada, seria acompanhada até ao aeroporto por dois polícias, que a poriam num avião para Inglaterra. Ficaria proibida de voltar aos Estados Unidos.

Embora não pudesse proteger Nica da prisão ou da vergonha, a família Rothschild contratou um dos melhores advogados criminais para apresentar recurso. Momentos depois de a sentença ter sido proferida, o seu advogado de defesa, J. Arthur Clark, fez uma defesa apaixonada, pedindo um adiamento e novo julgamento. O juiz concordou, relutante, a mandar o caso de Nica para o Supremo Tribunal, e ela foi libertada, enquanto aguardava julgamento. Victor Rothschild pagou uma fiança de dez mil dólares; Nica ficou temporariamente livre, mas, durante os dois anos seguintes, pairou sobre ela a perspectiva de ir para a prisão.

«Ah, que maçada, acho aborrecidíssimo falar disso», foi a reação de Nica, 20 anos mais tarde, a uma pergunta sobre o incidente em Baltimore. Não acreditei nem por um segundo nisso. «Que maçada» foi exatamente a expressão que a sua irmã Miriam usou quando me falou sobre a idade lhe ter roubado a visão. «Que maçada» era como a minha avó descrevia o seu diagnóstico de cancro. «Que maçada» é apenas uma figura de estilo usada por uma geração que nunca teve a linguagem necessária nem autorização para expressar o que sentia de forma adequada. Eu já tinha ouvido «que maçada» o suficiente para saber que era uma metáfora para medo.

Em vez de rejeitar Nica, os Rothschild tentaram novamente entendê-la. «Toda a gente percebeu a mensagem [...] todos perceberam o que se

passava e [que] o Thelonious era importante na minha vida», disse Nica. Uma das primeiras pessoas a visitá-la foi a irmã Miriam, que veio para Nova Iorque com o filho Charlie, alegando que estavam «a morrer de vontade de conhecer» o Thelonious. Nica admitiu que a visita não correu muito bem. «Fui buscar o Thelonious à 63rd Street e ele estava completamente pedrado. Drogou-se porque ficou nervoso com a perspectiva de conhecer a Miriam, e nada no mundo era capaz de o fazer ficar sentado, quieto. Ele passou o tempo noutra mundo.»

Miriam, disse Nica, «mostrou-se bastante descontraída com aquilo, e disse ‘não te preocupes, eu entendo, ele é um génio’ e essas coisas». Miriam raramente ia a Catville, embora as irmãs estivessem sempre em contacto. Nica e os filhos visitariam Ashton várias vezes nos 20 anos seguintes.

Victor tentou impressionar a irmã criando uma ligação musical com Thelonious, gravando uma tentativa sua de tocar uma composição de Monk. Victor ficou encantado com aquele seu esforço; Monk achou horrível e amador, e respondeu enviando uma paródia da homenagem de Victor. Nica disse mais tarde que o irmão «nunca se recuperou da imitação do Thelonious; quase desistiu das suas aspirações musicais. Era cómica, a imitação. Acho que a tenho gravada algures».

Nos dois anos seguintes, enquanto o processo decorria, a família e os amigos de Nica imploraram-lhe que fugisse do país para evitar o julgamento. Para ter a certeza de que não iria para a cadeia, bastava que regressasse a Inglaterra e recomeçasse a vida. Mas Nica não lutara pela liberdade na Segunda Guerra Mundial para fugir agora. Para ela, o caso, na verdade, não tinha a ver com uma quantidade de marijuana que poucos dólares valia, mas sim com o que acontecia quando negros e brancos se tornavam amigos.

Encontrei uma das pinturas de Nica no arquivo de Mary Lou Williams, na Rutgers University. Embora abstrata, retrata duas figuras penduradas em árvores num mar de escuridão vermelho-sangue. A composição baseia-se numa famosa fotografia do linchamento de dois jovens negros, Thomas Shipp e Abram Smith. A mesma imagem levou o professor judeu Abel Meeropol a escrever a letra da canção «Strange Fruit». A pintura de Nica foi o seu protesto contra o racismo e contra a sua prisão em

Delaware. No canto, ela rabiscou as palavras «Strange Fruit» e a data, outubro de 1958.

Pergunto-me se houve paralelos entre a experiência judaica e a experiência dos afro-americanos no que toca ao preconceito. Seria possível que Nica compreendesse, pela família e até pela sua experiência pessoal, um pouco do que os seus novos amigos tinham de suportar? Fiz a pergunta a Miriam.

«É tudo a mesma coisa, na verdade. É assim que o ser humano funciona. O moço de recados tem de dar um pontapé no gato. Toda a gente tem de ter algo abaixo de si para intimidar, atormentar, pontapear. É má sorte ser judeu, porque aí tornamo-nos uma das coisas mais fáceis de mandar escada abaixo. Depois, serão os negros e depois vai ser outra coisa. O ser humano precisa sempre de algo em que possa descarregar a raiva que tem da vida.»

Perguntei ao músico de *jazz* Quincy Jones, amigo de Nica, se me conseguia explicar as raízes do racismo e se havia paralelos entre as experiências dos dois grupos. Repetiu as palavras de Miriam: «Sim. É tudo parte da mesma doença psicológica. As pessoas passam a sentir-se gigantes quando transformam as outras em anões.» E achava ele que Nica entendia as dificuldades por que ele e os amigos passavam? «É claro que entendia.»

Após a detenção, em 1958, Nica passou a ajudar ainda mais a comunidade de *jazz*. Conduzindo o *Bentley* pelos bairros mais problemáticos, estacionava e, deixando o motor ligado, saía em busca de um «gato» em apuros. Vestida com o seu casaco de pele e as pérolas, era uma figura excêntrica a caminhar pelos edifícios e antros de drogas. Certa vez, passou vários dias à procura do pianista Bud Powell, que lhe bebera todo o vinho *Rothschild* antes de ir para a cidade em busca de heroína. Nica encontrou-o desamparado numa esquina, mas Powell estava para lá de qualquer ajuda, apesar dos grandes esforços dos amigos. Ela deu-lhe cama e comida, mas o músico morreu de uma combinação fatal de tuberculose e insuficiência hepática devido ao alcoolismo e à desnutrição. Nica pagou o funeral dele no Harlem, onde milhares de pessoas em luto seguiram uma banda que tocava «I'll Be Seeing You» e «'Round Midnight». Graças à sua herança, Nica pôde dar dignidade às mortes de outros amigos músicos, como o pianista Sonny Clark e o saxonista tenor

Coleman Hawkins, arranjando funerais adequados e um lugar onde pudessem ser enterrados. Às vezes, a sua caridade era mais prática: Lionel Hampton foi um dos músicos a quem ela ensinou a ler.

Nica nunca hesitava quando precisava de usar o prestígio do seu nome e título para defender os amigos. O seu papel timbrado tinha uma insígnia e o título «Baronesa de Koenigswarter» em negrito azul. Se escrevesse a um amigo próximo, às vezes incluía marcas de patas de gato no papel; para amantes do *jazz*, desenhava teclas de piano. Quando um crítico de *jazz* disse que Coleman Hawkins demonstrava um ímpeto de morte, de tanto beber, ela ligou ao amigo Dan Morgenstern, que trabalhava na revista *Downbeat*, e insistiu que ele publicasse uma defesa. A carta de Nica apareceu na edição seguinte: «Pelo contrário [...] a música dele é o tipo de som capaz de ressuscitar os mortos e pô-los dançar! Faz com que percebamos que estávamos menos vivos antes de a ouvirmos pela primeira vez.»

Talvez querendo atenção, ou reconhecimento, ou apenas um pouco de atenção positiva da imprensa, Nica cooperou plenamente com Nat Hentoff para um artigo publicado em 1960 na *Esquire*. «Ela costumava deixar bilhetinhos na minha caixa de correio, perguntando se eu já considerara a publicação disto ou daquilo», disse Hentoff. Publicado no período entre a prisão em 1958 e antes que o caso fosse para o Supremo Tribunal em 1962, o artigo de Hentoff está repleto de vislumbres mais pessoais da vida de Nica, o fim do casamento e a relação com Monk e outros músicos. Embora tivesse uma ou outra alfinetada, o artigo fez bem a Nica, mostrando outro lado dela, retratando-a como ingénua e «palerma», mas bem-intencionada.

No entanto, muitas pessoas insultavam o comportamento de Nica e o estilo de vida que escolhera: «Gritavam-lhe ‘amante de pretos!’», lembrou o trombonista Curtis Fuller, seu amigo. «A Baronesa aguentou muita coisa e todos nós sabíamos como era. Teríamos lutado até à morte por ela se alguém a insultasse ou a magoasse. Ela era o nosso orgulho e a nossa luz; ela iluminava-nos porque tinha estatuto.»

Embora as relações raciais tenham ficado mais fáceis durante a década de 1960, quando o amor era, presumia-se, «livre», as relações amorosas inter-raciais e crianças mestiças eram incomuns. Até à Lei dos Direitos Civis, de 1968, as leis que criminalizavam o casamento inter-racial e a

segregação racial eram aplicadas em alguns estados norte-americanos do Sul. Janka, filha de Nica, e o baterista Clifford Jarvis deram à luz um filho mestiço chamado Steven, em 1964. O casal nunca morou junto e Steven cresceu com a mãe e a avó em Catville. Aluno de uma escola em Nova Iorque, Steven foi, segundo ele próprio me disse, intimidado e agredido por causa das suas origens. Certa ocasião, uma cantora negra chamou à avó dele «puta aristocrática misógina». Steven ficou chocado e profundamente triste. «Fiquei atônito. [Era como se] ela me tivesse cortado com uma faca. Desde então, fiquei sensível a isso, ou seja, à reputação da minha avó, e sofri por isso. E descobri que essa sensação não é incomum.»

Perguntei ao fotógrafo britânico Val Wilmer, que passou muito tempo em Nova Iorque na década de 1960, como fora a experiência de Nica enquanto mulher branca no mundo do *jazz*. «Quando fui pela primeira vez a Nova Iorque, em 1962, havia muitos bares onde as mulheres desacompanhadas não eram servidas, porque isso insinuava que eram prostitutas. As brancas que se misturavam com os negros punham-se numa situação muito difícil porque, por mais que o mundo do *jazz* fosse mais liberal, mais progressista do que outros setores da sociedade, ainda havia muito racismo e sexismo.»

A revista negra *The Liberator* publicou um artigo acusando agentes ambiciosos, proprietários de clubes e mulheres como a baronesa Pannonica de Koenigswarter de fazer exigências absurdas a músicos ingênuos. Nica era como «uma amarga insinuação de que uma mulher branca e rica podia ser a salvação do homem negro». Amiri Baraka, poeta e ativista anteriormente conhecido como LeRoi Jones, foi igualmente desdenhoso. «Ela era uma diletante rica, uma *groupie*. Isto é o melhor que posso dizer, que ela era alguém que tinha os meios para estar onde queria estar e fazer o que queria fazer.» Um parente Rothschild, quando soube que eu estava a fazer um livro sobre Nica, escreveu-me: «Ela nem sequer era interessante. Estendia-se na cama e ouvia música.»

Nica foi ridicularizada na ficção. O escritor sul-americano Julio Cortázar publicou uma coleção de contos que contém «O Perseguidor», uma história sobre um infeliz saxofonista que atende pelo nome de Johnny (Charlie Parker) e um grupo de penduras liderado por uma marquesa bastante esquisita chamada Tica (baronesa Nica) que vive entre os

músicos de *jazz* para dar sentido à sua vida insípida de *groupie*. O narrador explica: «Somos um bando de egoístas; sob o pretexto de cuidar do Johnny, o que fazemos é proteger a ideia que fazemos dele, preparando-nos para o prazer que o Johnny nos vai proporcionar, para refletir o brilho da estátua que erguemos entre todos nós e defendê-la até ao último suspiro.» A namorada de Johnny, uma mulher chamada Deedee, destaca em particular a personagem da marquesa: «A Tica está ótima», diz Deedee amargamente. «É claro que é fácil para ela. Chega sempre em cima da hora e tudo o que precisa de fazer é abrir a carteira e tudo se arranja.»

A amiga Mary Lou deu a Nica o seguinte conselho:

As pessoas vão dizer coisas desagradáveis por ciúmes, etc., mas tens de te lembrar de que estão a criar uma estrela, e que todos te querem conhecer tanto quanto querem conhecer o Duke Ellington ou o Monk [...]. E o que hás de fazer? Não podes mudar isso [...] portanto aprende a viver com isso e ri-te como só tu sabes. És da família Rothschild, isso faz de ti um alvo. Os Dupont, Ford, Rock [Rockefeller] [...]: um sorriso e todos os ricos e gananciosos começam a atacar-se para preservarem o dinheiro. Podem achar que és notável, mas, observa-os bem, são eles que assassinam a alma das pessoas. Tu és muito gentil com quem amas.

Archie Shepp, saxofonista e ativista de direitos humanos, ficou impressionado com a coragem de Nica.

Ela era uma mulher à frente do seu tempo. Enfrentou a sociedade numa época em que não era popular fazer isso. Na verdade, é um exemplo. Uma das primeiras feministas; ela perseguiu o direito de não só ser ela mesma, mas também de se ver como alguém que implementava mudanças na sociedade e de tornar possível à classe dela fazer mudanças sociais. Ela frequentava locais onde nunca se viam pessoas como ela e agia quando via injustiças, portanto impressionou toda a minha comunidade e gerou um sentido de democracia.

Nica era mais instintiva do que política. Evitava autorreflexão ou causas organizadas, porque era caprichosa e impulsiva. Se houvesse uma situação em que pudesse ajudar, mergulhava de cabeça, independentemente das consequências. Não havia nenhuma tentativa de sistematização das suas ações ou de organização de uma estratégia.

*

O mundo mudava enquanto Nica estava presa no vórtice do tempo do *bebop*, aparentemente alheia à revolução musical, social e política que se desenrolava em seu redor. A música de Monk deixara de ser novidade; era algo velho. Fora substituída pelo *rock*, *pop* e *cool jazz*. Monk acreditava que Miles Davis se tinha vendido em vez de progredir e que os novos praticantes de *jazz*, como Ornette Coleman, eram descartáveis. Nica concordava com ele: afinal, ele era professor e guia dela. Do lado de fora do número 63 de Kingswood Road, a sociedade e a música mudavam: Elvis disputava-se com Chuck Berry e os Beatles enfrentavam os *beatniks*. Os Rolling Stones entravam em contacto com Andy Warhol; Tamla Motown e Phil Spector monopolizavam as ondas de rádio, enquanto Frank Stella e Jasper Johns deixavam os museus maravilhados. A eleição de John F. Kennedy e o toque de clarim de Martin Luther King prometiam apagar as nódoas da injustiça política. O Homem até já pousara na Lua.

Tudo isso pareceu passar despercebido a Nica. As coordenadas da vida dela pouco mudaram: dormia até tarde, pegava no carro e ia para a cidade à noite. Estava focada em Monk, na música dele e na confusão que era a vida dele. O que quer que acontecesse do lado de fora, a coleção de fotografias de Nica mostra que a vida em Catville praticamente não mudara. Nelas, as roupas que as pessoas usam, os penteados e rugas mostram a passagem do tempo, mas, fora isso, a casa do número 63 de Kingswood Road parece ter ficado parada na década de 1950. Nica era a Miss Havisham do *bebop*.

Houve, porém, um acontecimento que Nica não pôde ignorar: o seu julgamento no Supremo Tribunal. A data foi finalmente marcada para 15

de janeiro de 1962. Na noite anterior, ela escreveu a seguinte carta a Mary Lou Williams:

Hoje é o dia em que todo o meu futuro pode ser decidido. Pode estar a ser decidido neste preciso momento. A liberdade, a fuga milagrosa, a oportunidade de começar de novo, de fazer tábua rasa, ou o início da inevitável catástrofe, o início do fim. Não falo sobre isso com o Thelonious, a Nellie, nem ninguém. E agora estou aqui sentada à porta [da igreja] de St. Martin, a pensar se algum deles faz alguma ideia da situação por que estou a passar hoje. E quanto ao Thelonious, bom, protegê-lo está no cerne desta embrulhada e nunca discuti isto com ele. E acho que ele não está muito ciente da situação. Ele e a Nellie já têm demasiados problemas. Estou aqui sentada há quase duas horas e está muito frio. Portanto, vou entrar e acender uma vela a St. Martin.

Era essa a situação: ela enfrentava «o início do fim». Nica teve de facto medo e não havia ninguém a quem recorrer. Voltou a Baltimore para o julgamento e ouviu a sentença sozinha; não houve membros da família nem amigos a seu lado, ninguém para lhe dizer adeus na possibilidade de ela ter de sair da sala do tribunal diretamente para a prisão. «E agora estou aqui sentada à porta [da igreja] de St. Martin, a pensar se algum deles faz alguma ideia da situação por que estou a passar hoje.»

Que extraordinário e comovente que alguém cuja casa era sempre o centro das festas, o lugar onde as pessoas se iam divertir, comer e tocar música, tivesse de enfrentar a sua hora mais difícil sozinha. Perguntei-me onde estavam as pessoas que Nica havia tão generosamente ajudado. Se fosse considerada culpada, Nica iria direta para a cadeia e, depois de cumprir a pena, seria deportada. Sem ninguém a quem recorrer, sentiu necessidade de escrever o que sentia. Nica planeava enviar a carta apenas se fosse considerada culpada. Se o veredito fosse a liberdade, destruí-la-ia.¹⁸ Nica aprendeu, desde a mais tenra idade, a não demonstrar as emoções e a não falar sobre o que sentia.

Tanto Monk quanto Nellie enfrentavam problemas de saúde. Depois de ser preso em Baltimore, Monk teve uma das suas recaídas mais graves e foi posto num hospício para doentes mentais, onde permaneceu vários

meses. Nellie sofria de dores de estômago recorrentes e teve de mandar os filhos para viver com os sogros, enquanto tentava recuperar a saúde. Por esta altura, comecei a perguntar-me sobre a relação entre Nica e os Monk. Será que Nica foi usada ou se deixou simplesmente usar? A relação deles, quando ela mais precisou, pareceu bastante unilateral. Talvez a própria Nica tivesse definido esses parâmetros pessoais distantes; talvez a falta de intimidade lhe conviesse. A alternativa era demasiado dolorosa de se contemplar. Recusei-me a acreditar que Nica, ingénua e desesperada, fosse apenas mais uma *groupie*, um bode expiatório a lamentar.

Na noite anterior à chegada do caso a tribunal, Nica sofreu mais um revés quando, à última hora, Bennett Williams, o seu distinto advogado de defesa, não compareceu. No lugar dele, apareceram dois colegas muito menos familiarizados com o caso. Era janeiro e fazia um frio excepcional, com nevões que iam até ao Sul de Pensacola, na Florida, e a oeste até Long Beach, na Califórnia, mas a sala de audiências estava repleta de público. As crianças tiveram dispensa das aulas e as mulheres dos polícias vestiram as suas melhores roupas para ver o que prometia ser um grande espetáculo: a condenação de uma aristocrata britânica que fumava com uma boquilha comprida e conduzia um sofisticado carro europeu. Como a ré já admitira que as drogas eram dela, a maioria supunha que a condenação estava garantida e que valia a pena tirar o dia de folga para desfrutar da humilhação.

O juiz, Andrew Christie, presidia ao seu júri e a uma sala de audiências apinhada e teve muitas vezes de pedir ordem à multidão. Apesar da admissão de culpa, os defensores de Nica refutaram a condenação com base numa questão técnica, argumentando que a polícia não seguiu o procedimento correto. Enquanto prendiam a acusada, os agentes revistaram a carteira e o porta-bagagens de Nica sem a inteira permissão dela. O juiz foi obrigado a concordar, relutante. O tribunal vibrou de descrença e decepção.

O caso foi indeferido. Nica estava livre.

Mais tarde, Nica disse a Max Gordon: «Querido, nunca imaginei que Delaware pudesse ser um estado tão mesquinho e atrasado.»

Embora Nica estivesse livre e tivesse assumido toda a responsabilidade pela posse das drogas, Monk perdeu o *cabaret card*. Ficou novamente proibido de tocar em clubes. Nica contratou um advogado para representar Monk, para lutar com «sangue, suor e lágrimas» para que se fizesse justiça e revogasse a decisão da polícia.

[18](#) Enviou-a a Mary Lou anos mais tarde, na década de 1980, por impulso.

DEIXAR-ME LOUCA

Nica já tinha 50 anos. Embora ligada a Monk por meio da sua composição «Pannonica», Nica ansiava por se envolver mais no trabalho dele. Tinha arriscado a liberdade por aquele músico, mas não desempenhava nenhum papel oficial: ele já tinha mulher e empresário. Nica queria ser reconhecida como mais do que uma *groupie*. Ocasionalmente, admitiu Harry Colomby, Nica dificultava-lhe o trabalho. «Às vezes ela conseguia ser intratável», disse-me ele. «Nós a tentar trabalhar e ela sussurrava alguma teoria da conspiração ao ouvido do Monk sobre quem fazia o quê.»

«Eu quero mesmo fazer uma capa para um disco dele», escreveu ela ao produtor Ted Macero, pois «seria uma compensação pela decepção de uma das minhas pinturas ter sido escolhida pelo Charlie Parker para um disco que nunca foi feito.» Quando Macero marcou um encontro com Nica para ver algumas das suas obras de arte, ela não honrou o compromisso. Macero teve de escolher, em vez de uma pintura, uma fotografia tirada por ela.

Frustrada, mas sem desistir, Nica enviou-lhe uma carta incoerente e elogiosa a respeito de Monk que o produtor editou e usou para o encarte do álbum de Monk de 1963, *Criss Cross*. Nica começa por comparar Thelonious a Bartók: «O nome Monk é sinónimo de ‘génio’; o Thelonious está na sua melhor fase. A única coisa difícil em *Criss Cross* é impedir os pés de baterem no chão. A grandeza dele reside no facto de ele transcender todas as fórmulas, todos os adjetivos e clichés batidos; só um novo vocabulário, talvez, o serviria. Mesmo que seja precisa e

matemática, a música do Thelonious é, ao mesmo tempo, a mais pura magia.»

 Unlocked%202_Page_254_Image_0001.tiff

© Private Collection

Nica e Monk num estúdio de gravação.

Depararam-se-me outros exemplos de Nica a falar sobre Monk. «A única coisa que sempre me abalou no Thelonious é como ele consegue ouvir a música ao redor da música», disse ela ao produtor Bruce Ricker, em 1988. «Ele pegava em músicas e tornava-as vinte vezes mais bonitas do que eram antes, explorava todas as possibilidades que nunca ninguém sonhava.» Para ela, ele era como Beethoven, porque, na sua opinião, ele tinha a mesma facilidade, imaginação e capacidade de improvisar e fazer variações de uma melodia. «Beethoven pegava nas coisas e mergulhava em profundezas nunca exploradas, e o Thelonious fazia isso com tudo o que tocava.»

Mesmo quando ele interpretava a música de outras pessoas, Nica acreditava que Monk «via infinitamente mais possibilidades nelas do que as pessoas que as escreveram». Disse que ele «ouvia a música ao redor. Era como se o ar estivesse cheio de diferentes variações e o Thelonious se limitasse a apanhá-las».

Depois de muitos anos a viver num deserto em termos tanto de dinheiro como de crítica, a viver de migalhas da crítica e com rendimentos irregulares, Monk começou finalmente a ser reconhecido pelo público em geral. «Chegou a hora de Monk», escreveu Val Wilmer, em 1965. «A vida tem sido difícil para este gênio excêntrico e o trabalho, quase inexistente. Mas, agora, ele é famoso. Dá espetáculos fora da cidade, veste fatos de 150 dólares e fica nos melhores hotéis.» Mesmo com o sucesso, o pianista não tinha alterado a sua abordagem; o mundo é que finalmente o compreendera, e os esforços determinados dos seus defensores, entre os quais Nica, começavam a dar frutos. «Faço isto há vinte anos», disse Monk numa entrevista à *Bazaar*. «Talvez eu tenha dado outro rumo ao jazz. Talvez eu seja uma grande influência. Não sei. Enfim, a minha música é a minha música, no meu piano. É um critério de alguma coisa. O

jazz é a minha aventura. Busco novos acordes, novas síncopes, novas figurações, novas melodias. Como usar notas de forma diferente. É isso. Só usar as notas de um modo diferente.»

O estatuto de artista de culto não lhe trouxe mais público nem mais rendimento. Mesmo no seu auge, Monk não enchia os grandes clubes nem ganhava muito dinheiro. Em 1963, os rendimentos atingiram o máximo. Nesse ano, a receita bruta dos seus espetáculos chegou a 53 832 dólares, e os direitos autorais geraram 22 850 dólares. Mas, depois das deduções habituais para os membros da banda, viagens e despesas com hotéis, Monk levou para casa apenas 33 055 dólares. Os concertos de sucesso, como a *big band* de Monk a tocar com Hal Overton, esgotaram os 1500 bilhetes disponíveis do Lincoln Center Philharmonic Hall, mas isso era insignificante em comparação com a multidão de quatro mil fãs aos berros que compareceram para ver os Beatles desembarcarem de um avião. Também incomodava o facto de o antigo protegido de Monk, Miles Davis, conseguir vender pelo menos cinco vezes mais discos do que o seu antigo tutor.

Foi um estímulo tremendo a revista *Time* pedir para pôr Monk na capa. Foi o quarto músico de *jazz* e um dos poucos negros a receberem tal honra. A revista também dedicou um longo artigo com várias fotografias à sua vida. Uma secção concentra-se na relação com Nica, que o autor do artigo descreve como «amiga, mascote e defensora». Juntamente com a declaração de Monk de que só tinha olhos para Nellie, o autor diz que Monk considerava Nica como «uma segunda mãe. Ela leva-o a sítios, dá-lhe salas onde compor e tocar e, em 1957, ajudou-o a recuperar o *cabaret card*». Uma fotografia mostra Nica a olhar afetuosamente para Monk.

O jornalista da *Time*, Barry Farrell, passou vários meses a seguir os passos de Monk. Apesar de ter acesso total ao pianista e ter feito «trinta entrevistas», Farrell só conseguiu recolher (poucas) citações genéricas. Quando questionado sobre como era a sensação de ver uma multidão em êxtase num espetáculo na Alemanha, Monk respondeu apenas: «Aqueles tipos entendem.» Quando Farrell perguntou a Monk se tinha amigos no mundo do *jazz*, Monk respondeu: «Eu era amigo de muitos músicos, mas acho que eles não eram meus amigos.» De vez em quando, Farrell só reproduz citações monossilábicas de Monk, como «sólido» ou «fixe».

A impressão geral que o artigo deixa é que Monk raramente estava sóbrio, que estava sempre pedrado. «Todos os dias», escreveu Farrell, «são um novo acontecimento farmacêutico para Monk: o álcool, as anfetaminas, os ansiolíticos, ou o que estiver à mão, percorrem-lhe a corrente sanguínea em combinações impressionantes.» Reconhecendo que Monk parece às vezes um homem muito feliz, diz que, noutras, «ele parece apenas louco. Passa por fases em que se desliga completamente do mundo e emudece totalmente. Fica acordado dias a fio, vagueando desesperadamente pela casa, incomodando os amigos, tocando piano como se o *jazz* fosse uma maldição incessante.»



© The Advertising Archives / Fotobanco

A 29 de fevereiro de 1964, Monk tornou-se o quarto músico de jazz e um dos poucos negros a aparecerem na capa da revista Time.

Boris Chaliapin foi contratado para fazer o retrato de Monk para a capa. «Ele era um tipo velho e inflexível», disse Nica. «O Thelonious aparecia todos os dias e ficava lá sentado e depois ia direto para a cama.» O comportamento dele, admitiu Nica, «andava a deixar-me louca». Ficava tão irritada com o amigo, que um dia o sacudiu para o acordar. Quando Monk entreabriu os olhos, Chaliapin apanhou o momento com uma câmara *Polaroid*.

Como já passara por más experiências com jornalistas e autores de *jazz*, Monk tinha uma opinião ambivalente sobre a imprensa. Nica declarou que ele «nunca quis aquilo, mas acabaram por o convencer». Monk representou a sua *persona* aforística. Certa vez, disse a um crítico que não queria saber por que motivo o público aparecia; o que importava era que aparecesse.

«Mas isso não é demasiado frio e calculista para ser dito por um génio?», indagou o crítico.

«É preciso ser calculista para ganhar dinheiro», respondeu Monk.

Indagado por François Postif se provinha de uma família musical, Monk respondeu: «Venho de uma família musical, já que a minha família é o mundo. E o mundo é musical, não é?»

Noutra entrevista, Leonard Feather pediu a Monk que avaliasse um disco de Art Pepper. «Peça-lhe a ela», disse Monk, apontando para Nellie.

«Mas eu quero saber a sua opinião», respondeu Feather.

«Pedi a minha opinião e eu dei a minha opinião.»

Na sua última entrevista, concedida em 1971 a Pearl Gonzales, na Cidade do México, a jornalista perguntou-lhe qual era, para ele, o propósito da vida. «Morrer», respondeu Monk.

Mas, entre a vida e a morte, há muitas coisas a fazer, retorquiu Pearl, e insistiu que Monk falasse mais.

«Fez-me a pergunta e a resposta é esta.»

A entrevista terminou ali.

*

À medida que ficavam mais velhos, os filhos de Nica passavam mais tempo com a mãe. Ela orgulhava-se do conhecimento e do entusiasmo deles pela música que ela adorava, dizendo que todos «entendiam de *jazz*;

eu não preciso de lhes ensinar nada». Nica gostava particularmente de Janka, sua filha mais velha e melhor amiga. «Uma vez estávamos na Islândia, com alguns músicos, e houve um concurso de reconhecer discos, e a Janka e eu ganhámos, à frente de centenas de países», disse ela, orgulhosa. «A Janka conhecia os músicos acompanhantes de todos os discos.»

Janka vivia com a mãe desde os 16 anos; os amigos dela eram pessoas do *jazz* e, tal como Nica, isso causava-lhe, ocasionalmente, problemas. Em 1956, Janka foi de carro de Filadélfia para Nova Iorque depois de um espetáculo, na companhia de Art Blakey, Horace Silver e o auxiliar de banda Ahmed. «Entrámos no carro e o Art começou a conduzir», escreveu Horace Silver na sua autobiografia.

Mal saímos de Filadélfia, um polícia de mota mandou-nos parar. Não íamos acima do limite de velocidade nem desobedecemos a nenhuma regra de trânsito. O polícia viu três negros com uma mulher branca, e isso bastava para ele nos parar. Se o Art se tivesse comportado bem, o polícia talvez nos tivesse deixado seguir em frente. Mas o Art estava pedrado e ficou indignado, comportou-se de modo hostil. O polícia mandou o Art segui-lo à esquadra local. E encontrou uma arma carregada, uma caixa de cartuchos e um frasco de anfetaminas no porta-luvas. O Art não tinha licença de porte de arma. As anfetaminas eram da Janka, a filha da Baronesa. E o Ahmed tinha marcas de picadas de agulha nos braços.

Foram todos detidos. Art ligou a Nica, que arranjou um advogado para os tirar da cadeia, mas, «quando descobriu que se tratava de três negros, o advogado não se quis envolver. Tirou a Janka da prisão e deixou-nos lá». No fim, foram os quatro absolvidos. Horace Silver escreveu: «É claro que toda a gente pagou ao juiz.» Suspeito que «toda a gente» foi Nica e que a sua experiência em Wilmington lhe ensinou a evitar, se possível, o sistema judicial.

O êxito, para um músico de *jazz*, significava uma agenda de espetáculos esgotante. As bandas muitas vezes viajavam mais de mil quilómetros

durante a noite para economizar nos hotéis. Quando chegavam a uma cidade, principalmente no Sul dos EUA, era difícil encontrar um lugar que servisse músicos negros. Quincy Jones contou-me um episódio que aconteceu no Texas. «Terminámos o espetáculo por volta da meia-noite e meia e tivemos de andar de carro quase até às seis da manhã para encontrar um lugar para comer. Tivemos de mandar o motorista, que era branco, sair e perguntar primeiro. Mas depois alguém gritou: ‘Olhem aquela igreja’ e lá estava, pendurada no campanário da maior igreja da cidade, uma corda com a estátua de um homem negro. E então dissemos: vamos embora.»

Roy Haynes, baterista que tocou muitas vezes com Monk, disse-me: «O único lugar em que geralmente podíamos ficar naquela altura era o gueto dos negros. Era impossível hospedarmo-nos ou comer do lado mais chique das cidades. Não havia hotéis, por isso tínhamos de dormir nas estações ou à beira da estrada. Quando conseguíamos um quarto de hotel, dormíamos por turnos, para economizar dinheiro.»

«Se andássemos em digressão, tínhamos de pagar duas rendas», explicou-me Paul Jeffrey, amigo próximo de Monk e seu último saxofonista. «Não havia benefícios de saúde ou outros, porque não pagávamos impostos de rendimento. Só recebíamos pelo trabalho. E nem todas as semanas tínhamos trabalho. E eram as condições dos hotéis e, sabes, quando penso nisso agora, nem sei como conseguíamos. O desespero de não poder viver com o mínimo sentido de dignidade.»

Em 1969, o promotor George Wein, que também organizou os festivais de *jazz* de Newport, levou Monk e a sua banda pelo mundo fora. Além de aparecer na televisão e na rádio, e ainda fazer uma ou outra sessão de gravação, Monk, no período de poucas semanas, tocou em Paris, Caen, Lyon, Nantes e Amiens, em França; em seguida, em Genebra, Berna, Zurique, Lugano e Basileia, na Suíça; tocou também no *resort* de Lecco, em Itália; em Bruxelas, em Varsóvia, nas capitais escandinavas, em Frankfurt, Amesterdão, Londres (duas vezes), Manchester e Birmingham. Depois, viajou para Tóquio para fazer nove espetáculos pelo Japão antes de voltar aos Estados Unidos, onde tocou na Costa Oeste, em Mineápolis e em dois festivais de *jazz*, seguidos de outra temporada no Village Vanguard Club.

Mesmo para um homem mais jovem e mais saudável, essas digressões seriam cansativas, mas Monk, ainda por cima, não estava em boa forma, já tinha mais de 50 anos e um temperamento que se adaptava mal à vida na estrada. Detestava sair de Nova Iorque e era difícil aos seus protetores gerir a rotina dele longe de casa. Certa vez, Monk hospedou-se sozinho num hotel de beira de estrada em São Francisco e destruiu o quarto. O gerente não o deixou ir embora, até Nica apanhar um avião para o outro lado do país e pagar os estragos. Noutra ocasião, o dono de um clube recusou-se a pagar a Monk, por este ter tocado todas as músicas apenas com os cotovelos. Quando lhe perguntaram o motivo, Monk disse que a sua escolha de estilo refletia a terrível viagem de avião que fizera para lá chegar.

Segundo Nica¹⁹, houve um incidente que, mais do que todos os outros, teve um efeito desastroso sobre o estado mental de Monk. Ele estava a tocar num clube em Mineápolis em 1965, quando um jovem fã lhe passou um comprimido de ácido. «Mesmo que tivesse comportamentos bizarros, o Monk não tinha por hábito desaparecer», disse Nica ao seu velho amigo Dan Morgenstern. «Desapareceu e ressurgiu em Detroit [a mais de mil quilómetros de Mineápolis], quase uma semana depois.» Foi um dos muitos fatores que contribuíram para o inevitável declínio de Monk.

Uma série de acontecimentos aleatórios piorou ainda mais a constituição mental do pianista: a morte por *overdose* do seu amado sobrinho Ronnie; as mortes de amigos como Coleman Hawkins, Elmo Hope e Bud Powell; a Columbia cancelar-lhe o contrato de gravação; os seus colaboradores de confiança Ben Riley e Charlie Rouse abandonarem a banda; um segundo incêndio no apartamento dos Monk. Além disso, Monk sofria cada vez mais com a próstata aumentada, o que lhe afetava o dia a dia, inclusive os espetáculos.

Certa noite, em maio de 1968, na véspera de uma viagem a São Francisco, Monk entrou em coma, por causa de *stress*, cansaço e uma mistura de drogas. Ao fim de vários dias, recuperou a consciência e anunciou, no seu estilo típico: «Vocês acharam todos que eu tinha ido para os anjinhos. Acharam que eu me ia pisgar. Que eu ia bater a bota. Que pena, heim?»

Nica e Nellie começaram a tentar encontrar uma forma de tratamento para Monk. Estavam ambas determinadas a descobrir alguma coisa, mas

tinham estratégias completamente diferentes. Foi na luta pela saúde de Monk, e não pelo amor dele, que as duas finalmente se desentenderam.

A reação de Nellie foi substituir toda a comida de Monk por sumos de fruta e legumes. Paul Jeffrey, saxofonista que tomou a vez de Charlie Rouse na banda de Monk, explicou como funcionava: «Ela comprou um processador de sumo, acreditando que, se bebesse só sumo, o Monk ficaria curado. Eu costumava ir ao mercado do Bronx com a Nellie na parte da manhã e carregava grandes caixas de cenouras e aipos, punha tudo no meu porta-bagagens, conduzia até ao apartamento e descarregava. Para ela fazer sumos.» Monk adotou a cura de Nellie durante meses, mas não melhorou nem um bocadinho; só ficou terrivelmente magro. Nica, horrorizada com a perda de peso dele, levava comida às escondidas para o apartamento do casal. Esperava até Nellie sair e aparecia com pratos de bifes e batatas, que Monk, muito grato, devorava rapidamente.

A obsessão de Nellie com os sumos quase fez a família ser despejada pelo senhorio: os vizinhos queixavam-se amargamente de que o zunido da máquina acordava toda a gente de noite. Convencida de que aquele era o caminho certo, Nellie até alimentou a esperança de abrir uma loja de sumos para curar músicos doentes. Desesperada por encontrar um rendimento fixo para a família, sentia raiva de Monk por causa do consumo de drogas. «Ela achava que ele já se condenara na juventude. E que ele poderia viver até os 95 anos se não tivesse tomado dez milhões de toneladas de drogas», disse Toot Monk a Leslie Gourse.

Mais uma vez, pensei sobre o envolvimento de Nica com as drogas. Era facilitadora ou consumidora? Uma diletante ou uma devota? A intuição diz-me que, embora ela gostasse de um charro ocasional, Nica não apresentava nenhum dos sintomas que denunciam o vício. Muitos dos amigos dela foram destruídos por opiáceos. Monk era quase de certeza dependente das drogas; continuava a consumi-las mesmo que isso ferisse as pessoas próximas dele, lhe prejudicasse a música e a saúde. Nica mostra os sinais clássicos de um codependente: começou a cuidar obsessivamente de Monk, tão preocupada com as necessidades dele, que as punha à frente das suas e das da sua família; a pôr a liberdade e a segurança dele adiante das suas responsabilidades e do seu bem-estar. Se Monk era viciado em drogas, Nica era viciada em Monk.

Outra viagem desastrosa para São Francisco fez Monk ser internado no Hospital Langley Porter. Nellie, desesperada, assinou documentos que autorizavam um novo tratamento médico: terapia de eletrochoques. Nica era terminantemente contra procedimentos invasivos, mas Nellie estava convencida de que essa nova cura ajudaria o marido. Consegui encontrar Eddie Henderson, o interno de psiquiatria responsável por cuidar de Monk. No tempo livre, Henderson era trompetista e andou em digressão com Miles Davis.

Henderson já não pratica medicina, mas ainda toca. As descrições pormenorizadas que me deu da sua infância e da vida na estrada na companhia de Miles Davis convenceram-me de que o seu relato era o mais próximo da verdade.

«No fim de 1969, fui interno de psiquiatra no Instituto Psiquiátrico Langley Porter, que faz parte da Universidade da Califórnia, em São Francisco», explicou. «Eram altas horas da noite quando fui acordado e chamado lá abaixo para ver um doente.» Reconheceu imediatamente Monk, embora mais ninguém o reconhecesse, e, no formulário de admissão, escreveu que o músico fora trazido por Nellie após um longo período de silêncio durante o qual exibiu comportamento estranho.

No dia seguinte, o Dr. Young, o psicólogo mais graduado, pediu a Monk para fazer o Teste de Rorschach, que mede as reações dos doentes a diferentes ilustrações feitas de manchas de tinta. Há profissionais que acreditam que isso pode dar um vislumbre dos traços de personalidade e das reações emocionais das pessoas. Monk, de acordo com Henderson, recusou-se a fazer comentários e brincou com os anéis enquanto olhava fixamente para o chão. O médico mostrou-lhe outra mancha e sugeriu que parecia um menino a tocar violino à frente dos pais. Monk abanou a cabeça, espantado, como se o médico estivesse louco. «Isso não significa nada, é uma mancha de tinta», disse ele. O médico continuou a mostrar-lhe vários padrões, insistindo e dando diferentes interpretações. Finalmente, Monk piscou o olho a Henderson e voltou-se para o médico. «O menino está pobre de bêbedo.»

«Ah é, Sr. Monk? Porquê?», perguntou o Dr. Young.

«Porque a mãe dele já não fode com ele.» Quando o Dr. Young baixou os papéis, Monk acrescentou: «Resolve esta.»

Henderson recorda-se de que Monk muitas vezes falava de um modo bem-humorado e lúcido, mas que de repente ficava «distante, ausente, como se estivesse a cair no fosso de um elevador. Ficava noutro mundo». Testaram Monk com eletroencefalografia, para gravar a atividade elétrica espontânea do cérebro dele no curto período de 20 a 40 minutos. Um eletroencefalograma mostra, entre outras coisas, o efeito cumulativo das drogas que o doente tomou durante a vida. «O resultado do Sr. Monk apresentava muitos picos.» De acordo com Henderson, isso significava que o cérebro dele tinha lesões.

Monk foi diagnosticado como «esquizofrénico, sem classificação definida», e receitaram-lhe clorpromazina, um forte medicamento antipsicótico, que, na verdade, já lhe fora receitado antes. Eddie Henderson explicou que uma pequena quantidade, cem miligramas, já deixava uma pessoa normal sonolenta, e que a dose mais elevada que já tinham dado a um doente era de 3500 miligramas. Passado uma semana, Monk estava a tomar a dose mais alta, mas esta tinha pouco impacto. Como o tratamento por eletrochoques duplica o efeito do fármaco, Monk foi posto numa camisa de força e amarrado a uma mesa. Punham-lhe uma sonda na boca e ele fechava os olhos enquanto elétrodos eram ligados às suas têmporas e a eletricidade lhe percorria o cérebro. Não se sabe exatamente como o tratamento funciona, mas, em alguns casos, ele parece aliviar a depressão. Mesmo hoje, a ECT (ou eletroconvulsoterapia, como é conhecida agora) é um tratamento controverso. Pouco se sabia na altura sobre como ela afetava exatamente o equilíbrio neurológico. Henderson disse-me que ela «baralha as células do cérebro» e que depois, em muitos casos, os doentes «já não eram os mesmos».

Durante o tratamento em Langley, Monk foi autorizado a fazer um espetáculo sob a supervisão de Henderson. O interno de psiquiatria implorou para que Monk não bebesse, muito menos consumisse outras substâncias que pudessem alterar-lhe a mente, pois já estava a tomar medicação pesada. Assim que chegou ao clube, Monk pediu um *Jack Daniel's* triplo e depois mais três cervejas. Em seguida, conseguiu arranjar um grama de cocaína. Dividindo o pacote ao meio, inalou tudo, metade em cada narina. «Por essa altura, ele já estava a suar e o fato ficou tão molhado que parecia que ele tinha entrado numa piscina. Pingava de suor», lembra-se Henderson. «E então ele sobe ao palco. A dançar, a

brincar com o anel. Senta-se e prime as teclas, mas ao de leve, sem produzir som. Não fez som nenhum a noite inteira.» Mais tarde, quando Henderson levou Monk de volta ao hospital, o pianista disse: «Foi um bom espetáculo.»

Depois da alta de Langley Porter, Nellie e Harry Colomby decidiram que uma temporada na ensolarada Costa Oeste faria bem à família e tentaram arranjar um contrato para Monk gravar *jingles* publicitários. Monk insistiu em voltar para a sua amada Nova Iorque, mas Nellie tinha posto a mobília numa arrecadação, depois do último incêndio. O apartamento ainda não estava pronto. Com a ajuda de Nica, os Monk alugaram um apartamento em Lincoln Towers, local de que Monk nunca gostou. Querendo voltar para a sua antiga casa e ansiando pela sua velha mesa Monk foi ao apartamento do seu amigo Charlie Rouse, passou pela mulher de Charlie, empurrando-a, e exigiu: «Onde está a minha mobília? Têm os meus móveis?»

Vejo vislumbres da minha tia-avó na gravação feita por Michael e Christian Blackwood em 1968. Numa cena, ela e Monk conduzem pelas ruas de Nova Iorque para fazer um espetáculo num clube de um amigo seu, Lionel Hampton. Nica conduz no seu jeito habitual e imprudente, virando-se para falar com o operador de câmara no banco de trás, ou virando-se de lado para se dirigir a Monk.

Mais tarde, provavelmente na mesma noite, o casal passou tempo nos bastidores doutro local. Vejo e revejo as imagens, avançando e retrocedendo, tentando descobrir o que Nica está a pensar. Tem 54 anos e a aparência de uma mulher dessa idade. Tem o rosto inchado e os seus traços requintados já se perderam. O cabelo está comprido e mal cortado. Usa uma saia preta e uma blusa listrada que não lhe cai muito bem. Ao fim da noite, já está deveras bêbeda e tem de morder com força a boquilha para não a deixar cair. Diversas vezes, pergunta a Monk que músicas vai tocar. Diversas vezes, ele só resmunga e olha para outro lado, fazendo uma dancinha, trocando meia frase aqui e ali com um amigo. Nica senta-se de repente na escada e olha para ele com ternura. Ela olha-o sempre com ternura.

Nica diz a Monk que lhe comprou um presente.

– Um milhão de dólares? – pergunta ele, esperançoso.

– Não, uma caneta para dares autógrafos.

– Não gosto de andar com uma caneta, sabes disso – diz Monk, tirando a tampa. Ela não consegue encontrar um pedaço de papel em branco, pelo que ele experimenta a caneta nova num guardanapo. O guardanapo rasga-se. Nica ri-se.

– É de prata? – pergunta Monk, examinando a caneta.

– Sim. Toma, encontrei um pedaço de papel. – Nica aponta para um bloquinho sobre a mesa. Monk inclina-se e rabisca algo.

– Sabes o que está escrito aí? – pergunta ele. – Se conseguires alguém para assinar isso, passas-te. Passas-te de vez.

Conversam sobre a família de Nica e como a família é rica, embora Nica afirme ser a parente pobre. Em comparação com os Rothschild, é pobre, mas não é pobre, evidentemente, em comparação com a maioria das pessoas naquela sala.

Monk vira-se para a câmara. «Nunca mais quero estar sem dinheiro. Essa fase acabou», diz ele, com toda a sinceridade, tirando algumas notas dobradas do bolso e agitando-as no ar. Um membro da comitiva aponta para os anéis pesados de Monk, dizendo que ele prefere joias a dinheiro. Monk concorda, apontando para uma opala negra, a sua pedra de nascimento, que vale pelo menos mil dólares, encrustada entre diamantes lapidados. Inclinando-se para a frente, Nica toca-lhe suavemente na testa, na mente.

– Só precisas disto – diz ela, amorosamente.

– Ha – resmunga Monk, pouco convencido.

Nica pega nalgumas fotos dos seus gatos, dizendo que perdeu a conta de quantos tem depois de chegar aos 106. Monk revira os olhos para a câmara; pelo menos naquela cena, o louco não é ele.

[19](#) Opinião partilhada por Leslie Gourse, biógrafa de Monk.

ADORO-TE

A saúde mental de Monk deteriorou-se rapidamente durante a década de 1970. Em 1971, entrou em depressão catatônica e foi internado no Hospital Beth Israel. Depois de receber alta, participou da digressão *Giants of Jazz*, de George Wein, em 1972. A agenda era esgotante: dois espetáculos por noite em 16 cidades num período de 22 dias. Umhas raras filmagens clandestinas dos espetáculos, feitas em Berlim, na altura, mostram Monk – magro, suado, a pera meio grisalha e rala – debruçado sobre o piano, a tocar sem muito entusiasmo. O corpo dele parece ter encolhido dentro do fato. Os seus grandes anéis de ouro estão sempre a cair dos dedos e o suor pinga sem parar sobre as teclas do piano.

Um dos efeitos secundários mais debilitantes do problema de próstata de Monk era a incontinência. «Ele tinha um problema de continência que o deixava vulnerável e isso era terrível, porque ele sentia muita vergonha», disse o promotor George Wein, recordando-se de um incidente durante a digressão. «Era um homem muito orgulhoso, o Thelonious. Estava sempre impecavelmente vestido. Comprava fatos caros e nunca se apresentava mal.» Quando Thelonious estava em casa, era fácil lidar com a incontinência, mas, na estrada, sem saber onde o autocarro de digressão ia parar ou como seria a casa de banho tornava uma situação já de si difícil quase intolerável.

Quando Monk voltou para Nova Iorque, o seu amigo Paul Jeffrey teve de o ajudar a sair do avião. «Ele mal conseguia andar de tão fraco.» Monk tirou folga durante quase todos os dias de dezembro de 1971 e janeiro de 1972, antes de voltar ao trabalho. Disse aos amigos que tinha de sair de

casa: estava a enlouquecer com o zunido constante do processador de sumo de Nellie.

A gravidade da situação de Monk tornou-se clara para Nica em 1972. «Estávamos a voltar de carro para Nova Iorque quando ele me disse de repente: ‘Estou muito doente.’» O facto de Monk admitir o seu estado fez Nica entrar logo em ação. «Foi aí que comecei a procurar médicos e a tentar solucionar a coisa.» Nica dedicou os dez anos seguintes a tentar encontrar uma cura. Ao ouvir hoje uma gravação em que Nica descreve as enfermidades de Monk, é possível perceber um desespero contido na sua voz. Consultou médicos na Europa e nos Estados Unidos, mas não conseguiu encontrar um tratamento eficaz ou um diagnóstico convincente. «Gostava de poder dizer o que é [que ele tem]», diz ela em voz baixa; Monk tinha «uma doença terrível. Estava sempre muito cansado. Até podia sentir dor [mas] nunca dizia nada: era terrível nisso. Tenho a certeza de que sentia dor», continua Nica, a voz ligeiramente embargada sob o sotaque britânico. «Ele tinha convulsões. Tinha cirrose hepática [...] pressão arterial alta [...] pré-diabetes: tenho uma pilha de exames [dele] que vai quase até o teto.»

Em janeiro de 1972, Nica pôs Monk sob a supervisão de um novo grupo de médicos do Hospital Gracie Square. Isso levou a uma mudança significativa no rumo do tratamento. Nica assumiu o processo e decidiu não permitir que Monk passasse pela moderna «cura pela fala», que ela achava «ridícula: o que acontecia era que o psiquiatra depois precisava de fazer sessões com o *seu* psiquiatra. O Monk acabava com eles». Nica estava igualmente convencida de que os médicos deviam evitar eletrochoques e tranquilizantes pesados, insistindo numa abordagem mais suave, mais holística.

A sua irmã Miriam, que tentava, ao mesmo tempo, encontrar uma cura para Liberty, influenciou Nica nessa questão. Como o pai das três, Charles, e o próprio Monk, Liberty fora diagnosticada com esquizofrenia. O começo da vida tanto de Nica como de Miriam foi dominado pela presença constante de alguém afetado por esse mal debilitante. Agora, as duas irmãs encontravam-se, mais uma vez, na órbita de pessoas com doenças mentais. Talvez agora pudessem ajudar. O seu irmão Victor, detestando qualquer exibição de vulnerabilidade e instabilidade, ignorou o problema, enquanto Miriam e Nica buscaram desesperadamente a

resposta. Miriam chegou a criar o Fundo de Pesquisa para a Esquizofrenia, ainda ativo hoje em dia, que tenta identificar as causas biológicas da doença.

Miriam mandou fazer uma série de testes microcelulares a Liberty, que mostraram que ela também tinha doença celíaca, que podia ser amenizada se ela seguisse uma dieta especial sem proteínas vegetais. Seguindo o conselho de Miriam, Nica também encomendou uma investigação abrangente dos desequilíbrios bioquímicos de Monk ao nível celular, testando as quantidades e as variações de vitaminas, minerais, aminoácidos e ácidos gordos essenciais no corpo dele. Os resultados, esperava ela, poderiam sugerir um tratamento que visasse o alívio dos sintomas. A primeira recomendação dos novos médicos foi que Monk parasse de tomar clorpromazina e passasse a tomar lítio. Chegar à dose certa era vital: o fígado dele não podia processar o excesso de sal. Também era bastante aconselhável que ele ficasse longe das drogas e do álcool, mas, segundo o seu amigo e músico Paul Jeffrey, Monk nunca conseguia resistir a uma risca de cocaína seguida de uísque puro.

Um grupo de testes mostrou que o sistema de Monk estava sobrecarregado de cobre e carecia de zinco. Os médicos tentaram contratar com megavitaminas e mais zinco, mas os níveis nunca voltaram ao normal. Outros testes revelaram que Monk tinha fungos na urina. Miriam aconselhou a irmã a explorar a medicina oriental, que leva muito a sério a humidade no chi, ou na energia do corpo. Nica contratou acupuntores e digitopuntores chineses para ajudar a tratar Monk.

Acima de tudo, as irmãs Rothschild acreditavam que um doente devia receber os cuidados em casa, livre das pressões do trabalho e para que pudesse seguir a sua própria rotina. Embora o comportamento de Liberty fosse muitas vezes imprevisível, Miriam insistia para que ela tivesse liberdade de sair e voltar sempre que quisesse. Liberty passou os últimos anos de vida em Ashton e, às vezes, passeava pela casa, sentava-se ao piano ou interrompia alguma conversa. Faziam de tudo para que ela não se sentisse desconfortável ou indesejada.

Mais para o fim da vida, perguntaram a Nica se ela tinha algum arrependimento. Julguei que ela dissesse alguma coisa sobre ficar separada dos filhos. «Arrependimento? Sim!», respondeu. «Um arrependimento enorme: não ter conseguido encontrar o médico certo para

o Thelonious. Esse é o meu arrependimento, o meu único arrependimento.»

Monk foi contratado para fazer uma série de espetáculos no Village Gate, em janeiro de 1972. O saxofonista Paul Jeffrey tornou-se assistente de Monk. «Eu costumava ir à casa do Monk, prepará-lo para o trabalho e levá-lo para o clube. Depois do trabalho, levava o Monk de volta a casa. Houve uma noite extremamente fria em que a Nica, que ficava na sua mesa de sempre a ver o espetáculo do Monk, se ofereceu para o deixar em casa e depois levar-me à estação de comboios.»

Jeffrey lembra-se de que voltou ao apartamento de Monk com a neve a cair sobre as ruas de Nova Iorque, cobrindo a cidade de branco e abafando todos os sons. «Chegámos ao edifício dele, mas o Monk não queria sair do carro. Nica não parava de aumentar o aquecimento do carro e depois baixá-lo, para que o carro não sobreaquecesse. E isto durou até às seis da manhã. Naquela altura, eu morava em Coney Island, que era a última paragem do metro, por isso acabei por lhes dizer que ia para casa, e deixei-os lá.»

Monk finalmente saiu do carro de Nica e entrou no apartamento. Talvez o zunido do processador de sumo tenha sido a gota d'água, mas no dia seguinte ele telefonou a Nica e pediu-lhe que ela o fosse buscar a ele e às suas coisas. Quando Nica chegou, Nellie começou a gritar com os dois, sem conseguir acreditar que o marido pretendia ir morar com outra mulher. Mas quem a censura? Nica acabou por assumir o comando. Pegou no braço de Monk e disse: «Vamos, Thelonious, vamos sair desta merda de sítio.»

Nica telefonou a Paul Jeffrey na tarde do dia seguinte. «A Baronesa disse: 'Já não precisas de ir buscar o Monk ao apartamento da Nellie porque ele está comigo e eu levo-o.' Foi a última vez em que Monk dormiu no apartamento de Nellie.»

Nos primeiros anos depois de Monk sair da casa da família, Nellie ia a Weehawken cozinhar para o marido e passar tempo com ele, mas, como o passar dos anos, as visitas começaram a rarear. Quando, em 1976, Mary Lou Williams pediu algumas fotografias publicitárias de Monk, Nica escreveu de volta dizendo que ia pedir, «quando e se eu vir a Nellie (ela

não tem telefone). É raro ela fazer visitas». Nica nunca aprendeu a cozinhar. Uma tal «senhora D» fazia o serviço de empregada doméstica e também havia uma empregada de limpeza chamada Gracie, mas nunca havia muito além de comida de gato na cozinha, pelo que Nica comia nos clubes. Monk ficou no quarto do segundo andar e, durante algum tempo, pareceu que a vida dele ia continuar naquele estado de tranquila semiaposentadoria.

Monk tocou num concerto de reunião em Newport, em Nova Iorque, em julho de 1975 e deu dois espetáculos em 1976, o primeiro no Carnegie Hall em março e o seu canto do cisne em Bradley, no dia 4 de julho. Nica diz que, de 1972 em diante, ele mal se encostava ao piano, mas jogava pingue-pongue ou damas chinesas com Steven, neto de Nica. A última gravação a ser lançada, «Newport in New York», foi feita a 3 de julho de 1975 no Philarmonic Hall, e a última gravação feita por Nica no seu gravador foi «'Round Midnight».

Um dos mistérios da história do *jazz* é porque é que Monk parou de tocar, se aposentou e passou a mal sair da cama. Nica descreveu os anos finais de Monk como «muito frustrantes. Era como se ele não estivesse ali, mesmo estando ali. Imagine-se alguém deitado na cama dessa maneira. Era como se ele soubesse que morreria naquela posição em que as pessoas são postas nos caixões. E ficava dias a fio sem dizer nada. Eu levava-lhe comida, fazia-o tomar os remédios. Geralmente ele reagia um pouco quando eu falava com ele, mas não falava com mais ninguém.»

Paul Jeffrey, que continuou amigo íntimo de Monk até à morte deste em 1982, disse: «Quando perguntávamos ao Monk [sobre a sua inatividade], ele dizia: 'Aposentei-me.' Isto faz todo o sentido para mim. Os jogadores de basebol também se aposentam. As pessoas acham sempre que os músicos devem continuar a tocar, quando talvez a sua maestria tenha diminuído. Noutras palavras, ninguém espera que nos aposentemos da música. Ora, há músicos que vivem muito tempo, a ponto de não poderem tocar mais. Ele simplesmente decidiu que não queria tocar mais.»

O filho de Monk, Toot, ofereceu uma explicação médica: «O meu pai tinha feito uma operação à próstata, que lhe foi tirada, julgo que, não sei bem, lá para 1973 ou 1974 e, conseqüentemente, era-lhe extremamente difícil urinar. Toda a gente achava que ele tinha parado de tocar por perder a vontade, ou por perder o interesse, ou por ficar avariado depois de ter

ido parar tantas vezes ao manicómio. Mas não foi nada disso. Era só porque ele se sentia desconfortável.»

Estas teorias deixavam Nica estranhamente zangada. «O Thelonious só parou de tocar quando trabalhar se tornou uma impossibilidade física para ele: nada mais seria capaz de o impedir. Ele tinha um desequilíbrio bioquímico [no sangue] e ficou muito doente nos seus últimos anos. Queria mais do que tudo ficar bem e [foi por isso que] cooperou inteiramente com os médicos, e eles tentaram de tudo, mas nada funcionou.»

Nica nunca perdeu a esperança de encontrar uma cura. Escrevendo a Mary Lou em 1977, expressou grande entusiasmo: «Tenho esperanças num novo médico para o T [...]. Ele é simplesmente o maior especialista que existe em desequilíbrios bioquímicos (que é precisamente o problema do T). Para já, não vou contar a NINGUÉM (inclusive ao T) sobre isto, mas queria que tu, POR FAVOR, rezasses para que ele nos consiga ajudar. Adoro-te!» Dois anos depois, Nica escreveu a Mary Lou sobre outro especialista de Princeton e alguém que fazia *shiatsu* a Thelonious: «O T anda a portar-se lindamente, seguindo rigorosamente a dieta, tomando todos os comprimidos indicados, todos os dias.» Numa carta a um primo, em 1981, Nica ainda fala com entusiasmo sobre encontrar outro médico que talvez pudesse ajudar.



© Ben Martin/Time&Life Images/Getty Images

Nica e Monk retratados para um artigo publicado pela revista Time em fevereiro de 1964.

Certa vez, ela e Paul Jeffrey tentaram despertar o interesse de Monk pedindo a jovens músicos que viessem tocar do lado de fora da janela dele. Ele não reagiu. Noutra ocasião, Nica pediu ao pianista Joel Forrester para tocar do lado de fora do quarto de Monk. Dessa vez, Monk bateu a porta do quarto.

Orrin Keepnews, antigo produtor e amigo de Monk, visitou o pianista em Weehawken no final da década de 1970. «Monk, tens sequer aberto o piano?», perguntou Keepnews. «E ele disse-me: ‘Não, não tenho.’ E eu: ‘Queres voltar a tocar?’ E o Monk disse: ‘Não, não quero.’ E eu: ‘Gostavas que eu te visitasse para conversarmos sobre os velhos tempos?’ E ele respondeu: ‘Não, não gostava.’»

Barry Harris, pianista, que também viveu com Nica e Monk, comentou que Orrin teve a sorte de ouvir «frases inteiras de Monk. À maioria das

pessoas, ele dizia apenas ‘não’ ou então não dizia nada».

Depois de uma tarde passada com Nica em Nova Iorque, o meu tio Amschel descreveu Monk deitado na cama como se estivesse morto, com as mãos em posição de oração, sem dizer palavra e sem se mexer enquanto o mundo continuava a girar à sua volta. Às vezes, a família de Nica aparecia para ajudar, mas na maior parte do tempo ela estava sozinha com Monk e os gatos. «Eu costumava pôr a tocar muitos discos para ele, ele gostava disso», declarou ela, lembrando uma tarde de outono em particular. «Vi-o levantar-se. Eu estava na sala grande a tocar discos e vi-o ir da cama para a casa de banho e ouvi um barulho muito alto, por isso corri e ele estava caído, e a porta abria para dentro, era muito apertado. Os pés dele estavam contra a porta e eu não conseguia abri-la. Não conseguia chegar até ele. Por isso, chamei a ambulância e eles tiveram de o tirar de lá.»

Eddie Henderson também foi visitar Monk e Nica nessa época.

A Baronesa estava sentada na sala de estar com uma boquilha, cercada de 75 gatos. Disse-me: «Oh, olá, doutor, o Monk está lá em cima.» O Sr. Monk estava sentado naquela grande sala que tem um piano, olhando para o horizonte de Nova Iorque, completamente apumado, com uma gravata fina e chapéu de borda estreita. Não olhou para mim, mas disse: «E então, doutor, como vai?» E eu disse: «Que está a fazer, Sr. Monk?» Ele respondeu: «Estou à espera de um telefonema.» Limitou-se a olhar para o teto e, ironicamente, uns dez segundos depois, o telefone tocou. Ele atendeu. Mas ficou só a ouvir, não disse «estou». Ficou só a ouvir. Cerca de 20 ou 25 segundos depois, um bom tempo, desligou o telefone e disse: «Não era este.»

O seu velho amigo Amiri Baraka também visitou Monk em casa. Como Nica, ele estava convencido de que Monk ainda se encontrava plenamente consciente. Quando Baraka perguntou ao pianista o que se passava, Monk respondeu: «Tudo, meu. Cada googolplex de segundo.» Nica dizia que o passatempo favorito de Monk era ficar parado em frente da enorme janela de vidro, a olhar para o horizonte de Manhattan. Às vezes, dizia ela, Monk manipulava o clima. «Ele conseguia mudar a direção das nuvens, sabia? Umas pessoas aqui da rua criam pombos. O Thelonious ficava à janela e

fazia os pombos mudarem de direção; eu vi-o fazer isso de verdade. Ele conseguia fazer uma nuvem voltar para o lugar de onde viera.»

De 1972 em diante, Nica recusou-se a deixar Monk sozinho. E então, em 1980, um velho amigo da família fez 90 anos e ela decidiu ir à Europa para o aniversário. Quando descreveu o momento em que se foi despedir de Monk, Nica admitiu:

Não sou de chorar. Dá para contar pelos dedos as vezes em que chorei na vida. Quando me fui despedir do Thelonious, ele ficou tão perturbado que eu não consegui parar de chorar. Lembro-me de o Thelonious dizer: tudo bem, vou estar cá quando voltares. Não vou a lado nenhum, estarei aqui. Foi a minha primeira viagem num *Concorde* e chorei a viagem toda até Inglaterra. Devo ter ensopado centenas de lenços. Era quase como se eu soubesse que me estava a despedir dele.

Thelonious acertou: ainda estava lá quando Nica voltou, e viveu mais dois anos. E então, no dia 5 de fevereiro de 1982, sofreu um ataque cardíaco fulminante em Weehawken. Nica chamou a ambulância e foi com ele para o Hospital de Englewood, onde Monk ficou em coma durante 12 dias. Nica, Nellie e a família revezavam-se para se sentar junto dele. Thelonious morreu com 64 anos, a 17 de fevereiro, nos braços de Nellie. Nica estava em casa, do outro lado do rio.

No funeral de Monk, Nica e Nellie sentaram-se lado a lado na primeira fila da igreja. Músicos, amigos e parentes passavam para prestar a sua última homenagem às duas matriarcas e depois a Thelonious, que jazia num caixão aberto, forrado a seda branca. Como de costume, estava impecavelmente vestido, com um fato cinzento de três peças, uma gravata às riscas e um lenço a combinar no bolso da jaqueta. Tinha as mãos enormes entrelaçadas e o rosto, um pouco inchado e com a palidez da morte, parecia sereno, em paz. Estava sem chapéu, o que era incomum. Nica, com as suas pérolas, um casaco de pele pesado e batom carmesim, limitava-se a olhar em frente, sem expressão no rosto.

Porém, a sua compostura evaporou-se quando Nica descobriu que o seu *Bentley* não lideraria o cortejo fúnebre. Depois de cuidar do pianista durante tanto tempo, ela não queria, naquele momento público crucial, ser

marginalizada. Nica fez tamanho escândalo, que Nellie, Toot e Boo-Boo (Barbara) Monk saíram da limusina da família e entraram no *Bentley Bebob*. A procissão passou pelos lugares favoritos de Monk antes de seguir para o Cemitério Ferncliff em Hartsdale, a uns 40 quilômetros de distância.

A pouco mais de um quilômetro de Hartsdale, o carro de Nica avariou. A família de Monk voltou para a limusina contratada. Nica ficou junto do carro, à beira da estrada, e a procissão continuou sem ela. Foi um fim vergonhoso, humilhante e triste para esse capítulo da sua vida.

'ROUND MIDNIGHT [20](#)

Nica estava com 69 anos, não tardaria a ser bisavó e, como já não precisava de cuidar de Monk, encontrava-se noutra encruzilhada. Podia ter voltado para o seu país de origem, para viver numa casa de campo na propriedade de Ashton com as irmãs, ou juntar-se à filha Janka, que emigrara para Israel. Em vez disso, ficou em Weehawken, partilhando a casa com o pianista Barry Harris e os gatos todos.

A rotina dela pouco mudava. Nica passava a maior parte do dia na cama, rodeada de papéis, livros, revistas e gatos. A sua missão diária era completar as palavras cruzadas do *Times*. Continuou a ser uma pessoa notívaga e parecia mais feliz quando anoitecia. Certa noite, ela e eu combinámos encontrar-nos. «Encontramo-nos às doze», sugeriu ela.

«Pouco antes de almoço?», perguntei. Afinal, ela era minha tia-avó e já era uma senhora de idade.

«Não! À meia-noite!», rugiu ela.

Perguntei ao seu neto Steven se lhe chamava avó ou outra coisa. Ele respondeu, sem hesitar, «Tchau-Tchau».

«Porquê?»

«Porque eu entrava no quarto dela a correr e a fazer barulho e ela começava logo a rir e dizia ‘tchau-tchau’.»

Durante o ano de 1984, Nica passou por um tratamento de radiação por causa de um cancro, mas dizia que a música era a sua melhor terapia. Deve ter funcionado, porque ela se curou do cancro e também da hepatite que, alegava ela, apanhara das agulhas contaminadas do médico. A Nica que vim a conhecer alguns anos mais tarde vivia praticamente da mesma maneira que vivera nos 30 anos anteriores: já não havia Monk, mas ela

ainda era uma ávida consumidora de música. Quando eu lhe telefonava, à chegada a Nova Iorque, ela ria-se, dizia olá e, em seguida, começava imediatamente a falar das novidades. Nunca era nada pessoal ou revelador, só uma animação desenfreada com os acontecimentos musicais: fulano vai tocar neste ou naquele clube. «Vai ser o máximo. Vamos encontrar-nos lá.» E depois, como era típico de muitos Rothschild, desligava sem se despedir.

Nica continuou a manter contacto com a família britânica. Em Inglaterra, houve reuniões da família em 1968, 1969 e 1973, e outros membros da família passaram por Nova Iorque. Nos arquivos de Waddesdon, encontrei várias referências a Nica nas cartas da família. Lembro-me de uma reunião bem grande em Ashton, no dia 6 de maio de 1986, quando Miriam convidou Nica, os filhos desta, a rabina Julia Neuberger e a mim para almoçar. Não havia apresentações em Liberty Hall: toda a gente se juntava simplesmente, pessoas diferentes unidas por genes não tão diferentes.

Numa carta escrita a um primo Rothschild, datada de 21 de junho de 1986, Miriam pede desculpas por ter convidado Nica para um acontecimento da família. «Espero que a ideia de ter levado a Nica ao teu jantar com o meu irmão não tenha sido desastrosa. A Nica estava ansiosa por o ver e, desde que o Thelonious morreu, ela anda muito solitária e doente, e queria muito ver todos os membros da família antes de voltar.» Depois do jantar, Nica escreveu ao primo, pedindo desculpas por entrar «de quatro»: caíra e magoara-se recentemente. Logo depois, voltou para Nova Iorque no navio *Queen Elizabeth II* com a filha Berit, e fraturou uma costela assim que chegou a casa: tentara subir ao telhado para ter uma vista melhor de uma regata de veleiros.

Em 1986, Nica apareceu em duas longa-metragens: a de Clint Eastwood, *Bird – Fim do Sonho*, é um relato fictício da vida de Charlie Parker baseado parcialmente nas memórias de Nica. *Straight, No Chaser* é um documentário que mistura os velhos arquivos de Monk e de Nica com filmagens mais recentes de Kingswood Road e do funeral de Monk. Nica levou os filhos a conhecer Clint Eastwood no Nica's Bar, no Hotel Stanhope. Ela adorava a ironia de o sítio que a tinha posto na rua entretanto honrar a sua memória. Após o encontro, Nica escreveu ao amigo Victor Metz, em Paris: «O Clint Eastwood parece EXTREMAMENTE

fixe, mas duvido que eu vá gostar de como serei representada. Ele mandou-me uma foto da atriz e eu achei-a parecida com um cavalo obstipado!!!»

Quincy Jones viu Nica na estreia: «Ela estava com o Barry Harris e tivemos um bom jantar depois de ver o filme. Eu fui acompanhado pela Streisand naquela noite. Quando saímos, houve uma limusina e vinte homens em dois carros a perseguir-nos pela Madison Avenue. Foi de loucos.» E o que é que Nica achou disso tudo? «Ela ficou tranquila, descontraída.»

Em novembro de 1988, Nica deu entrada no hospital para ser operada ao coração. Era um procedimento simples e, em princípio, ela ficaria internada poucos dias. Uma das últimas pessoas a visitá-la foi o pianista Joel Forrester. «A Nica parecia branca como cal deitada naquela cama. Estava tapada e sozinha. Explicou-me que não conseguia ler e que não conseguia ver-me bem, mas que, mesmo assim, estava plenamente consciente. Não havia televisão para ela ficar a ver, caso quisesse. Eu disse-lhe: ‘Nica, o que é que fazes o dia todo?’ Ela respondeu-me: ‘Fico a repassar as memórias de toda uma vida’.»

Previa-se que Nica recuperasse totalmente, mas o corpo dela, enfraquecido pela idade, pela vida desregrada, pela hepatite, por alguns acidentes de carro e um cancro, não resistiu. Às 17h03 do dia 30 de novembro de 1988, Nica faleceu. Tinha 74 anos. A causa da morte foi insuficiência cardíaca durante um triplo *bypass* coronário.

Nica deixou 750 mil dólares no seu testamento. Queixara-se de penúria, mas esta acabou por se revelar relativa. Pensei nas roupas velhas dela, nos tapetes puídos, na falta de comida e vinho decente na casa, e percebi que tudo isso fora uma escolha. Os únicos luxos que Nica quisera eram o carro, o piano *Steinway* e a mesa de pingue-pongue. Tudo o resto era funcional. Só o *Bentley* chamava a atenção. Perguntei-me se era coincidência que a única coisa que valia muito dinheiro, um carro sofisticado, fosse um veículo de fuga. Uma vez, ela ofereceu o carro a Thelonious pelo valor de 19 mil dólares.

«Dezanove mil dólares!», exclamou Monk. «Com isso eu posso comprar uma casa com quatro quartos, sala, cozinha e garagem.»

«Claro que podes», respondeu Nica. «Mas para onde é que a casa te levaria?»

Nica deixou um último pedido: que a família cremasse o seu cadáver, alugasse um barco e espalhasse as cinzas no rio Hudson, perto de Catville. O momento era muito importante: ela queria que isso fosse feito por volta da meia-noite.

[20](#) Clássico do jazz composto por Thelonious Monk em 1944. É a música de *jazz* mais regravada de sempre. Em português, «Por volta da meia-noite». (*N. da T.*)

EPÍLOGO

Em 2008, 20 anos após a morte de Nica, regresso a Tring Park, a antiga residência da família. O comboio que sai de Euston está cheio de pessoas a vir do trabalho, com os narizes enfiados em jornais e pastas encaixadas no colo: uma visão bem diferente da experiência de Nica, na infância, de fazer aquela mesma viagem num comboio privado, em vagões *Pullman*. Embora a família tenha vivido em Tring de 1872 a 1935, esse período só ocupa um breve episódio na longa história da pequena cidade. No entanto, ao subir a rua principal, vejo sinais dos Rothschild: a insígnia com cinco flechas estampada em alguns edifícios, uma «sala de jantar Rothschild» na estalagem local. A gentil presença de Walter continua a residir no museu. Durante a guerra, o Banco Rothschild usou a casa como sua sede, mas, desde 1945, a casa desempenha a função de escola de artes performativas.

Só o parque continua nas mãos da família. Embora tenha sido cortado ao meio pela movimentada autoestrada A41, um enorme pedaço é preservado como parte do plano de flora e fauna de Charles Rothschild. Defensor incansável da preservação de áreas de habitat natural de flores selvagens, animais e insetos, o pai de Nica deixou um legado que viria a fundar o movimento de conservação britânico.

Hoje em dia, os cangurus, as zebras, as emas e os casuares já não existem e foram substituídos por pessoas que passeiam com os cães ou os filhos. Os animais selvagens mais estranhos são veados e muntiacos. Quando Nica era pequena, as crianças das redondezas aglomeravam-se nos portões, à espera de apanhar uma das moedas de ouro que o avô Natty Rothschild gostava de lançar da janela da carruagem. Atualmente, poucos habitantes de Tring se recordam dessa época da família. Até o museu de Walter foi rebatizado e se tornou uma parte do Museu de História Natural.

O salão principal em Tring, antes tão formal, agora está quase irreconhecível. A mobília cara foi vendida, as palmeiras em vasos e os quadros foram removidos. Há uma barra presa na parede e o salão agora é uma zona de treino de bailarinas. Gostava que Nica pudesse ter visto o local transformado por um mar de tutus brancos. Na antiga sala de fumo, bailarinos mais jovens treinam o espetáculo de Natal do Ballet Nacional de Inglaterra: *O Quebra-Nozes*. Disfarçados de ratos, presentes e soldados de brincar, correm uns para os outros, às gargalhadas. Os antigos quadrados de relva para desporto estão agora cobertos por uma marquise, e assisto a uma aula de *jazz* moderno: adolescentes de fato de ginástica dançam ao som de uma música escrita anos depois das mortes de Nica e de Monk.

No topo da grande escadaria principal, ao fundo de um corredor, encontro o antigo quarto de Nica. É pequeno e tem painéis de madeira; a lareira foi vedada com tábuas e as paredes estão cheias do aparato contemporâneo da vida adolescente – cartazes de *boy bands*, modelos do mundo da moda e peluches. Era naquela janela que Nica e os irmãos ficavam à espreita, à espera de ouvir o pai voltar a casa, uma chegada anunciada pelo ruído dos cascos dos cavalos no cascalho. Foi dali que avistaram uma invenção ultramoderna, o avião bimotor. Fico ali, de pé, a imaginar as manhãs em que as crianças eram acordadas pelas amas que enchiam as banheiras, ou pelas criadas que acendiam a lareira.

Uma sirene estridente chama os mais famintos para a hora do almoço e interrompe o meu devaneio. Imediatamente, a casa começa a tremer sob o peso de 400 estudantes famintos a correr pelas escadas e corredores, rumo à sala de refeições na cave. Nica ficaria maravilhada por ver o que há para comer: vários pratos com *curry*, massas, sanduíches, assados, frutas e legumes exóticos – tudo muito distante da sua regrada dieta de infância de peixe e ovos.

O único artefacto que resta daquela vida está agora na cave, do lado de fora do que antes era a copa e agora é a sala dos professores. Está lá pendurada uma longa fileira de sinos de chamada, com os nomes em baixo: quarto de Lady Rothschild, sala de estar de Lady Rothschild, quarto de Lord Rothschild, ala das crianças e sala de fumo.

Como homenagem à minha tia-avó, peço a um aluno da escola para cantar a «Pannonica» de Thelonious Monk no salão principal. Aparecem

alunos de diferentes salas de aula e dormitórios para ouvir as palavras ressoarem pelo espaço. Gosto de pensar que Nica ficaria feliz com isto. Talvez signifique que ela voltou para casa, mas em forma de música.

Quando saio da escola, apanho o caminho que dá para o museu de Walter. O lugar praticamente não mudou: os recantos ainda estão todos cheios da sua coleção de taxidermia. Vejo, em caixas de vidro, ou suspensas do teto, muitas das espécies que ele descobriu e muitas outras batizadas em sua honra. O trabalho de Walter não foi muito apreciado enquanto ele estava vivo, principalmente pela família, que o considerava um mero perdulário excêntrico de hábitos estranhos. Só quando a sua sobrinha Miriam escreveu a biografia dele, *Dear Lord Rothschild*, é que a reputação de Walter foi reconsiderada e a sua colossal contribuição para o estudo da história natural foi finalmente reconhecida.

Será que Nica será reconhecida e ocupará o panteão de grandes vencedores da família Rothschild? Tal como Walter, ela deixa um legado de nomes. Os dela não são um tentilhão das Galápagos nem uma mosca, mas sim uma lista de músicas. «Pannonica» é só uma delas: há ainda «Nica's Dream», «Nica's Tempo», «Nica Steps Out», «Thelonica», «Bolivar Blues», «Cats in My Belfry», «Blues for Nica», «Tonica» e outras músicas especialmente dedicadas a ela pelos amigos que ajudou.

Pelo recurso ao seu estatuto e à sua herança, Nica auxiliou uma geração de músicos que passaram por dificuldades. Pegou no seu quinhão de boa sorte e transformou-o numa coisa maior. Fez a diferença. Em troca, recebeu a única coisa que lhe faltava, a coisa de que sentiu desesperadamente falta na infância: a amizade.

Para Nica, porém, tudo dependia de estar perto da «oitava maravilha do mundo», Thelonious Monk. Por mais que ele talvez tivesse conseguido compor e alcançar o sucesso sem ela, Nica orgulhava-se muito da parceria que tinham feito e do papel que ela própria desempenhara na criação do ambiente correto para ele trabalhar. Pode não ter sido capaz de salvar o próprio pai da enfermidade, ou parentes seus do Holocausto, ou proteger os amigos de preconceitos, mas Nica conseguiu tornar dignos os últimos anos de um homem e dar ao seu amado Thelonious um lar acolhedor e seguro no fim da vida.

Recentemente, um amigo disse-me a brincar: «Nunca vais terminar o livro, porque não suportas abandoná-la.» Ele quase tem razão. As minhas

estantes e gavetas do escritório estão cheias de tentativas de conhecer e entender Nica: 17 caixas e pastas de arquivo; um documentário em longa-metragem; um programa de rádio; livros em que ela aparece só brevemente; outros livros sobre a família e os amigos dela em que ela misteriosamente não aparece; discos dedicados a ela; os álbuns que ela amava; recortes de jornais; fotografias; cartas sobre ela ou enviadas por ela; uma árvore genealógica; uma pequena traça; pilhas de notas, *e-mails* e correspondência de desconhecidos – um rasto do meu esforço sob a forma de papéis.

Foi a dúvida do meu eu mais jovem que me fez continuar: terá Nica provado que é possível escapar ao próprio passado? Superficialmente, é claro, ela mudou tudo a respeito de si mesma: credo, país, classe e cultura. Criou uma vida fora do sistema da sua família, num mundo que poucos conseguiam entender. Ousou ser diferente. Vinte anos depois, o meu eu mais velho vê que a fuga total é impossível. As nossas vidas, como disse Miriam, são moldadas muito antes de nascermos; traços de ADN, a história dos nossos antepassados e os traços comportamentais estão ocultos em cada parte do nosso ser. A Nica estava ligada à sua família, em termos práticos através do cordão umbilical do dinheiro, e emocionalmente através da experiência que todos partilhavam. Nunca poderia escapar àqueles que a entendiam de facto; acredito que ela nunca o quis. Nica disse que nós, os Rothschild, somos uma família «estranha», mas muito chegada. Concordo.

Estou finalmente a desprender-me deste projeto. Imagino todas as coisas – a investigação tão cuidadosamente reunida e organizada, os infinitos papelinhos – a voar ao vento. Imagino o voo sinuoso da *pannonica*, incerto, forte, indisciplinado, determinado e aleatório. A borboleta de Monk, a minha traça, está livre.

Se ela estivesse aqui agora, fingiria odiar todo este alarde, toda esta reflexão. Sei exatamente o que a minha tia-avó Nica diria: Anda, bebe qualquer coisa, deixa de ser chata. «Chiuu. Ouve a música, Hannah. Ouve simplesmente a música.»

*SELEÇÃO DE MÚSICAS COMPOSTAS
PARA NICA OU INSPIRADAS POR ELA*

- «Blues for Nica», Kenny Drew
- «Bolivar Blues», Thelonious Monk
- «Cats in My Belfry», Barry Harris
- «Coming on the Hudson», Thelonious Monk
- «Inca», Barry Harris
- «Little Butterfly», Thelonious Monk e Jon Hendricks
- «Nica», Sonny Clark
- «Nica's Day», Wayne Horvitz
- «Nica's Dream», Horace Silver
- «Nica's Dream», Dee Dee Bridgwater (Dee Dee acrescentou um poema à música de Silver)
- «Nica's Tempo», Gigi Gryce
- «Nica Steps Out», Freddie Redd
- «Pannonica», Donald Byrd
- «Pannonica», Doug Watkins
- «Pannonica», Thelonious Monk
- «Poor Butterfly», Sonny Rollins
- «Thelonica», Tommy Flanagan
- «Theme for Nica», Eddie Thompson
- «Tonica», Kenny Dorham
- «Weehawken Mad Pad», Art Blakey

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos últimos 20 anos, durante a metamorfose deste projeto de ideia em programa de rádio, depois em documentário de longa-metragem, e agora em biografia, muitos colegas, amigos e parentes me deram uma imensa ajuda. Sinto-me muitíssimo grata pela sabedoria e pelos conselhos deles.

Sempre que possível, baseei-me em testemunhas da época para explicar e descrever os acontecimentos e as pessoas. Não sou crítica de *jazz* nem historiadora, crítica social nem acadêmica; decorre de este projeto um sentimento de admiração, do desejo de contar as histórias de outras pessoas, da necessidade de entender a minha própria história, e da vontade de celebrar as nossas semelhanças e não as nossas diferenças.

Os músicos, muitos deles amigos de Nica, foram especialmente generosos comigo e nada preconceituosos, explicando com calma os rudimentos do *jazz* e as ramificações do estilo de vida e do trabalho na cultura *jazz*. Passar algum tempo na companhia dessas pessoas altamente eloquentes e inteligentes ajudou-me a entender porque é que Nica se sentia «aquecida» pela amizade delas e encantada com a música. Toot Monk, Sonny Rollins, Paul Jeffrey e Quincy Jones, em especial, prestaram-me grandes esclarecimentos.

A minha família ofereceu-me constantemente apoio e encorajamento. A minha tia-avó Miriam foi e continua a ser uma fonte de inspiração. O meu pai, Jacob, sempre incentivou os filhos a trabalharem muito, aproveitarem as oportunidades e explorarem todas as possibilidades. A minha mãe, Serena, grande bibliófila, foi quem me ensinou a amar os livros. Seria difícil imaginar sequer uma semana sem o amor e a amizade da minha irmã Emmy. A minha prima Evelyn ajudou-me a entender a esquizofrenia,

e os meus primos mais novos incitaram-me a exorcizar alguns fantasmas da nossa família.

Estou especialmente grata a Steven de Koenigswarter, neto de Nica que herdou a energia e a bondade da avó.

É frequente que os cineastas, os produtores, os fotógrafos e os arquivistas passem despercebidos e não recebam agradecimentos. Sem os irmãos Blackwood, a BBC, Charlotte Zwerin, Bruce Ricker, Clint Eastwood, Melanie Aspey e Jill Geber, entre outros, muitas histórias da História se perderiam e certamente seriam esquecidas.

Em todas as etapas, críticos gentis mas exigentes comentaram o meu progresso. Agradeço ao meu amigo silencioso pelo seu apoio e encorajamento; a Rudith Buenconsejo, por me dar um constante ânimo; e a Linda Drew, por manter a estrutura em pé. As pessoas seguintes ajudaram-me a elaborar os programas de rádio e televisão: Nick Fraser, Robert McNab, Walter Stabb, David Perry, Anthony Wall, Lucy Hunot, Natalie Howe e Isabella Steele.

Rosie Boycott, Mairead Lewin, Rupert Smith, Laura Beatty, Philip Astor, David Miller e William Seighart leram o livro e ofereceram-me conselhos sábios e meticulosos. Bella Pollen e Justine Picardie foram especialmente úteis para ajudar a dar estrutura e forma à obra. A editora Virago tem sido um lar maravilhoso para o meu livro, e Lennie Goodings é uma ótima editora, que sempre me incentivou.

Por fim, tenho de agradecer às minhas gloriosas, solidárias e inspiradoras filhas, Nell, Clemency e Rose, que viveram cada etapa deste projeto e que todos os dias me lembram do que é de facto importante e verdadeiro.

ENTREVISTAS

Estou muito grata às seguintes pessoas, por me deixarem registrar as suas experiências, memórias e conhecimentos.

Família

Nica de Koenigswarter

Emmy Freeman-Atwood

Steven de Koenigswarter

Rosemary Serys

Miriam Rothschild

Evelyn de Rothschild

Victor Rothschild

Amschel Rothschild

Jacob Rothschild

Miranda Rothschild

Barbara Ghika (apelido de solteira: Hutchinson; depois de casada, tornou-se conhecida por Mrs Victor Rothschild)

Músicos

John Altman

Jon Hendricks

Jimmy Cobb

Jools Holland

John Dankworth

Paul Jeffrey

Fab Five Freddie

Quincy Jones

Joel Forrester

Humphrey Lyttleton

Curtis Fuller
Marion McPartland
Benny Golson
Toot Monk
Freddie Gruber
Calvin Newborn
Chico Hamilton
Ben Riley
Herbie Hancock
Sonny Rollins
Roy Haynes
Cedar Walton
Eddie Henderson
Butch Warren
Russ Henderson

Produtores

Jean Bach
Orrin Keepnews
Michael Blackwood
Bruce Ricker
Clint Eastwood
George Wein
Ahmet Ertegun
Charlotte Zwerin
Ira Gitler

Críticos, historiadores, escritores

Amiri Baraka
Ted Pankin
Stanley Crouch
Ross Russell
Gary Giddins
Phil Schapp
Nat Hentoff
Keith Shadwick

David Kestin
Pippa Shirley
Robin Kelly
Richard Williams
Jimmy Moreton
Val Wilmer
Dan Morgenstern

Outros

Harry Colomby
Victor Metz
Mrs Gutteridge
Gaden Robinson
Phoebe Jacobs
Frank Richardson
Robert Kraft

BIBLIOGRAFIA

Nica

- «L'Extraordinaire Destin de la Baronne du Jazz», *Le Journal du Dimanche*, 18 de dezembro de 1988.
- Forbes, Malcolm, e Jeff Bloch, «Baroness Pannonica de Koenigswarter», *Women Who Made a Difference*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1990.
- Hentoff, Nat, «The Jazz Baroness», *Esquire*, outubro de 1960.
- Kastin, David, *Nica's Dream: The Life and Legend of the Jazz Baroness*. Nova Iorque: W.W. Norton, 2011.
- Keepnews, Peter, «Rouse & Nica», *DownBeat*, abril de 1989.
- Koenigswarter, Jules de, *Savoir dire non*. Edição privada, 1976.
- Koenigswarter, Nica de, «A Remembrance of Monk», *Daily Challenge*, 22 de dezembro de 1986.
- Koenigswarter, Nica de, *Three Wishes: An Intimate Look at Jazz Greats*. Nova Iorque: Abrams Image, 2008.
- Massingberd, Hugh (ed.), *The Daily Telegraph Book of Obituaries: A Celebration of Eccentric Lives*. Londres: Macmillan, 1995.
- Piacentino, Giuseppe, «Nica, Bentley and Bebop», *Musica Jazz*, fevereiro de 1989.
- Singer, Barry, «The Baroness of Jazz», *New York Times*, 17 de outubro de 2008.
- Traberg, Ebbe, «Nica, o el Sueño de Nica», *Revista de Occidente*, 93, fevereiro de 1989.
- Zafra, Jessica, «The Baroness of Jazz», *The National*, 29 de maio de 2008.

Rothschild

- Ayer, Jules, *Century of Finance, 1804-1904: The London House of Rothschild*. Londres: Neel, 1905.
- Capdebiele, François, «Female Rothschilds and their issue», s.d., s.l.
- Cohen, Lucy, *Lady de Rothschild and her Daughters, 1821-1931*. Londres: John Murray, 1935.
- Cowles, Virginia, *The Rothschilds: A Family of Fortune*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1979.
- Davis, Richard, *The English Rothschilds*. Londres: Collins, 1983.
- Ferguson, Niall, *The World's Banker: The History of the House of Rothschild*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1998.
- Holmes, Colin, *Anti-Semitism in British Society, 1876-1939*. Londres: Edward Arnold, 1979.
- Ireland, George, *Plutocrats: A Rothschild Inheritance*. Londres: John Murray, 2007.
- Leslie-Melville, Betty, e Jock Leslie-Melville, *Raising Daisy Rothschild*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1977.
- Morton, Frederic, *The Rothschilds*. Nova Iorque: Secker & Warburg, 1962.
- Morton, Frederic, *The Rothschilds: Portrait of a Dynasty*. Nova Iorque: Kodansha America, 1998.
- Rose, Kenneth, *Elusive Rothschild: The Life of Victor, Third Baron*. Londres: Weidenfield & Nicolson, 2003.
- Roth, Cecil, *The Magnificent Rothschilds*. Londres: Robert Hale, 1939.
- Rothschild, Lord (Victor), *Meditations of a Broomstick*. Londres: Collins, 1977.
- Rothschild, Lord (Victor), *Rothschild Family Tree: 1450-1973*. Edição privada, 1981.
- Rothschild, Lord (Victor), *The Shadow of a Great Man*. Londres: New Court, 1982.
- Rothschild, Miriam, *Dear Lord Rothschild: Birds, Butterflies and History*. Glenside: Balaban, 1983.
- Rothschild, Miriam, *Nathaniel Charles Rothschild 1877-1923*. Edição privada, 1979.
- Rothschild, Monique de, *Personal Memoires*. Edição privada.
- Rothschild, Mrs James de, *The Rothschilds at Waddesdon Manor*.

Londres: Collins, 1979.

Schama, Simon, *Two Rothschilds and the Land of Israel*. Londres: Collins, 1978.

White, Jerry, *Rothschild Buildings: Life in an East End Tenement Block, 1887-1920*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980.

Wilson, Derek A., *Rothschild: A Story of Wealth and Power*. Londres: André Deutsch, 1986.

Wilson, Derek, *Rothschild*. Londres: André Deutsch, 1988.

Woodhouse, Barry, *Tring: A Pictorial History*. Chichester: Phillimore, 1996.

Jazz

Alexander, Michael, *Jazz Age Jews*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

Alkyer, Frank (ed.), *DownBeat: Sixty Years of Jazz*. Milwaukee: Hal Leonard, 1994.

Alkyer, Frank e Ed Enright (ed.), *DownBeat: The Great Jazz Interviews – A 75th Anniversary Anthology*. Milwaukee: Hal Leonard, 2009.

Balliett, Whitney, *Collected Works: A Journal of Jazz 1954-2001*. Nova Iorque: St Martin's Griffin, 2002.

Berendt, Joachim E., «A Note on Monk», *Jazz Monthly*, 2/4, 1956.

Blumenthal, Bob, *Jazz: An Introduction to the History and Legends behind America's Music*. Londres: Harper Paperbacks, 2007.

Buin, Yves, *Thelonious Monk*. Paris: P.O.L., 1988.

Carr, Ian, Digby Fairweather e Brian Priesdey, *Jazz: The Rough Guide*. Londres: Rough Guides, 1995.

Chilton, John, *The Song of the Hawk: The Life and Recordings of Coleman Hawkins*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1990.

Crow, Bill, *Jazz Anecdotes*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

Dahl, Linda, *Morning Glory: A Biography of Mary Lou Williams*. Berkeley: University of California Press, 1999.

Davis, Miles, *Miles: The Autobiography*. Nova Iorque: Touchstone, 1989

Davis, Miles e Quincy Troupe, *Miles: The Autobiography*. Nova Iorque: Picador, 1990.

- de Wilde, Laurent, *Monk*. Paris: Gallimard, 1996.
- Deffaa, Chip, *Jazz Veterans: A Portrait Gallery*. Fort Bragg: Cypress House Press, 1996.
- Dyer, Geoff, *But Beautiful: A Book About Jazz*. Londres: Abacus, 1998
- Farrell, Barry, «The Loneliest Monk», *Time*, 28 de fevereiro de 1964.
- Feather, Leonard e Ira Gitler, *The Biographical Encyclopaedia of Jazz*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.
- Fishman, Steve, John Homans e Adam Moss (ed.), *New York Stories: Landmark Writing from Four Decades of New York Magazine*. Nova Iorque: Random House, 2008.
- Giddins, Gary, *Satchmo: The Genius of Louis Armstrong*. Nova Iorque: Da Capo Press, 2011.
- Giddins, Gary, *Visions of Jazz: The First Century*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.
- Giddins, Gary, e Scott DeVeaux, *Jazz*. Nova Iorque: W.W. Norton, 2009.
- Gillespie, Dizzy e Al Fraser, *To Be, or Not... To Bop*. Nova Iorque: Doubleday, 1979.
- Gitler, Ira, *Swing to Bop: An Oral History of the Transition in Jazz in the 1940s*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1985.
- Gitler, Ira, *The Masters of Bebop: A Listeners Guide*. Nova Iorque: Da Capo Press, 2001.
- Goldberg, Joe, *Jazz Masters of the 50s*. Nova Iorque: Macmillan, 1965.
- Goldsher, Alan, *Hard Bop Academy: The Sidemen of Art Blakey and the Jazz Messengers*. Milwaukee: Hal Leonard, 2008.
- Gordon, Lois e Alan Gordon, *American Chronicle: Year by Year through the Twentieth Century*. Nova Iorque: Yale University Press, 1999.
- Gordon, Lorraine e Barry Singer, *Alive at the Village Vanguard: My Life In and Out of Jazz Time*. Milwaukee: Hal Leonard, 2006.
- Gordon, Max, *Live at the Village Vanguard*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1980.
- Gottlieb, Robert (ed.), *Reading Jazz: A Gathering of Autobiography, Reportage, and Criticism from 1919 to Now*. Nova Iorque: Vintage, 1999.

- course, Leslie, *Art Blakey: Jazz Messenger*. Nova Iorque: Schirmer, 2002.
- course, Leslie, *Straight, No Chaser: The Life and Genius of Thelonious Monk*. Nova Iorque: Schirmer, 1997.
- Hajdu, David, *Lush Life: A Biography of Billy Strayhorn*. Londres: Granta, 1998.
- Hawes, Hampton, e Don Asher, *Raise Up Off Me: A Portrait of Hampton Hawes*. Nova Iorque: Thunder's Mouth Press, 2001.
- Heath, Jimmy, e Joseph McLaren, *I Walked with Giants: The Autobiography of Jimmy Heath*. Filadélfia: Temple University Press, 2010.
- hentoff, Nat, *At the Jazz Band Ball: Sixty Years on the Jazz Scene*. Berkeley: University of California Press, 2010.
- hentoff, Nat, *Boston Boy: Growing up with Jazz and Other Passions*. Filadélfia: Paul Dry Books, 2001.
- hentoff, Nat, *Listen to the Stories: Nat Hentoff on Jazz and Country Music*. Nova Iorque: Perennial, 1996.
- Hentoff, Nat, «The Private Word of Thelonious Monk», *Esquire*, abril de 1960.
- Hobsbawm, Eric, *Uncommon People: Resistance, Rebellion, and Jazz*. Nova Iorque: New Press, 1998.
- Johnson, Joyce, *Minor Characters: A Beat Memoir*. Nova Iorque: Methuen, 2006.
- keepnews, Orrin, *Thelonious Monk: The Complete Riverside Recordings*. Encarte do álbum, 1986.
- kelley, Robin D.G., *Thelonious Monk: The Life and Times of an American Original*. Nova Iorque: Free Press, 2009.
- kerouac, Jack, *On the Road* [1957]. Londres: Penguin Classics, 2007.
- kotlowitz, Robert, «Monk Talk», *Harper's Magazine*, 223, setembro de 1961.
- Lee, David, *The Battle of the Five Spot: Ornette Coleman and the New York Jazz Field*. Toronto: Mercury Press, 2006.
- London Brown, Frank, «Magnificent Monk of Music», *Ebony*, 14 de maio de 1959.
- Morrison, Toni, *Jazz* [1987]. Nova Iorque: Vintage, 2001.

- Nisenson, Eric, *Open Sky: Sonny Rollins and his World of Improvisation*. Cambridge: Da Capo Press, 2000.
- Nisenson, Eric, *'Round About Midnight: A Portrait of Miles Davis*. Nova Iorque: Da Capo Press, 1996.
- Ondaatje, Michael, *Coming Through Slaughter* [1976]. Londres: Bloomsbury, 2004.
- ponzio, Jacques, e François Postif, *Blue Monk: un portrait de Thelonious*. Aries: Actes Sud, 1995.
- priestley, Brian, *Mingus: A Critical Biography*. Nova Iorque: Da Capo Press, 1984.
- Reisner, Robert (ed.), *Bird: The Legend of Charlie Parker*. Nova Iorque: Da Capo Press, 1975.
- Rose, Phyllis, *Jazz Cleopatra: Josephine Baker in Her Time*. Nova Iorque: Vintage, 1991.
- Russell, Ross, *Bird Lives! The High Life and Hard Times of Charlie (Yardbird) Parker*. Nova Iorque: Da Capo, 1996.
- Shapiro, Harry, *Waiting for the Man: The Story of Drugs and Popular Music*. Londres: Helter Skelter Publishing, 1999.
- Shapiro, Nat, e Nat Hentoff, *Hear Me Talkin' to Ya: The Story of Jazz by the Men Who Made It*. Nova Iorque: Dover, 1955.
- Shearing, George, e Alyn Shipton, *Lullaby of Birdland: The Autobiography of George Shearing*. Nova Iorque: Continuum, 2004.
- Sidran, Ben, *Talking Jazz: An Oral History*. Nova Iorque: Da Capo Press, 1995.
- Silver, Horace (ed. Phil Pastras), *Lets Get to the Nitty Gritty: The Autobiography of Horace Silver*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- Simosko, Vladimir, *Artie Shaw: A Musical Biography and Discography*. Lanham: Scarecrow Press, 2000.
- Solis, Gabriel, *Monk's Music: Thelonious Monk and Jazz History in the Making*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- Spellman, A.B., *Four Lives in the Bebop Business: Ornette Coleman, Herbie Nichols, Jackie McLean, Cecil Taylor*. Nova Iorque: Limelight, 1985.

- Spencer, Fredrick J., *Jazz and Death: Medical Profiles of Jazz Greats*. Jackson: University Press of Mississippi, 2002.
- Storr, Anthony, *Music and the Mind*. Londres: Harper Collins, 1997.
- Teachout, Terry, *Pops: A Life of Louis Armstrong*. Nova Iorque: Harcourt, 2010.
- Terkel, Studs, *Giants of Jazz*. Nova Iorque: New Press, 2002.
- Van der Bliet, Rob (ed.), *The Thelonious Monk Reader*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- Wakefield, Dan, *New York in the Fifties*. Nova Iorque: St. Martin's Griffin, 1992.
- Williams, Martin, *Jazz Masters in Transition: 1957-1969*. Nova Iorque: Macmillan, 1970.
- Williams, Richard, *Long Distance Call: Writings on Music*. Londres: Aurum, 2000.
- Williams, Richard, *The Blue Moment: Miles Davis's Kind of Blue and the Remaking of Modern Music*. Londres: Faber and Faber, 2009.
- Woideck, Carl (ed.), *The Charlie Parker Companion: Six Decades of Commentary*. Nova Iorque: Schirmer, 1998.
- Wolfe, Tom, *The Electric Kool-Aid Acid Test* [1968]. Nova Iorque: Black Swan, 1989.
- Wolfe, Tom, *The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline* [1965]. Nova Iorque: Vintage, 2005.

DOCUMENTÁRIOS E FILMES

Jazz

- «The Thelonious Monk Quartet», *Jazz 625* (BBC, 1965)
«The Thelonious Monk Quartet», *Jazz 625* (BBC, 1966)
Monk in Oslo (realiz. Harald Heide-Steen, Jr., 1966)
Monk (realiz. Michael Blackwood, 1968)
Monk in Europe (realiz. Michael Blackwood, 1968)
Monk in Berlin (1973)
Thelonious Monk: Straight, No Chaser (realiz. Charlotte Zwerin, 1988)
Het Monk Kwartet
Jazz Icons: Thelonious Monk Live in '66 (TdK, 2006)
Masters of American Music: Thelonious Monk – American Composer
(realiz. Matthew Sieg, 2009)
Solo Piano in Berlin '69: Monk Plays Ellington (DVD *Jazz Shots*, 2010)
Masters of American Music: Thelonious Monk – American Composer
(realiz. Matthew Sieg, 2010)
«The Sound of Jazz», *Seven Lively Arts* (CBS, 1957)
Jazz Pour Tous! (realiz. Serge Leroy e Paul Roland, 1964)
«Hawk at the Town Hall», *Jazz 625* (BBC, 1964)
«Duke Ellington in Concert», *Jazz 625* (BBC, 1964)
Ellington in Europe (BBC, 1965)
Ellington in Europe 2 (BBC, 1965)
«Teddy Wilson», *Jazz at the Philharmonic* (BBC, 1967)
«Miles Davis Quintet», *Jazz Scene at Ronnie Scott's* (BBC, 1969)
«Johnny Dankworth», *Jazz Scene at Ronnie Scott's* (BBC, 1969)
Jazz from Montreux (BBC, 1977)

Last of the Blue Devils: The Kansas City Jazz Story (realiz. Bruce Ricker, 1979)
Let's Get Lost (realiz. Bruce Weber, 1988)
Slim Gaillard's Civilisation (realiz. Anthony Wall, 1988)
«Dizzy Gillespie», *Jazz 625* (BBC, versão rest. 1990)
Jazz (realiz. Ken Burns, 2000)
Norman Granz Presents: Improvisation – Charlie Parker, Ella Fitzgerald and More (DVD Eagle Rock, 2007)

Família Rothschild

A Casa Rothschild (realiz. Alfred L. Werker, 1934)
Die Rothschilds: Aktien auf Waterloo (realiz. Erich Waschneck, 1940)
«Debutantes», *Tonight* (BBC, 1962)
A Rothschild and His Red Gold (BBC, 1974)
David Dimbleby Interviews Miriam Rothschild (BBC, 1982)
«Lord Rothschild», *The Levin Interviews* (BBC, 1984)
«Miriam Rothschild», *Women of Our Century* (BBC, s.d.)
Mastermind (BBC, 21 de maio de 1989)

Questões raciais e História contemporânea

Panorama 161: Carnegie Course (BBC)
«Romance is Dead, Long Live Romance: Marjorie Proops», *One Pair of Eyes* (BBC)
A Study of Educational Inequalities in Southern California (National Archives and Records Administration, 1936)
The World at War (FDR Presidential Library, 1942)
The Negro Soldier (National Archives and Records Administration, 1945)
The Plantation System in Southern Life (Coronet Instructional Films, 1950)
The Home Economics Story (Iowa State Teachers' College, 1951)
Our Cities Must Fight (US Federal Civil Defense Administration, 1951)
Third Avenue El (Carson Davidson, 1955)

The Dynamic American City (Chamber of Commerce of the United States, 1956)

Palmour Street (Georgia Department of Public Health, 1957)

Eye to Eye: London to New York – A Tale of Two Cities (BBC, 1957)

In the Suburbs (revista *Redbook*, 1957)

The Black and White Minstrel Show (BBC, 28 de janeiro de 1961)

«Some of My Best Friends Are White», *Man Alive* (BBC, 1966)

«The Friendly Invasion», partes 1 a 3, *Omnibus* (BBC, 1975)

Britain in the Thirties (BBC, 1983)

Longas-metragens selecionadas

Produções em que Thelonious Monk, ou a sua música, aparece

Jazz on a Summer's Day (realiz. Aram Avakian e Bert Stern, 1959)

As Ligações Perigosas (realiz. Roger Vadim, 1959)

Heads (realiz. Peter Gidal, 1969)

O Regresso (realiz. Peter Hall, 1973)

Lenny (realiz. Bob Fosse, 1974)

Para Que Servem os Amigos? (realiz. Robert Parrish, 1974)

Sven Klangs Kvintett (realiz. Stellan Olsson, 1976)

À Volta da Meia-Noite (realiz. Bertrand Tavernier, 1986)

A Great Day in Harlem (realiz. Jean Bach, 1994)

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Arquivo da BBC

Arquivo de Barbara Ghika

Arquivo de George Wein

Arquivo de Jazz da Duke University

(<http://library.duke.edu/rubenstein/collections/jazz>)

Arquivo de Marcus Harrison

Arquivo de Miriam Rothschild

Arquivo de Nica de Koenigswarter

Arquivo de TS Monk

Arquivo do jornal de Colindale

Arquivo Prelinger (www.archive.org/details/prelinger)

Arquivo Rothschild, NM Rothschild & Sons, Londres

Arquivo Rothschild, Waddesdon Manor

Biblioteca Britânica

Biblioteca de David Redfern

Biblioteca de Londres

Biblioteca do Congresso, EUA

Coleção William P. Gottlieb, Departamento de Música da Biblioteca do Congresso, EUA

Express Group

General Register Office [Departamento de Registos Gerais, Reino Unido]

Gaston Eve

National Archives and Records Administration

Pathé News

Revista *Downbeat*

Revista *Esquire*

Revista *New Yorker*

Revista *Time*

Supremo Tribunal do Condado de Nova Iorque

The New York Times

The Times

Tribunal Superior de Wilmington

Tribunal Superior do Condado de Hudson